



RAÍZES

Ano XIV - Nº 26

São Caetano do Sul

Dezembro de 2002





Nossa Capa

Nas raízes da memória do povo sancaetanense, o comércio varejista local, através dos calendários de parede ou *folhinhas*, perpetuaram imagens idílicas de uma época que recusamos esquecer. Até os anos 70 as folhinhas estampavam imagens com motivos religiosos, humorísticos, paisagens naturais, reproduções de quadros famosos, muitas flores, crianças e animais domésticos. A folhinha que estampamos na capa é de 1946 e foi oferecida pelo Armazém de Secos e Mo-

lhados da família Perrella. Na contra-capa, os cabeçalhos das folhinhas nos remetem a um passado cheio de lembranças de antigas mercearias, açougues, padarias, casas de calçados, mercadinhos e lojas de móveis e eletrodomésticos.

As folhinhas de parede cumpriram sua função. Algumas sobreviveram, como estas do Centro de Documentação da Fundação Pró-Memória, desvendando entre nós as saudades que as brumas do tempo não apagaram.

Editorial

Ao completar 13 anos de publicação, *Raízes*, já adolescente, enfoca a cidade pelo seu comércio. O aparecimento das grandes lojas, os magazines, os supermercados, tudo isto, num dossiê com ampla documentação escrita e fotográfica da formação e desenvolvimento do comércio.

Nesta edição, reproduzimos todas as vinte cinco capas já publicadas para documentar as diferentes propostas usadas nesses anos em que ela vem circulando nos lares, escolas e bibliotecas não só de São Caetano, mas de outros estados e até mesmo de outros países.

Os artigos locais e regionais procuraram fundamentar o desenvolvimento da cidade por seus aspectos econômico, social e político. Registros, documentos, crônicas, depoimentos e análises escritos por diferentes mãos realizam o escopo desta revista.

A multiplicidade de materiais, os artigos, testemunhas orais, foram de inestimável valia para a recuperação da história da cidade através de experiências vividas por pessoas, ou grupos sociais, formados de indivíduos presentes, em lugar de histórias baseadas em dados distantes e abstratos.

Do entrecruzamento destes depoimentos procuramos reconstruir, nos segmentos da cidade, as possibilidades de conscientização política a partir das próprias condições de vida. Numa visão ampla, buscamos momentos do passado, versões objetivas das diversas atividades sociais e econômicas, que são enriquecedoras para qualquer povo.

A revista está aberta e atenta para novidades e surpresas no rastreamento de arquivos particulares e públicos como instigadora de novos horizontes de pesquisa.

Resta agradecer aos colaboradores que, abrindo seus arquivos ou escrevendo sobre eles, vêm, uma vez mais, elucidar e enriquecer nossa História.

Sônia Maria Franco Xavier
Presidente

Editorial

Raízes

Luiz TORTORELLO (*)

O cuidado e a atenção que temos com nosso passado refletem, de maneira plena, nossa preocupação com o futuro. O trabalho de *Raízes* traz à consciência a certeza de que nossa história, que é também a história da Região do Grande ABC, não se perderá, pois está escrita, documentada com critério e equilíbrio. Se é verdade que não podemos viver do passado, dele devemos e podemos retirar as lições e ensinamentos capazes de tornar a trajetória da comunidade mais fácil, mais produtiva e mais gratificante.

As personagens e os fatos, as histórias e os documentos desta edição mantêm os bons critérios de veracidade e fidelidade histórica que caracterizam *Raízes* desde seu lançamento, acompanhando os momentos de transição, geradores tanto de expectativas quanto de preocupações.

Os dossiês, artigos, relatos de personalidades, a seção cultural, os depoimentos, documentos históricos, fotografias se enquadram numa ver-

dade: esta cidade sempre venceu todos os obstáculos e desafios que se lhe apresentaram, e se tivermos o cuidado de avaliar a essência das décadas passadas retratadas no conteúdo, veremos que permanece firme, consolidada, plena de vitalidade. A essência construtiva se revela em cada parágrafo, em cada ma-

téria, dando ao conjunto um perfil dinâmico e atual, pleno de alegria de viver.

É motivo de legítimo orgulho apresentar-lhes esta nova edição de *Raízes*, com a qual a *Fundação Pró-Memória* nos dá como sempre, além de um trabalho esmerado, um gene-

roso e inestimável presente de fim de ano. Que esta viagem ao passado nos proporcione caminhos para a realização de nossas melhores esperanças no futuro.



(*) O professor e jurista Luiz Tortorello, criador da Fundação Pró-Memória, é prefeito de São Caetano do Sul em terceiro mandato, presidente do Consórcio e da Câmara do ABC, coordenador do Grupo de Trabalho Legislativo do Fórum de Segurança da Grande São Paulo e ex-deputado estadual

ÍNDICE

Dossiê

05 Associação Comercial de São Caetano: o difícil início da sua história (1938-1939)

José Roberto GIANELLO

11 Panorama geral do comércio nos anos 50

Alexandre Toler RUSSO

16 Avenida Conde Francisco Matarazzo, 567: aqui nasceu um império comercial em 1952

18 A história do Supermercado Melloni na visão de Olga de Souza

20 Meio século de história no Bairro da Fundação

21 História da Casa Hernandes no Bairro Nova Gerte

Memória Fotográfica do Comércio

22

Artigos

33 Ex-ferroviário em São Caetano do Sul

Yolanda ASCENCIO

36 A Matriz Sagrada Família na arte dos Irmãos Gentili

Sônia Maria Franco XAVIER

39 Os espíritos assumem sua fé

41 Os moleques do Morro Pelado

Jayme da Costa PATRÃO

45 O antigo Paço e o Estádio Anacleto Campanella: arquitetura moderna em São Caetano

André Luis Balsante CARAM

Artigos Regionais

52 O Grande ABC Paulista quando era São Bernardo e Santo André

Arlete Assumpção MONTEIRO

54 A Vida Econômica no Tijuçu: do Ostracismo ao Dinamismo

Cristina Toledo de CARVALHO

Personagens

59 Padre Ézio Gislimberti, figura importante da história religiosa local

67 Um baiano alegre e feliz em 55 anos de São Caetano do Sul

Cultura

70 50 anos da Escola Senai Armando de Arruda Pereira: da Cerâmica à Robótica (1952-2002)

José Odair da SILVA

76 Acompanhando a História

78 EE Senador Fláquer: Um velhinho simpático de 82 anos

Domingo Glenir SANTARNECCHI

81 EE Padre Alexandre Grigolli comemora 50 anos

Marisa Lima GONÇALVES

84 Hannah Brandt

Neusa Schilaro SCALÉA

86 Preservando Culturas: Documentando o Patrimônio Imaterial

Monica IAFRATE

Depoimentos Memória e Cidadania

88 Orgulho de morar em São Caetano

90 Trajetória dos Morettos

90 Saudade das festas da Cerâmica São Caetano

91 Tudo a caneta

93 A vida de trabalho de Rosária Gutierrez Calmona

93 José Senteres

Yolanda ASCENCIO

94 Encontrando paz no município

96 Entre os pobres, a alegria de Zilda Silva Villas Boas

Michel Nóbrega CURY

99 Imigrante romena que se estabeleceu na cidade

Tatiane Cristina CORREIA

Memória

102 Nélson Infanti contribui para o resgate das décadas entre 40 e 70

105 Doces lembranças de um tempo de guerra

Leonilda Pilatti C. P. VERTICCHIO

Esportes

108 Reinaldo Zamai: o imponente, o magistral, o grã senhor do C A Ipiranga

João BRESCIANI

111 Teuto Brasileiro – um orgulho da colônia alemã

Narciso FERRARI

Registro

114

Memória Fotográfica

119

Associação Comercial de São Caetano: o difícil início da sua história (1938-1939)

José Roberto GIANELLO(*)



A Associação Comercial de São Caetano foi fundada em 28 de Fevereiro de 1938, em pleno regime de exceção, com a vigência do chamado Estado Novo, regime criado por Getúlio Vargas em 11 de Novembro de 1937. A fundação da Associação Comercial do Distrito de São Caetano foi um grande acontecimento político-social que marcou época na coletividade comercial sancaetanaense, no mesmo ano em que São Caetano sofreu um grande abalo político por ser rebaixado a 2º sub-distrito do recém-criado Município de Santo André: é que a partir de 1º de Janeiro de 1939, pelo decreto nº 9775, entraria em vigor o novo quadro territorial do Município de Santo André (ex-São Bernardo).

Mesmo na condição de ex-distrito de São Bernardo e agora sub-distrito de Santo André, um grupo de comerciantes sancaetanenses idealizadores e entusiastas se propôs a fundar uma Associação Comercial para lutar pelos direitos dos comerciantes locais, dando os primeiros passos para a instituição desta entidade, cuidando do patrimônio social, do aspecto jurídico, das comissões fiscais, enfim, enfrentando todas as dificuldades desta empreitada, que resultou em 65 anos de história a ser completada em Fevereiro de 2003. É um pouco desta história, principalmente entre 1938 e 1939, que



Primeira diretoria da Associação Comercial de São Caetano do Sul em 1938. 1-Newton Rela, 2-?, 3-?, 4-José Paolone, 5-José Lopes Holmos, 6-Julio Marcucci, 7-Francisco Massei (Chicão), 8-Luiz (Luigi)Vicenzi, 9-João Rela, 10-André Arthemio Lorenzini, 11-Bruno Bisquolo, 12-Domingos Molinari, 13-?, 14-?, 15-?, 16-Antonio de Mello Neto, 17-Benito Campoi, 19-?, 20-?, 21-?, 22-arthur Zago, 23-Meola Perrella, 24-Miguel Marcucci, 25-Armindo Ribeiro, 26-?, 27-Julio Gardezani, 28-Natale Giannotti, 29-Ricardo Falchero, 30-José Massei (Zeca), 31-José Benedetti

passamos a relatar, deixando claro que os acontecimentos nesses dois primeiros anos aconteceram



Capa do primeiro boletim editado pela Associação Comercial de São Caetano do Sul para o ano de 1938 e 1939

sob a rígida e severa vigilância política das autoridades de São Bernardo e Santo André. Um dos aspectos mais louváveis do trabalho da Associação Comercial nesses primeiros tempos é que ela já se comportava como uma instituição municipal forte e segura, quando na realidade a autonomia de São Caetano ainda era um sonho distante, vindo a se concretizar somente após o plebiscito de 24 de Outubro de 1948, quando a vitória dos autonomistas consolidou a independência político administrativa de São Caetano.

FUNDADORES - Foram fundadores da Associação Comercial de São Caetano os senhores Arthemio Lorenzini, Júlio Marcucci, Francisco Massei, Manuel Martins e Aurélio Tenca, então sub-prefeito do Distrito de São Caetano.

tano. As reuniões eram realizadas nas casas desses senhores. A primeira reunião com todos os membros da coletividade comercial de São Caetano foi realizada em 23 de Fevereiro de 1938, para a efetivação da primeira diretoria provisória, que ficou assim constituída: presidente: Manuel Martins Moreira; 1º secretário: Nicolau Perrella; 2º secretário: Júlio Marcucci; 1º tesoureiro: Antônio Gatti, 2º tesoureiro: Francisco Massei. No dia 31 de Março de 1938, foi realizada a 1ª assembléia para a eleição da 1ª diretoria oficial, que iria reger os destinos do comércio de São Caetano durante o ano de 1938. O resultado da eleição foi o seguinte: presidente: Arthemio Lorenzini; 1º vice: José Lopes Holmos; 2º vice: Atílio Santarelli; 1º secretário: Nicolau Perrella; 2º secretário: Júlio Marcucci; 1º tesoureiro: Francisco Massei; 2º tesoureiro: Luiz Vincenzi.

Ao findar o ano de 1938, a Associação Comercial de São Caetano já fazia um balanço positivo das atividades, computando 38 reuniões ordinárias, uma Assembléia Geral Extraordinária para a aprovação de emendas do estatuto e uma reunião solene por ocasião da visita de Décio de Toledo Leite, prefeito de Santo André. Nesse ano, o patrimônio social da Associação Comercial compunha-se de uma *machina para dactilographar*, um mimeographo e um arquivo de aço para fichário no valor de 2.635\$000 (dois mil seiscentos e trinta e cinco réis). O saldo de caixa não permitia cobrir a despesa de aquisição dos equipamentos e foi necessário contrair um empréstimo com os próprios diretores da instituição, a saber: Arthemio Lorenzini, Atílio Santarelli, Hossan M. Catrip, Primo Eu-

gênio Morelato, Bruno Bisquolo, Júlio Marcucci, Natale Gianotti, Francisco Massei, José Musumeci, José Lopes Holmos, Luiz Vincenzi, Olderige Zanon e Luiz Lorenzini. Além desses equipamentos básicos, o patrimônio restante era constituído de uma mesa para a máquina de escrever, um armário-arquivo para os documentos de rotina, um jogo de sofás de pano-couro para os diretores, um *gongoleum* para a secretária, um quadro negro para serviços de exposição interna da associação e 22 cadeiras com assentos de palha e madeira, doadas por diversos diretores. O restante do material: pastas de colecionadores, carimbos, tinteiros, furadores e canetas, além de um porta-chapéu doado pelo sr. Arthemio Lorenzini.

A parte jurídica da Associação Comercial ficou a cargo de um *causídico* da capital, Otaviano J. Rodrigues. A comissão fiscal foi formada em 14 de Outubro de 1938, com os seguintes componentes: Bruno Bisquolo, Antônio de Mello Neto e Hossam M. Catrip.

Enfim, a Associação Comercial de São Caetano começava uma longa história de atividades que chegariam até os nossos dias, após aquele turbulento ano de 1938, quando se verificaram 31 ofícios expedidos, 85 cartas e o recebimento de 31 cartas-ofícios.

ATIVIDADES EM 1939 - Em 1939, o secretário da Associação Comercial, Nicolau Perrella, assinava um documento em nome da diretoria da instituição, dando um aspecto geral da situação da associação nos seguintes termos:

A Associação Comercial de São Caetano em linhas gerais, conquistou neste curto espaço de tempo, a sua hegemonia, dentro

da classe que representa nesta localidade.

Possuindo, como até aqui possui, fervorosos batalhadores cheios de entusiasmo para o progresso, os seus esforços jamais serão baldados.

Vê-se nitidamente, o incentivo progressista dos seus mentores, mantendo sempre e cada vez mais a sua grandiosidade.

O baluarte do progresso da Associação Comercial de São Caetano, deve ser concebido, na força espiritual e social, de todos aqueles que na sua magnificente inteligência, compreenderão (sic), e souberam compreender o verdadeiro destino de sua finalidade.

Saudações

*pela Diretoria da Associação
Comercial de São Caetano
assinado Nicolau Perrella*

No início de 1939 estes eram os componentes da diretoria: Presidente: Júlio Marcucci, 1º vice: Luiz Vincenzi, 2º vice: Arthemio Lorenzini, 1º secretário: Nicolau Perrella, 2º secretário: Arthur Garbelotti, 1º tesoureiro: Francisco Massei, 2º tesoureiro: José Lopes Helmos.

Os componentes do Conselho Consultivo eram Bruno Bisquolo (presidente), Antônio R. de Andrade (secretário), Atílio Santarelli, José Musumeci, Primo E. Morelato, Hossam M. Catrip, Antônio Gatti e, na Comissão Fiscal, Natale Gianotti, Antônio de Mello Neto e Benito Campoi.

No resumo das atividades do ano de 1939, a Associação Comercial de São Caetano realizou 46 reuniões ordinárias até o mês de Novembro e contribuiu com as autoridades competentes mediante as seguintes sugestões:

• Interferir na aplicação do Ato

Municipal nº 322, que regulava o funcionamento do comércio em domingos e feriados, para que nenhum estabelecimento comercial ficasse prejudicado.

- Revisão dos Impostos de Indústrias e Profissões na Inspetoria Fiscal do Estado no Município.
- Tratar diretamente da remoção das cocheiras, situadas na Rua Heloísa Pamplona.
- Sugeriu por diversas vezes o tabelamento dos gêneros de primeira necessidade.
- Apresentar sugestões para o regulamento do horário das farmácias.

SERVIÇOS - Na relação de serviços prestados aos associados e à comunidade em geral, a Associação Comercial relacionava uma extensa lista de atividades de atendimento.

- Escritas Mercantis, para os sócios.
- Registro de livros nas repartições públicas.
- Apresentação das relações da Lei dos 2/3.
- Pagamento de aposentadoria nos respectivos institutos.
- Registros no Departamento Estadual de Trabalho.

- Defesa na atuação e recolhimento de multas.
- Compra de selos federais e estaduais.
- Renovação das patentes federais.
- Encaminhamento de guias sobre o Imposto de Renda.
- Serviços de Registro de Empregados.
- Transferências de estabelecimentos.
- Extração de guias de imposto de consumo.
- Registros na Junta Comercial.
- Pedidos de certidões negativas e muitos outros documentos.

Relação das firmas & associados na Associação Comercial, em 1939, em ordem alfabética:

Nome	Endereço	Nome	Endereço
Letra A		Letra B	
Abel dos Santos Mathias	Rua do Rádio, 33 – Vila Prosperidade	Basílio Cruz	Rua Perrella, 3
Adelelmo Vecchi	Rua Baraldi, 390	Benito Campoi	Rua Goiás, 1672
Adelino de Almeida	Praça da Riqueza, 70 – Vila Prosperidade	Benedicto Machado	Rua Castro Alves, 187
Aladino Grechi	Rua Santo Antônio, 1033	Bruno Bisquolo	Rua Goiás, 1718
Américo Maranhão	Rua João Pessoa, 13	Braz Lopes Filho	Rua Goiás, 1650
Ângelo Guiretha	Rua Heloísa Pamplona, 246	Letra C	
Ângelo R. Pellegrino	Rua Espírito Santo, s/n.	Carlos Weigand	Av. C. Francisco Matarazzo, 174
Arthemiro Lorenzini	Rua 28 de Julho, 170	Carmelo Modica	Rua Heloísa Pamplona, 394
Arthur Garbelotti	Rua 28 de Julho, 170	Carmine Rocca	Ac. C. Francisco Matarazzo, 466
Arthur Rizzo	Rua Amazonas, 1048	Letra D	
Arthur Zago	Av. C. Matarazzo, 140	Domingos Ricci	Rua Alegre, 266
Attilio Santarelli	Rua Heloísa Pamplona, 228	Daniel Arelaro	Rua João Pessoa, 90
Almeida Paiva & Cia.	Av. C. Matarazzo, 215	Letra E	
Ângelo Barontini	Rua Santo Antônio, 1795	Emílio Bonesso	Rua Amazonas, 746
Armelindo Franchini	Av. C. Matarazzo, 158	Emílio Mietti	Rua 28 de Julho, 159
Almeida T. Grecho	Av. C. Matarazzo, 92	Eduardo Raia	Rua Amazonas, 1089
Acyr Petransau	Gare da Estação SPR	Enéas Veronesi	Rua Amazonas, 1258
Ângelo Duran Domingues	Rua Baía, 195	Letra F	
André Leoni	Rua Perrella, 31	Fausto Luiz Pina	Rua Heloísa Pamplona, 430
Ângelo E. Benedeti	Rua Espírito Santo, 784	Farmácia L. Caetano	Rua Manoel Coelho, 20
Américo Ribeiro	Rua João Pessoa, 123	Ferdinando Perrella	Rua 28 de Julho, 296
Antônio Sercheli	Rua Wenceslau Brás, 70	Francisco Massei	Rua Santo Antônio, 1800
Alfredo Pavani	Rua Amazonas, 1253	Florêncio Pereira	Rua Baía, 191
Antônio Campanella	Rua João Pessoa, 14	Letra G	
Antônio Marques	Rua Amazonas, 1134	Gaspari Serena	Rua Baraldi, 375
Antônio Gomes	Rua Baía, 306	Gonçalves Brandão & Cia.	Rua Alagoas, 378
Antônio Tegão	Av. C. Matarazzo, 84	Letra H	
Antônio Jordão (Utinga)	Rua da Paz, 1006	Hossom M. Catrip	Rua Alagoas, 410
Antônio Giampietro	Av. C. Matarazzo, 193	Hugo Scalzaretto & Irmão	Rua Rio Grande do Sul, 261
Antônio Carmona	Rua Baía, 3	Hamilton Moreira dos Santos	Rua Amazonas, 1253
Antônio Casemiro Braz	Av. C. Matarazzo, 717	Letra I	
Antônio Martins	Rua Casemiro de Abreu, 198	Irmãos Quaglia	Av. C. Francisco Matarazzo, 325
Antônio Caparrós Guevara	Av. Dr. Augusto de Toledo, 587		

Nome	Endereço
Irmãos Perrella	Av. C. Francisco Matarazzo, 129
Irmãos Perrella	Rua Perrella, 228
Irmãos Barontini	Rua Santo Antônio, 874
Isaac Dali	Rua João Pessoa, 179
Itália Maria Mastroti	Rua Goiás, 917
Letra J	
Joanna Morseli	Rua 28 de Julho, 36
Júlio Marcucci	Rua 28 de Julho, 125
João Perrella	Rua 28 de Julho, 2
João Nabarete	Rua Olinda, 91
José Castelhana & Filho	Rua Minas Gerais, 3
José Gianetta	Rua Lacerda Franco, 269
José Giardulo	Av. C. Francisco Matarazzo
José Lopes Holmos	Rua Amazonas, 1081
José Lorenzini & Filhos	Av. C. Francisco Matarazzo, 185
José Majar	Rua Martim Francisco, 140
José Parente	Rua Santo Antônio, 1196
José de Almeida Filho	Rua João Pessoa, 63
José Cambaúva	Rua Manoel Coelho,
José Castelhana Hernandez	Rua Alegre, 798
José Rosa & Irmão	Rua Alagoas, 1626
José Gomes	Rua Alagoas, 951
José Navarro Macia	Rua Perrella, 180
José Gomes Lourenço Filho	Al. Cassaquera, 480
João Galhardo	Rua Amazonas, 980
João Isler	Rua Itamaracá, 535
João Melino	Rua Santo Antônio, 1774
João Tambará	Rua Primavera,
João Mello	Rua 28 de Julho, 296
João Negro	Rua Piauí, 724
João Margonato	Rua Oswaldo Cruz, 941
João Castaldelli	Rua Oswaldo Cruz, 1387
José Fiorotti	Trav. São José, 3
Jorge Pinesi & Irmão	Rua São Carlos, 197
Joaquim Pires Laranjeira & Irmão	Rua Goiás, 1528
Joaquim Pereira	Av. Prosperidade, 616
Letra K	
Koscof Koloian	Av. C. Francisco Matarazzo, 357
Letra L	
Lionel Vacarri	Rua João Pessoa, 72
Lorenzini Carnevalli	Rua Santo Antônio, 780
Luiz Vincenzi	Rua Amazonas, 882

Nome	Endereço
Laudelino Pinto da Silva	Rua Perrella, 389
Luiz Cucato	Rua Heloísa Pamplona, 246
Lino Bonelli	Rua Perrella, 445
Letra M	
Menelau Quiasso	Rua Perrella, 322
Manuel Teixeira Júnior	Rua Amazonas, 1230
Miguel Marcucci	Rua Alegre, 751
Manoel Garcia	Rua São Paulo, 1523
Manoel D. Custódio	Rua Santo Antônio, 1679
Morattim Antônio	Villa Palmares
Manoel Fernandes	Rua Perrella, 133
Letra N	
Natale Gianotti & Cia.	Rua Alagoas, 532
Nicolau & Antônio Perrella	Rua Rio Branco, 580
Nicolau Perrella	Rua Baraldi, 507
Nélson Mostaço	Rua Aquidaban, 249
Letra O	
Olderige Zanon	Rua João Pessoa, 1159
Oswaldo Salomão	Rua João Pessoa, 43
Letra P	
Paolone & Filho	Av. C. Francisco Matarazzo, 165
Paulo Beringer	Rua São Paulo, 1769
Pereira & Bertini	Rua Serafim Constantino, s/n.
Pedro Jurra	Rua Guia Lopes, 140
Pelegrini Varani	Rua Pernambuco, 327
Letra R	
Rafael Luiz	Av. C. Francisco Matarazzo, 150
Raul Alves Pereira	Rua Casimiro de Abreu, 176
Raymundo Malfei	Rua Santo Antônio, 642
Ricardo Falchero	Rua Baraldi, 1031
Rodolfo Ricchter	Av. C. Francisco Matarazzo, 141
R. Famula & Irmão	Av. C. Francisco Matarazzo, 141
Raul Carlos de Alvarenga	Rua Baraldi, 1033
Rafael Sanches	Rua Otávio Mendes, 163
Letra S	
Stefano Gombi	Rua Martim Francisco, 120
Santo Canale	Rua Baraldi, 351
Letra T	
Tobias Aurichio	Rua João Pessoa, 115
Letra V	
Victor Astolphi	Av. C. Francisco Matarazzo, 717
Viúva Moya	Rua João Pessoa, 162

Fora das atividades de rotina da Associação Comercial de São Caetano, são inúmeras as contribuições ao comércio regional do Grande ABC daquela época, destacando-se a participação na Grande Feira Industrial de São Bernardo, ocorrida em 12 de Novembro de 1938, com a presença do Interventor Federal do Estado de São Paulo, Adhemar de

Barros; a indicação do sr. Arthemio Lorenzini para a comissão regional que estudava o fechamento do comércio aos domingos; e principalmente a participação da Associação Comercial nos festejos de 1º de Janeiro de 1939, quando entrou em vigor a criação do Município de Santo André.

Para se avaliar a importância política da Associação, concluímos

dizendo que, no 61º aniversário de São Caetano, ocorrido em 28 de Julho de 1939, o prefeito de Santo André, Décio de Toledo Leite, convocou a diretoria da Associação Comercial para festejar condignamente esse acontecimento.

(*) José Roberto Gianello é sociólogo e assessor cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

O Comércio em 1937

(relação dos estabelecimentos)

COMMERCIO – Os estabelecimentos comerciais do districto, são os seguintes: Constructores, 10; Parteira, 1; G. livros e contadores, 12; Dentistas, 7; Medicos, 4; Escolas de corte e costura, 5; Moagem de café, 3; barbearia, 33; bars, 10; seccos e molhados, 68; calçados, 3; padarias e confeitarias, 11; carpintarias, 3; chacaras de verdura, 14; pensões, 9; quitandas, 17; botequins, 24; alfaiatas, 10; farmacias, 6; ferragens e louças, 6; loterias, 11; fazendas e armarinhos, 19; sapatarias, 15; açougues, 14; moveis, 8; sorveteiros, 3; salões de engraxates, 2; casas roupas feitas, 10; quadros, 3; conc. Pneus, 2; casas machina costura, 2; lenha e carvão, 8; salsicharia, 1; typographia, 1; depositos de bebidas, 2; cinemas, 2; posto gazolina, 1; bombas gazolina, 3; depositos fructas, 2; officinas automoveis, 2; escr. commercial, 1; dep. aguardente, 1; cabelleireiras, 3; bazar, 1; casas armarinho, 3; relojoarias, 4; tinturarias, 4; leiterias, 8; corôas, 1; fubá, 1; carnes em conserva, 5; pasteis, 1; papelaria, 4; funilaria, 1; doces, 2; jornaes (venda), 1; photographias, 2; casa de perfumarias, 1; casas de chinellos, belchior, deposito vinhos, officina pintura, deposito cerveja, tabacaria, artigos funerarios, material electrico, extracção de areia, 1 de cada ramo.

(Álbum de São Bernardo)

Alguns dos comerciantes que fundaram a Associação Comercial de São Caetano em 1938.

ANDRÉ ARTHEMIO LORENZINI – Nasceu em 18 de Fevereiro de 1900. Seu estabelecimento comercial chamava-se *Feira da Matriz* e estava localizado na Rua 28 de Julho, 36. Seu armazém, fundado em 1926, era um dos mais populares do Distrito de São Caetano e os seus produtos eram constituídos de *Secos e Molhados*, ferragens, louças, artigos para fumantes, gasolina, querosene etc. Era casado com Maria Patrocina Lorenzini e tinha três filhas: Odette, Elza e Lourdes.



Feira da Matriz, localizada na Rua 28 de Julho, nº 36 – fone 117, São Caetano

Album de São Bernardo



Padaria Marchigiana, situada na Rua Heloísa Pamplona, 48

Album de São Bernardo

va-se na Rua Heloísa Pamplona, nº 26, no atual Bairro da Fundação. Seu estabelecimento era moderno para a época, possuindo um grande forno de sete por 20 metros, utilizado na fabricação de pães e doces, usando matéria prima de ótima qualidade.

LUÍZ VINCENZI – Nasceu em 23 de Outubro de 1891, na cidade de Villa Poma – Província de Mantova – Itália. Chegou em São Caetano em 1920 e exerceu a profissão de construtor de obras. Foi fundador da *Casa Vincenzi*, na Rua Amazonas, nº 82, que dispunha de grande sortimento de secos e molhados, bebidas, louças, ferragens, tintas, materiais de construção etc. Foi casado com dona Emma Cavallini Vincenzi, tendo os filhos Walter Giordano, Arthur, Marta, Bruno, Antônia e Lúcia.



Casa Vincenzi – Aspecto externo

Album de São Bernardo



Album de São Bernardo

Torrefação São Caetano, situada na Rua João Pessoa, 4-A

JOSÉ MUSUMECI – Nasceu em Cattania, Sicilia, em 29 de Agosto de 1892, tendo chegado ao Brasil em 1897. Em 1928 chega a São Caetano e funda a *Torrefação e Moagem de Café São Caetano* na Rua João Pessoa, nº 4-A, no centro do distrito. Além de seu trabalho como comerciante, José Musumeci exerceu o cargo de vice-presidente da Sociedade Internacional e foi vice-presidente do São Caetano Esporte Clube. Foi casado com Helena Musumeci e teve quatro filhos: Ignácio, Cláudio, Bento e Nelide.

JÚLIO MARCUCCI – Nasceu em 16 de Novembro de 1897 em Lucca (Toscana-Itália), chegando ao Brasil em 1903.

Estabeleceu-se em São Caetano em 1914. Com a morte de seu pai, em 1921, Júlio Marcucci assumiu a propriedade do *Armazém Barra Funda*, que se localizava na Rua 28 de Julho, nº 33, atual Bairro da Fundação. Foi casado com Luíza B. Marcucci e teve duas filhas: Edmea e Norma.



Album de São Bernardo

Armazém Barra Funda, situado na Rua 28 de Julho, nº 33 – fone 108



Album de São Bernardo

Vista parcial interna do estabelecimento de Antônio Gatti, o segundo da esquerda para a direita. Ao seu lado esposa e filha

ANTÔNIO GATTI – Nasceu na cidade de Araras, Estado de São Paulo, em 26 de Maio de 1894. Veio para a cidade de São Paulo, onde começou a trabalhar com Torrefação de Café, na Rua Voluntários da Pátria, no Bairro de Santana. Mudando-se para São Caetano, montou um grande armazém na Rua Amazonas, nº 142, com grande estoque de *Secos e Molhados*, artigos de uso doméstico, gêneros por atacado e varejo.

BRUNO BISQUOLO – Nasceu em Casa Branca, São Paulo, em oito de Março de 1894. Chegou em São Caetano em 1925. Foi proprietário da *Padaria Bom Gosto*, na Avenida Goiás, nº 99, esquina com a Rua General Osório. Junto à padaria funcionou um grande armazém de secos e molhados com sortimento completo de artigos do ramo. Foi casado com dona Anita Bisquolo e teve os seguintes filhos: Oswaldo, Heitor e Branca.



Fundação Pro-Memória

Padaria Bom Gosto, de Bruno Bisquolo, ano de 1934

Panorama geral do comércio nos anos 50

Alexandre Toler RUSSO (*)

De acordo com o documento intitulado *São Caetano do Sul: Estudo Preliminar*, elaborado pelo Grupo de Planejamento Integrado, nos anos 60, a pedido da Prefeitura Municipal, o setor terciário da cidade foi dividido da seguinte forma: varejista, atacadista, prestador de serviços e bancário. Entre os anos 50 e 60 do século XX, período que focalizamos, o varejo era o carro-chefe do comércio em São Caetano. Além disso, a maioria dos dados restringe-se ao setor varejista, sendo poucas as informações referentes aos demais setores. Ocupar-nos-emos, portanto, principalmente do setor com mais informações, reservando aos outros tratamento menos detalhado. O espaço está aberto, dessa forma, a quem puder complementar as informações sobre o varejo e enriquecer os dados dos segmentos atacadista, prestador de serviços e bancário.

O setor terciário, ao longo dos anos 50, esteve em segundo plano em razão da importância das indústrias em São Caetano do Sul. A atividade industrial era o fator mais relevante na formação de renda, no emprego da mão-de-obra e na capacidade de investimento do Poder Público no município. Entre 1950 e 1960, o valor real da produção sofreu um aumento de 51%. Os ramos que mais contribuíram para isso foram: materiais de transporte, metalúrgico, químico, materiais elétricos, minerais não-metálicos e produtos alimentares.

Se comparados aos da indústria, os números do comércio são bem mais modestos: em 1950, o volume

das vendas a varejo em São Caetano representava 0,68% do total do estado. Dez anos depois, limitava-se a 0,57%. Enquanto a produção industrial aumentava, as vendas do setor terciário diminuía. Uma terceira variável, crescimento da população, mostra a retração do varejo: as vendas caíram mesmo quando a população da cidade passou de 0,65% para 0,88% da do estado. Daí a conclusão dos membros do Grupo de Planejamento Integrado:

Durante o decênio 1950-1960, o comércio varejista de São Caetano do Sul sofreu redução de sua importância relativa no estado. Essa redução é tanto mais significativa quando se considera o aumento relativo da população deste município do estado.

Todavia, o número de estabelecimentos varejistas aumentou razoavelmente, mesmo em relação ao Estado de São Paulo, no decênio estudado. O mesmo pode ser dito, em números absolutos, no tocante aos empregados do setor de varejo: 756 no início dos anos 50, 1146 no fim da década. Esse crescimento, no entanto, apenas acompanhou o do número de estabelecimentos, de maneira que a média de pessoas empregadas por local cresceu muito pouco (1,91 em 1950; 1,94 em 1960).

Quando se examina a relação "vendas por pessoa ocupada" verifica-se que o comércio sancaetanense procurou compensar sua baixa participação na expansão das vendas do quadro territorial de referência, mantendo um número relativamente reduzido de elementos ocupados.

O comércio atacadista pouco contribuiu para aumentar a partici-

pação do setor terciário em São Caetano. De fato, era tão pouco expressivo nos anos 50 que sua contribuição era pequena mesmo em relação ao comércio varejista. Se comparada ao estado, a expressividade do setor era quase nula.

O número de estabelecimentos atacadistas no referido período cresceu muito pouco (de 32 para 35 unidades), e o volume de suas vendas, aos preços de 1950, sofreu uma redução de 55%. Nesse sentido, o comportamento deste setor comercial contrasta com a evolução ocorrida na periferia paulistana, onde o volume global das vendas aumentou em 185%. Também ao que diz respeito ao pessoal ocupado, o comércio atacadista sancaetanense foi o que mostrou menor capacidade de criação de novas oportunidades de emprego, comparado com o estado (...) Cresceu apenas 13%, ao passo que a periferia cresceu 271% e o estado, em seu conjunto, 53%.

Em dez anos, a venda média por estabelecimento sofreu redução significativa: de NCr\$ 6.900 em 1950, passou para NCr\$ 2838 no fim da década (em valores reais, aos preços de 1950).

O setor de prestação de serviços, por sua vez, ainda que menor em número de estabelecimentos, se comparado ao varejo, possuía maior capital aplicado por unidade (em 1960). Os serviços de reparação eram responsáveis pelas maiores receitas e pela maior quantidade de capital aplicado do setor de prestação de serviços. A demanda de serviços de reparação de automóveis foi crescendo conforme o aumento do número de carros na cidade. Entre os anos 50 e 60, a quantidade

de veículos motorizados elevou-se consideravelmente e, em meados da década de 60, São Caetano já contava com uma frota superior a 16 mil veículos. Logo abaixo dos serviços de reparação, em termos de importância, vinham os serviços comerciais e administrativos, atendendo o comércio, as pequenas e médias indústrias e os serviços pessoais existentes no município.

O setor bancário, finalmente, estava mais atrelado à indústria do que ao comércio. Boa parte dos investimentos era destinada ao patrocínio de atividades industriais.

PROBLEMAS – Além de estar em segundo plano, no tocante a investimentos, em relação à indústria, o comércio, nos anos 50, enfrentava outros problemas que atrapalhavam seu desenvolvimento.

São Caetano estava muito perto da capital. O comércio paulistano, muito maior e mais diversificado, acabava por atender grande parte da demanda do município.

A forte atração exercida pelo comércio da capital tem desencorajado os investimentos no setor comercial de São Caetano do Sul, tanto por parte das grandes cadeias de lojas como dos comerciantes locais. Nesse particular, cabe assinalar que o comércio sancaetanense apresentava fortes traços conservacionistas, visto que ainda se encontra preso às características primitivas de sua formação, ou seja, de um comércio voltado fundamentalmente para o atendimento da demanda de bens não-duráveis necessários à subsistência da população local (alimentos, tecidos, calçados, etc.).

O mesmo se aplicava aos setores atacadista e de prestação de serviços. No primeiro caso, não valia a pena investir no comércio por atacado pois, em virtude da proximidade, os varejistas compravam os produtos diretamente na capital. No segundo caso, as indústrias de São Caetano pouco se serviam da rede de prestação de serviços existente no município. Dessa forma, o qua-

dro era o seguinte: os consumidores, os varejistas e as indústrias preferiam comprar os produtos e utilizar os serviços da cidade de São Paulo, o que desestimulava investimentos em São Caetano.

Apesar do quadro desfavorável, muitos estabelecimentos que permanecem ativos até hoje surgiram nessa época. Casas Laranjeiras e Casas Bahia são exemplos de empreendimentos que, mesmo em “ambiente hostil”, prosperaram e conquistaram o público da cidade. Atualmente, São Caetano deixou de apresentar caráter eminentemente industrial e busca um novo perfil. O setor terciário vem desempenhando papel importante na nova configuração da cidade. A lista que se segue, sem contemplar todos os estabelecimentos existentes na época, dá-nos um panorama geral dos negócios em São Caetano nos anos 50.

(*) Alexandre Toler Russo é jornalista

Relação alfabética do comércio de São Caetano do Sul em 1952

A. PARENTE & CIA. LTDA.
Rua Santo Antônio, 1196
Secos e Molhados

A. PERRELLA & CIA. LTDA.
Rua Rio Branco, 580
Secos e Molhados

ABRAMAVICIUS ABRAMAS
Rua Goiás, 1006
Loja de tecidos em geral

ADOLFO ALTHEMAN
Rua João Pessoa, 123
Modas e Confecções

ADOLFO FISCHUEBRAG
Rua Baraldi, 880
Modas e confecções

ADRIANO CICACCIO
Rua Goiás, 1687
Alfaiataria, confecções finas.
Fundada em 1948 – Capital:
Cr\$.5.000,00 – Inscrição nº
5.905

ADRIANO MACHECHIA

Rua Goiás, 1645
Comércio de rádios receptores

AFONSO DE ANDRADE
Rua Visconde de Inhaúma
Secos e Molhados

AHMEDKATRIZ HAMED
Rua Espírito Santo, 304
Loja de tecidos em geral

AJZYK SZLEJF
Rua Santa Catarina, 28
Casa Primor – Comércio de roupas feitas, etc.

Fundada em 1951 – Capital:
Cr\$.45.000,00 – Inscrição 7.018

ALBERTO COELHO
Rua Otávio Mendes, 163
Secos e Molhados

ALBERTO LEONI
Rua Santo Antônio, 1707
Loja de Tecidos em geral

ALEXANDRE MACCHIA
Rua João Pessoa, 150

Comércio de rádios receptores

ALÍPIO CRUZ
Av. Matarazzo, 80
Lojas de tecidos em geral

ÁLVARO BELO DE ANDRADE
Rua Sílvia, 28
Secos e Molhados

ÁLVARO BRAGA
Rua General Osório, 52
Lojas de tecidos em geral

AMADEO ISSA
Rua 28 de Julho, 183
Lojas de tecidos em geral

AMÉRICO ALBAMONTE
Av. Rodrigues Alves, 80
Loja de ferragens

ANA TOKASRENIEZ
Rua Taipas, s/n
Lojas de tecidos em geral

ANDRÉ FUCHES
Rua Martim Francisco, 120

Secos e Molhados

ANGEL HERRERIAS BONO
Rua 28 de Julho, 90-A
Lojas de ferragens

ÂNGELO APARECIDO JARDIM
Av. Conde Matarazzo, 74
Livraria e papelaria

ÂNGELO CELESTE QUARATO
Rua Rio Grande do Sul, 107
Secos e Molhados

ANTÔNIO AUGUSTO
Rua Santo Antônio, 502
Loja de ferragens

ANTÔNIO DE ANDRADE
Av. Conde F. Matarazzo, 173
Loja de tecidos em geral

ANTÔNIO FERNANDES GOMES
Rua Amazonas, 1173
Lojas de tecidos em geral

ANTÔNIO FLORES
Rua Nove, 89

Secos e Molhados

ANTÔNIO FONSECA MARTINS
Rua dos Prazeres, 7
Secos e Molhados

ANTÔNIO GARCIA
Rua Tapuias, 174
Secos e Molhados

ANTÔNIO GOMES
Rua Minas Gerais, 193
Secos e Molhados

ANTÔNIO GOMES BEIJOS
Estr. de Santo André
Secos e Molhados

ANTÔNIO GOMES ESCANHO
Rua Baía, 306
Loja de tecidos em geral

ANTÔNIO GUTIERREZ
Rua Amazonas, 959
Loja de tecidos em geral

ARCÂNGELO MALERBA & COCA
Rua Santa Catarina, 97
Comércio de rádios receptores

ARCHAC TOROSSIAN
Rua Amazonas, 714
Lojas de tecidos em geral

ARMANDO CARDOSO
Rua Amazonas, 1029
Loja de calçados

ARTUR & BRUNO VICENZI
Rua Amazonas, 564
Loja de ferragens
Fone 183 - Sócios Artur T. Vicenzi e Bruno T. Vicenzi -
Inscrição nº6.312

ARTUR FIZO
Rua Caramuru, 1057
Lojas de tecidos em geral

ARTUR LUNDGREEN
Casas Pernambucanas
Av. Conde F. Matarazzo, 147
Lojas de tecidos em geral

ASSAD D. NADER
Av. Conde F. Matarazzo, 134
Lojas de tecidos em geral

ASSAD M. CATRIO
Rua Alagoas, 410
Loja de tecidos em geral

ASWIB BECHARA
Rua Manoel Coelho, 237
Loja de ferragens

ATALIBA DA SILVA & CIA
Rua Baraldi, 880

Modas e confecções

ATÍLIO PEREIRA & CIA LTDA
Rua Perrella, 16
Loja de calçados

AZIK GOLDBERG
Rua Heloísa Pamplona, 21
Comércio de móveis

BALILA GRANZINI
Rua Sen. Lacerda Franco, 20
Loja de calçados

BARTOLOMEU R. GARCIA
Rua Rio Grande do Sul, 614
Loja de ferragens

BEEDRICH JAMECK
Rua Santa Catarina, 65
Loja de calçados

BENEDITO MACHADO
Rua Castro Alves, 186
*Secos e Molhados, ferragens,
louças, etc*
Fone: 306 - Capital: Cr\$
50.000,00 - Inscrição nº750

BENITO CAMPOI
Casa Dalmo
Rua Goiás, 1672
*Comércio de fazendas, armari-
nhos e calçados. Máquinas de
costura*

Fone: 239 - Fund.: 1932 -
Capital: Cr\$ 50.000,00 -
Inscrição nº753

BENJAMIN PERES
Rua João Pessoa, 48
Tecidos e armarinhos
Inscrição nº5.947

BLOCKS & NULMAN
Av. Conde F. Matarazzo, 37
Modas e confecções

BURD & FELOMAN
Rua Santa Catarina, 113
Modas e confecções

BURUH HARAH
Av. Conde F. Matarazzo, 477
Modas e confecções

CAETANO ZAGRINI
Av. Conde F. Matarazzo, 190
Loja de calçados

CÂNDIDA PEREIRA RODRIGUES
Rua Alegre, 410-A
Loja de tecidos em geral

CARDIERI & CIA LTDA
Rua Antônio Bento, 15
*Indústria e comércio de vidros e
espelhos*

CARLOS GONÇALVES
Rua Manoel Coelho, 318
Loja de ferragens

CARLOS PUTINI
Ao Esporte Maracanã
Rua Goiás, 1665
*Comércio especializado em arti-
gos para esportes, bordados,
bandeiras, blusas colegiais, ta-
ças, medalhas etc.*
Capital: Cr\$ 35.000,00 -
Inscrição nº7.240

CARLOS WEIGAND & CIA
Casa Weigand
Matriz: Av. Conde F. Matarazzo, 174
Filial: Rua Heloísa Pamplona, 6
Comércio de ferragens em geral
Fone: 191 - Cx. Postal: 14 -
Telegr.: WEIGAND - Fund. 1900
- Capital: Cr\$ 150.000,00
Sócios: Carlos Weigand, Ernes-
to Carlos Heinke, José Paulo
Heinke e Carlos Marcelino
Heinke

CARLOS TOMEI
Rua Sergipe, 190
*Comércio de louças e artigos
para presentes*

CEREALISTA SÃO CAETANO LTDA
Rua Goiás, 1534
Comércio de Cereais
Fund.: 1952 - Tel: 201 - Capital:
Cr\$ 100.000,00 -
Sócios: Luigi Vitagliano e Do-
mingos Ferragi

CHASKIEL HACHUMAN
Rua Manoel Coelho, 466
Modas e confecções

CHUECA & CIA LTDA
Calçopovo - Rua João Pessoa,
39 (Matriz)
Filiais: Av. Conde F. Matarazzo,
65 e 57
*Comércio de calçados e cha-
péus*
Fund.: 1948 - Capital: Cr\$
93.000,00 - Sócios: Agustin
Chueca Mendia, Nicolino
Francisco Nigro e Oswaldo
Araújo Lima - Inscrição nº6.055

CHUCRI SNEGE
Rua Flórida, 236
Loja de tecidos em geral

CONSTANTINO & CIA
Av. Conde F. Matarazzo, 62
Loja de ferragens

CRISTOFI & FARAH
Rua Manoel Coelho, 288
Loja de tecidos em geral

DAVID ZEITUNE
Rua Perrella, 132
Loja de tecidos em geral

DROGAMELO LTDA
Rua Amazonas, 604
Fone: 324
Capital: Cr\$ 100.000,00
Sócios: Rafael Barbosa de Melo
e Jaime Barbosa de Melo
Inscrição nº1.680

E. RISK & CIA
Rua Manoel Coelho, 226
Loja de tecidos em geral

EDUARDO LORENZINI
Av. Conde F. Matarazzo, 316
Loja de ferragens

ELIAS ADELSON
Casa Progresso - Rua Amazo-
nas, 535
Comércio de móveis
Fund.: 1947 - Inscrição nº5.621

EMPÓRIO GIANOTI LTDA
Rua Alagoas, 532
*Loja de ferragens, Secos e
Molhados*

ESTEVAM SERCHELLI
Casas Serchelli - Rua Santa
Catarina, 37 e Rua João
Pessoa, 9
*Fábrica de calçados, armazém
de couros, vendas e consertos*
Fund.: 1937 - Inscrição nº2.694

FEIDOR BUCICOVAR
Rua Santo Antônio, 667
Loja de tecidos em geral

FILOMENO SILVESTRE
Rua Perrella, 171
*Indústria e comércio de calça-
dos*
Inscrição nº3.013

FLORINDO PALADINO
Alfaiataria Paladino - Rua
Baraldi, 711
*Confecções para homens e se-
nhoras*
Inscrição nº1.036

FORTUNATO RICCI
Loja Ricci - Rua Alegre, 237
*Comércio de fazendas, armari-
nhos, brinquedos, calçados,
chapéus, perfumarias, miude-
zas em geral, lãs, sedas, malas,
aluminios e louças*
Fund.: 1946 - Inscrição nº4.013

FRANCISCO MARFIL
Av. Conde F. Matarazzo, 157
Loja de tecidos

FRANCISCO NAUM

Casas Accacio – Rua Goiás, 1683
 Filial: Rua Goiás, 1660
Com. de fazendas e armários
 Fone: 394 - Capital em movimento: R\$400.000,00 - Inscrição nº5.341

FUCHS & KRAUSZ LTDA

Organização Iryo – Rua João Pessoa, 45
Alfaiataria, calçados, camisas, chapéus, etc.
 Capital: Cr\$ 70.000,00 - Sócios: Joseph Fuchs e Laszlo Krausz - Inscrição nº1531

GISEPINA FERRARI

Rua João Pessoa, 57
Loja de tecidos em geral

GOMES & FIGUEIREDO

Rua Amazonas, 910
Loja de ferragens

GRACIANO DA CRUZ MARTINS

Rua Casemiro de Abreu, 198
Loja de tecidos em geral

GRECHI & CIA LTDA

Rua João Pessoa, 213
Empresa funerária

GREGÓRIO KLEIMAN

Av. Conde F. Matarazzo, 567
Modas e confecções

GUILHERME GRAVANELI

Rua Perrella, 36
Artigos para esportes

HENRIQUE MINGARDI

Rua Heloísa Pamplona, 10
Comércio de louças e artigos para presentes

NERSZ WASBSBERG

Rua Perrella, 118
Comércio de móveis

HILÁRIO MARSANO

Rua Minas Gerais, 245
Comércio de rádios receptores

HUGO ROVERI

Rua Perrella, 323
Loja de tecidos em geral

IMBRIANE PAOLONE

Farmácia Paolone – Av. Conde F. Matarazzo, 165
Produtos Químicos e farmacêuticos, perfumarias
 Fone: 133 - Fund.: 1922 - Capital: Cr\$ 50.000,00 - Inscrição nº1.709

IRMÃOS CRAVO

Rua Goiás, 1534
Comércio de louças, ferragens, tintas e materiais para construções
 Fone: 211 - Inscrição nº5.523

IRMÃOS DALL'ANTONIA

Rua Amazonas, 373
Esquadrias de madeira (portas, janelas, venezianas, portões), quadros de luz, carpintaria, materiais para construções
 Fone: 165 - Cx. Postal: 18 - Fund.: 1928 - Capital: Cr\$ 300.000,00
 Em movimento: Cr\$ 500.000,00
 Sócios: Antônio Dall'Antonia, Paulo Dall'Antonia

IRMÃOS KOGAN

Av. Conde F. Matarazzo
Comércio de Móveis

IRMÃOS QUAGLIA LTDA

Casa Quaglia – Av. Conde F. Matarazzo, 325
Comércio de artigos para senhoras e cavalheiros
 Fone: 218 - Fund.: 1919 - Capital: Cr\$ 50.000,00 - Sócios: Duvílio Quaglia e Olindo Quaglia - Inscrição nº1.163

IRMÃOS PERRELLA LTDA

Av. Conde F. Matarazzo, 1291
Loja de calçados

ISAAC CHUTER

Av. Conde F. Matarazzo, 146
Modas e confecções

ITÁLIA MARIA MASTROTI

Rua Goiás, 917
Lojas de tecidos em geral

P. LARANJEIRA & FILHOS

Rua Goiás, 1528
Tecidos, armarinhos, chapéus e calçados
 Capital: Cr\$ 200.000,00 - Sócios: Joaquim Pires Laranjeira, José Pires Laranjeira e Jorge da Silva Laranjeira - Inscrição nº6.815

JACOB TIMERMAN

Rua Manoel Coelho, 328
Loja de calçados

JACQUES ESKENOZI

Rua João Pessoa, 48
Loja de tecidos em geral

JAIME SKINOVSKI

Rua Perrella, 165
Loja de tecidos em geral

JOANA BONELI

Rua Heloísa Pamplona, 394
Loja de tecidos em geral

JOÃO CASTALDELI

Rua Oswaldo Cruz, 1365
Secos e Molhados

JOÃO DOMINGOS PERRELLA

Rua Araraquara, 10
Loja de tecidos em geral

JOÃO FERNANDES GOMES

Rua Amazonas, 872-A
Loja de tecidos em geral

JOÃO MOLINARI

Colchoaria São Caetano – Rua Alagoas, 457
Comércio de colchões de mola
 Capital: Fábrica de colchões de crina e algodão - Fund.: 1938 - Inscrição nº1.254

JOÃO MONTESANTI

Casa Bertini – Rua João Pessoa, 20 e 26
Comércio de materiais para construções. Esquadrias, telhas, ladrilhos, manilhas, cal, cimento, tintas, ferragens, artigos sanitários, para pintores, elétricos, para presentes, pesca, louças etc. Representam: Cerâmica S. Caetano S. A. e S. A. Tubos Brasilit
 Cx. Postal 46 - Fone: 292 - Fund.: 1951 - Capital: Cr\$ 200.000,00 - Em movimento: Cr\$ 800.000,00 - Inscrição nº1.748

JOÃO TIMPANI

Rua João Pessoa, 204
Comércio de rádios, materiais elétricos, oficina de consertos
 Fone: 248 - Fund.: 1952 - Capital: Cr\$ 10.000,00 - Em movimento: Cr\$ 40.000,00
 Inscrição nº7.351

JOAQUIM CERQUEIRA

Rua Amazonas, 226
Comércio de ferro velho

JOAQUIM ZANINI

Rua Manoel Coelho, 620
Fazendas e armarinhos

JORGE PINEZI & IRMÃO

Casa Pinezi – Rua São Carlos, 197
Secos e Molhados
 Sócios: Jorge Pinezi e Biagio Pinezi - Inscrição nº1.025

JOSÉ ARAGON MOYA

Rua Santa Catarina, 45
Loja de calçados

JOSÉ ARDITIO

A Peixaria São Caetano – Rua Santa Catarina, 24
 Fone: 452 - Inscrição nº4.867

JOSÉ JORGE SABHA

Rua Goiás, 1739
 Filial: Rua Alegre, 751
Comércio de tecidos, armarinhos, chapéus e calçados
 Capital: Cr\$ 180.000,00 - Inscrição nº1.356

JOSÉ LOPES

Rua Amazonas, 1889
Fazendas e armarinhos

LEONELLO VACCARI

Casa Vaccari – Rua João Pessoa, 72
Importação e Comércio de motocicletas, bicicletas e acessórios em geral
 Fund.: 1938 - Capital: Cr\$ 50.000,00 - Inscrição nº4.021

LETÍCIA VILARES CARLET

Rua Maranhão, 756
Fazendas e armarinhos

LINO DOMINGUES

Rua Amazonas, 1142
Loja de ferragens

LÍVIO DI CESARE

Rua João Pessoa, 165
Alfaiataria, calçados e artigos para homens
 Inscrição nº1.021

LUIZ MARQUES TORRES

Rua Oswaldo Cruz, 1407
Fazendas e armarinhos

LUIZ PESSOTTI & SISTI

Av. Conde F. Matarazzo, 437
Loja de ferragens

“MAILASKI” – CALÇADOS

FINOS LTDA
 Rua Amazonas, 1012
Fábrica de calçados

MANOEL DOMINGOS CUSTÓDIO

Rua Curupaiti, 48
Materiais para construções

MANOEL VIEIRA PONTES

Rua Perrella, 40
Fazendas e armarinhos

MARCOS CARLIK

Av. Conde F. Matarazzo, 42
Comércio de móveis

MARCOS SPITZWSKI

Rua Perrella, 82
Fazendas e armarinhos

MARIA GIMENES

Rua Santo Antônio, 660
Fazendas e armarinhos

MÁRIO DE ALMEIDA

Rua Manoel Coelho, 234
Joalheria, relojoaria, louças e artigos para presentes

MÁRIO CHECHETO

Rua Otávio Mendes, 8
Fazendas e armarinhos

MICHEL N. ABRAS

Casa Sônia – Av. Conde F. Matarazzo, 72
Comércio de fazendas e armarinhos

Cx. Postal: 161 - Fone: 170 - Fund.: 1946 - Capital: Cr\$ 50.000,00 - Inscrição nº5.313

MOISÉS TIMERMAN

Casa Regina – Av. Conde F. Matarazzo, 91

Comércio de material musical, máquinas fotográficas etc.

Cx. Postal: 183 - Fone: 330 - Fund.: 1949 - Capital: Cr\$ 150.000,00 - Inscrição nº6.429

MOUTE PEREIRA

Av. Conde F. Matarazzo, 67
Loja de calçados

NABIH ISSA AKRAS

Rua Goiás, 1596
Tecidos e armarinhos
Capital: Cr\$ 100.000,00 - Inscrição nº4.527

NAIMAS ADIB

Rua Santo Antônio, 764
Lojas de tecidos em geral

NARSZ WASBSBERG

Rua Perrella, 118
Modas e confecções

NATALE SALVERI

Rua Heloísa Pamplona, 312-A
Loja de tecidos em geral

NÉLSON ESQUERDO

Rua Espírito Santo, 340
Loja de ferragens

O. ROCCA

Av. Conde F. Matarazzo, 466
Comércio de rádios receptores

ORESTES ZAMBRANO

Casa Zambrano – Av. Conde F. Matarazzo, 62

Comércio de ferragens, tintas, material elétrico e para cons-

truções

Fone: 309 - Fund.: 1950 - Capital: Cr\$ 100.000,00 - Inscrição nº6.208

OSTROVSKY & CIA

Rua Santa Catarina, 33
Fazendas e armarinhos

OSWALDO GIAMPIETRO

Casa São Caetano – Av. Conde F. Matarazzo, 173
Comércio de fazendas e armarinhos

Fone: 479 - Fund.: 1950 - Capital: Cr\$ 50.000,00 - Inscrição nº652

OSWALDO SAMUEL MASSEI

Mercadinho Central da Cerâmica
Av. Senador Roberto Simonsen, 1799

Secos e Molhados, Louças e Ferragens

Tel.: 161 – Inscrição nº 1.007

OTÁVIO P. DA SILVA MAIA

Auto Mecânica S. Caetano
Rua Amazonas, 229
Comércio de Acessórios para Automóveis e Oficina Mecânica
Capital: Cr\$.10.000,00 – Fone: 419 – Inscrição nº 4.165

PASQUAL ASCOLI

Rua Amazonas, 924
Comércio de Rádios Receptores

PAULO GARUTI

Rua Baraldi, 1048
Artigos de Couro

PAULO OSTROVSKI

Rua João Pessoa, 240
Comércio de Móveis

PEDRO PASQUALETE

Av. Conde F. Matarazzo, 8
Fazendas e Armarinhos

PEREIRA & MENKOVA

Av. Cde. Francisco Matarazzo, 463
Loja de Calçados

PETRAS GERNIAUKAS

Rua Amazonas, 781
Loja de Calçados

PIETRO SPINICCI

Rua Manoel Coelho, 588
Fazendas e Armarinhos

PLÍNIA SCHVARTZ

Av. Cde. Francisco Matarazzo, 485

Fazendas e Armarinhos

POMPERMEYER & BIAGI

Rua Perrella, 257
Fazendas e Armarinhos

PRESTILI HERNANDES & IRMÃO

Rua Bedia, 59
Fazendas e Armarinhos

R. ANTÔNIO & CIA.

Rua Santo Antônio, 808
Loja de Ferragens

RÁDIOS ASSUMPTÃO S/A.

Rua Heloísa Pamplona, 37
Comércio de Rádios Receptores

RAFAEL LUIZ

Av. Cde. Francisco Matarazzo, 150
Loja de Calçados

RITA GOUVÊA FREDINI

Rua Rio Branco, 547
Loja de Ferragens

RODRIGUES & CIA.

Rua Santa Rosa, 64
Comércio de Móveis

RUBENS GAFANAVICIUS

Av. Cde. Francisco Matarazzo, 345
Comércio de Móveis

SALIM NOSSIM ZEITONE

Rua Santa Catarina, 41
Fazendas e Armarinhos

SALIM SAMARA

Rua Herculano de Freitas, 688
Fazendas e Armarinhos

SALOMÃO LACHTERMAN

Rua Amazonas, 89
Comércio de Móveis

SAMUEL S. ETRAUCH

Rua Manoel Coelho, 546
Modas e Confecções

SAMUELI SCHVARTZ

Av. Cde. Francisco Matarazzo, 477
Comércio de Móveis

SANTOS & SANTOS

Rua Amazonas, 1242
Fazendas e Armarinhos

SÍLVIO DALMAS

Rua Santo Antônio, 1053
Fazendas e Armarinhos

SRUL ELSSU

Rua Perrella, 132
Fazendas e Armarinhos

SRUL GALENCOUTSIKI

Av. Cde. Francisco Matarazzo, 476
Fazendas e Armarinhos

TAISIR IBRAIM DEBOUCH

Rua Santa Catarina, 29
Modas e Confecções

TOMÉ & GALEGO

Casa Caçula
Rua Goiás, 942
Comércio de Bicicletas e Acessórios em Geral
Inscrição nº 7.252 – Capital: Cr\$. 10.000,00

VALERIANO FERNANDES BURGOS

Rua Santa Catarina, 105
Loja de Calçados

VAREGISTA S. CAETANO LTDA.

Rua Manoel Coelho, 288
Modas e Confecções

VASILE MOLTIEVSKI

Rua Baraldi, 863
Loja de Calçados

VERONESI & LUIZ

Av. Conde Francisco Matarazzo, 128
Loja de Calçados

VICENTE RUSSO

Rua Baraldi, 889
Loja de Tecidos em Geral

VICENTE TIMPANI

Rua João Pessoa, 204
Comércio de Rádios Receptores

WOLD BEER

Rua Heloísa Pamplona, 6
Fazendas e Armarinhos

WALDEMAR MALERBA

Rua Piauí, 663
Comércio de Materiais para Construção em geral

Fone: 466 – Fundada em 1948 - Capital: 1.000.000,00 - Representam: Eternit S/A. Ind. Cerâmica Americana S/A., Cerâmica São Jerônimo – Inscrição nº 6.421

WILALI TYCHOMEENCO

Rua Floriano Peixoto, 416
Joalheria e Relojoaria

WOLD BEER

Rua Heloísa Pamplona, 49
Modas e Confecções

Avenida Conde Francisco Matarazzo, 567: aqui nasceu um império comercial em 1952

São Caetano do Sul em 1952 já era um município com quatro anos de idade. A primeira legislatura executiva e legislativa já chegava ao seu final com saldo positivo nas realizações públicas de infra-estrutura. O eixo comercial mais movimentado da cidade era em torno da Avenida Conde Francisco Matarazzo, concentrando a maioria das lojas da rede varejista, sendo a principal via de acesso à estação ferroviária e rodoviária da cidade. É curioso voltar ao ano de 1937 e lembrar dois aspectos significativos do centro comercial de São Caetano: 1º) A Avenida Conde Francisco Matarazzo recebeu este nome

em homenagem ao dono das Indústrias Matarazzo, uma semana após a morte do Conde Francisco Matarazzo (1937), substituindo o nome da *Rua São Caetano*. 2º) Nesta mesma rua, em 1952, surgiria outro império, este comercial, que se projetaria no cenário nacional como um dos maiores conglomerados comerciais do Brasil: *Casa Bahia Comercial Ltda*.

Era como se um império industrial, a Matarazzo, cedesse seu lugar e nome a um império comercial, a Casa Bahia, nascida na mesma Rua Conde Francisco Matarazzo. No mesmo ano da morte do industrial Francisco Matarazzo, este era o aspecto da

Rua São Caetano/Avenida Conde Francisco Matarazzo, visto através do movimento comercial da Estação Ferroviária de São Caetano, a mais movimentada de toda a estrada de ferro da São Paulo Railway Company. Nesta estação ferroviária embarcavam cerca de 98 mil pessoas mensalmente, ou seja, 3300 pessoas por dia. O local recebia 28 milhões de quilos de mercadorias por mês, despachava 15 milhões e punha em movimento 15 mil vagões em um mês ou 500 por dia. Ainda em 1937, Valentim Bouças, na revista *O Observatório Econômico e Financeiro*, na página 37, do número 72, em estatística mostrava



Do número 567 da Avenida Conde Francisco Matarazzo para o número 100 da mesma avenida, 50 anos de história de um empreendimento comercial de sucesso, nas mãos da família de Samuel Klein

também que São Caetano superava os outros municípios em capital aplicado com 110.431:800\$000; Os operários adultos, 7022, os operários menores, 1693, a área ocupada para fabricação em metros quadrados, 319.561. Em produção industrial, a região rendia mais do que a sede do município (São Bernardo) e demais distritos.

Voltando à Avenida Conde Francisco Matarazzo, em 1952, vamos encontrar um imigrante polonês, que chegou ao Brasil com alguns trocados no bolso, filho de pai carpinteiro, terceiro de nove irmãos (cinco homens e quatro mulheres), e com uma história pessoal de emocionar, em virtude das tragédias que viveu durante a Segunda Guerra Mundial: Samuel Klein. Este homem, que agora controla um império comercial de 310 lojas comerciais, estava com 19 anos em Outubro de 1942, quando foi preso por soldados da Alemanha nazista e enviado, com o pai, para o campo de concentração de Maidanek, próximo à cidade de Lublín, onde nascera. Para a distante Treblinka, campo de extermínio, foram mandadas a mãe e as cinco irmãs mais novas. Nunca mais Samuel Klein os viu. Ele acredita que os seis tenham sido mortos antes mesmo de chegar ao campo de concentração, no próprio trem que os conduzia. O irmão e a irmã mais velhos (Salomão e Fésia) fugiram para a União Soviética. Em Julho de 1944, com as forças aliadas acuando as tropas alemãs, os prisioneiros foram retirados de Maidanek e levados, a pé, em direção à Alemanha. Durante a marcha, Samuel Klein aproveitou-se de um descuido dos guardas e sumiu no mato.

Na Polônia, com o fim da

guerra, encontrou-se com os irmãos sobreviventes e, em 1946, foi com eles para Munique, na Alemanha, em busca do pai. Acabou ficando por lá, devido às oportunidades de negócios que um país ocupado pelas forças aliadas proporcionava. Fez de tudo para sobreviver, até vender cigarros e vodca para as tropas russas. Em cinco anos Samuel juntou algum dinheiro, casou-se com Ana e resolveu que era o momento de conhecer um novo mundo, sem as dores e as lembranças da guerra. Escolheu a América do Sul e desembarcou na Bolívia em 1951. Mas, para sua infelicidade, lá estava ocorrendo uma guerra civil, uma rebelião popular contra os militares. Cansado do clima de guerra, no ano seguinte chegava ao Brasil, com Ana e o pequeno filho, Michel. Assim que chegou a São Caetano do Sul comprou uma casa, uma charrete, um cavalo e fez um cadastro de cem clientes. Aí começou o império comercial das Casas Bahia.

A vida da empresa nos últimos 50 anos seguiu uma linha ascendente de incorporações, compra e absorção de um grande número de lojas concorrentes, Arapuã, Casa Centro, Mappin e G. Aronson, atingidas em cheio pela crise do final dos anos 90. A filosofia de trabalho de Samuel Klein é recheada de frases de efeito e definições que beiram o humor: *Sócios: Sou contra: Quem tem sócio tem patrão. Economistas: Não preciso deles. Faço o que sei nas minhas empresas. Crise: Esta palavra não existe no meu dicionário. Comerciantes: Não há maus negócios. Há maus comerciantes.* Em relação aos seus negócios, principalmente ao cobertor, carro-chefe de vendas na década de

50: *Vendi muito cobertor para metalúrgicos. Na maioria eram imigrantes do Nordeste, que eram chamados de baianos. Daí surgiu o nome Casas Bahia.*

Este gigantesco império familiar é administrado ainda hoje por Samuel Klein e seus dois filhos: Michel Klein, diretor-financeiro, e Saul Klein, diretor-comercial.

Os números são impressionantes para um negócio que começou com a venda de toalhas, cobertores e roupas de cama, de porta em porta.

Aquela simples loja de duas portas, da Avenida Conde Francisco Matarazzo, nº 567, transformou-se em um suntuoso prédio na mesma avenida, nº 110, de onde são administradas mais de 300 filiais, sendo 168 lojas em São Paulo, 58 no Rio de Janeiro, 15 em Minas Gerais, quatro no Mato Grosso do Sul, 14 no Paraná, quatro em Santa Catarina, nove em Goiás e 11 em Brasília. Até o final de 2001 estavam previstas as inaugurações de mais 28 lojas.

Nada mal para um grupo comercial comemorar 50 anos de vida. Só em 2001 são R\$ 3,6 bilhões de faturamento e lucro líquido de R\$ 60 milhões. Um dos herdeiros do império, Michel Klein, questionado a respeito da permanência do grupo em São Caetano, respondeu: *Temos muito carinho por São Caetano, a cidade é boa. Por que abrir uma sede na Avenida Paulista? Não temos intenção de sair da cidade, na qual crescemos e que meu pai muito gosta, já que o recebeu de braços abertos.* (Pesquisa e texto realizados pelo Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul).

A história do Supermercado Melloni na visão de Olga de Souza

Olga de Souza, esposa do falecido José Melloni, ex-proprietário do Supermercado Melloni, nasceu em sete de Março de 1923, no Bairro do Brás. Em 1926, mudou-se com a família para São Caetano. O pai sofria de tuberculose e, por recomendação médica, deveria morar em uma cidade bucólica. São Caetano, na época, possuía chácaras e muito verde.

Todas as manhãs - apesar de ser nova, lembro-me bem - meu pai, minha irmã Ana e eu íamos à chácara para tomar leite. O meu pai ficou completamente curado.

Moravam na Rua São Caetano, atual Avenida Conde Francisco Matarazzo, em casa alugada. Depois de um tempo mudamos para uma casa maior, na mesma rua. Dois anos se passaram e começamos a vender leite, que vinha em latões bem grandes. Os fregueses vinham comprar em canecas. Ao lado da residência ficava a Capela de Santo Onofre, sempre arrumada e limpa por Olga e pela irmã.

No local, aos poucos, foram surgindo diversos estabelecimentos comerciais: lojas, padarias, açougues, farmácias etc. A rua tornou-se comercial: a loja do sr. Arthur Zago, a padaria do Primo Morelato (Padaria Central), um açougue, a farmácia da sra. Maria Macedo, o cartório do sr. Otávio Tegão. Na esquina, o empório do sr. Guilherme, onde hoje está localizado o shopping, de frente das Casas Bahia.

Olga de Souza, mesmo estudando no 2º Grupo Escolar de São Caetano (onde hoje é o Edifício di Thiene), ajudava os pais no comércio. De fato, o pai de Olga, que ha-



Antônio Carlos com nove meses e Miriam com um ano e nove meses

Olga Melloni

via começado com uma charutaria, ao lado de casa, ampliou e diversificou e negócio, passando a administrar uma confeitaria.

Ficou uma grande confeitaria e sorveteria muito famosa pelos sorvetes (...) Minha mãe fazia as caldas, tudo com frutas naturais, o coco ralado com o ralador (...)



José Melloni, Olga Melloni e Antônio Carlos no armazém, ano de 1953

Olga Melloni

Fazia os doces e assava as carnes para os lanches. O sorvete era todo batido a mão com uma pá de madeira. Havia também os sorvetes de palito.

Aos 17 anos, Olga decidiu arrumar um emprego. Tinha a intenção de ser escriturária, no entanto, precisava ainda aprender datilografia. *lendo um jornal fiquei sabendo que em São Paulo, na Rua Direita, alugavam máquinas de escrever. Tomei o trem, desci no Brás e fui até à Rua Direita, a pé. Aluguei a máquina com o manual e voltei para casa carregando todo aquele peso. Pratiquei o mês inteiro e devolvi a máquina.*

Não demorou muito e estava empregada nas Indústrias Aliberti. Era a chefe do Departamento Pessoal, situado na Rua Senador Vergueiro, esquina com a Rua Alagoas. *Ali estava situado o Armazém Alagoas, de Antônio Melloni, José Melloni e Pedro Melloni, a um quarteirão das Indústrias Aliberti. Três ou quatro*

colegas e eu passávamos sempre pelo armazém para irmos trabalhar. Foi onde eu conheci o José, que mais tarde seria meu esposo.

Quando se aproximava o dia do pagamento dos funcionários das Indústrias Aliberti, Olga e as colegas, para adiantar o serviço, faziam hora extra. *Então eu e minhas colegas íamos ao armazém e pedíamos ao José para fazer lanches de mortadela. E assim ficávamos até tarde para concluir o serviço.*

Numa dessas ocasiões, José Melloni perguntou-lhe:

- Olga, estou com 24 anos e a cigana me disse que vou me casar com 31. Faltam sete. Você me espera?

A moça, um tanto confusa, respondeu que, apesar de achar um pouco tarde, esperaria. Era o ano de 1942.

Em Fevereiro de 1949, Olga foi ao baile de formatura de uma colega. José Melloni também fora convidado para a festa. Os dois dançaram a noite toda. *No dia seguinte era domingo e já haviam passado justamente sete anos. O José estava com 31 anos e, à noite, ele foi na minha casa e disse que queria conversar com meus pais. Calmamente ele falou:*

- Sr. Antônio e dona Rosa,



Natal dos Mellonis

quero pedir aos senhores o consentimento para namorar a Olga e, ao mesmo tempo, marcar a data do nosso casamento para o dia 15 de Novembro deste ano, daqui a nove meses.

Casaram-se exatamente no dia marcado e passaram a lua-de-mel em Poços de Caldas. Ao retornar, foram morar na residência dos Mellonis. Lá nasceram os cinco filhos, mas um deles faleceu. Miriam, Antônio Carlos, Roseli e Márcia, contudo, foram criados na casa junto ao armazém. Olga passou a trabalhar com o marido.

À noite, quando o José fechava os caixas, nós somávamos as cadernetas dos fregueses. Não

existia calculadora para somar - pelo menos no armazém não tinha - e era tudo somado de cabeça. Mas dava certo porque os fregueses eram muito corretos (...) Os cereais vinham em sacos e a mercadoria era pesada na balança (...) O óleo e outros líquidos, em latas grandes, eram vendidos em litros.

Não tardou e os irmãos Mellonis montaram um pequeno supermercado na Avenida Roberto Simonsen, próximo à Rua Baraldi. O prédio era alugado, de modo que logo buscaram adquirir terreno próprio. Compraram área na Rua Manuel Coelho, para onde transferiram e ampliaram o estabelecimento.

Foi assim até que o José precisou se afastar, porque sofreu um enfarte. Além disso, assaltavam muito o supermercado (...) Depois de um tempo, o Antônio e o Pedro venderam para o Joaquin, que está até hoje no mesmo lugar.

José Melloni faleceu em 1975. Olga de Souza, junto com a filha Miriam, mora no Bairro Santo Antônio, no Edifício di Thiene (*Pesquisa e texto a cargo do Departamento de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul*).



Fotos: Olga Melloni

Em frente ao Armazém na Rua Senador Vergueiro, a criança que dança é Sônia, filha dos Mellonis, que faleceu em 1958, no chão José Melloni



Na porta do armazém José Melloni (à direita) e Aldo Peroni

Meio século de história no Bairro da Fundação

Fazendo parte da história da cidade de São Caetano do Sul, a loja de móveis, tapeçaria e decorações fez uma homenagem, colocando em seu nome, o padroeiro da cidade. Atualmente, a loja está localizada na Rua Perrella, 36, no Bairro da Fundação, mas nem sempre foi assim. Tudo teve início, antigamente, na mesma rua, mas em outro local. O fundador, Antônio Franzago, mostra um pouco da sua história.

Em 1952, recém-chegado da Itália, registrou a Loja de Móveis e Tapeçaria São Caetano, no número 275 da Rua Perrella, ao lado da antiga sede do Esporte Clube São Caetano.

Nascido em Vittorio Veneto, Antônio Franzago desembarcou no município no ano de 1949, com 29 anos de idade. Lembra da época em que pagou cerca de 130 mil liras para chegar de navio até o Brasil. Em sua bagagem, existiam algumas roupas, ferramentas e uma máquina de costura. Um ano depois de estabelecido no país, Antônio comprou a passagem para a esposa, Elvira Alpagio Franzago, unir-se a ele. Em boa parte da Itália e nas regiões próximas a Veneza, acontecia a tentativa de dominação do território por parte do império austro-húngaro. *No meu país, especialmente em Vittorio Veneto, a situação política era complicada (...) A vida era muito difícil naquela época (...) Praticamente em todos os locais havia guerra (...) Por esses motivos, resolvi deixar meu país e tentar uma vida nova aqui no Brasil.*

São Caetano do Sul recebia, na época, muitos imigrantes italianos. Normalmente, estabeleciam-se primeiros os chefes de família e, de-



pois de conseguir trabalho, traziam o restante da família. *O primeiro emprego foi em um porão na Rua 28 de Julho, na casa de Benedito Moretti, lembra Antônio.*

Segundo Antônio, em São Caetano não tinha quase nada de comércio, poucas famílias possuíam sofás e estofados, então surgiu a idéia do novo negócio. *Tive algumas idéias e como quase não existia comércio, resolvi montar a loja (...) Antes, eu era empregado (...) Entretanto, ter o próprio negócio te dá mais liberdade.*

Alguns anos mais tarde, os negócios prosperaram e mais uma loja foi instalada. Desta vez, localizada na Avenida Goiás - que naquele tempo era uma simples e pequena rua. O responsável por essa loja era um primo de Antônio, que também tinha tentado a vida no município. *O nome dele é Luigi Franzago (...) No entanto, passados alguns anos, decidimos dividir, e cada um ficou com um estabelecimento.*

Após a infância, os filhos tomaram o mesmo caminho do pai. Guido Vitório Franzago e Cláudio Franzago juntaram-se a Antônio e

Elvira no comércio e apenas o filho caçula, Tiziano Franzago, não optou por seguir no comércio da família.

A demanda de serviço crescia e a firma passou a produzir poltronas para empresas que equipavam cinemas. Um dos momentos mais difíceis ocorreu em um incêndio no antigo endereço. *Estava sendo preparado um pedido de 1500 poltronas para um cinema no Rio de Janeiro (...) Porém um incêndio acabou queimando tudo e tivemos de recomençar novamente (...) Me orgulho de dizer que os estofados do primeiro Cine Gazeta, construído na Avenida Paulista, foi montado por nós (...) Antigamente, os negócios eram melhores (...) Hoje em dia, tem muita concorrência e diversos serviços (...) Isso trouxe algumas dificuldades, porém, estamos sempre na luta. Antônio se define como um grande aventureiro, que sempre buscou crescer na vida por meio do trabalho. Mesmo encontrando dificuldades no percurso, nunca desistiu de seu objetivo e, hoje, após meio século de história e a perda da esposa, continua cuidando dos frutos de sua criação. (Michel Nóbrega Cury)*

História da Casa Hernandes no Bairro Nova Gerte

A Casa de Confeccões Hernandes faz parte do cenário da História de São Caetano do Sul há cerca de 45 anos. Fundada pelo casal do interior paulista Domingos Hernandes e Ana Lúcia Hernandes, o estabelecimento, que é um dos mais antigos e resistentes da cidade, localiza-se na Rua Visconde de Inhaúma, 551, no Bairro Nova Gerte.

No ano de 1956, Domingos, então com 28 anos, e Lúcia, com apenas 21, casaram-se em São Paulo. Atrás de melhor condição de vida e em busca de oportunidades de trabalho, apenas um ano depois o casal chegou a São Caetano do Sul. *Eu morava na Vila Alpina e às vezes ia até a cidade (...)* A gente tinha alguns parentes por aqui e escolhemos o município para ficar. Nessa época, Domingos trabalhava em uma metalúrgica na cidade de São Paulo e sonhava com algo inovador, audacioso. Não era difícil chegar à conclusão de que o comércio cresceria, no entanto, era arriscado, pois o investimento de toda uma vida poderia ser perdido nessa transformação.

Movidos pela vontade de possuir o próprio negócio, partiram para a loja. A princípio, o estabelecimento começou vendendo utilidades domésticas, porém, com o passar do tempo, foi mudando por completo o estilo do comércio. *Depois de utilidades domésticas trocamos (...)* Desde então, está fixado como confecção.

A Rua Visconde de Inhaúma sempre esteve presente na vida do casal. Alguns anos depois da instalação da loja, a via pública transformou-se em um dos grandes pontos do comércio do município. A pri-



Casamento de Lúcia e Domingos Hernandes. 1956



Edite Hernandes com o filho Diego Fernandes Arjone e o marido Marcos Arjone

meira loja também era nessa rua, esquina com a Fundação das Artes (...) Entramos em 1957 e permanecemos durante cinco anos.

Na época inicial, tudo foi muito difícil, no entanto, com o crescimento, todos saíram ganhando, afirma Lúcia. A gente não tinha muita coisa e como São Caetano prosperava rumo ao desenvolvimento, o comércio começava a criar espaço (...) Naquela época, vendia-se mais do que atualmente (...) *O que a gente colocava na loja era vendido (...)* Existiam poucos estabelecimentos (...) *Dava para contar nos dedos o número de lojas (...)* O supermercado Joanin era apenas uma venda e olha no tamanho que se transformou!

Depois de alguns anos com a primeira experiência, o casal quis aumentar os espaços da loja e mudou de local. Continuava na mesma rua, mas agora, era em frente ao Banco Bradesco. Esse local tornou-se um ponto estratégico e, durante 20 anos, a história da loja continuou com seu progresso.

FILHA – Fruto do matrimônio, a única filha, Edite Hernandes, cresceu em meio à vida do comércio e, mesmo após se formar como engenheira, decidiu partir para o mesmo ramo, acontecimento importante para a manutenção das Casas Hernandes. Edite é casada com Marcos Arjone e tem como filho Diego Fernandes Arjone, que no futuro terá a responsabilidade de administrar o negócio.

Após anos de experiência, em Dezembro o terceiro espaço em que a loja está fixada completará 21 anos de história. Atualmente, quem comanda o negócio é Edite, entretanto, os fundadores e pais, Lúcia e Domingos, não conseguem se distanciar. *Abrem e fecham a loja diariamente*, conta o casal. Mais da metade da vida deles foi destinada à loja, que hoje, além de fazer parte da História do Município, fez com que fosse criado um grande círculo de amizades destes bravos sonhadores da época, que integrou os empreendedores na sociedade sancaetanense. (Michel Nóbrega Cury)



Memória Fotográfica do Comércio



Fundação Pro-Memória

LOJAS RIACHUELO

1 – Filial das Lojas Riachuelo, em São Caetano do Sul. Estava localizada na Rua Manoel Coelho, junto às torres de transmissão elétrica da Eletropaulo. Esta loja foi destruída por um incêndio na década de 80



Fundação Pro-Memória

LOJA SANTO ANTÔNIO

2 – Paulo Leandrine, em frente à Loja Santo Antônio, na Rua Visconde de Inhaúma, Bairro Nova Gerte, dia 16 de Agosto de 1980



Fundação Pro-Memória

AO BARULHO DAS SOMBRINEHAS

3 – A loja Ao Barulho das Sombrinhas era especializada em sombrinhas, guarda-chuvas e chapéus. Funcionava na Avenida Conde Francisco Matarazzo, 367, Bairro da Fundação. Década de 60



Fundação Pro-Memória

SUPERMERCADOS MATARAZZO

4 – Na década de 60, as indústrias Matarazzo, de São Caetano do Sul, mantinham um supermercado, na Praça Ermelino Matarazzo, para a venda de seus próprios produtos aos funcionários e associados



ROSA NEGRA

1 – Vista da entrada da loja Rosa Negra, em 13 de Dezembro de 1980, especializada em artigos esportivos. Localizava-se na Rua Amazonas, 592



Fundação Pro-Memória

SUPERMERCADOS JOANIN

2 – O Supermercado Joanin, em Fevereiro de 1981, adquiriu da família Meloni o Supermercado Peg-fácil, ampliando sua rede de lojas na cidade. O primeiro, à direita, é Alécio Castaldelli, da rede Joanin de Supermercados



Fundação Pro-Memória

3 – Em Fevereiro de 1981, é inaugurada a loja do Supermercado Joanin da Rua Manoel Coelho



Fundação Pro-Memória

4 – Inauguração do Supermercado Joanin, loja n.º 3, na Rua Nelly Pellegrino, Bairro Nova Gerti



Fundação Pro-Memória



Memória Fotográfica do Comércio

Fundação Pró-Memória



1

CASAS BURI

1 – As Casas Buri, no início da década de 80, anunciavam sua transferência da Avenida Conde Francisco Matarazzo para a Rua Manoel Coelho, em virtude da demolição do quarteirão para a construção do segundo módulo do Terminal Rodoviário de São Caetano do Sul



2

2 – Vista interna das Casas Buri, na década de 80, em São Caetano do Sul

Fundação Pró-Memória



3

VALENCIA MAGAZINE

3 – Localizada na Galeria Augusta, entre as ruas Manoel Coelho e Santa Catarina.



4

MERCANTIL SÃO CAETANO

4 – A Mercantil São Caetano localizava-se na Avenida Conde Francisco Matarazzo, esquina com a Rua Manoel Coelho. Era propriedade de João Apolinário. Década de 60



5

5 – Vista interna da loja Mercantil São Caetano. À esquerda, o proprietário João Apolinário. No centro e à direita, dois vendedores não identificados. Década de 60

Fundação Pró-Memória



COPAGEL

1 – Cláudio Musumeci, conhecido homem público de São Caetano do Sul, foi proprietário das Lojas Copagel, com várias filiais na cidade. Ano de 1957



2 – Inauguração de uma das Lojas Copagel em São Caetano do Sul. Década de 50



3 – Fachada da filial da Copagel, na esquina da Rua Heloísa Pamplona com a Avenida Conde Francisco Matarazzo



4 – Fachada da Loja Copagel da Rua Manoel Coelho, na entrada da Galeria Augusta



5 – As Lojas Copagel patrocinavam sorteios entre os clientes. Era o chamado Trimestre da Sorte



Fotos: Fundação Pro-Memória



Memória Fotográfica do Comércio



1

CASA RAPHAEL

1 – A Casa Raphael localizava-se na Avenida Conde Francisco Matarazzo, 134. Era propriedade de Raphael R. Luiz e distribuía os produtos das marcas Santista e Pinguim. Fachada da loja em 1962



2

2 – A seção de fios de lã da Casa Raphael era composta por um grupo de funcionárias especializadas



3

3 – Na seção de armarinhos da Casa Raphael o atendimento era feito por uma equipe de homens



4

4 – O atendimento aos clientes, na Casa Raphael, para a venda de artigos finos a senhoras, era individual e personalizado



5

5 – Os manequins da Casa Raphael eram artisticamente decorados para chamar a atenção dos clientes

CASA RAPHAEL ⑥

TECIDOS DE ALGODÃO — SÉDAS — FLO-
XOVAS PARA NOIVAS, BATIZADOS E
COMUNHÕES

O MAIOR SORTIMENTO DE ARMARINHOS
EM GERAL, ARTIGOS FINOS P. SENHORAS
DISTRIBUIDOR DIRETO DAS AFAMADAS Lãs
"SANTISTA" E "PINGUIM"

RAPHAEL R. LUIZ

Tels. — Loja, 42-1967 — Ext. 42-1968
AV. CONDE FRANCISCO MATARAZZO, 134
SÃO CAETANO DO SUL

6 – Propaganda da Casa Raphael na Agenda Reale del Picchia

Fotos: Fundação Pro-Memória



**Memória
Fotográfica
do Comércio**

PRÉDIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS – CENTRO COMERCIAL DE SÃO CAETANO DO SUL

1 – Neste prédio do Centro de São Caetano funcionou um centro comercial, ocupado por diferentes lojas, famosas na década de 60 e 80, como Ducal, Ultralar, Glória e outras. Localizava-se na confluência das ruas João Pessoa, Santa Catarina e Avenida Conde Francisco Matarazzo



Fotos: Fundação Pró-Memória

2 – Na década de 60, as Lojas Ducal, de roupas masculinas, utilizavam o Prédio Sagrado Coração de Jesus



3 – Na década de 70, a Loja Ultralar utilizou parte do Prédio Sagrado Coração de Jesus



4 – Na década de 80, a Loja Glória foi a última a ocupar o Prédio Sagrado Coração de Jesus, antes do incêndio que o destruiu em 1985





Memória Fotográfica do Comércio



Fundação Pro-Memória

MEIAS SÃO CAETANO

1 – Na segmentação do comércio varejista de roupas em São Caetano, a loja Meias São Caetano possuía o maior estoque de meias do ABC. Década de 60



Fundação Pro-Memória

LOJAS DE DISCOS

2 – Uma das lojas de discos mais famosas de São Caetano era a Discoteca do Fininho, na década de 60. O proprietário atendia os clientes



Fundação Pro-Memória

3 – Carlos Rolando Belrus, à direita, foi proprietário da Discoteca Belrus em São Caetano do Sul. Ano de 1980



Fundação Pro-Memória

LOJAS DUTON

4 – Na década de 60, as Lojas Duton possuíam filial em São Caetano do Sul, na Rua João Pessoa, 63. Era uma loja especializada em artigos finos masculinos. Os diretores da loja não foram identificados



**Memória
Fotográfica
do Comércio**

CASAS BAHIA

1 – Outdoor com publicidade das Casas Bahia por ocasião do seu 17.º aniversário, em 1969



2 – Comemoração do 27º aniversário das Casas Bahia, em 1979. Samuel Klein comemora com suas funcionárias



3 – Em 1985, Samuel Klein homenageou o funcionário campeão de vendas Pedro Carvalho. Ao lado, Nadir T. Alevi e José Carlos Pizoebatto



4 – Aspecto da filial das Casas Bahia na Rua Perrela, Bairro da Fundação, na década de 80



5 – Inauguração das Casas Bahia em 13 de Novembro de 1976, em São Caetano do Sul



Fotos: Fundação Pró-Memória



Memória Fotográfica do Comércio

Fundação Pro-Memória



FOTO GILBERTO

1 – Vista interna das instalações do Foto Gilberto, na década de 70

Fundação Pro-Memória



2 – Vista externa das instalações do Foto Gilberto, na década de 70

Fundação Pro-Memória



AO CARIOCA

3 – No dia 24 de Dezembro de 1958, o carro de som da Publicidade ABC, de propriedade de Odylo Dorazzo, estacionou em frente à loja Ao Carioca, na Avenida Conde Francisco Matarazzo, 158, para fazer a propaganda da loja, atraindo grande número de pessoas em torno do veículo

Fundação Pro-Memória



4 – Trecho da Rua São Caetano, hoje Avenida Conde Francisco Matarazzo. Na seqüência de lojas comerciais, da esquerda para a direita: Casa de Calçados São Luiz, Loja de Materiais Elétricos do Zago e parte da loja de tecidos de Raphael Luiz. Ano de 1934



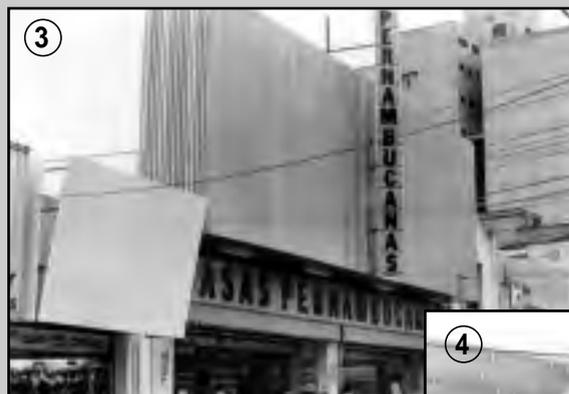
**Memória
Fotográfica
do Comércio**

CASAS PERNAMBUCANAS

1 – Casas Pernambucanas em São Caetano do Sul na década de 50. Dia seis de Maio de 1959

2 e 3 – Na década de 70, as instalações comerciais das Casas Pernambucanas continuavam na Avenida Conde Francisco Matarazzo

4 – Na década de 80, as Casas Pernambucanas ainda permaneciam instaladas na Avenida Conde Francisco Matarazzo



CASA 3 ROSAS

5 – Vista externa do Magazine 3 Rosas, instalado na Avenida Conde Francisco Matarazzo, 338. Era propriedade de Mustapha Adouni. Dia 10 de Outubro de 1958





**Memória
Fotográfica
do Comércio**

① JÓIAS?
RELOGIOS?
PROCURE A
Relojaria
★ *Lido*
e será bem servido
Vendas a Prazo
Rua BARALDI, 735 - S. Caetano do Sul
APRESENTANDO ESTA AGENDA V. 8. TERÁ
UM DESCONTO ESPECIAL.

AGENDA REALE DEL PICCHIA

- 1 – Relojoaria Lido
- 2 – Serzideira
- 3 – Restaurante Vitória
- 4 – Café São Caetano

②



— RASGOU SUA CALÇA?
— NÃO SE PREOCUPE
MARIA GARCIA
SERZIDEIRA
Especialista
RAPIDEZ - PERFEIÇÃO -
PONTUALIDADE
Rua Prudente de Moraes, 136
Trav. da Av. Goiás - Pró-
xima ao Ginásio Estadual
SÃO CAETANO DO SUL

Restaurante VITÓRIA

③



SERVIÇO DE LA ORDRE
SPECIALIDADES EM CARNÊS: FEIJÃO,
DAL, BISTEC, HAVIÃO, BAPALUEPA,
FRANGO, COSTELAS, LAMBÔ, SERRA,
DOVE, CHURRASCO, FILÔ, PIZZA,
SERRINHA,
AO MELHORES MASSAS DA CULINÁRIA
LANCHES - CHÁ COMPLETO - SUVILHAS
RUA BARALDI, 828, ESQ. R. STU. ANTONIO
PRÉDIO VITÓRIA
Visitem também, em qualquer estabelecimento, as
partidas especiais de casamento, aniversários, ba-
lões e reuniões sociais.

**PREFIRAM SEMPRE
CAFÉ SÃO CAETANO**

④

“A bebida tradicional
da família
sulsancaetanense”
AV. CONDE FRANCISCO
MATARAZZO N.º 614
TEL. 42-1863

Fotos: Fundação Pro-Memória



Fundação Pró-Memória

Ismael Populin em depoimento à Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul em 15 de Maio de 2002

Ex-ferroviário em São Caetano do Sul

Yolanda ASCENCIO (*)



Artigos

Os avós paternos do sr. Ismael Populin, Arcângelo Populin e Amábile Populin, eram italianos e imigraram para o

Brasil já casados. De início, trabalharam em fazendas no interior do Estado de São Paulo, instalando-se, mais tarde, na capital, onde fixaram residência.

Os avós maternos, sr. Giácomo Donadon (engenheiro agrônomo) e Joana Donadon, também eram italianos, imigrando para o Brasil em fins do século passado.

Ângelo Populin, filho de Arcângelo e Amábile, nasceu em São Paulo, no dia sete de Julho de 1900. Conheceu Stella Donadon, imigrante italiana, nascida em Veneza, no dia dois de Fevereiro de 1901, com quem se casou, na cidade de Capivari, São Paulo.

Após o casamento, Ângelo e Stella mudaram-se para o Brás - São Paulo, onde Ângelo passou a trabalhar no Pari, com carga e descarga de mercadorias.

Por volta de 1926, o sr. Ângelo Populin teve notícia de que esta-

vam sendo vendidos terrenos em São Caetano. Por intermédio de amigos, encontrou o sr. Caetano Malavazi que tinha uma torrefação de café em São Caetano. Foi através dele que o pai de Ismael adquiriu um terreno na Vila Bela - São Paulo, onde construiu uma casa, na qual veio morar, com a família, no dia 27 de Novembro de 1927.

Segundo nosso entrevistado, sr. Ismael Populin, naquele tempo todos os problemas de Vila Bela e adjacências eram resolvidos em São Caetano.

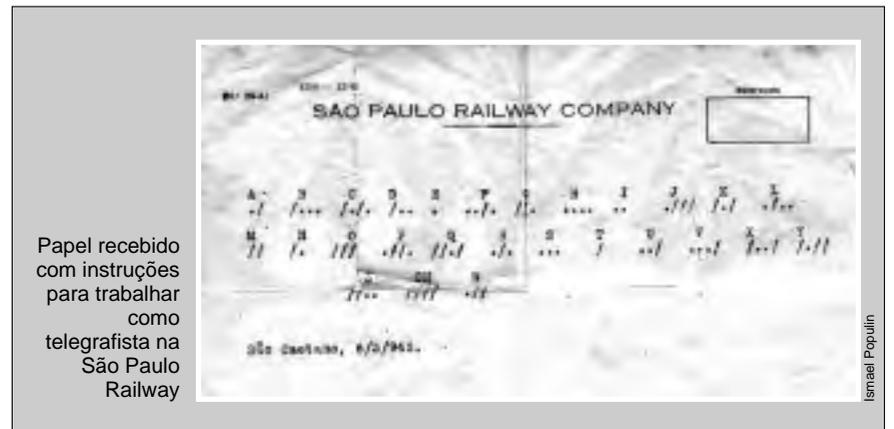
O casal Populin teve dez filhos: Giácomo, Amábile (falecida), Araci, Ismael (nosso entrevistado), Ismênia (falecida), Iolanda, Antônio Néelson (falecido), Helena, Irene e José (falecido).

Filho de Ângelo Populin e Stella Donadon Populin, Ismael Populin nasceu no dia 18 de Fevereiro de 1928, na Vila Bela - São Paulo. Segundo ele, contudo, foi registrado em São Caetano.

Com a dificuldade de se conseguir matrículas na escola, os pais de Ismael pagavam uma professora particular, na Vila Bela, para que ele e os irmãos pudessem estudar. Só por volta de 1937 é que Ismael Populin conseguiu uma vaga no Grupo Escolar Senador Fláquer, onde concluiu o curso primário.

Fez o curso de datilografia e outros cursos profissionalizantes de curta duração, no Instituto de Ensino São Caetano.

CASAMENTO - No dia dois de



Papel recebido com instruções para trabalhar como telegrafista na São Paulo Railway

Ismael Populin



Ismael Populin em 18 de Setembro de 1947



Ismael Populin e Zoraide Ana Vecchi, quando ainda eram namorados

Novembro de 1946, o jovem Ismael conheceu Zoraide Ana Vecchi, filha de Serafim Vecchi e Maria Rufo Vecchi, imigrantes italianos. Ismael (já ferroviário) e Zoraide (funcionária da Telefônica Brasileira) enamoraram-se, casando-se no dia 25 de Setembro de 1948. O casal Populin teve um único filho: Luiz Antônio (engenheiro civil, casado com Jacy Adorno).

Com muita saudade, o sr. Ismael Populin se recorda da esposa, sra. Zoraide Ana Populin, falecida no dia 25 de Dezembro de 1991.

Ismael Populin começou a trabalhar aos 12 anos de idade, como aprendiz de sapateiro e de barbeiro.

Aos 14 anos, ingressou na Estrada de Ferro São Paulo Railway, em São Caetano, assim como o irmão Giácomo, conforme desejo do pai, que também era ferroviário.

Com muita dedicação e seriedade profissional, Ismael fez carreira na ferrovia, ocupando todas as funções na área administrativa. De bilheteiro, foi galgando todos os degraus: praticante de telegrafista, telegrafista, agente auxiliar de estação, agente de estação. Chegou a agente de estação imediato (substituto do agente titular).

Após 35 anos de trabalho, sem nenhuma falta, o ferroviário Ismael Populin aposentou-se, no dia primeiro de Janeiro de 1978.

Depois de aposentado, prestou serviços como autônomo até o ano 2000, na área de publicidade, na mesma ferrovia.

Atualmente, o sr. Ismael Populin prefere passar a maior parte do tempo em sua residência, mas procura distrair-se, frequentando o Clube da 3ª Idade. Muito religioso, faz parte da Paróquia São João Batista.

LEMBRANÇAS – Sempre recordando, o sr. Ismael, nosso entrevistado, fez questão de registrar uma série de informações sobre a Estrada de Ferro São Paulo Railway e seu funcionamento.

De início, os trens, principais meios de transporte regional da época, eram de madeira. Passavam a cada meia hora e tinham vagões de primeira e de segunda classe. Na primeira classe, os bancos tinham assento de vime e capa branca no encosto. Os bilhetes da primeira classe eram brancos (ida) e brancos e amarelos (ida e volta), enquanto que os bilhetes de segun-



Pátio de descarga da estação, 1946. Na carroça: (?) e (?). Embaixo, de chapéu e cesta na cabeça: Souza. Agachados: Ismael Populin (de capa) e Álvaro.



Ismael, esposa Zoraide e filho Luiz Antônio, em viagem para Santos



Ismael Populin com a farda da São Paulo Railway, doada ao Museu Histórico Municipal

Fotógrafo: Tenno Fujita

da classe eram verdes (ida) e verdes e vermelhos (ida e volta).

Segundo nosso entrevistado, *era chique* viajar na primeira classe, sempre utilizada pelas senhoras e seus maridos que iam fazer compras na capital.

A maioria dos trens ia de Santo André a Pirituba. A passagem de ida custava 20 centavos e a de ida e volta, 30 centavos.

Havia três trens especiais, cada qual com seis vagões: Cometa, Planeta e Estrela. Eram expressos e faziam o percurso de São Paulo a Santos, ida e volta. A viagem durava exatamente cem minutos ou uma hora e 40 minutos, não se admitindo atraso. Nesses trens, viajavam, geralmente, pessoas que iam a Santos para resolver negócios.

Em 1953, surgiram os trens de aço, e os trens de madeira foram sendo substituídos gradativamente.

O sr. Ismael Populin lembrou-se também do pessoal que trabalhava na ferrovia: cabineiros, manobristas, feitor de manobra, porteiros, conferentes, auxiliares de escritório, vigias, sinaleiros e outros trabalhadores.

Convém ressaltar que o pessoal da ferrovia era muito bem treinado para as funções que devia desempenhar.

Quanto ao transporte de mer-



Pátio de descarga da estação no ano de 1954. De pé, da direita para a esquerda: (?), Ismael Populin, Antônio Silva, (?), Mário Barreira. Agachado: Sílvio Gonçalves

Ismael Populin



Ismael Populin

Plataforma da São Paulo Railway, ano de 1958. Da direita para a esquerda: Antônio Malerba, Ismael Populin, Leonardo Gouveia e Norberto João

sempre usando o trem, enviavam seus produtos para a Rua Paula Souza. Tais mercadorias eram armazenadas no Pari (armazém de carga e descarga para importação e exportação) e de lá distribuídas para todas as estações que tivessem armazéns.

Finalmente, o sr. Ismael Populin, sempre enfatizando a lisura do trabalho na ferrovia, contou-nos como era feita a prestação de contas a cada dia.

O agente de estação, em serviço às 23h30, fazia o fechamento da fêria do dia e guardava o dinheiro em um cofre, levando a chave do mesmo à casa do agente titular. No dia seguinte, o titular depositava o dinheiro arrecadado no dia anterior no vagão-cofre do Expresso de Santos, que o entregaria na Estação da Luz.

Mais tarde, com a chegada das máquinas elétricas que transportavam combustível, dos trens elétricos, do computador, passou-se a usar o cofre com segredo.

Hoje, tudo é diferente. Tudo mais fácil. Tudo mais prático. Só a saudade é a mesma, conclui nosso entrevistado, o ex ferroviário Ismael Populin.

(*)Yolanda Ascencio, professora de línguas, pedagoga, escritora, advogada. Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo



Grupo Escolar Senador Fláquer, ano de 1941, 4º ano masculino A. Da direita para a esquerda: 1ª fila: terceiro, Walter Fazioli, 2ª fila de baixo para cima: 1-?, 2-?, 3-Estephano Zanella, 6-Joaquim Luiz, 7-Ismael Populin, 8-Horácio Roveri, 10-Sergio Tegão. 3ª fila: 1-Prof. José Bonifácio Fernandes, 2-José Sacucci Filho, 4ª fila: 1-Caetano Malavazi, 4-Júlio

Fundação Pro-Memória

A Matriz Sagrada Família na arte dos Irmãos Gentili

Sônia Maria Franco XAVIER (*)

Imponente construção de tijolos aparentes localizada na Praça Cardeal Arcoverde, a Matriz Sagrada Família guarda em seu interior, nas paredes e no teto, pinturas e esculturas feitas pelas mãos habilidosas de Pedro e Ulderico Gentili, dois irmãos que se dedicaram a transformá-la numa verdadeira *casa divina*.

Sua história se prende à da 1ª capelinha construída pelos Beneditinos, no Bairro da Fundação, onde São Caetano iniciou sua formação. Foi ali que a fé católica se estabeleceu: o 1º templo foi construído e o 1º vigário, padre João Pelanda, foi designado para a Paróquia criada oficialmente em 28 de Março de 1924.

Seis anos se passaram e a igreja se tornou pequena para abrigar tantos fiéis. A cidade cresceu e se expandiu, ultrapassando as linhas do trem – limites do bairro na época –, com suas porteiras e cancelas para a passagem dos pedestres. Teve início então um movimento para se construir uma nova igreja, bem grande, bem decorada, condizente com o nível de religiosidade da população.

O primeiro passo para a concretização deste sonho foi a escolha do local, com a doação do terreno feita pelo sr. Ernesto Baraldi. Isso contemplou as expectativas do povo, pois o local ficava num ponto bastante próximo e que seria, posteriormente, ponto central da cidade.

Foi realizada uma cerimônia solene com a presença do Vigário Geral da Província, Monsenhor Gastão Liberal Pinto, em 17 de Agosto de 1930, para o lançamento



da pedra fundamental do que seria a nova matriz da cidade. Havia a necessidade de se conseguir recursos para iniciar a construção. Várias medidas foram tomadas: campanhas de doação, quermesses, esmolas e, enfim, até anúncios nos jornais da época. No *São Caetano Jornal*, de 25 de Maio de 1929, encontramos o seguinte anúncio: *São*

Caetano precisa com muita urgência de um belo e grandioso templo que deixe patente aos olhos de todos o progresso da terra e o grau de fé católica do seu povo.

Durante quatro anos as obras da nova igreja arrastaram-se com lentidão. É interessante assinalar que o idealizador da planta do novo templo, conforme depoimento do padre Êzio Gislimberti, foi o novo vigário da paróquia, o padre Alexandre Grigolli, que não poupou esforços para concretizar seu trabalho. Buscando recursos entre os fiéis, conseguiu cobrir o templo em Julho de 1937.

Para o acabamento do templo colaboraram muitos moradores, fazendo generosas doações, pois desejavam para São Caetano uma demonstração espiritual marcante, já que sobravam evidências do grande desenvolvimento material da cidade, com a chegada de grandes indústrias.

Foi então que, em 1943, o pintor Pedro Gentili foi convidado a decorar o altar principal. O altar-mor foi



todo feito em mármore português. Na abóbada, sobre o altar-mor principal, a figura de Jesus Cristo e do cordeiro destacam-se diante de uma paisagem onde aparecem as indústrias de São Caetano e até a própria Matriz Sagrada Família.

Alguns medalhões lembram a Congregação dos Estigmatinos, o Estado de São Paulo, o Brasil e a Paz através de um símbolo grego.

Nos medalhões da área central estão os evangelistas Lucas, Matheus, João e Marcos. No centro, a pomba que desceu sobre os apóstolos São Pedro e São Paulo. Na parte frontal há a representação da Comunhão, momento de maior fé cristã, mais ao lado os símbolos do pão (corpo) e do vinho (sangue). Na parte frontal lateral, os anjos anunciando as *Epistolae* e o Evangelho. A pintura destes dois últimos quadros lembram uma tapeçaria com bonitas franjas.

Em uma segunda etapa, pintou as paredes das naves laterais, onde fez a Via Sacra – 14 cenas mostrando o Calvário vivido por Jesus Cristo desde sua condenação até sua morte, ou seja, o caminho sagrado, os passos que Cristo deu, do pretório de Pilatos até o Calvário. Em 1947 o pintor foi novamente convidado pelo padre Êzio Gislimberti para realizar as decorações internas do templo. Na ocasião, apresentou uma série de quadros que recordam ao povo cristão os sete sacramentos: Batismo, Crisma, Penitência, Confissão, Unção dos Enfermos, Ordem, Matrimônio e Eucaristia.

A nave central é separada por arcos e colunas com bonitos barros que formam duas entradas laterais, a esquerda e a direita, que dão acesso às capelas: da Sagrada Família, de Santo Antônio, de Nossa Senhora do Carmo, de Nossa Senhora do Rosário, de São Caetano e de



Pedro Gentili e a esposa Guilhermina Siano Gentili, 1930, em Santos

Filho, netos, bisnetos e sobrinha de Pedro Gentili, na Rua Viculo Chiuso, 15, defronte da casa em que ele nasceu em Montecompatri, Itália

Colégio onde Pedro Gentili estudou na Itália

Nossa Senhora de Lourdes. Esta última feita toda de pedra.

Na Capela de São Caetano encontramos interessante pintura da fachada da Matriz Velha (Paróquia São Caetano) e da Matriz Sagrada Família, as duas trazendo os símbolos das congregações a que pertencem: os Beneditinos e Estigmatinos. Além disso há a pintura do Símbolo Di Thiene nesta capela.

No coro da igreja, uma grande pintura mostra a assunção e coroação de Nossa Senhora, ladeada por Santa Cecília (padroeira da música) e São Gregório Magno.

Segundo relato de seu filho Cláudio Gentili, engenheiro aposentado, Pedro Gentili era um pintor

oriundo do Collegio Artigianelli, de Torino, onde estudou com afinco a pintura clássica. Rafael era o seu modelo ideal de pintor. Viveu para a pintura. Quando não estava trabalhando em uma igreja, pintava quadros para decorar colégios, conventos e seminários. O seu lazer era a pintura, bem como seu ganha-pão.

A pintura da Matriz Nova foi feita com a ajuda de seu irmão Ulderico, que diz ter aprendido o ofício com Pedro. Na Itália, desenhava apenas cartazes e letreiros para cinema.

Suas filhas, Dalva e Maria Diva, que guardam com muito carinho alguns quadros do pai, dizem que, no início, Ulderico fazia somente os

barrados das pinturas, mas, com o tempo, foi assumindo os mais diferentes trabalhos.

IRMÃOS GENTILIS – Pedro e Ulderico, italianos de nascimento, viveram e deixaram sua arte marcada nas igrejas de São Caetano, Americana, Santos, São Pedro, São Roque, Botucatu, Piracicaba (São Paulo) e Mariana (Minas Gerais).

Pedro Gentili nasceu na cidade de Montecompati, Itália, no dia três de Outubro de 1903. Veio para o Brasil em 1927 e faleceu em São Paulo, no dia oito de Agosto de 1968. Ulderico Gentili nasceu na mesma cidade, em dez de Janeiro de 1911. Era autodidata. Veio para o Brasil em 1937 e faleceu em 18 de Julho de 1984, trabalhando na restauração da Igreja Matriz Sagrada Família.

Aos 25 anos de idade, Pedro veio para o Brasil. Quando chegou, em Santos, ficou deslumbrado com a natureza brasileira e aqui se instalou, com o firme propósito de desenvolver seu trabalho. Sua primeira obra durou sete anos: a Igreja Imaculada Conceição, de São Paulo. *Passava dias dentro da Igreja e só nos finais de semana ficava com a família*, relata seu filho Cláudio Gentili. Ele se recorda de ter ajudado muito o pai, que tinha um ateliê nos fundos da casa. Gentili usava a Bíblia como fonte de inspiração para desenvolver suas obras. Passava horas preparando as tintas e fazia a combinação das tonalidades de modo a dar vida às suas criações. Visitava exposições de arte, colecionava livros dos pintores renascentistas, os quais pesquisava muito.

Trabalhava com *crayon*, aquarela e guache e pintou quadros maravilhosos, que a família e os amigos exibem orgulhosamente em suas casas. Em 1936 foi para Santos, onde idealizou e pintou a Igreja de



Ulderico Gentili em 1960

Santo Antônio, no Embaré. Fez também o Seminário de São José, em Mariana. Trabalhou sozinho em suas obras até 1937, quando seu irmão Ulderico passou a ser o seu grande parceiro.

Realizaram juntos os seguintes trabalhos: Igreja Matriz Maria da Fé, em Minas Gerais (1940); Capela do Colégio dos Anjos, em Botucatu (1942); Igreja Matriz de Cássia, em Minas Gerais (1943); Igreja Matriz de São Sebastião do Paraíso, em Minas Gerais (1946); Igreja Coração de Jesus, em São Paulo (1950); Igreja dos Francis-



Ulderico Gentili, em 1980, quando pintava a Igreja Matriz de Americana

canos, em Piracicaba (1951); Igreja Matriz de São Roque (1952); Igreja Santa Terezinha, em São Paulo (1953); Igreja Nossa Senhora Aquipita, em São Paulo (1955); Capela Igreja do Calvário, em São Paulo (1958); e o último trabalho, na Igreja Matriz de Americana, em São Paulo (1961-1968), o qual iniciaram juntos e que foi concluído somente por Ulderico, ao longo de 11 anos.

Nos seis primeiros anos, o trabalho da catedral foi feito juntamente com o irmão Pedro. Foram mais cinco anos sozinho, entre estátuas e pinturas de figuras sacras. Ulderico trabalhou mais de uma década só nesta igreja.

No ano de 1983, Ulderico restaurou as pinturas da Igreja Sagrada Família, que ele havia pintado juntamente com seu irmão. Fazia 39 anos que os dois haviam realizado o trabalho, mas a umidade havia destruído alguns painéis de profetas.

Pedro e Ulderico trabalharam com pintura a vida toda, principalmente em igrejas. A assinatura dos dois irmãos está nos painéis de muitos templos.

Apesar dos irmãos Gentili terem tido uma produção grande não só nas igrejas, mas também desenhado para revistas de propaganda e pintando quadros, este material ficou guardado com seus familiares e só mesmo visitando esta gente é que podemos nos deliciar com uma vasta produção de diferentes técnicas e temáticas no melhor estilo figurativo.

Notas

- (1) Depoimento de Cláudio Gentili
- (2) Depoimento de Dalva e Diva Gentili
- (3) Livro de Tombo da Igreja Matriz Sagrada Família

(*) Sônia Maria Franco Xavier é professora de Filosofia e História, foi diretora do Museu Histórico Municipal e, atualmente, é presidente da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Os espíritas assumem sua fé

Augusto Perrella narra a história da fundação do primeiro centro espírita de São Caetano do Sul

O Espiritismo propriamente dito, se a gente vai analisar (...) Antigamente existiam as chamadas curandeiras. Eram senhoras que talvez tinham uma certa mediunidade, mas que não era afluída, que não era conhecida e, independente delas serem espíritas ou não – porque, via de regra, eram todas católicas praticantes –, tinham essa possibilidade até de realizarem curas através dos chamados benzimentos (...) E por aí você vê que já era quase um chamado da espiritualidade alertando as pessoas para aquilo que viria no futuro, comentou Augusto Perrella, um dos membros mais antigos do Centro Espírita União Espiritualista Luz e Verdade Cândida Rosa do Nascimento, o primeiro de São Caetano do Sul.

O estabelecimento foi fundado em 30 de Agosto de 1938, na então Rua Goiás, 118. As atividades, porém, haviam começado um pouco antes, graças aos esforços de Georgina Américo de Oliveira, benzedora, católica praticante, figura que reuniu em torno de si todos aqueles que deram início à história do Espiritismo na cidade.

Rezas e benzimentos faziam parte da cultura popular nas primeiras décadas do século XX. Em São Caetano, no Bairro Santa Maria, um benzedor chamado Vicente (conhecido como São Vicente) alcançou grande renome, sendo respeitado inclusive pelas autoridades católicas locais. Muitos desses benzedores desempenhavam o papel de médicos, já que tinham credibilidade junto ao público e porque não havia muitos

médicos em pequenas cidades no início do século passado.

Naquela época os espíritas tinham perseguições, pois a predominância era do catolicismo (...) Então quase não se manifestavam (...) Mesmo assim, além daqui de São Caetano, em São Paulo e no Rio de Janeiro existiam movimentos em prol da doutrina espírita (...) Para que ela tomasse vulto, fosse conhecida popularmente.

O receio de levar a público o que se passava a quatro paredes fazia com que as rezas e benzimentos adquirissem popularidade mediante conversas entre conhecidos. É mister sublinhar, entretanto, que rezas e benzimentos não são sinônimo de Espiritismo, visto que essa doutrina possui documentos escritos e procedimentos muito bem definidos e estabelecidos. Em São Caetano, o Espiritismo foi realmente posto em prática quando se iniciaram as atividades do Centro Espírita Cândida Rosa do Nascimento. Isso, contudo, não invalida o fato de que as rezas e benzimentos representaram manifestações daquilo que os espíritas entendem por mediunidade, presente em todos os seres humanos e às vezes mais acentuada em algumas pessoas, que por isso devem aprender a lidar com as conseqüências desse dom.

Essa dona Georgina Américo de Oliveira começou a mostrar uma espécie de loucura: ela comia barro, uma espécie de argila preta que existia nos terrenos que margeavam a Goiás (...) Ela comia aquilo no lugar da comida (...) Ela não podia ver um pedaço de sabão que ela comia (...) Então daí ela começou a manifestar a mediunidade (...) Mas você vê a violência com que os espíritos que a envolviam manifestavam essa (...) Aquela pobre senhora (...) Mas ela tinha que ser despertada para a missão, caso contrário jamais ela teria se transposto para o Espiritismo, porque ela também era católica

É mister sublinhar, entretanto, que rezas e benzimentos não são sinônimo de Espiritismo, visto que essa doutrina possui documentos escritos e procedimentos muito bem definidos e estabelecidos.

praticante.

O acesso a hospitais e consultas a médicos eram muito difíceis na época. Os sintomas de Georgina Américo de Oliveira não puderam ser explicados pela medicina. Levaram-na a vários benzedores, inclusive ao renomado Vicente, do Bairro Santa Maria. Diziam que ela estava sendo atormentada por espíritos. Encaminharam-na a Santo André, onde foi observada por pessoas que praticavam o Espiritismo.

E essa dona Georgina Américo de Oliveira estava quase às raias da loucura (...) Aí os espíritos que começaram a cuidar da dona Georgina, lá naquele pseudocen-

tro, onde se fazia esse trabalho prático do Espiritismo, falaram para ela: “Olha, você tem uma responsabilidade ... Você vai ter que fazer um trabalho, porque tem espíritos aí que querem se manifestar com você e esses espíritos estão te levando a isso

(...) Quando você conseguir equilibrar a tua mediunidade, você vai ter que fazer alguma coisa a mais além do que simplesmente receber espíritos. Você vai ter que fundar, talvez, uma associação espírita,

um centro espírita lá em São Caetano, onde você reside.

Seguindo a orientação recebida em Santo André, Georgina Américo de Oliveira começou a organizar reuniões em sua casa, na então Rua Goiás. De boca em boca, os encontros foram se popularizando. As pessoas procuravam quando precisavam (...) Uma unha encravada, uma dor de dente ou uma dor de ouvido insuportável (...) Procuravam sempre um benzedor (...) E a fama dessa dona Georgina começou a tomar vulto e muitas pessoas começaram a ir na casa dela.

A residência, pequena, não pertencia a Georgina Américo de Oliveira. Era propriedade do despachante Davi Cucato, que não conhecia a benzedeira, mesmo sendo ela sua inquilina. Do entrelaçamento da vida dessas duas pessoas nasceu o primeiro centro espírita da cidade.

O Davi Cucato tinha uma filha que nasceu boa, mas nos primeiros anos (...) Não sei se foi meningite ou qual outra enfermidade que deu na menina (...) Ela ficou tetraplégica e nunca mais saiu do leito (...) E

a esposa do Davi Cucato, em consequência disso, ficou muito magoada (...) Não se conformava (...) Então alguém disse para ele: “Olha, leva a tua esposa e a tua filha lá na dona Georgina, lá na Rua Goiás. Por coincidência ela mora na residência que é de tua propriedade” (...) Ele não sabia...

O escritório de Davi Cucato ficava onde hoje se encontra a Estação Rodoviária de São Caetano. O marido de Georgina Américo de

Oliveira, para ir até o Moinho Santa Clara, local em que trabalhava, era obrigado a passar em frente ao escritório do despachante. Às vezes os dois conversavam, mas nunca falavam sobre Espiritismo. Quando foi aconselhado a visitar a benzedeira e soube que o esposo dela era o homem com quem conversava regularmente, Cucato resolveu tocar no assunto. Augusto Perrella reproduziu o que teria sido o diálogo:

- Escuta aqui, ó Ramiro, a tua esposa é benzedeira ?

- Ela tem uma faculdade que nós não sabemos de onde vem (...) Ela faz curas, recebe espíritos (...) Os espíritos falam através dela (...) Já não são poucas as pessoas que vão lá à noite. Nós nos reunimos lá na nossa salinha (...) Vêm os espíritos, orientam, falam o que as pessoas têm que fazer (...) E tem gente que está

se sentido bem.

Davi Cucato expôs seu problema e foi convidado a comparecer a uma das sessões presididas por Georgina Américo de Oliveira. A filha do despachante, contudo, não podia se locomover, de sorte que a benzedeira visitou os Cucatos reiteradas vezes. Mas os espíritos disseram que nesta existência aquela moça tinha nascido para passar por esse problema, por essa prova, e que por essa prova seria levada ao desencarne.

Mesmo desiludido, Davi Cucato continuou a frequentar as reuniões, pois havia achado conforto e respaldo. Percebendo que os encontros agregavam cada vez mais e mais pessoas, o despachante cedeu um salão desocupado, também de sua propriedade, contíguo à casa ocupada pela família da benzedeira, a fim de que se pudesse organizar um centro espírita. Segundo a doutrina espírita, as pessoas podem ser orientadas por espíritos no intuito de melhor executar uma tarefa. Georgina Américo de Oliveira,

segundo Augusto Perrella, seguia os conselhos do espírito Cândida Rosa do Nascimento, que fora sua mãe quando encarnado. O nome do primeiro centro espírita do município é uma homenagem a esse guia espiritual.

Aqui em São Caetano a doutrina começou assim, através desse centro espírita que foi fundado. Os outros centros foram surgindo a partir dele. Já são 64 anos de história (Pesquisa e texto realizados pelo Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul).

- Escuta aqui, ó Ramiro, a tua esposa é benzedeira ?
- Ela tem uma faculdade que nós não sabemos de onde vem (...) Ela faz curas, recebe espíritos

Aqui em São Caetano a doutrina começou assim, através desse centro espírita que foi fundado. Os outros centros foram surgindo a partir dele. Já são 64 anos de história

Os moleques do Morro Pelado

(Retalhos de uma crônica)

Jayme da Costa PATRÃO (*)

Éramos uns poucos. Eu, meus primos Lalo, Téco e Obídio - como era chamado pela nossa avó espanhola -, o Manequinho Português, filho da chacareira Maria Belísia (nascida em Trás-os-Montes, criava duas vacas leiteiras e também cabras e cabritas).

O menor da turma, com oito anos, era o Tiãozinho, neto de um velho casal que se dizia remanescente de antigos escravos da Ordem Beneditina instalada no Bairro da Ponte, em São Caetano, e que cuidava de uma chácara cujo proprietário, um rico morador do Bairro do Ipiranga, esporadicamente aparecia dirigindo um fordeco antigo e barulhento para buscar frutas e hortaliças colhidas pelo caseiro.

A nossa turma não era grande, mas bastante unida. Nos folguedos e molecagens nos divertíamos deveras. Batíamos um futebolzinho pelada muito chinfrim com uma desajeitada bola de meia cheia de trapo velho.

Um certo Natal o Américo, filho do meu padrinho, ganhou do pai uma pequena *bola* - número dois - *cobertão* de couro cru, inflada com ar comprimido: uma beleza de bola.

A pelota de couro cru foi a responsável por muito dedão esfolado em pé descalço.

A bola de couro cru do Américo teve a propriedade de atrair mais outros moleques das chácaras vizinhas. Se tivéssemos velocidade em dar nome ao nosso timeco seria Futebol do Dedão Pelado.

Em triste ocasião, uma bolada do couro cru chutada com força



Ilustração: Jayme da Costa Patrão

brutal chapou em cheio a cara do Manequinho Português. O coitado caiu estatelado no chão, atordoado, já com a marca do cordão de couro que fechava o capotão. O pobre menino ficou um bom tempo com a marca da batida na cara.

O atabalhoado e metido a besta Obídio, o velhão do grupo, com 13 anos incompletos de pura maldade, estava sempre aprontando alguma inconveniência ou safadeza.

Em uma tarde, quase crepuscular, algumas vacas leiteiras do chacareiro Cardoso pastavam ruminando tranqüilamente, ao lado do nosso campinho, quando o velhaco do Obídio, alegre, abrindo os braços e gesticulando muito, decretou nova brincadeira: *Quem, como eu, tem a coragem de enfrentar a vaca do bezerro novo e beber leite tirado agorinha mesmo, na hora?* Todos nós ficamos

estarecidos, surpresos e acovardados. As vacas do Cardoso nem tomaram conhecimento da nossa presença e do que estava sendo armado pelo patife.

O chacareiro Cardoso era tido como homem truculento e de maus bofes. Quando a molecada invadia a sua chácara de frutas ou corria atrás dos animais, ele aparecia vociferando enraivecido e ameaçando atirar com sua velha espingarda que, em vez de chumbinhos, era municada com sal-grosso para atirar nas pernas ou no traseiro dos invasores. O terror da molecada era o sal-grosso da espingarda do Cardoso.

O Tiãozinho, mais sensato, arriscou: *Como você vai beber o leite da vaca se não tem caneco!?*

- *Ora essa é muito boa: mandando na própria vaca, simplificou o amalucado, na teta da vaca! Ora bolas!*

Nós que estávamos presenciando a cena ficamos bestificados com a petulância do cara e não acreditávamos no que estávamos vendo. O desafiante aproximou-se com relativa cautela para perto do que seria a fornecedora do leite. A vaca estranhou a presença do incauto e virou lentamente a cabeça pachorrenta. Ruminando, encarou o que estava próximo e deu-lhe um valente coice *chega pra-lá*, jogando o imprudente bem em cima de um formigueiro em atividade.

Houve uma geral dispersão atabalhoada e correria dos diabos. E nós todos amedrontados não pela queda do valente, mas principalmente pela gritaria do dono da vaca e sua espingarda de sal-grosso.

As vacas do Cardoso continuavam indiferentes, ruminando tranqüilas, gozando o suave crepúsculo do cair da tarde.

Com um caixote vazio, uma roda grande e dois varais pregados por baixo do caixote, o meu tio fez um carrinho.

- Pronto, exclamei encantado, *já tenho como me divertir! Posso carregar e fazer-me carregar a passeio.* Qual não foi minha surpresa e decepção momentânea quando o tio fabricante daquela maravilha solenemente decretou: *Este carrinho não é para brincadeiras tolas: é pra você trabalhar... seu vadio! A sua função principal é vasculhar todo pasto catando bosta de vaca e esterco dos animais para formar o adubo que vai fertilizar os canteiros de verduras da tua mãe.*

Realmente a minha mãe e minha avó cultivavam, com esmero e dedicação, no grande e amplo quintal, além das hortaliças, também tomates, pimentões, cenouras e beterrabas, entre outros gêneros de hortenses, e ainda algumas ár-

vores frutíferas para nosso consumo. *Como brincar de me carregar se o carrinho de grande roda e dois varais vai se tornar transporte de tão malcheirosa carga?*

Tentei protestar e argumentar com veemência a inconveniência da carga a ser transportada, mas o sádico do meu tio ria a gargalhar e parecia se divertir à beça com minha frustração e desapontamento: - *Aquele grande cínico!*

Desiludido, tratei logo de transferir o trabalho de coletor de estrume aos meus queridos colegas de vadiagem e, quem diria: a tarefa de *catar* o fétido excremento *deitado fora* pelos animais passou a ser disputadíssima, obrigando-me a criar até uma *escala de trabalho*, pois não é que a coleta de estrume estava se tornando um negócio rentável? Ficou estipulado que o excesso da produção vendida, ou seja, o dinheiro ameaçado com a venda do *malcheiroso*, seria distribuído entre a turma.

Não é preciso dizer que a Operação Bosta de Vaca não surtiu o efeito desejado. Não havia comprador para tão inusitada mercadoria. O Cardoso, muito precavido e cioso, com sua espingarda de sal-grosso guardava avaramente a sua pastagem e a bosta das suas vacas.

O nosso carrinho de caixote com roda grande e dois varais estava prematuramente aposentado.

O Bairro da Saúde, próximo à capela do curandeiro, também tinha o seu grupo de moleques: arruaceiros, idade entre 14 e 17 anos, vida solta e turbulenta, sempre armados com estilingues e bdoques certos. Passavam em correrias, como vândalos, espancando cães e gatos, que os vendo fugiam apavorados como o diabo da cruz.

Acreditava-se que o chefão,

um tal de Chico-Demo, rapagão com quase 18 anos, carregava escondida na cinta da calça uma velha garrucha de dois canos, que fora do seu defunto pai, e isso explicava seu ar de arrogância e mando.

Os vândalos do Bairro da Saúde eram tidos como uma verdadeira praga. Viajavam em alaridos, pendurados nos bondinhos, em direção ao centro de São Caetano. Discutiam e nunca pagavam suas passagens, se desavindo com os passageiros por qualquer insignificância. Os moleques do nosso Morro Pelado temiam o Bando da Saúde e sempre fugiam do confronto, cientes da desigualdade de forças. Quando a horda de bárbaros subia o nosso morro, o grupinho do futebol parava imediatamente a pelada, apanhava a preciosa pelota de couro cru, e zarpava como por encanto. Se evaporava.

Vangloriava-se o Cardoso, junto aos seus amigos de botequim, que em certa tardinha, com a invasão dos bárbaros ao seu rico pomar, os dois canos da sua espingarda vomitaram quase dois quilos de sal-grosso nas pernas e nas bundas dos malfeitores, que sumiram morro abaixo com uma *quente e dois fervendo*. O grupo do Bairro da Saúde, durante um bom tempo, foi azucrinar outra freguesia.

Alguns chacareiros, que criavam animais e viviam deles, possuíam carroças ou carroção para dois cavalos. Logo ao nascer do sol, saíam para buscarem na barroca, no fim do morro, junto ao riacho, o capim-balça ou o capim-gordura próprios de terrenos alagadiços e excelentes para a forragem do gado. Outros lugares com abundância de capim forraginoso eram o vale do Córrego dos

Meninos e as margens do Rio Tamanduateí.

Os áridos campos do nosso Morro Pelado não ofereciam alimentação suficiente para os animais. A parte não cultivada era tomada pelas secas touceiras de capim barba de bode, sem valor algum, e por enormes formigueiros de saúvas que não deixavam grama que prestasse para pastagem. De um modo geral, a comprometida paisagem do nosso morro não era nada alentadora: - *Mas era o nosso morro!*

Nas noites quentes de verão, sempre depois da janta, o meu pai, um amigo vizinho português – padrao do Manequinho – e um parente da minha avó (o negro *seu* Jerônimo, avô do Tiãozinho, velho inteligente, contador de muitos *causos*) reuniam-se na agradável varanda da nossa casa; a primeira construída no topo do morro.

Entre uma caneca de café e um cigarro, os adultos apreciavam a fresca aragem das matas da Serra do Mar. Conversavam amenidades do cotidiano ou da política em geral.

Eu, os meus primos e um ou outro moleque amigo, sentados nas escadas do varandão, ouvíamos à socapa a palestra dos adultos e comentávamos baixinho, entre um chiste e uma risadinha tola, enquanto planejávamos outras tantas brincadeiras para o dia seguinte. A conversa dos adultos ainda versava sobre o cemitério local que, apesar de construído há muito tempo, ainda era cercado com arame farpado para evitar a entrada de animais de grande porte, além de cabras e cabritos. Mesmo cercado, ainda assim o cemitério era por demais devassado.

A conversa sobre o cemitério girava em torno de fantasmas e almas penadas, o mau agouro da co-

ruja, cães uivando sinistramente com o aparecer da lua em noite chuvosa, vaticinando mortes e tragédias. Os adultos menos crédulos não se impressionavam demais, com exceção do velho Jerônimo, que sempre tinha muito o que contar sobre fantasmas e assombrações.

O costume de se comemorar as festas juninas no Brasil foi trazido pelos portugueses ainda na época da colonização. O povo português tinha por devoção os santos Antônio de Lisboa, João e Pedro. São João, em homenagem ao meu avô paterno, era o merecedor da festa à noite, com direito a balões, fogueira na rua, comidas típicas e dança.

No Morro Pelado, nossa região, naquela Noite de São João, em 1925, infelizmente ficamos pela primeira vez sem a nossa tão esperada e crepitante fogueira na rua – como era o costume – e também sem os deliciosos quitutes caseiros feitos sempre pela minha avó, a batata-doce assada no braseiro, o bolo de fubá feito pela minha mãe e outras guloseimas que faziam o nosso deleite.

Meus familiares estavam tristes, muito tristes, e cancelaram a Fogueira de São João. Naquela manhã, bem cedo, o meu pai havia viajado para o sul de Minas e ia passar alguns dias na fazenda de um parente próximo, muito querido, que estava muito doente – às portas da morte – e pedia por telegrama a sua presença urgente.

Ao cair da tarde, o nosso grupinho estava reunido *em conferência*. Cabisbaixos e chateados estávamos sentados sobre uma árvore seca, abatida por um temporal, lastimando não o parente doente, mas perder a festança da Noite de São João e sua fogueira.

O Obídio, que até então não

havia dado o seu costumeiro palpite, bateu com a mão espalmada na testa, como a fixar uma idéia que ele dizia ser um porrete e, com a maior cara-de-pau, desenvolveu o plano de ataque: descer o morro sorrateiramente, como quem não quer nada, sapear o ambiente e a fogueira do Giovanino e se fazer convidar para lá ficar com a turma toda!

O primo Lalo arriscou: *Mas como participar da sua fogueira se nós nem conhecemos o cara?*

O Obídio retrucou: *Não conhece hoje, mas vai nos conhecer! Ora bolas se vai!*

Na hora aprazada pelo *chefão* lá estávamos à beira da fogueira do Giovanino, batendo palmas, impondo a nossa presença *intrometida sem ser querida*.

Fomos recebidos com muita má vontade pelo seu Giovanne, pai do Giovanino, que pela cara fez saber que já conhecia a nossa fama e, portanto, a nossa presença não era bem-vinda.

O *seu* Giovanne tinha residência na Rua Itamaracá, esquina com o cemitério. Anexo à casa, o negócio com venda de secos e molhados, carvão para uso doméstico e querosene para alimentar os lampiões de iluminação.

O garoto Giovanino, com 12 anos, era o caçula de três irmãos adultos que trabalhavam com o pai, proprietário também de uma olaria, no Bairro da Ponte, perto do Rio Tamanduateí, feita em sociedade com um patrício vindo com ele na segunda leva de imigrantes de São Caetano.

A mãe do nosso novo amigo era uma mulher gordinha, muito corada, simpática e agradável, que nos tranqüilizou e não levava em conta a carranca e rabugice do marido. Atendeu-nos com agrados, pondo-nos à vontade e servindo-nos com fartura.

Tudo era uma gostosura! E, por fim, não deixamos de assar nossas batatas-doces no braseiro da fogueira que, com o adiantar da noite, já se extinguia aos poucos.

Ganhamos a amizade do Giovanino pelo coração bondoso da mãe dele. Agradável senhora!

Em um galpão grande, com uma rústica mesa de madeira, abundavam comida e bebidas. A mesa estava cercada de amigos e patrícios do dono da festa. Conversavam animados.

O mais distante era o Cardoso, com sua inseparável espingarda a tiracolo. Olhou-nos de esguelha e seu olhar não nos molestou, digamos até, olhou-nos com certa condescendência, o que nos aliviou um bocado.

Os homens falavam alto e riam muito, fazendo uma zoeira dos diabos, já com os olhos injetados de bebida alcóolica.

O Obídio comentou, à boca pequena, com a turminha dele: *Mas que farra brava! Caramba!*

Foi numa pausa da algazarra que o seu Giovanne, ao perceber que o Cardoso se preparava para se despedir, carregou o amigo para um lugar discreto e, com a voz abaixada, desabafou:

- *“Mio amico brasileiro”, estou muito preocupado e com medo, pela minha família. A minha implicância com os moleques vadios são os que andam roubando e fazendo malvadeza. À noite matam com estilingues patos e galinhas dentro do próprio galinheiro. Roubam coisas aqui do galpão. Ainda na semana passada amanheci com as duas portas da minha venda borradas com tinta vermelha, com horríveis mensagens contra nós italianos. Cão de guarda não adianta: o meu foi envenenado. Tudo isso me preocupa muito e me dá “paura”. Não é normal e me apavora.*

O Cardoso, visivelmente penalizado e atento às palavras do seu Giovanne, ponderou:

- *Meu amigo, os garotos do nosso morro já me deram muito trabalho, muito que fazer. Até acabei me acostumando com as suas molecagens ... e elas não são poucas, não! Agora, uma coisa eu garanto: são inofensivos, uns brincalhões sem maldade. Agora, toma cuidado e fica atento com os arruaceiros que vêm do Bairro da Saúde. Eles, sim, são capazes das maiores barbaridades. São adultos e vivem à solta a tocar as raias do crime. O teu caso não está pra brincadeira. Fica atento. É caso de polícia. O centro de São Caetano tem delegacia nova. Vai lá e apresente queixa ao subdelegado, Dr. Accácio, que ele toma providência, pois o teu caso é terrorismo racista.*

Para aliviar a tensão causada pela conversa dos dois amigos, o Cardoso, de maneira jocosa, aconselhou: *Compra uma espingarda de dois canos... e chumba no traseiro deles, que é o que eles merecem.* O Giovanne arregalou os olhos, sorriso amarelo, e nem agradeceu o conselho.

O nosso grupo já havia agradecido a todos pela bela festa e se despedia do novo amigo Giovanino e de sua agradável mãe, quando fomos interpelados pelo vozeirão do Cardoso.

- *Moleques, esperem por mim! Eu subo o morro com vocês e os levo até suas casas.* E justificou: *Está uma noite fria e sem lua e existe muita alma penada, nesta hora, saindo dos túmulos do cemitério para passear. E como sei que vocês borram as calças de medo, com facilidade, a minha espingarda de sal-grosso, que vocês conhecem bem, vai acompanhá-los até suas casas.* A turma se arrepiou com a idéia de topar

com alguma alma do outro mundo e instantaneamente agradeceu a preciosa e inesperada companhia e proteção.

Os tempos mudaram! Como tudo na vida, o nosso grupinho também gradativamente se dissolveu.

Com a morte da minha avó, meus tios foram morar no Ipiranga, casaram e por lá ficaram.

Meu pai vendeu sua residência no Morro Pelado e a família bandeou-se para o centro de São Caetano.

O meu primo Ovídio e os irmãos dele foram morar com os pais, que preparavam umas terras, em Mato Grosso, para formar fazenda.

O Américo fez a vontade do pai e ingressou em um seminário para seguir carreira religiosa.

A Maria Belísia vendeu a chácara e toda sua criação e foi com o Manequinho e o padraço dele para Três-os-Montes, onde tomou posse da herança de umas terras de parente morto.

O Tiãozinho, com a morte do avô, foi com a avó visitar uns parentes no interior e ficou por lá.

O Cardoso não sei que fim levou. A lenda criada em torno da espingarda que vomitava sal-grosso persiste, ainda, até nossos dias.

Muitos anos mais tarde soube que o celerado Chico-Demo havia sido esfaqueado e morto, em briga, num botequim no Bairro Santa Maria, atual nome do antigo Bairro da Saúde.

Em tempo: Morro Pelado era o nome popular do atual elegante e sofisticado Bairro Santa Paula.

(*) Jayme da Costa Patrão é ilustrador, membro do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória e conselheiro da Revista Raízes

O antigo Paço e o Estádio Anacleto Campanella: arquitetura moderna presente em São Caetano

André Luis Balsante CARAM (*)

O desenho tem muito a ver com a nossa emancipação política. Ele se confunde com o desígnio de forjarmos nossa cultura humanista. Bem sabemos que a palavra desenho tem, originalmente, um compromisso com a palavra desígnio. Ambas se identificam. Na medida em que restabelecermos, efetivamente, os vínculos entre as duas palavras, estaremos também recuperando a capacidade de influir no rumo de nosso viver.

Flávio L. Motta. *Desenho e Emancipação*.

Após a autonomia política, em 1948, São Caetano do Sul ainda não possuía uma sede legislativa própria, havendo assim a necessidade de um prédio para a administração do recém-criado município. Nesta época São Caetano era uma cidade que estava em processo de desenvolvimento, requerendo não apenas a construção de um paço municipal, mas também de uma série de serviços urbanos, infra-estrutura, hospitais, postos de saúde, templos, escolas, edifícios culturais e também de um estádio municipal.

A construção do Paço Municipal de São Caetano, como busca de afirmação política pós-emancipação, foi uma realização que só ocorreu durante a administração de Oswaldo Massei, o segundo prefeito da cidade, concretizando assim uma promessa feita durante sua campanha política: a construção de uma sede própria da Prefeitura, que só foi inaugurada



em 1961. Esta obra, sobretudo, marcou também a trajetória do engenheiro-arquiteto Zenon Lotufo (1911-1985) na cidade de São Caetano, que em 1961 voltou a aparecer com o projeto do Estádio Municipal, elaborado em conjunto com o arquiteto Ubirajara Ribeiro (nasceu em 1930 e faleceu no mês passado).

Ambos os projetos, o Paço e o Estádio, emblemáticos da história e cultura da cidade de São Caetano, foram desenvolvidos sob a égide dos princípios da arquitetura moderna, com desenhos que expressam o pensamento de uma época e de seus autores, remetendo assim à ligação entre o desenho e a intenção do projetista, que quando estão vinculados modificam os nossos rumos sociais, urbanos e de nosso viver.

Foi neste processo de construção dos espaços urbanos, dos edifícios e da cidade, que muitos arquitetos e engenheiros encontraram um extenso mercado de trabalho e se tornaram importan-

tes agentes da renovação arquitetônica brasileira entre 1935 e 1945 que, conforme diz Yves Bruand, no livro *Arquitetura Contemporânea no Brasil*, permitiu a consolidação da arquitetura moderna como forma de expressão daquela época.

Além dos profissionais encontrarem um vasto campo de atuação devido ao inerente processo de desenvolvimento urbano e social, a intervenção de governantes e políticos também contribuiu para a eminente propagação da própria arquitetura moderna como expressão artística e cultural, já que buscavam no mercado os profissionais mais expressivos e comprometidos com as novidades da época. Assim, diz Bruand que *toda a história recente da arquitetura brasileira está ligada ao apoio de alguns governantes (...) proporcionando aos arquitetos brasileiros as melhores oportunidades de trabalho*¹. Além disso, é evidente que muitos governantes fizeram das grandes obras

importantes marcas de sua gestão política e promoção pessoal – fato que perdura até os dias atuais em nossa cultura.

No livro *Arquitetura Moderna Paulistana*, os autores nos dão uma definição acerca da arquitetura moderna: arquitetura racionalista (de material, formas, elementos construtivos e espaços) expressada pelo *domínio da tecnologia do concreto armado*. Neste sentido podemos entender que o modernismo arquitetônico representou uma ruptura quanto ao modo de se elaborar a arquitetura, em relação aos espaços e as formas, pois se desvinculava abruptamente dos modismos e dos estilos que predominavam até as primeiras décadas do século XX, além de nortear toda uma geração de arquitetos nos anos seguintes a 1945, quando a arquitetura moderna passa a ser largamente difundida na sociedade. Mas isto não quer dizer que a arquitetura do passado (ecletismo, neocolonial, neoclássica, mourisca, neogótica etc.) foi eliminada do repertório artístico. Ao contrário, caminhava em paralelo com os avanços da arquitetura moderna, porém, ia perdendo expressividade na cultura brasileira.

Na Europa, a arquitetura moderna, além de romper com os

modismos, estava também baseada em fundamentos sociais. Principalmente em virtude do processo de reconstrução da Europa depois da Primeira Guerra Mundial, em que a necessidade de construção de grande número de edificações, ruas e até cidades inteiras exigiam medidas arquitetônicas rápidas, práticas e em larga escala, que foram bem contempladas pela arquitetura moderna devido à supressão de ornamentos e adereços supérfluos. Munida de inovações tecnológicas, esta arquitetura permitiu o desenvolvimento de uma produção estandardizada com fundamentos racionais. O livro de Anatole Kopp, *Quando o modernismo não era um estilo e sim uma causa*, nos dá uma clara noção dos fundamentos envolvidos na arquitetura moderna. E mesmo não vindo para o Brasil com o sentido de causa, significou também uma (r)evolução em nossa arquitetura, devido à racionalização e nova estética envolvida. Assim diz Lotufo que *a arquitetura moderna nasceu, essencialmente, da necessidade de uma completa revolução nos processos anacrônicos e cristalizados que asfixiavam o artista, impediam a espontaneidade, eliminavam a pesquisa e desprezavam os problemas sociais*².

PAÇO – Representando o conceito de modernismo que a municipalidade almejava por meio da arquitetura, os governantes de São Caetano convidaram para projetar a nova sede administrativa, a Câmara e o Fórum, nada menos que o engenheiro-arquiteto Zenon Lotufo, formado em 1936 pela Escola Politécnica de São Paulo, o único da turma. Na época em que foi contratado, Lotufo já era considerado um arquiteto de grande notabilidade, que inclusive havia trabalhado com personalidades do porte de Oscar Niemeyer - no projeto do Parque Ibirapuera e Gregori Warchavchik - Club Atlético Paulistano. Warchavchik (1896-1972), arquiteto de origem russa que veio no morar Brasil, foi um dos que primeiramente aplicou os fundamentos da arquitetura racionalista dos mestres europeus, além de publicar manifestos propagando as idéias de Le Corbusier. A sua casa modernista, construída no final da década de 1930 no Bairro Pacaembu, em São Paulo, *é inspirada nas obras dos mestres do racionalismo europeu e foi objeto de forte reação, por parte dos arquitetos acadêmicos e do público em geral, quando inaugurada*³.

Quanto ao projeto do Paço, sabemos que os dirigentes da cidade almejavam uma edificação construída em área central da cidade, destacada no meio do terreno e circuncidada por praça ou jardim, *para a formação do centro cívico da cidade, onde se realizarão as paradas e desfiles*⁴, e que se tornaria um verdadeiro *cartão postal* da cidade, símbolo da modernidade e referência para os demais paços da região. Intenções claramente expostas pelo próprio prefeito, Oswaldo Massei, que comentou: *é possível imaginar um edifício em um con-*

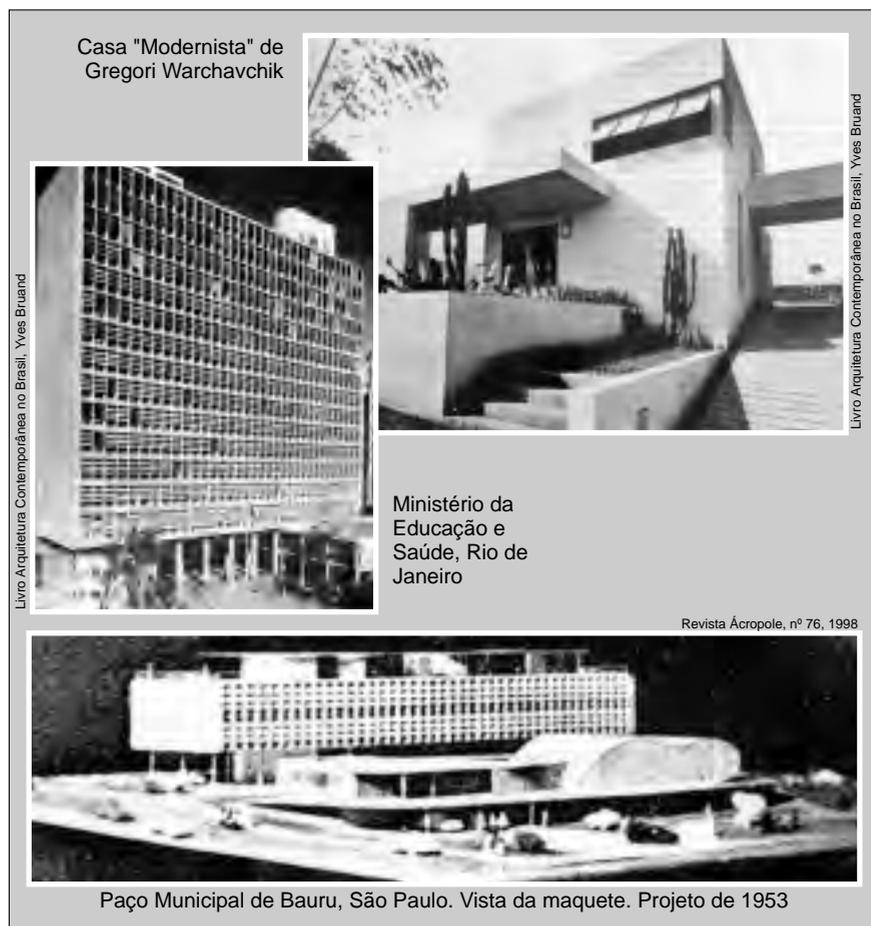


Vista Área do Complexo Poliesportivo Lauro Gomes de Almeida: Estádio Municipal Anacleto Campanella e Ginásio Milton Feijão

junto arquitetônico sobrepairando aos da região, com ampla visibilidade, e sem prejuízo de sua implantação estética⁵.

Além de contemplar estas premissas, Lotufo elaborou um desenho bastante racional, tendo como referência o Paço Municipal de Bauru e o seu programa de necessidades, que ele havia projetado e podemos dizer, apresentam desenhos parecidos. Semelhante também foi o fato de ter sido construído parcialmente, sendo eliminado um segundo bloco ligado por passarela que abrigaria o Fórum e a Câmara, constituindo assim caso idêntico ao do Paço de Bauru, onde não foram construídos nem a Câmara nem o auditório, para os quais Lotufo tinha desenhado formas livres que muito lembram projetos do Rio de Janeiro e principalmente do arquiteto Oscar Niemeyer.

As influências da arquitetura moderna do Rio Janeiro, de Niemeyer e do arquiteto francosuíço Le Corbusier, que se destacou como uma das principais figuras do cenário internacional dominante na arquitetura entre 1920 e 1960, cujos fundamentos arquitetônicos (utilização do brise-soleil, pilotis, fachada de vidro, estrutura independente e terraço jardim) influenciaram toda uma geração de arquitetos, também são bastante nítidas nas obras de Lotufo. Principalmente em relação ao projeto do Ministério da Educação e Saúde, do Rio de Janeiro, projetado em 1936, com colaboração do próprio Le Corbusier, e concluído em 1948. De fato, este conjunto de fatores influenciou não só Lotufo mas também a maioria dos seus colegas contemporâneos. Quanto ao edifício do MES, que representa a síntese dos postulados de Le Corbusier, sendo um marco da ar-



Casa "Modernista" de Gregori Warchavchik



Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro



Paço Municipal de Bauru, São Paulo. Vista da maquete. Projeto de 1953

quitetura moderna brasileira, Bruand nós diz que *por maior que seja sua importância, não se pode desconsiderar outras realizações desse período; não se tratava de uma obra isolada, mas da afirmação de um notável movimento, que se desenvolveu desde então em profundidade*⁶.

Desta forma percebemos que Lotufo, ao desenvolver o Paço, estava em real sintonia com tendências sócio-culturais do seu tempo. Algumas imagens do Paço fotografadas por Waldemiro Chomem, pertencentes ao acervo da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, que por si só já são importantes registros históricos e iconográficos desta cidade, mostram muito bem a intenção plástica da obra de Lotufo e a imponência das linhas verticais da

fachada. Estas fotos são importantes registros que nos revelam uma cidade em processo de crescimento, principalmente aquelas do centro de São Caetano, dominado por construções baixas e telhados à vista. Uma delas mostra o quanto o edifício do Paço era visualmente impactante na cidade. E outra vemos a Praça Primeiro de Maio, antes de ser retalhada e tomada para duplicação da Avenida Goiás.

Embora mais atualmente o prédio tenha sofrido interferências e adaptações, além de não ter sido construído conforme projetado, constitui-se digno exemplar da arquitetura moderna, com especial vista para os elementos compositivos de sua fachada composta pelos marcantes *brise-soleils* (anteparos de proteção so-

lar), o seu caixilho frontal contínuo e os pilotis, que agora se encontram escondidos pelo fechamento do pavimento térreo, sendo que a proposta era de deixá-los livres, à maneira do mestre franco-suíço. Estas características mostram a coerência e a unidade do conjunto das obras de Zenon Lotufo e, sem dúvida, são uma lição de história da arquitetura, pois revelam como os profissionais daquela época davam respostas aos desafios que lhes eram propostos. É por isso que a arquitetura deve ser entendida não apenas como um estilo, mas dentro de um contexto social, político e cultural mais amplo, que espelha tanto a época em questão como a própria sociedade.

Analisando o projeto do Paço Municipal percebemos como estava em sintonia com sua época. A cidade de São Caetano estava crescendo e passando por transformações na sua estrutura física, de modo que necessitava não só de uma sede para a Prefeitura, mas também de infra-estrutura urbana e de vários outros equipamentos públicos. Enfim, uma série de serviços necessários a uma cidade em fase de estruturação e construção.

ESTÁDIO – A necessidade de construção de um amplo estádio era um indicador latente do crescimento urbano de São Caetano e dos anseios da população. Ainda



Paço Municipal, 1961

Waldomiro Chomem – Arquivo Fundação Pró-Memória

mais quando aos poucos foram desaparecendo os antigos campos varzeanos que existiam em São Caetano (a construção do Paço também fez parte deste processo na medida em ocupou terreno utilizado por clube varzeano). E assim comenta artigo da revista *Raízes*, dizendo que lá *existiu um campo de futebol varzeano utilizado pelo clube Atlético Monte Alegre, além de servir para a instalação de circos e parques de diversões*⁷. Era São Caetano desenvolvendo-se física e socialmente e requerendo, portanto, espaços próprios para a prática esportiva, o que faz destas edificações importantes equipamentos públicos da era moderna. Sabemos também que foi Charles Miller *o responsável pela organização dos primeiros times em São Paulo, que no princípio utilizaram-se de campos improvisados nas várzeas da cidade, que mais tarde*

foram incorporados por clubes que se organizaram para a construção dos estádios. E assim surgiu a maioria dos estádios brasileiros, *a exemplo dos pioneiros Parque Antártica da Sociedade Esportiva Palmeiras ou Parque São Jorge do Sport Club Corinthians Paulista*⁸.

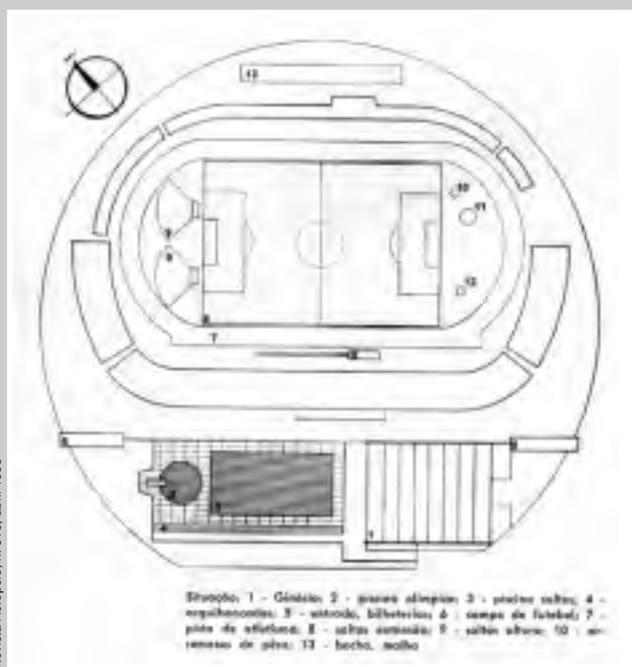
A história da construção do Estádio Municipal de São Caetano está associada ao período que se seguiu depois da autonomia política, quando anos depois a cidade viveu um clima de euforia em relação ao futebol e tratava também de conseguir a autonomia esportiva. A criação da Liga de Esportes de São Caetano, a seqüência de jogos e campeonatos e a fusão do São Caetano Esporte Clube com o Comercial Futebol Clube dando origem à Associação Atlética São Bento, em 1954 (desfeita em 1957, representou *uma fase negra da história do São Caetano EC*⁹), além da mobilização dos dirigentes dos clubes da cidade para a construção de um amplo estádio, foram os primeiros passos que posteriormente deram origem ao Estádio Municipal.

Fora a eferescência futebolística e de esportes que dominou a cidade, sabemos que a municipalidade promoveu um amplo



Maquete desenvolvida para o concurso da Praça de Esportes

Revista Acropole, n. 264, out. 1960



che: o desnível permitiu boa disposição para arquibancadas e para jogos de bocha e boliche; ocupação mínima de terreno e solução econômica.

Ginásio - Estrutura: duas placas laterais com colunas de concreto armado para apoio das vigas de suporte da cobertura; cobertura de telhado formando sheds; apoio em vigas de concreto protendido ou em treliças metálicas; vantagens: iluminação natural no sentido mais favorável para a quadra de jogos; subdivisão das águas pluviais e perfeito escoamento; evita impermeabilização nem sempre eficiente.

Depois de concluída as obras de remodelação, a cidade ganhou enfim o estádio que tanto almejava. Em 1965, a mesma revista publicou artigo sobre o Estádio Municipal de São Caetano, enfatizando a qualidade do projeto e comentando que *apesar do exíguo espaço disponível, conseguiram os arquitetos acomodar o programa, constituído de: campo de futebol, pista de atletismo, piscina olímpica e de saltos, ginásio para bola ao cesto, canchas para bocha, tudo com os respectivos vestiários e dependências necessárias.* Sobre o ginásio, os comentários são bastante virtuosos, pois diz que a sua composição fugiu às formas mais conhecidas, sendo projetado um teto com tábuas estreitas, colocadas no sentido vertical, preenchendo várias finalidades: *difusão da luz zenital, absorção de som e ventilação.* Apesar de tratar de solução econômica, o aspecto plástico resultou muito bom¹¹.

As semelhanças com as propostas do concurso estão presentes principalmente no desenho do ginásio, constituído por duas empenas de concreto e cobertura em forma de shed. Além disto, a construção da estrutura de madei-

Concurso Nacional de projetos para a construção da *Praça de Esportes Lauro Gomes*, em 1960, premiando em primeiro lugar os arquitetos Zenon Lotufo e Ubirajara Ribeiro. A Praça não foi construída, porém, como a Prefeitura mudou de orientação, encomendou aos arquitetos vencedores a remodelação do Estádio Anacleto Campanella, que pertencia à Associação Atlética São Bento e *que nessa época contava exclusivamente com o campo de futebol*¹⁰.

O interessante é que esta obra de remodelação remete às idéias propostas para o concurso da *Praça de Esportes* e merece ser analisada. A revista *Acrópole*, número 264, de 1960, informa-nos em detalhes sobre a *Praça de Esportes*, prevista para ser construída no quarteirão da Avenida Goiás, Rua Conselheiro Lafayette, Rua Tapajós e Rua Capeberibe, e também sobre o partido adotado e as soluções desenvolvidas para um amplo programa de

atividades que englobava ginásio, galpão, playground, piscinas com tanque de saltos e áreas para estacionamento, desenhados de modo a aproveitar ao máximo a área do terreno e sua declinação:

Zoneamento: crianças - afastadas da via pública de maior movimento; ginásio - construído no sentido transversal, aproveita declive para arquibancadas; piscinas e tanque de saltos - na cota mais baixa, perfeita visibilidade para a assistência, vestiários para o parque infantil e piscinas; e estacionamentos - nas ruas transversais, junto aos acessos principais.

Circulação - Acessos: público - circulação livre no passeio longitudinal e na esplanada de cobertura dos bochas, entradas para arquibancadas só de um lado ou simultâneos para grandes afluências; e Atletas - masculinos e femininos entram para os vestiários do ginásio separadamente pelas portas laterais.

Arquibancadas - bocha - boli-



Estádio Municipal: vista das arquibancadas

ra sob a cobertura foi uma solução bastante original e, mesmo hoje estando um pouco danificada, é uma marca das virtudes deste projeto. As fotos antigas tiradas por José Moscardi nos dão uma noção da expressividade das edificações deste complexo esportivo e da cobertura de concreto das arquibancadas. Entretanto, semelhante ao que ocorreu com o Paço e na maioria das obras públicas deste país, o Estádio também sofreu alterações e intervenções construtivas que descaracterizaram parte do seu projeto.

Apesar disto, é interessante ressaltarmos que o projeto foi desenvolvido de forma que atendes-se ao programa solicitado e principalmente àquele que dele iria se beneficiar, ou seja, o próprio homem. Como Lotufo diz em sua tese: *A arquitetura é uma arte com função social bem definida. Visa um fim utilitário, e, por isso mesmo, tem estado, através dos tempos, sujeita a múltiplas influências. E, quando estas operam naturalmente, sem imposição dogmática, a função do arquiteto também se define com clareza e facilidade e ele então age no seu verdadeiro papel. A sua sensibili-*

*dade, qual aparelho receptor, apreende os fenômenos e problemas sociais, interpreta-os e resolve-os pelas suas obras. Se não existe liberdade de expressão artística, desaparece a possibilidade de uma atividade criadora e surgem então a cópia servil, as estilizações, o pretensso monumental, a mediocridade, o ecletismo e os "revivals"*¹².

Estes conceitos estão presentes em toda a produção arquitetônica de Zenon Lotufo, que du-



Estádio Municipal: vista do tanque de saltos

rante sua carreira desenvolveu projeto calcado em princípios humanistas, estabelecendo a ponte entre a obra construída e o homem e trabalhando exclusivamente como arquiteto, ao contrário de Ubirajara Ribeiro, que além de arquiteto foi um importante artista plástico, cujo nome está ligado à introdução da *art pop* no Brasil. Porém como arquiteto encerrou suas atividades em 1976 para se dedicar apenas às artes plásticas, ao ensino e à pesquisa. Assim dizem alguns críticos sobre as experiências plásticas de Ribeiro:

(...) Dos três artistas brasileiros que introduziram a pop art no país, Cordeiro, Wesley e Ubirajara, achamos o terceiro o mais feliz de todos. Se Wesley pegou o espírito irônico, irreverente e agressivo da arte pop, Ubirajara pegou o seu espírito brincalhão, leve, dançante e musical. Pop art é contra a arte séria e a noção séria e severa da composição. Em pop art predomina, especialmente no caso de Ubirajara, um espírito de leveza que joga e brinca com elementos compositivos. Théon Spanudis, 1964.

*(...) é um dos nossos artistas que representam uma linguagem absolutamente pessoal, sempre presente nas manifestações das novas vanguardas empenhadas na renovação da comunicação. Pintor que não despreza o toque de humor não amarrado às representações tradicionais, fantasioso e ao mesmo tempo meditativo. Ubirajara sempre nos surpreende com suas descobertas no campo do imprevisto e desconhecido. Pietro Maria Bardi, 1979*¹³.

O projeto do Estádio apresenta um desenho racional, claro e de bastante vigor plástico, que sintetiza a busca de uma arquitetura contemporânea e mostra a harmo-



Fundação Pró-Memória

Estádio Municipal: vista do ginásio. Out. 2002

nia entre os desígnios do autor e a solução arquitetônica, que para Lotufo são aspectos que refletem a busca do espaço psicológico como forma de atender às necessidades humanas:

Assim, para que haja correlação entre o local e as funções humanas, é necessário, além do espaço justo, exato, aproximado ou fisiológico, algo mais que atenda à condição do homem como ser dotado de faculdades superiores e de necessidades mais complexas do que uma simples coisa ou animal. Essa correlação que transcende ao simples aspecto fisiológico, e que corresponde ao que o homem tem de superior, à sua alma ou ao seu espírito, é o que chamamos de espaço psicológico, que será (...) determinado pelas necessidades humanas e (...) deverá acompanhar o homem nas multiformes manifestações de sua existência¹⁴.

O espaço psicológico não se define em função de medidas exatas, ou por meio de modulação baseada unicamente nas proporções do corpo humano. É determinado pela sensibilidade do arquiteto, o qual, por muitos processos, poderá atingir o seu objetivo, não somente por meio do es-

paço-área, como pelo espaço plástico, concretizando com a cor, os volumes, os contrastes, a vida, enfim¹⁵.

O conjunto de obras realizadas, os textos, os trabalhos desenvolvidos no campo do urbanismo mostram o quanto Lotufo era um arquiteto consciente de seu trabalho e de sua função como profissional responsável em realizar a arte de construir os espaços, estendendo seus conceitos da busca do espaço psicológico também às cidades e seus espaços externos: *os espaços externos, os espaços abertos, são a continuidade da habitação, considerada esta no seu mais amplo sentido. Se, na habitação, se procura a satisfação e o conforto espiritual do homem, não há por que, na organização do espaço externo, esses princípios devam ser abandonados¹⁶.*

Bibliografia

- ANTIGO Paço Municipal, 31 anos como símbolo da cidade. Raízes, São Caetano do Sul, Ano XI, n. 21, p. 39-42, julho de 2000.
 BRUAND, Yves. Arquitetura contemporânea no Brasil. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.
 BURLAMAQUI, Ulisses. A arquitetura humanista de Zenon Lotufo. AB

- Arquitetura Brasileira, n. 8, p. 7-13, 1973/74.
 ESTÁDIO Municipal. Projeto de Zenon Lotufo e Ubirajara Ribeiro. Acrópole, n. 316, p. 26-29, abr. 1965.
 INSTITUTO CULTURAL ITAÚ. Estádios. (Cadernos da cidade de São Paulo). São Paulo: Instituto Cultural Itaú, 1994.
 LOTUFO, Zenon. Arte ou artifício. São Paulo: s.n., 1966.
 _____. Espaço psicológico na arquitetura. São Paulo, 1956.
 MANZANO, Eduardo. Zenon Lotufo: conquista do espaço psicológico. AU - Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, SP, n. 76, p. 95-102, Fev-Mar 1998.
 MEDICI, Ademir. Migração e urbanização: a presença de São Caetano na região do ABC. São Paulo - São Caetano do Sul: Hucitec, Prefeitura de São Caetano do Sul: 1993.
 PRAÇA de esportes. Projeto de Zenon Lotufo e Ubirajara Ribeiro. Acrópole, n. 264, p. 354-357, out. 1960.
 XAVIER, Alberto; LEMOS, Carlos; CORONA, Eduardo. Arquitetura moderna paulistana. 1. ed. São Paulo: Pini, 1983.

Notas

- [1] BRUAND, 1981, p. 27
 [2] LOTUFO, 1956, p. 53
 [3] XAVIER, 1983
 [4] RAÍZES, 2000, 40
 [5] Ibid
 [6] BRUAND, 1981, p. 81
 [7] RAÍZES, 2000, p. 39
 [8] INSTITUTO CULTURAL ITAÚ. Op. Cit. p. 27.
 [9] MEDICI, 1993, p. 333
 [10] ACROPOLI, 1965, p. 26
 [11] Ibid
 [12] LOTUFO, 1956, p. 13
 [13] www. itc.com.br - acesso em 29/10/2002 . E para quem quiser apreciar algumas obras de Ribeiro, a Pinacoteca Municipal de São Caetano, dirigida Fundação Pró-Memória, apresenta três de suas obras na exposição Retrospectiva dos Salões de Arte de São Caetano.
 [14] LOTUFO, 1956, p. 23-24
 [15] Ibid
 [16] Ibid

(*) André Luis Balsante Caram é arquiteto e pesquisador da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

O Grande ABC Paulista quando era São Bernardo e Santo André

Arlete Assumpção MONTEIRO (*)



O atual Grande ABC Paulista teve seu crescimento acentuado com a passagem dos trilhos da ferrovia The São Paulo Railway por suas terras (1864). Desde o descobrimento do Brasil a região foi caminho de passagem entre o Porto de Santos e o Planalto Paulista. Primeiro pelas trilhas abertas pelos índios na Serra do Mar, depois pelo caminho do Pe. José de Anchieta onde tropas e tropeiros, viajantes e aventureiros demoravam dias para atingir o Planalto de Piratininga, onde se localizava o Colégio dos Jesuítas de São Paulo.

Com o crescimento econômico do interior paulista, primeiro com o açúcar, depois com o café, houve a urgência de se pensar num mais moderno meio de transporte. Com o empenho de Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá, a ferrovia foi construída, rasgando a mata e subindo a serra, numa engenhosa façanha da moderna engenharia.

Quando a construção da ferrovia teve início – 1860 –, a Vila de São Bernardo já existia – em 1812 foi criada como freguesia. Como os trilhos da ferrovia não passaram por São Bernardo, foi planejada uma parada do trem para atender os moradores de São Bernardo distante oito quilômetros. Desse modo, Santo André tem sua origem na parada da Estação - 1867 -, que atraiu



comerciantes e moradores. Com o crescimento do Bairro da Estação e a vinda de inúmeras indústrias ao longo dos trilhos da ferrovia, pensou-se num nome para o novo bairro: Santo André - em homenagem à antiga povoação de João Ramalho, Santo André da Borda do Campo. Com o passar do tempo, Santo André ficou maior do que a Vila de São Bernardo, tornou-se distrito em 1910 e passou a sede do município em 1938, tendo seu território incorporado o extenso Município de São Bernardo. Portanto, Santo André englobava quase a totalidade das terras do atual Grande ABC Paulista, hoje composto por sete municípios: Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Rio Grande de Serra, Mauá e Ribeirão Pires.

Como o povoamento da região foi incentivado pelo governo imperial, através dos núcleos coloniais como os de São Bernardo (fundado em 1877. Em

1879 iniciou-se a distribuição dos lotes), São Caetano (1877) e Ribeirão Pires (1887, com três linhas, sendo a terceira a Linha Pilar, que veio a se constituir no atual Município de Mauá), verifica-se que o desenvolvimento do comércio e da indústria na região está fortemente marcado pela presença européia.

Os imigrantes europeus dedicaram-se inicialmente às atividades agrícolas, ao trabalho com o barro através de olarias, com a pedra – os canteiros - e com a mata – fabrico de carvão e móveis, garantindo a permanência dos imigrantes e suas famílias na região e propiciando mão-de-obra tanto para a ferrovia como para as indústrias que começaram a procurar a região.

Deve-se assinalar que a primeira indústria a se instalar em Santo André – que pertencia a São Bernardo – data de 1899, a F. Kowarick & Cia^l, fábrica de casemiras da família Kowarick. Logo se seguiram outras de fa-



Album de São Bernardo

Vista geral aérea da Companhia Química Rhodia Brasileira, em Santo André

servar a memória do Grande ABC Paulista, elaborou-se um quadro do processo de industrialização da região a partir do final do século passado até a primeira metade do século XX.

Verifica-se assim que a industrialização do Grande ABC Paulista processou-se rapidamente, fazendo com que a região se tornasse o pólo industrial do país e um dos grandes centros industriais da América no século XX.

mílias italianas – em maioria -, espanholas, francesas, inglesas e alemãs. No comércio a presença portuguesa se destaca, seguida de italianos, russos, poloneses e brasileiros.

Em 1914 a Companhia Rhodia Química Brasileira^[2] – de capital francês - adquire um grande terreno para instalar sua indústria nas margens do Rio Tamanduateí e nas imediações da ferrovia The São Paulo Railway. Foi a primeira grande empresa a se instalar na região, o que lhe deu o apelido de mascote do município. A presença de imigrantes italianos na região – favorecida pelos núcleos-colônias acima referenciados - atraiu outra grande indústria, a Pirelli^[3], que começou como uma pequena fábrica de cabos elétricos em 1929 e, poste-

riormente, dedicou-se à produção de pneus.

Na década de 20 do século passado, a presença do capital americano na região tem seu início. Em 1927 iniciam-se as obras da General Motors do Brasil, nas proximidades da Estação de São Caetano, que era um distrito de São Bernardo na ocasião^[4]. E em 1923, a Firestone^[5] marca sua presença com a instalação de uma filial de vendas. Posteriormente, inaugura, em 1941, sua fábrica em Santo André, também nas proximidades dos trilhos da The São Paulo Railway.

Objetivando demonstrar a importância dos estudos sobre os municípios que integram o Grande ABC Paulista, incentivar as pesquisas sobre a região e pre-

Notas

[1] CALDEIRA, João Netto. Álbum de São Bernardo, 1937. Edição da Organização Cruzeiro do Sul Bentivegna & Netto, São Paulo. S/d.

[2] MONTEIRO, Arlete Assumpção. Santo André: dos primórdios à industrialização. Um estudo sobre os imigrantes ao longo da The São Paulo Railway. USP, SP, 1995, Tese de Doutorado, pp.230-235.

CALDEIRA, João Netto, op.cit., pp. 72, 73.

[3] MONTEIRO, Arlete Assumpção. Op.cit., pp.235-237.

[4] Sobre a história da GM do Brasil, vide Revista Raízes, Edição Especial, GM 70 anos de São Caetano. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, SP, Ano XI, agosto de 2000.

[5] Sobre a Firestone, vide Bridgestone/Firestone do Brasil Indústria e Comércio Ltda. Manual de Integração (publicação interna da empresa)



Album de São Bernardo

Vista geral externa da General Motors do Brasil

(*) Profa. dra. Arlete Assumpção Monteiro é diretora-segunda-secretária do CERU – Centro de Estudos Rurais e Urbanos – USP, docente na Faculdade de Educação da PUC/SP, pesquisadora-colaboradora do Centro de Memória Unicamp/SP e membro do Gipem

A Vida Econômica no Tijucuçu: do Ostracismo ao Dinamismo

Cristina Toledo de CARVALHO(*)

VÁRZEAS BARRENTAS E ALAGADIÇAS

- Os empreendimentos que foram comandados pela Coroa portuguesa no Brasil - Colônia, para viabilizar a extração de riquezas, não foram verificados na Capitania de São Vicente e, conseqüentemente, na região que constitui tema do presente artigo. Os motivos da inobservância destes empreendimentos serão analisados com cuidado e atenção num momento mais oportuno, cabendo, de imediato, algumas considerações preliminares a respeito dos significados que cercam o termo *Tijucuçu* e também sobre o quadro econômico da região no período anterior à chegada dos monges beneditinos.

As terras que, a partir de 1631 começariam a integrar o patrimônio da Ordem de São Bento em São Paulo e, posteriormente, compo-

riam o território do atual Município de São Caetano do Sul, eram conhecidas como Tijucuçu.

Segundo consta, esta palavra, de origem tupi, significa grande lamaçal, barreiro grande, charco, atoleiro, "(...) *por causa das várzeas barrentas e alagadiças que havia nos vales dos atuais rios Tamanduateí e Meninos.*" Em épocas de chuva, estes rios transbordavam deixando as terras próximas às suas margens alagadas.

Cumprido, nesta perspectiva, ressaltar que a palavra *Tijucuçu* fora citada numa das atas quinhentistas da Câmara de São Paulo, datada de 7 de Dezembro de 1589, fato apontado por alguns autores como a certidão de nascimento da cidade de São Caetano do Sul. Cabe, ainda, salientar que a palavra tupi em questão aparece grafada como *Tejuguacuçu*, *Teyuguossui*, *Tojucusú* e *Tojucassu*, nos diversos documentos emitidos

entre a segunda metade do século XVI e meados do século XVIII. Wilson Loduca atribui a causa das variantes deste termo à precariedade do trabalho dos escreventes que era ditada, segundo ele, pela inexistência de um órgão normativo que pudesse definir o toponímico.

No período anterior à chegada dos monges beneditinos, o quadro econômico do Tijucuçu era insignificante, visto que seus primeiros habitantes eram homens sem posses que se ocupavam da caça e comércio de índios e também da criação de gado. Esta situação torna-se compreensível na medida em que a aludida região, na condição de apêndice da Capitania de São Vicente, apresentava uma economia de caráter seminatural que impedia a obtenção de recursos financeiros que poderiam ser canalizados em possíveis investimentos e também na compra de escravos

Retrato de Martim Afonso de Souza e planta da Capitania de São Vicente, em gravura da época



Antiga estrada São Paulo - Santos em ilustração do livro *Brazil and The Brazilians* publicado em 1866, em Philadelphia, por Kidder e Fletcher



Fundação Pro-Memória

africanos. Não é à toa, portanto, que nos primórdios os habitantes do Tijucuçu eram, na sua maioria, capitães e bandeirantes, fato que se insere nas conjunturas sócio-econômicas da História da Capitania de São Vicente.

A vida econômica na região em questão começou, todavia, a ganhar novo contorno a partir da formação da fazenda beneditina que se localizou entre o atual Córrego do Moinho ou Córrego Ressaca, atualmente ladeado pela Avenida Presidente Kennedy, e o Ribeirão do Moinho Velho, no Município de São Paulo.

A mencionada fazenda que, posteriormente, ficou conhecida como Fazenda de São Caetano do Tijucuçu, resultou de duas doações e de algumas compras efetuadas no século XVIII.

Quanto às doações, cumpre afirmar que a primeira foi feita no ano de 1631 pelo capitão Duarte Machado, *um dos primeiros possuidores ou sesmeiros do ABC*, no dizer de Wilson Loduca. O desgosto com as terras do Tijucuçu teria levado o referido capitão a doá-las à Ordem de São Bento que, em Novembro daquele ano, passados, portanto, dois meses da primeira doação, tomou posse daquelas terras através dos freis Bernardo das Chagas e João da Ressurreição.

A segunda doação foi feita em 1671 pelo famoso bandeirante Fernão Dias Paes Leme. Tal doação foi determinada por um acordo que este fizera com a aludida Ordem, no qual se comprometia a doar-lhe oito mil réis anuais para a conservação da capela-mor da Igreja, onde teria sepultura. Segundo consta, esse dinheiro deveria sair das rendas das terras do Tijucuçu que foram adquiridas pelo mencionado bandeirante junto à viúva de Manuel Temudo, num leilão. Ao contrário do que se observou na primeira doação, o pedido de posse destas terras feito pe-

los monges beneditinos junto às autoridades não foi por estas atendido, fato que motivou os religiosos a formularem um novo pedido a 20 de Novembro de 1769, que foi despachado em uma semana, no dia 27.

Ítalo Dal'Mas expressou com maestria esta nova fase da História do Tijucuçu ao afirmar: *Enquanto as terras permanecem desertas e abandonadas como terras de ninguém, surge, em Tijucuçu, um ponto de vida, uma ilha de dinamismo, uma comunidade sobrenatural que resiste e se sobrepõe ao meio hostil e adverso a toda e qualquer vitalidade social: os Beneditinos.*

O autor mencionado acima através destas considerações ratifica que a integração das terras do antigo Tijucuçu ao patrimônio da Ordem de São Bento imprimiu um novo ritmo à vida econômica da região em questão que, até então, fora marcada pelo ostracismo das atividades de subsistência.

A GÊNESE DO DINAMISMO ECONÔMICO

- A postura de Ítalo Dal'Mas, acima relatada, delimita com exatidão as duas fases distintas da História do Município de São Caetano do Sul. A primeira fase, já ressaltada, foi marcada pela monotonia e pelo ostracismo, características que se encontram vinculadas ao inexpressivo quadro sócio-econômico do Velho Tijucuçu. A segunda fase da História do aludido município iniciou-se com o processo de formação da Fazenda dos Beneditinos, processo este que conduziu o Tijucuçu para uma vida organizada, tanto do ponto de vista social quanto do econômico. Para José de Souza Martins, os fundamentos da atual São Caetano do Sul encontram-se nesta segunda fase de sua História.

No tocante ao processo de formação da Fazenda em questão, assim manifestou-se um documento

do século XVIII: *"A qual Fazenda doou a este Mosteiro o Capitão Duarte Machado; onde tinha dous cútios; e hum destes com cazas de morada, em a era de 1631. Se ane-xou mais a esta Fazenda 500 bra-ças compradas em praça pelo Capitão Fernando Dias Paes, o qual tinha obrigação de dar an-nualmente para adorno da Capella Mór 8\$000 e para se li-berstar desta pensão deo as men-cionadas terras"*.

Há indícios de que, logo após a doação do famoso bandeirante Fernão Dias Paes Leme, os monges beneditinos começaram a canalizar os esforços necessários para o desenvolvimento de uma região pobre economicamente, pois não possuía nenhum atrativo mercantilista, ou seja, metais e gêneros tropicais co-biçados no exterior. Sendo assim, a comunidade beneditina tratou de tirar proveito das terras que lhe foram doadas, para tanto dispendeu em Agosto de 1687 *"quarenta e cinco varas de algodão a quatro vintens a vara para o provimento do gentio do Mosteiro e filhos rapazes que servem e os servos que estão no Tijucusú"*.

Nesta perspectiva, compete deixar claro que estes esforços pioneiros dos monges beneditinos culminaram com a construção de um forno e olaria no ano de 1730 na Fazenda de São Caetano do Tijucuçu que passou, a partir de então, a produzir telhas e tijolos.

Este fato deve ser visto como um verdadeiro marco da História da cidade de São Caetano do Sul, uma vez que a conduziu rumo à vocação industrial. Vale, assim, salientar que a Fazenda em questão era apenas, no período anterior à construção da olaria, uma fazenda de criação de gado. Sendo assim, pode-se afirmar que tal construção foi responsável por mudanças consideráveis na estrutura econômica da Fazenda de

São Caetano, mudanças estas que repercutiram também na organização social da mencionada Fazenda.

Quanto às mudanças observadas na estrutura econômica da Fazenda de São Caetano, por ocasião da construção da olaria, cumpre salientar que esta organizou a economia da aludida Fazenda de modo a criar condições para a venda dos tijolos e telhas produzidos por ela. Desta forma, despontaram como atividades econômicas complementares a criação de gado e a agricultura. O fato destas atividades terem sido destinadas à subsistência dos moradores da Fazenda de São Caetano determinou o caráter complementar das mesmas. A este respeito chegou a alertar José de Souza Martins que *a roça constituía uma economia complementar, comercializados apenas os excedentes eventuais não utilizados no próprio consumo de escravos, monges e empregados da Ordem.*

Os gêneros agrícolas cultivados nas terras beneditinas do Tijucuçu eram feijão, milho, mandioca para farinha, hortaliças e frutas como maçã, banana e laranja. Integravam também as atividades complementares da Fazenda de São Caetano o corte de lenha para os fornos da olaria e da cozinha, a extração de madeira para a construção de casas e carros de bois e, por fim, a extração de pedra para cantaria.

As considerações expostas acima ratificam a afirmação feita por Ítalo Dal'Mas a respeito da auto-suficiência da Fazenda beneditina em São Caetano do Sul.

No tocante às hortaliças, cumpre ressaltar que na Fazenda em questão havia uma grande plantação delas que era cercada e irrigada por um canal que trazia a água de quase um quilômetro e meio de distância. O famoso intelectual da região do ABC, José de Souza Martins, afirmou que o canal de esgoto que

atravessa o terreno da Eletropaulo na Rua Alagoas corresponde a um canal que fora aberto pelos beneditinos. Provavelmente, a abertura deste canal, cujos resquícios encontram-se na Rua Alagoas, deu-se entre 1750 e 1780, época em que as terras pantanosas do Tijucuçu foram drenadas pelos religiosos da Ordem de São Bento.

As iniciativas destes religiosos, no sentido de promover melhorias numa região de condições naturais adversas, comprovam o seu espírito empreendedor e, sobretudo, o seu desejo de superar as dificuldades impostas pela natureza.

Dom Joaquim G. de Luna afirmou o seguinte a respeito da atuação dos monges beneditinos nas suas fazendas: *(...) verá que não foi de pouca monta a contribuição que eles, com a cultura das terras (...), prestaram não só ao bem das almas, como também ao progresso material dessas regiões em que se achavam situadas, e mesmo ao bem do país em geral.*

Os religiosos transformaram matagais e charcos em campos ubérrimos, cobertos de searas, contribuindo assim para o bem estar da Colônia (...).

Quanto às hortaliças, cumpre, ainda, ressaltar que se destinavam à venda e também ao abastecimento do Mosteiro e seus benfeitores. Este fato, todavia, não retirou da olaria, construída em 1730 como já foi mencionado, a condição de principal fonte de receita da economia da Fazenda de São Caetano e no dizer de José de Souza Martins *uma das mais importantes fontes monetárias que a comunidade beneditina de São Paulo possuía (...).*

Um relatório sobre as fontes de receita da aludida comunidade, elaborado durante a administração do Abade Frei Bento da Graça Varejão, confirma a importância da atividade oleira da Fazenda de São

Caetano que aparece como a segunda maior fonte de renda dos beneditinos em tal relatório.

Estas são as fontes de receita nele descritas:

Renda em dois anos	
Renda da Sachristia	266\$580
Aluguéis de casas	282\$500
Juros	810\$520
Renda da olaria de S. Caetano	805\$800
Idem da de S. Bernardo	79\$040
Fóros	51\$955
Renda da oficina de ferreiro do Mosteiro	173\$535
Legumes da fazenda de Paraty	3\$700
Couros e carne	4\$320

No tocante à olaria, é importante ainda deixar claro que ela não se constituiu apenas na maior fonte de renda da economia da Fazenda de São Caetano, uma vez que foi também responsável pelas significativas mudanças que se verificaram no âmbito social do Tijucuçu. Tal afirmação torna-se plausível se for levado em conta que o surgimento, no interior da mencionada região, de uma sociedade organizada e hierarquizada encontra-se intimamente atrelado à construção da olaria.

O cenário social do Tijucuçu começou a sofrer profundas transformações a partir da introdução dos escravos de origem africana na Fazenda de São Caetano. Neste sentido, cumpre esclarecer que no período correspondente à formação desta Fazenda, ou seja, de 1631 até os primeiros anos do século XVIII, prevaleceu a mão-de-obra indígena. Este fato é compreensível na medida em que no período destacado não havia, ainda, uma atividade econômica de certo porte que pudesse justificar e, sobretudo, compensar o recurso à escravidão africana que movimentava um lucrativo tráfico através de uma soma considerável de capital. Sendo assim, pode-se afirmar que a introdução bem como o

crescimento da escravidão negra na Fazenda em questão foram ditados pela construção da olaria.

A partir de então, as atividades nela desenvolvidas passaram a exigir mão-de-obra especializada, o que acabou determinando o surgimento de um mestre oleiro na sociedade da Fazenda de São Caetano. Este, na condição de trabalhador livre e assalariado, não só orientava a atividade técnica da cerâmica como também fornecia ensinamentos aos escravos aprendizes de oleiro. Estes últimos, além do trabalho com a cerâmica, encarregavam-se também das atividades inerentes à agricultura e à criação de gado. O surgimento do feitor na comunidade beneditina de São Caetano justifica-se neste contexto, uma vez que lhe foi atribuída a supervisão dos trabalhos realizados pelos escravos. Por fim, vale ressaltar que a administração da Fazenda ficava a cargo de um padre-fazendeiro.

A EXPANSÃO DA ATIVIDADE OLEIRA E SUAS CONSEQUÊNCIAS - As considerações feitas acima a respeito das transformações sócio-econômicas verificadas na Fazenda de São Caetano a partir de 1730, ano da construção da olaria, permitem a seguinte conclusão: a atividade oleira tornou-se o centro vital desta Fazenda, uma vez que lhe concedeu um dinamismo e, sobretudo, uma organização nas esferas econômica e social nunca antes observada.

A importância da atividade oleira para a Fazenda de São Caetano fez com que tal atividade polarizasse as decisões administrativas nela verificadas. Enquadra-se, portanto, neste contexto a proposta de construção de uma segunda olaria na Fazenda beneditina de São Caetano feita pelo Abade José de S. Domingos ao Conselho do Mosteiro. A referida proposta en-



contra-se assim disposta no livro deste Conselho: *A 29 de abril de 1757 propôs ao Conselho o D. Abade a construção d' uma Segunda Olaria em São Caetano visto ser procurada na cidade a cerâmica alli feita, (...)*

A análise deste documento permite concluir que a procura pelos materiais de construção produzidos na Fazenda de São Caetano determinou a expansão da atividade oleira através da construção de uma segunda olaria. José de Souza Martins chegou a afirmar que esta assemelhava-se mais a uma verdadeira fábrica do que propriamente às *toscas construções que hoje denominamos olaria*.

A construção desta segunda olaria possibilitou à Fazenda diversificar sua produção que, a partir de então, passou a compreender não só tijolos de alvenaria, mas também lajotas, telhas, ladrilhos, telhões para canalização de água e louças vidradas como pratos, panelas, potes, bacias e alguidares, além de obras de arte.

Em decorrência desta diversifi-

cação da produção, um terceiro forno foi acrescentado ao conjunto da segunda olaria, que se localiza no terreno entre a atual Matriz Velha e o Rio dos Meninos.

No tocante ainda a esta verdadeira fábrica de materiais de construção e louças, cabe destacar que muitas das telhas nela produzidas foram, em 1792, empregadas na reforma do Palácio do Governo. Neste sentido, vale também ressaltar que no mesmo ano foram utilizados no Chafariz da Misericórdia telhões para canalização de água produzidos na Fazenda de São Caetano, de onde também saíram materiais que foram empregados nas construções de muitos edifícios da São Paulo colonial. Segundo Affonso de Taunay, encontram-se entre tais edifícios os conventos de São Francisco e de Santa Thereza, cujos religiosos solicitaram tijolos e telhas junto aos beneditinos, no que foram atendidos a 29 de Agosto de 1757. Em 1781, a Ordem Terceira da Penitência de São Francisco comprou 7.400 telhas da Fazenda de São Caetano para cobrir um sobrado que fora construído ao lado da Igreja de São Pedro, no Largo da Sé.

As considerações feitas acima remetem à questão de como os beneditinos transportavam os produtos de suas olarias para São Paulo. A forma por eles encontrada foi a de utilizar o Rio Tamanduateí, pelo qual passavam as canoas, remadas pelos escravos, contendo aqueles produtos. No período das cheias, aqueles religiosos utilizavam uma canoa grande de 10 metros de comprimento e no tempo da seca duas canoas pequenas eram por eles utilizadas. Os materiais contidos nestas canoas, antes de serem vendidos ou distribuídos, eram descarregados pelos escravos em Porto Geral.

Diante do exposto, pode-se afirmar que a expansão da atividade oleira na Fazenda de São Caetano

exigiu dos beneditinos algumas providências, como as referentes ao transporte e ao armazenamento dos materiais, providências estas que foram retratadas acima. Nesta perspectiva, cumpre ainda mencionar que a expansão da atividade em questão desencadeou também as relações comerciais entre a Fazenda de São Caetano e as demais regiões brasileiras. A este respeito chegou a afirmar José de Souza Martins que o material utilizado na fabricação de louças em São Caetano era proveniente do Rio de Janeiro. Sendo assim, constatou também o mencionado autor a existência de documentos de contabilidade que comprovam a compra de chumbo para vidragem da louça, tinta para decoração etc.

A expansão das atividades nas olarias da Fazenda de São Caetano chamou a atenção até mesmo do governador da Capitania de São Paulo, Morgado de Mateus, que assumiu em 1765. Este, segundo o famoso intelectual citado acima, chegou a enviar amostras dos materiais produzidos na fábrica oleira da aludida Fazenda ao rei de Portugal com o intuito de sensibilizá-lo quanto à *possibilidade de desenvolvimento de indústrias desse tipo aqui na área*.

Os esforços daquele governador foram, evidentemente, em vão, pois nenhum apoio fora concedido por Portugal às olarias situadas nas terras beneditinas do Tijucuçu. Esta negligência lusitana torna-se compreensível se for levado em consideração que, na época em questão, ou seja, na segunda metade do século XVIII, as iniciativas metropolitanas estavam única e exclusivamente voltadas para os grandes centros mineradores brasileiros.

Caio Prado Júnior faz relevantes considerações em sua obra *Formação do Brasil Contemporâneo* acerca das atividades ligadas às artes e à indústria.

Segundo ele, tais atividades, das quais fazem parte a olaria, a cerâmica, a tecelagem etc., disseminaram-se pelo Brasil durante o período colonial. O aludido autor, contudo, faz questão de deixar claro a insignificância destas atividades em relação à economia colonial, embora reconheça que as mesmas não podem ser ignoradas.

A insignificância atribuída pelo autor ora analisado às atividades concernentes às olarias, à cerâmica e à tecelagem, por exemplo, torna-se justificável diante da estrutura econômica vigente no Brasil-Colônia, cujas peculiaridades acabam por denunciar a razão de ser deste e, conseqüentemente, o seu sentido perante Portugal e o mercado externo.

O sentido da colonização européia, segundo Caio Prado Júnior, nas zonas tropicais da América, nas quais se insere o Brasil, reside no fornecimento de gêneros, como o açúcar, o tabaco, o algodão etc., e de metais preciosos, como o ouro, para o comércio europeu.

Estas considerações acabam explicando o porquê do caráter marginal da economia do Tijucuçu em relação aos empreendimentos metropolitanos, caráter este determinado não pela irrelevância de suas atividades, mas sim pelo fato de sua economia não compreender as riquezas acima elencadas, uma vez que se encontrava assentada na produção oleira.

FONTE

Acervo Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul:
MÉDICI, Ademir. "Martins na Inglaterra, pensando em São Caetano" in *Raízes*, nº. 10, P.M.S.C.S (Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul), Janeiro/1994.

BIBLIOGRAFIA

BAER, Werner. *A Economia Brasileira*. 1 ed. São Paulo: Nobel, 1996.
CHIAVENATO, Júlio José. *As Várias*

Faces da Inconfidência Mineira. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1992.

DA'MAS, Ítalo. *São Caetano do Sul e seus Fundadores*. São Paulo: Michalany, 1957.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 8 ed. São Paulo: Edusp, 2000.

FERLINI, Vera Lúcia Amaral. *A Civilização do Açúcar (Séculos XVI a XVIII)*. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. (dir.). *História Geral da Civilização Brasileira: A Época Colonial (Administração, Economia, Sociedade)*. Vol. 2. 7 ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 1993.

LAPA, José Roberto do Amaral. *O Sistema Colonial*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1994.

LODUCA, Wilson. *São Caetano: De Várzeas Alagadiças a "Príncipes dos Municípios"*. 1 ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

LOPEZ, Luiz Roberto. *História do Brasil Colonial*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

LUNA, Dom Joaquim G. de. *Os Monges Beneditinos no Brasil*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1947.

MAESTRI, Mário. *Uma História do Brasil Colônia*. São Paulo: Contexto, 1997.

MARTINS, José de Souza. *São Caetano do Sul em IV Séculos de História*. São Paulo: Saraiva, 1957.

MARTINS, José de Souza. *A Escravidão em São Caetano (1598 – 1871)*. São Caetano do Sul: Co-edição Associação Cultural Recreativa e Esportiva Luís Gama, Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção de São Caetano do Sul, CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação, 1998.

NOVAIS, Fernando A. *Portugal e Brasil na Crise do Antigo Sistema Colonial (1777–1808)*. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1985.

PIRATININGA JÚNIOR, Luiz Gonzaga. *Dietário dos Escravos de São Bento*. São Paulo: Hucitec, 1991.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo in Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro*. São Paulo: Publifolha, 2000.

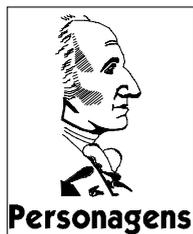
TAUNAY, Afonso de E. *História Antiga da Abadia de São Paulo (1598 – 1772)*. 1 ed. São Paulo: Typographia Ideal, 1927.

_____. *História da Cidade de São Paulo no Século XVIII (1765 – 1801)*. Vol. 2. São Paulo: Arquivo Histórico, 1951.

VIANNA, Helio. *História do Brasil: Período Colonial e Monarquia*. São Paulo: Melhoramentos, s.d.

(*)Cristina Toledo de Carvalho, é graduada em História pela Universidade do Grande ABC. Este artigo é parte integrante da Monografia *A Vida Econômica Marginal no Tijucuçu (1730-1792)*

Padre Ézio Gislimberti, figura importante da história religiosa local



Gislimberti, figura de grande importância na história religiosa de São Caetano do Sul. Trata-se de uma das últimas conferências do sacerdote que, quatro anos depois, veio a falecer.

Nascido na Itália, em 13 de Janeiro de 1914, o religioso chegou ao Brasil em 1934. Trabalhou em diversas localidades, inclusive em Goiás, mas boa parte da vida passou em São Caetano. Nos períodos em que esteve na cidade - pois houve intervalos -, destacou-se na prestação de serviços à comunidade. Com efeito, várias das atividades religiosas promovidas pelo então vigário da Paróquia Sagrada Família contribuíram para a integração social das pessoas. No intuito de aproximá-las umas das outras e conduzi-las à igreja, o clérigo italiano lançou mão da arte e do esporte.

Esses trabalhos sociais foram lembrados pelos entrevistados. A objetividade das perguntas, contudo, não tolheu a liberdade do padre em relatar, conforme lhe vinham à mente, suas experiências de vida. Tanto isso é verdade, aliás, que, antes de qualquer pergunta, Ézio Gislimberti lembrou a trajetória desde a Itália até o Brasil. Finalmente, indagado a respeito do que realizou no município, traçou, através das respostas, um panorama geral da atua-

ção da igreja junto à comunidade em sua época.

É esse relato que, apenas adaptado formalmente à revista e acrescido de algumas informações elucidativas, é apresentado, na íntegra, aos leitores.

Eu nasci em Trento, no dia 13 de Janeiro de 1914. Logo no mês de Agosto, meu pai foi chamado

para servir o governo austríaco na guerra então iniciada e, nesta guerra, ele faleceu. Minha mãe, então, ficou viúva. Eu ainda era muito pequeno e ela, sozinha, não podia cuidar de mim, porque devia se dedicar ao trabalho como doméstica numa família. Então ela me levou para a aldeia de Pressano, junto aos seus pais, meus avós. Lá eu fiquei durante vários anos, cursando a escola elementar até o terceiro ano. Depois, a mamãe me chamou novamente para Trento para que eu lá pudesse completar melhor os estudos, que na aldeia onde eu me encontrava não passavam do terceiro ano do grupo. Terminado o quinto ano do grupo, senti despertar em mim o desejo de me tornar sacerdote e missionário. Por isso, pela convivência que eu tinha com os padres estigmatinos que moravam perto da casa de minha mãe, eu resolvi entrar na congregação deles em Verona. Lá eu cursei os estudos preparatórios até o quinto ano do ginásio. Completado este estudo, vesti o hábito religioso, entrando no noviciado. Isto se deu no ano de 1929, no mês de Agosto. Depois de um ano de noviciado, em 1930 eu professei os votos, entrando definitivamente na vida religiosa, na congregação dos padres estigmatinos. Lá no seminário de Verona eu continuei os estudos de Filosofia (...) Três anos (...) Depois iniciei os estudos de Teologia (...) Um ano e meio mais ou menos (...) Logo depois de tudo isto, o superior, que queria dar à missão que tínhamos - a congregação aqui no Brasil - um sen-



Fundação Pró-Memória

Padre Ézio, em 1962, aos 48 anos de idade. Edição do Jornal do Lar na comemoração do jubileu de prata da ordenação sacerdotal do clérigo italiano

tido de maior força, decidiu que os primeiros clérigos brasileiros que estudavam em Roma, acompanhados por alguns clérigos italianos, viriam para o Brasil e em Rio Claro formariam o Seminário Filosófico e Teológico. E eu fui escolhido entre os clérigos italianos para acompanhar os clérigos brasileiros até o Brasil. Aqui no Brasil eu cheguei no dia sete de Novembro de 1934, e logo fui para o Seminário de Rio Claro (interior de São Paulo) para terminar os meus estudos teológicos. Lá, além de completar esses estudos, o superior do seminário quis que eu lecionasse, aos aspirantes da vida religiosa dos quarto e quinto anos do ginásio, o grego, matéria em que eu me sentia bastante forte, por tê-la estudado com bastante cuidado durante o meu tempo de filósofo e teólogo (...). Terminado o estudo da Teologia, em 1937, no dia 11 de Julho fui consagrado sacerdote pelo saudoso bispo de Campinas, dom Barretos. Como sacerdote, eu continuei em Rio Claro até o mês de Novembro, quando, como eu disse, o superior me destacou para auxiliar o padre Alexandre (Alexandre Grigoli) na Paróquia de São Caetano do Sul (Paróquia São Caetano, popularmente conhecida como Matriz Velha). Nesta paróquia, eu comecei o meu trabalho de sacerdote sob a orientação, graças a Deus, muito valiosa e preciosa do padre Alexandre, verdadeiro modelo de apostolado dentro da igreja. Em São Caetano, eu fiquei com o padre Alexandre, como coadjutor, até o mês de Dezembro de 1940, quando fui destinado pelos superiores para dar novo movimento à nossa missão em Goiás. Lá eu fiquei até o ano de 1942, quando, novamente, o superior quis que eu voltasse para São Caetano pa-



Padre Ézio, o primeiro à esquerda, ao lado do padre Alexandre Grigoli. Década de 40

Fundação Pro-Memória

ra continuar o meu trabalho de formação, no apostolado, junto ao mestre que era o padre Alexandre (...). Aqui (em São Caetano) fiquei, depois de tudo isto, mais alguns anos, até quando fui destinado novamente para o trabalho na Paróquia de Santa Cruz, na periferia do Rio de Janeiro (...). De São Caetano para esta paróquia eu sai no mês de Fevereiro de 1965. Em Santa Cruz fiquei até o ano de 1967, quando o superior me destinou para ajudar o meu colega, Padre Frederico Vetore, na Praia Grande, na formação da nova Paróquia de Santo Antônio. Lá, na Praia Grande, com o padre Frederico, fiquei somente uns meses, porque logo o padre Frederico quis que eu tomasse conta da localidade de Cidade Ocian (bairro do Município de Praia Grande), que estava começando a se formar e surgir como novo ambiente particularmente dedicado aos imigrantes nordestinos (...). Lá em Cidade Ocian, eu fiquei, desde o mês de Novembro de 1967 até o mês de Fevereiro de 1991, cuidando da formação da paróquia de Cidade Ocian, que levou o nome de Paróquia de Nossa Senhora das Graças (...). No meu trabalho na Cidade Ocian, posso contar (estão incluídas as seguintes reali-

zações) a construção da nova igreja, no lugar da antiga capela, e ao mesmo tempo a (construção da) nova igreja da localidade de Vila Caiçara, vila que crescia continuamente e precisava de uma igreja para poder reunir os fiéis que, durante esse tempo, tinham assistência de minha parte numa casa particular e num salão de baile (...). No ano de 1991, depois praticamente de ter ficado 25 anos em Cidade Ocian, o superior me destinou novamente, a título de descanso, por assim dizer, à Paróquia de São Caetano do Sul, alegando que eu já conhecia o ambiente e lá eu tinha bastantes amizades que poderiam me ajudar a passar os últimos anos de uma vida que já começava a sentir um certo cansaço (...). Aqui nesta paróquia (Paróquia Sagrada Família) onde o superior me colocou novamente, atualmente estou vivendo.

Ao fim do relato, os entrevistadores iniciaram o questionário. Buscando informações a respeito da primeira passagem do clérigo pela cidade, indagaram-no sobre as atividades religiosas no fim dos anos 30, período em que o padre pela primeira vez pisou em São Caetano.

Aqui, com o padre Alexandre,

nos primeiros anos eu trabalhei, a pedido dele, na Capela da Candelária. Também ajudava o padre rezando a missa das dez horas na Matriz Velha (...) Eu cuidava, ao mesmo tempo, da formação das crianças, através da Cruzada Eucarística. Durante esse tempo, o padre Alexandre continuava o trabalho da construção da igreja (Paróquia Sagrada Família), auxiliado muito por aquele irmão coadjutor, cuja lembrança os (habitantes) de São Caetano também não deveriam esquecer: irmão Domingos Valzachi, que tanto trabalhou, ao lado do padre Alexandre, arrecadando o necessário para poder continuar as obras da construção, naquele tempo dirigidas pelo falecido Giorgetti (...) Durante este tempo, depois que a igreja já tinha completado a sua forma exterior e interior, o padre Alexandre quis iniciar a decoração e convidou o sr. Pedro Gentili e seu irmão Ulderico Gentili para pintar a via-sacra, que tão bem está ornando as paredes da igreja (...) Via-sacra em tamanho natural (...) Ao mesmo tempo, o padre Alexandre quis que eu fosse procurando alguns terrenos em que mais tarde poderiam ser construídas capelas em benefício dos fiéis da comunidade (...) Depois que o padre Alexandre foi embora, tendo em minhas mãos já esses terrenos, iniciei o trabalho de construção da Capela de São João Baptista que, inicialmente, teve o nome de Capela de Santa Joana D'Arc, na Vila Paula. Depois cuidei da construção da capela da Vila São José (...) E também, depois de ter encontrado uma boa comissão encabeçada pelo sr. Luiz Emiliani, dei início à construção da capela, hoje transformada em Igreja Paroquial de Vila Barcelona (...) Depois de todo esse trabalho, que

continuei completando também com o apostolado junto aos fiéis (levando em paralelo as duas atividades), fui destinado, como disse, no mês de Fevereiro de 1957, para a nova paróquia de Praia Grande e Cidade Ocian. Nesta paróquia, fiquei quase 25 anos, voltando depois para São Caetano como aposentado.

No intuito de visualizar com



maior amplitude uma determinada época, buscou-se saber do entrevistado como era o ambiente da cidade quando ele assumiu a direção da Paróquia Sagrada Família.

A Paróquia da Sagrada Família foi entregue em minhas mãos quando da volta do padre Alexandre para a Itália, em 1945, no mês de Março (...) Eu participei do movimento da autonomia, embora de uma maneira um tanto limitada para não dar na vista e a fim de que não dissessem que o padre estava se intrometendo em questões políticas. Mas sempre eu dei o meu apoio e, com grande satisfação, lembro o dia em que a

comissão da independência de São Caetano, do Município de Santo André voltava com o decreto favorável da Câmara (Assembleia Legislativa) Estadual de São Paulo, à tardinha, encabeçada pelo falecido dr. Pellegrino (Ângelo Raphael Pellegrino, primeiro prefeito da cidade). Recebi essa comissão, na porta da igreja, mandando tocar os sinos como ato de agradecimento (...) Depois fui convidado para participar do início dos trabalhos para a construção do Hospital de São Caetano (Hospital São Caetano, localizado na Rua Espírito Santo) (...) Me parece que quem me convidou foi o sr. Neves (Luiz Rodrigues Neves), pelo falecido Thomé (Walter Thomé), pelo dr. Pellegrino, pelo sr. Giacomo Benedetti, por dona Mafalda Lorenzini e mais algumas outras pessoas cujos nomes no momento não me vêm à memória (...) A primeira pedra do Hospital São Caetano foi presenciada por mim (a colocação da pedra simbolizava o início das construções), não me lembro a data, mas lembro que foi colocada pelo bispo dom Jorge (isso aconteceu no dia sete de Dezembro de 1947. Na verdade, padre Ézio refere-se erroneamente a dom Jorge, que só chegaria a Santo André em 1953. O bispo que participou da cerimônia foi monsenhor Rollin Loureiro) (...) Ao mesmo tempo, também, fui convidado, pelo sr. Laranjeira, para benzer a primeira pedra do atual Hospital da Beneficência Portuguesa, na Rua Nossa Senhora de Fátima (...) Ao mesmo tempo, com o sr. Giacomo Benedetti, terminamos a construção da Igreja Nossa Senhora da Candelária, que logo na chegada do bispo dom Jorge foi declarada paróquia e destacada da Paróquia Sagrada Família (...) Termi-



Padre Ézio sempre se prontificou a benzer as instalações de estabelecimentos comerciais inaugurados na cidade. Foi o caso da Loja Copagel, na Rua Manoel Coelho (década de 60)

nada a construção da Capela de São José e de Vila Paula, ao mesmo tempo comprei o terreno onde atualmente existe a Igreja de São Bento, no Bairro Olímpico (...) De outras atividades, no sentido material, posso dizer que fiz o possível para acompanhar as atividades dos moços da Congregação Mariana, fundando a Cruzada Eucarística com o seu setor esportivo.

Padre Ézio, ao ser perguntado sobre o setor de futebol da Cruzada Eucarística, acrescentou: *É porque eu gostava de futebol (...) E também, para fazer com que a criançada que o padre Alexandre me tinha confiado quando coadjutor (quando padre Ézio era coadjutor), no velho e antigo pátio da Matriz, fosse atraída mais facilmente para o estudo do catecismo, cuidei de dar movimento a um pequeno cinema e, ao mesmo tempo, ao jogo de futebol com a criançada.*

Na seqüência, os entrevistados abordaram como tema o Instituto de Ensino Sagrada Família. *O padre Alexandre, durante o seu período de trabalho, deu início à escola paroquial, que naquele tempo recebeu o nome de São José, tendo como seu primei-*

ro diretor o sr. Verino Segundo Ferrari, auxiliado pelo sr. Giácomo Benedetti, por dona Leonor Fiorotti, por dona Bernardette Mauer (...) Dona Fiorotti e dona Bernardette, quando assumiram o trabalho como professoras da escola, tinham acabado a própria missão como professoras na escola profissional do Brás (...) Depois que o padre Alexandre foi embora, me veio o pedido do sr. Verino Ferrari, de Giácomo Benedetti e do falecido Eugênio Voltarelli e iniciou-se a construção da escola e ginásio da Sagrada Família (...) Teve um início um tanto dificultoso, mas, graças à boa vontade, ao esforço e ao trabalho do sr. Eugênio, do sr. Ferrari e do sr. Giácomo Benedetti, teve um desenvolvimento bem satisfatório e ainda agora continua dando à mocidade de São Caetano a possibilidade de estudo e de formação.

Outro assunto abordado na conversa foi o das congregações religiosas então existentes na cidade. *Com o movimento de pastoral na igreja matriz (Paróquia Sagrada Família, conhecida como Matriz Nova) e na Matriz Velha (foram surgindo as congregações) (...) Nas capelas existiam a*

*Congregação Mariana dos Moços, a Pia União das Filhas de Maria, a Irmandade da Nossa Senhora do Carmo, a da Nossa Senhora do Rosário, e a do Apostolado da Oração (...) E, para os homens, um movimento muito valioso: a Liga Católica Jesus, Maria, José, que foi inicialmente dirigida pelo sr. Miliani, auxiliado pelo João Paulo, da Vila São José, e pelo sr. Milani, de Vila Barcelona (...) Entre os presidentes da Congregação Mariana, quero lembrar, com sentimento de gratidão e ao mesmo tempo de saudade, o sr. João Molinas, o sr. Borges (José Borges), Acácio Montini, dr. Manuel Novaes e o Benedito Pavani (...) Foi também, durante este meu período de vigário, formado um movimento operário da JOC, a Juventude Operária Católica, (...) Outros movimentos no momento não me vêm à memória. Sobre a atuação desses movimentos na igreja, o clérigo comentou: *Eram movimentos que se realizavam com a ajuda de tantos leigos bons, cujos nomes alguns eu lembrei nesta gravação, mas também pelo apoio dos padres que comigo trabalhavam como coadjutores, lembrando, entre eles, o falecido padre Arthur de Vigili, Luciano Del Zopo, Carlos Mazzieri, João Avi, Aldo Belli, Hélio Pascal, atualmente bispo na Bahia, e Antônio de Souza, atualmente bispo de Assis. Estes foram os padres que, ao meu lado, mais cooperaram no trabalho do apostolado junto às famílias, ao povo, e aos fiéis de São Caetano do Sul.**

Iniciativas culturais, como o incentivo à arte dramática, também integravam a programação da igreja. Padre Ézio discorreu sobre o assunto. *Quando terminei a construção da escola, para con-*

tinuar o que o padre Alexandre com tanto cuidado gostava de realizar fundei o salão paroquial, ao qual dei o nome de Salão Paroquial de São Caetano. Neste salão continuamos o trabalho dramático com teatros e apresentações (...) Lembro ter realizado uma com a presença daquela cantora, Inezita Barroso, e também lembro da realização de uma pequena ópera, com aquela menina (Gianella De Marco) que era mestra de trabalho musical de óperas (...) Durante esse tempo, também, tive a sorte de poder hospedar em nossa paróquia, na

festação de canto religioso na igreja. Eu, de boa vontade, aceitei, e lembro que esta atuação dele com cânticos religiosos na igreja se deu na ocasião da primeira comunhão da criançada de São Caetano, o ano não me lembro (sete de Outubro de 1951), mas está marcado no Livro de Tombo da paróquia. Nesta ocasião, as crianças deram, como ato de gratidão, ao Begliamino Gigli, um cartão de prata.

Após o comentário sobre a vinda do artista italiano à cidade, padre Ézio continuou a falar sobre teatro. Abordando as ativida-

se tempo, era o falecido Ulderico Gentili, que cooperou muito na pintura da igreja e em sua decoração, acompanhando o trabalho das pinturas do irmão Pedro.

No tocante aos responsáveis pela pintura da Paróquia Sagrada Família, padre Ézio Gislimberti adicionou: *Dos pintores que o padre Alexandre convidou, o sr. Pedro Gentili morava em São Paulo e o irmão dele, Ulderico Gentili, morava em Assis (interior de São Paulo). Mas, nessa ocasião, o sr. Pedro vinha todas as manhãs para trabalhar, e o irmão dele, sendo que a família morava distante, ficou morando conosco em uma pequena sala, logo na entrada da igreja - que depois foi sede da Congregação Mariana e atualmente é oficina de trabalho de roupas para os pobres (...) Quero lembrar, também, entre as pessoas das quais recorro com sentimento de gratidão e saudade, do Porta-Aberta (Olívio de Carvalho, mendigo e alcoólatra recuperado por padre Ézio), que eu recolhi numa noite de inverno. Eu o encontrei, nessa noite, quando eu voltava da reunião do Círculo Operário, deitado na porta da igreja sem sequer um simples cobertor para se defender do frio daquela noite de inverno. Eu o recolhi e o coloquei no depósito onde tinham os sacos de cimento da construção da Escola Paroquial. No dia seguinte, eu chamei o dr. Souza Voto para uma visita, porque ele (o mendigo) estava muito enfraquecido e, desde aquele tempo, o Porta-Aberta sempre ficou comigo. Mesmo depois que eu saí de São Caetano, ele continuou ajudando na limpeza da igreja até a sua morte (...) Quero lembrar também que o terreno onde atualmente existe a Igreja da Sagrada Família foi oferecido pelo falecido Baraldi. O*



Padre Ézio abençoa as instalações do supermercado Lev-Pag, junto com o prefeito Hermógenes Walter Braido. Década de 60

igreja e em casa, com um pequeno almoço, aquele grande cantor que foi o Begliamino Gigli, que deixou escrito, no Livro de Tombo, algo a respeito do trabalho dos padres e da cidade de São Caetano do Sul. Sobre a vinda do renomado cantor italiano a São Caetano, o ex-vigário da Paróquia Sagrada Família esclareceu: *Begliamino Gigli veio aqui em São Caetano a convite do grande amigo dele, amigo que ele tinha conhecido em Roma, padre Luiz Benedetti. O padre Luiz Benedetti perguntou para mim se eu estava disposto a receber o sr. Begliamino Gigli para uma mani-*

des dramáticas por ele coordenadas, rememorou: Foi por assim dizer o primeiro teatro depois daquele que, no antigo Clube Ideal, era dirigido pelo pai do falecido vereador Concetto Constantino, Matheus Constantino, e outros. Agora, no teatro de São Caetano, aqui na paróquia, no Salão Paroquial, quem trabalhou muito na sua atividade foi o sr. Acácio Montini, o irmão dele, Mário Montini, o Paulo Domingues, o sr. Borges e tantos outros (...) Mas era um verdadeiro grupo, unido, esforçado e que passava muitas horas à noite nos ensaios. Quem cuidava dos cenários, nes-

terreno onde foi construída a Escola Sagrada Família e o Salão Paroquial foi doado pela sra. Ambrozina Prestes (...) Durante o tempo de vigário, também, a pedido do bispo iniciei os trabalhos do Lar Menino Jesus, numa casa alugada na Rua Roberto Simonsen, que naquele tempo antigo era chamada de Rua Santo Antônio.

Quanto à movimentação em prol da construção da Paróquia Sagrada Família, o sacerdote fez o seguinte comentário: *Para o trabalho de construção da igreja, todas as irmandades cooperaram através de rifas e de quermesses que se realizavam sempre no mês de Junho, na ocasião da festa de Santo Antônio. Inicialmente se davam no pátio interno e no velho salão da paróquia, passando depois para a praça (Praça Cardeal Arcoverde), cedida gentilmente para este trabalho pelo primeiro prefeito de São Caetano, dr. Pellegrino. Depois voltou novamente a quermesse a ser realizada no pátio interno e no velho salão paroquial. Mas posso dizer que realmente as irmandades religiosas foram verdadeiras cooperadoras no trabalho da construção da igreja, com uma dedicação para com a qual eu devo sentir profunda gratidão (...) Quando a igreja foi inaugurada, quando tinha começado o seu movimento, eu ainda me encontrava como clérigo, prestes a ser ordenado sacerdote em Rio Claro. Mas, depois, quando veio o sr. bispo dom Jorge, a Matriz Nova foi separada da Matriz Velha (padre Ézio novamente se confunde, visto que o bispo Jorge Marcos de Oliveira chegou a Santo André somente em 1953). A Matriz Velha, por ser, por assim dizer, a igreja mãe de São Caetano, foi constituída, nessa ocasião, como paróquia sepa-*

rada da Paróquia da Sagrada Família (...) O primeiro vigário foi um padre lituano (Casemiro Milauskas).

A partir desse momento, padre Ézio passou a tecer comentários sobre suas impressões quanto à religiosidade local – em seu tempo e atualmente –, a respeito da própria experiência de vida e a propósito de acontecimentos da época.

Bem, a data mais marcante em minha vida religiosa foi quando, em 1924, no mês de Setembro, entrei no seminário. Depois, quando, no mês de Agosto, dia 15 de

mais. Depois, o meu trabalho em Santa Cruz, no Rio de Janeiro, na periferia, particularmente cuidando da capela da localidade de Sepetiba. Depois novamente a minha volta para São Caetano, de onde em seguida saí, a pedido do superior, para a formação da nova Paróquia de Santo Antônio, Praia Grande, precisamente em Cidade Ocian e Vila Caiçara (...) Olha, a diferença da atuação da comunidade na igreja, na minha época e agora, para mim se manifesta um tanto grande por causa das novidades introduzidas pelo Concílio do Vaticano II. Mas



Agosto de 1929, fui colocado no noviciado, vestindo o hábito religioso. No ano seguinte, em 1930, no dia 16 de Agosto, a minha primeira profissão religiosa com os votos. Depois, a minha vinda para o Brasil, em Novembro de 1934. Depois, a minha primeira passagem como coadjutor, em São Caetano, durante dois anos e tanto. Depois o meu trabalho na cidade de Ipameri, em Goiás, cidade que, pouco depois da minha saída, foi constituída em diocese (circunscrição eclesiástica sob a jurisdição de um bispo). O meu trabalho de novo, na volta de São Caetano, durante alguns anos a

posso dizer que, durante o meu tempo como coadjutor do padre Alexandre, e depois como vigário também, o movimento religioso na cidade sempre foi marcante pelas atividades das irmandades religiosas, pela freqüência (muitas pessoas iam à igreja) da igreja e particularmente pelo trabalho junto aos homens, pessoas adultas, e junto às comunhões pascais, que se realizavam sempre na noite do Domingo de Ramos, como por exemplo a Comunhão Pascal dos Homens (...) Havia também o movimento das outras comunhões pascais: a das crianças e as que existiam nas várias

escolas das moças e dos moços (...) Lembro também da inauguração da estátua de São Caetano na Cerâmica São Caetano, dirigida naquele tempo pelo falecido dr. Vítor Simonsen, que era irmão do dr. Roberto Simonsen (Vítor Simonsen, em realidade, era filho de Roberto Simonsen. Na ocasião da construção da estátua, no ano de 1948, Vítor estava vivo e seu pai já havia falecido). Cooperou também neste trabalho o falecido dr. Armando de Arruda Pereira (Armando de Arruda Pereira faleceu em 1955) (...) Havia comunhões pascais nas várias fábricas (...) Particularmente me lembro da Cerâmica São Caetano, da Fundação de Ferro e Aço, na Rua São Francisco, e da ZF (...) Também trabalhávamos nas comunhões pascais sempre muito bem freqüentadas da Matriz Velha e na ocasião das festas de São Caetano, que tinham a cooperação, graças a Deus, do falecido dr. Matarazzo, o velho Francisco (...) Havia comunhão pascal também na fábrica Adelina (Louças Adelinas), na Fábrica de Chocolates Pan, do dr. Falchero (Oswaldo Falchero) (...) Isso praticamente é o que me vem à memória atualmente (...) O Círculo Operário foi fundado (...) por aquele que foi também vice-prefeito de São Caetano, João Tessarini, e por outros moços cujas idéias eram um tanto esquerdistas e que eu procurei melhorar fazendo com que as atividades não fossem simplesmente dirigidas no sentido político, mas também no sentido religioso, de assistência aos operários (...) Quando retornei a São Caetano (depois da estadia em Praia Grande), tudo estava muito mudado. Antes de tudo, quando eu vim (pela primeira vez), as únicas ruas calçadas eram as ruas

Francisco Matarazzo, a Goiás, a Amazonas e a Baraldi (...) Calçadas só estas, o resto era tudo terra ainda (...) Vi São Caetano crescer, e nestas ruas de terra eu andei bastante de bicicleta. Depois, para evitar maiores esforços, de motocicleta (...) Se a vida era mais difícil naquela época? Acho que não! Porque nós, os padres estigmatinos, fomos acostumados a um espírito de sacrifícios e a não querer ser demasiadamente importantes e grandes, lembrando o lema do nosso fundador.

Perguntado sobre quais haviam sido os acontecimentos religiosos mais importantes da Paróquia Sagrada Família, respondeu: Os acontecimentos de que eu me lembro com uma certa importância é (sic) quando foi inaugurado o pavimento de ladrilho da igreja matriz, ladrilho doado pelo dr. Simonsen (...) (Lembra-se dos) movimentos das festas de São Caetano na Matriz

Velha, festas sempre bem movimentadas, (freqüentadas) pelo Júlio Marcucci, pelo Garbelotto (Arthur Garbelotto), pelo Cavassani e outros (...) Também lembro, como data importante, a inauguração da paróquia pelo falecido doutor e bispo José... (José Tondim), que foi sucedido pelo bispo Agnello Rossi (...) (Lembra-se) do altar construído pela firma Garbarino, que ainda tem oficina de trabalho de marmoraria na frente do Cemitério São Caetano (...) A inauguração, pelo padre Gino Sorgon, do altar de São Caetano, na Matriz Velha, altar que foi fruto do trabalho de uma quermesse.

A Matriz Velha, aliás, foi o tema dos últimos momentos da entrevista. A paróquia foi fundada, em 1924, a pedido do falecido dom Duarte Leopoldo e Silva, e os nossos padres sucederam o sempre lembrado padre Capra (Luiz Capra) (...) O primeiro vigário da paróquia foi o padre Pelanda (João Pelanda) (...) Logo quando o padre Pelanda voltou para a Itália, o lugar como vigário foi ocupado pelo padre José Tondim. Quando o padre José Tondim foi removido para Rio Claro, para dar início à construção do seminário, o padre Alexandre o sucedeu como vigário. Mas a paróquia foi fundada no mês de Dezembro de 1924 (...) O Livro de Tombo da paróquia, com as datas mais importantes, se encontra na secretaria da paróquia atual (Paróquia Sagrada Família), aos cuidados do vigário atual (...) O vigário é sempre obrigado, todo ano, a marcar as datas mais importantes dos movimentos religiosos e dos movimentos da própria paróquia (...) O que mais eu posso dizer? Posso dizer que aqui em São Caetano eu passei



No início dos anos 60, padre Ézio abençoou as instalações da Paróquia São João Batista, na Rua Piauí, atual Bairro Santa Paula

Fundação Pro-Memória

uma grande parte da minha vida como sacerdote, e nesta cidade, pela bondade do falecido prefeito Anacleto Campanella, fui também escolhido como cidadão honorário, título do qual realmente me orgulho, porque tenho muito afeto e consideração por

esta terra (...) Foi esta terra que me ajudou a dar início a meu trabalho como sacerdote, logo no ano de 1937, como disse, no mês de Novembro, quando aqui cheguei como “padrinho novo”, ainda inexperiente, mas que sob a batuta do padre Alexandre, que

era um verdadeiro mestre do apostolado, consegui, graças a Deus, completar a minha formação, dando tudo isto graças a Deus, nosso senhor (Pesquisa e texto realizados pelo Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória).

Padre Êzio Gislimberti na lembrança de Geraldo Braido

A cidade de São Caetano do Sul está de luto, bem como todas as pessoas que com Êzio Gislimberti conviveram na década de 40. Um padre amigo, conselheiro, brincalhão e, especialmente, um esportista nato. Aos domingos, após a missa, gostava de se reunir com as crianças e adolescentes no Salão Paroquial da Igreja Matriz Velha (Paróquia São Caetano), no Bairro da Fundação. E foi lá que, no dia primeiro de Maio de 1939, juntamente com aqueles meninos, fundou o Cruzada Esporte, cuja finalidade era manter, sempre unidos, aqueles rapazes que iriam fazer parte do clube e da congregação Cruzada Eucarística.

Lembro-me de que ele organizava as reuniões e sempre defendia a tese de que, para jogar futebol no Infantil Cruzada, o candidato tinha que fazer parte da Congregação Cruzada Eucarística e assistir às missas, servindo primeiro a Deus e só depois sendo liberado para as brincadeiras e o futebol. Era um

homem de Deus, sempre pronto para qualquer eventualidade, benquisto por todos os fiéis, reverenciado por onde passava e, como brincalhão que era, sabedor de algumas pequenas anedotas.

Não parava. Certa vez, reuniu a diretoria do Cruzada e promoveu um piquenique, em Ribeirão Pires, no sítio de Francisco Garbelotto e Estefano De Nardi. Lá organizou disputas de diversas modalidades de esportes, entre

elas: futebol, peteca, vôlei feminino. Ele próprio jogava damas e pingue-pongue, já que o sítio oferecia recursos para tudo isso. Como esse piquenique deu certo, não parou por aí, repetindo-se diversas vezes ao longo dos anos.

Mas a inveja de alguns, que não suportavam ver esse padre tão ativo, amado por todos, desde crianças até adultos, privou-nos de sua companhia, enviando-o ao Rio de Janeiro (depois foi para a Praia Grande). Na década de 90, retornou a São Caetano do Sul, já abatido, sem mais aquele entusiasmo que lhe fora tirado em 1964.

Que pena que o tempo foi tão veloz. Talvez não tenhamos podido desfrutar por completo de todos os ensinamentos, do amor e da amizade do santo padre Êzio. Que Deus o tenha recebido em sua gloriosa mansão!

Em tempo: Nos passeios, quando se jogava futebol, padre Êzio atuava como centroavante. E era excelente jogador.

Grupo de jovens da Cruzada Eucarística em excursão a Ribeirão Pires, organizada pelo padre Êzio. Agachados, da esquerda para a direita: padre Êzio, Otávio Cavana, Eurico Rossi, Sebastião Rossi e Jorge Tomini



Geraldo Braido



Em 23 de Agosto de 1942, no Campo do São Caetano Esporte Clube, foi realizado o jogo Juvenil Cruzada X Juvenil Juventus, com o resultado de 1X1. Em pé, da esquerda para a direita: Tião, Vicente, Tito, Rico, Cavana e Geraldo Braido. Agachados: Nino, Néelson, Orlando, Rinaldo e Daniel. Mascote: Pedrinho

Geraldo Braido



Walter Guimarães em depoimento à Fundação Pró-Memória

Fundação Pró-Memória

Um baiano alegre e feliz em 55 anos de São Caetano do Sul

A figura de Walter Guimarães é muito popular em São Caetano do Sul. Este baiano de Senhor do Bonfim, 78 anos de idade, chegou aqui em 1944, trabalhou nas Louças Cláudia, se envolveu com agitações trabalhistas na década de 50, foi preso, perdeu o emprego, se envolveu com o PTB, depois na facção PDT, foi proprietário do lendário Bar Senadinho, na esquina da Avenida Goiás com a Rua Manoel Coelho. Hoje, aposentado, ainda recebe os amigos na lanchonete Irmãos Guimarães, que dirige com o seu irmão caçula, Cândido Guimarães. É conhecido de todos os políticos da cidade, tem uma enorme legião de amigos, é pai de Ana Maria Guimarães, diretora da Biblioteca Municipal Paul Harris. Prestou depoimento à Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul em 23 de Agosto de 2002.

Nasci dia 25 de Julho de 1924, em Senhor do Bonfim, Bahia. Meu pai: João Guimarães Filho, minha mãe: Ana Guimarães Ribeiro. Eu vivi lá até 1948 e tenho mais quatro

irmãos: José Mário Guimarães, Antenor Guimarães (falecido), Francisco Guimarães, Domingos Guimarães (funcionário da Prefeitura) e o caçula Cândido Guimarães, que trabalha comigo no bar da passagem subterrânea da Estação Ferroviária de São Caetano. Cheguei em São Caetano em 1944, completando meus 20 anos de idade em São Caetano. Lá na Bahia meu pai tinha uma fazenda perto de Monte Santo. Tem até hoje. Minha mãe faleceu muito nova, aos 40 anos, uma perda terrível, e nós todos trabalhávamos na fazenda que tinha muito gado. Chegamos a ter uma base de 50 a 60 vacas de leite, plantações de propriedade de cada irmão, cada um tinha uma roça. Éramos todos solteiros. Com a morte da minha mãe, meu pai cismou de casar novamente e eu percebi que não daria certo a minha permanência por lá. Então resolvi sair e vir tentar a sorte em São Paulo. Meu pai criou outra família, teve cinco filhos com a minha madrastra, e todos estão aqui em São Paulo, me-

nos a irmã caçula que eu ainda não conheço, pois a última vez que estive lá foi em 1953. Meu pai faleceu em 1985, com 87 anos de idade. A primeira fonte de água lá da fazenda foi eu que cavei: cismei que tinha água lá e não deu outra.

Em 1944, no dia 30 de Julho, resolvi sair da fazenda. Meu pai casaria pela segunda vez em Setembro daquele ano. A viagem para São Paulo foi triste, misturou tudo, metade de ônibus, de trem e caminhão, e levei 14 dias para chegar aqui. Saí de lá dia 30 de Julho, cheguei aqui dia 14 de Agosto. Passei por Montes Claros, Minas Gerais, onde peguei o trem da Central do Brasil. Vim direto para São Caetano porque meu irmão, o mais velho, trabalhava na Aço Villares, onde se aposentou depois de 35 anos de trabalho. Moramos juntos na Rua Serafim Constantino, em frente à estação ferroviária. Naquele trecho da rua existia a pensão da dona Joseffa, no nº 27, onde morei dez anos.

Só saímos desta pensão para casar. O começo em São Cae-

tano foi difícil. Comecei a trabalhar na Laminação Nacional de Metais, em Utinga, Santo André, onde fiquei por 15 dias e saí. Eu estava assustado com o trabalho de mexer com ácidos e outros produtos químicos. Saí de lá e no dia 15 de Setembro já estava trabalhando na Mata-razzo, na Fábrica de Louças Cláudia.

No começo, meu trabalho era carregar os fornos com carvão de pedra, serviço muito pesado, até que o sr. João de Mello, um paulista muito bom, me passou diretamente para os fornos, onde fiquei oito meses e fui promovido a fogaista. E não precisava mais ficar empurrando os carrinhos de material. Apenas controlava a temperatura dos fornos e neste serviço fiquei dois anos e pouco, até que um engenheiro chamado Damoro me ofereceu um trabalho nas prensas de azulejos. Fiquei prensando azulejo por um ano e meio, só trabalhando à noite (das 22h00 às 6h00), e já estava ficando meio encarregado daquilo tudo lá. Nessa época eu sentia falta de estudo e então ingressei na Brasil Unido, entidade que se dispunha a alfabetizar os imigrantes para melhor prepará-los para o mercado de trabalho. Depois ingressei na escola de mecânica, na Rua Heloísa Pamplona, chamada Escola Técnica Santo Antônio, no andar superior da Padaria Marchigiana, dirigida pelo ex-vereador Anacleto Pires. A Louças Cláudia se modernizou nessa época, recebendo equipamento da Alemanha, que prensava dois azulejos por vez em vez de um. Nessa seção trabalhei muito tempo, porque o chefe, o sr. Ortega, era muito meu amigo. E tinha também um en-

genheiro alemão, muito legal. Era eu que o levava para conhecer os bares e restaurantes em São Paulo.

Em 1953, estourou uma grande greve em São Paulo e São Caetano. Me atingiu diretamente porque eu era ligado ao Sindicato dos Ceramistas de São Paulo. Em São Caetano ainda não havia o sindicato local. Acabei sendo preso por 21 dias e fui levado para o DOPS (Delegacia de Ordem Política e Social). Quando descii para a estação ferroviária, o trem estava atrasado. Resolvi tomar um aperitivo no bar do ex-vereador Oswaldo Martins Salgado, na Rua Heloísa Pamplona, e tomei voz de prisão. Era mais ou menos 7h30 da manhã. O prefeito Anacleto Campanella ficou sabendo da minha prisão, mas não resolveu nada. Aqui na delegacia de São Caetano, eu apanhei porque reagi quando o delegado xingou a minha mãe.

Dentro do DOPS ficaram com o meu dinheiro, meu relógio, e ali fiquei isolado, comendo repolho refogado, num quar-

tinho minúsculo com mais de 12 presos políticos. No meu último dia de prisão, saí do DOPS sem dinheiro para a condução. O delegado teve que me emprestar dinheiro pra tomar o trem.

Eu, nessa época, não tinha idéias políticas de esquerda e freqüentava, na Rua 28 de Julho, um bar chamado Arara Vermelha. Mas era muito amigo do Pedro Daniel, este sim um grande líder sindical ligado ao Partido Comunista Brasileiro. Com esta confusão toda, nós aqui em São Caetano resolvemos fundar um sindicato aqui na cidade, da construção civil. Depois da minha prisão, o meu emprego balançou, mas continuei trabalhando na Louças Cláudia. Houve uma reunião em que não foi fácil entregar ao Secretário do Trabalho uma lista de mais de 1600 assinaturas para a criação desse sindicato.

A abrangência na região, até então, era de um sindicato só, localizado em Mauá, dirigido por Sérgio Viola. A gente queria desmembrar o Sindicato dos Ceramistas do Sindicato da



Walter e seu irmão Cândido, na Lanchonete Irmãos Guimarães

Fundação Pró-Memória

Construção Civil(...). Em outra oportunidade fui muito ajudado pelo Joaquim Jácomo Formiga, pelo deputado Gastone Righi, que fez um pronunciamento a meu favor na Câmara Federal para que eu pudesse receber todos os meus direitos trabalhistas, do Matarazzo.

A minha ligação partidária com o PTB vem destas amizades. Inclusive o Gastone Righi era pra ser o padrinho de casamento da minha filha, mas como ele apoiava o Jânio, fiquei com raiva e cortei as relações de amizade com ele.

Já estava ficando cansado da agitação trabalhista, mesmo assim, continuei trabalhando para as férias de 30 dias, 13º salário. Pichava muros até ser preso pichando os muros da Laminação São Francisco. Fiz discursos para até mil pessoas nas portas das fábricas.

Na década de 60, me envolvi mais na política partidária do PTB do que nas agitações ideológicas do Partido Comunista. Fui demitido da Louças Cláudia em 13 de Fevereiro de 1967.

Encerrei a minha carreira de trabalhador industrial e iniciei

a vida comercial arrendando um bar na Vila Alpina, em 10 de Março, na Rua Manderá, antiga Rua 2, Bar da dona Carmem, por um ano. Quando foi no dia 17 de Janeiro de 1968, mudei para o bar da Avenida Goiás, esquina com a Rua Manoel Coelho. O prédio do bar pertencia ao senhor Garrido, casado com a dona Heloísa Campanella, que era irmã do prefeito Anacleto Campanella.

Este bar ficou famoso como Senadinho, porque era muito freqüentado pelos políticos de São Caetano e também porque funcionava 24 horas por dia, com exceção do dia primeiro de Janeiro e dia de Natal. O prédio do bar foi demolido com a duplicação da Avenida Goiás e o bar ficou no salão ao lado, que era uma barbearia. Junto comigo ficou o meu irmão caçula, o Cândido, e até hoje trabalhamos juntos na lanchonete Irmãos Guimarães, na passagem subterrânea da Estação Ferroviária. A fama do bar se deveu aos políticos que o freqüentavam, pois todos os eventos políticos de São Caetano, de

1968 pra cá, repercutiam no bar. Inclusive a campanha do prefeito Raimundo da Cunha Leite, as "diretas já", as fofocas de um modo geral dos vereadores, a atuação política dos prefeitos e tudo que se referia aos partidos em geral. Nunca deixei o PTB, mesmo quando aconteceu aquele racha e o presidente Figueiredo estabeleceu em três o número de candidatos a cargos majoritários. Quando aconteceu aquela grande virada de mesa e o Leonel Brizola perdeu a legenda para a Ivete Vargas, Brizola se viu na contingência (sic) de criar o PDT (Partido Democrático Trabalhista). Eu recebia visitas mensais da Ivete Vargas, do Alceu Collares, do Righi, e o bar ia ficando cada vez mais famoso. Aqui em São Caetano, o Braido saiu candidato e eu saí candidato a vereador na mesma chapa, em 1982, mais para fortalecer a candidatura de Osmar Ribeiro da Fonseca a deputado estadual.

Só cheguei a me aposentar em 1990, dividindo a minha vida em metade na Louças Adelinas e metade no Bar Senadinho. Hoje a minha freguesia é formada por ex-funcionários da Prefeitura, e meu bar é visto por mais de 60 mil pessoas que cruzam o subterrâneo da passagem de nível da Estação Ferroviária.

Assim ficamos conhecendo esta grande figura popular de São Caetano do Sul, sempre alegre, jovial, com uma grande memória, e que, segundo ele próprio, ao passar pelas ruas de São Caetano é saudado com um *Oi! Vartão*, por pessoas que ele não se lembra, mas que na verdade sabem que ele é Walter Guimarães. (Depoimento de Walter Guimarães em 23 de Agosto de 2002).



Walter Guimarães em seu estabelecimento comercial, na passagem subterrânea da estação ferroviária de São Caetano do Sul. Ano de 2002

50 anos da Escola Senai Armando de Arruda Pereira: da Cerâmica à Robótica (1952 - 2002)

José Odair da SILVA (*)



Ao final da década de 40, ainda sob o impacto da violenta Segunda Guerra Mundial (1939-1945), homens cheios de otimismo pensaram em construir um mundo de paz e bem-estar. Para atingir esse objetivo contavam com as inovações científicas e tecnológicas da época. Novas matérias-primas, derivadas do petróleo, resultavam em produtos leves e versáteis, de desenho arrojado e elegante, que caracterizavam a inovação estética e a simplificação dos hábitos cotidianos.

A década de 50 vai marcar mudanças de comportamento e valores. Os hábitos cotidianos irão mudar radicalmente, acompanhando o ritmo acelerado da automação e da produção padronizada. A popularização do consumo ganha incentivo nas propagandas televisivas. Os anos 50 constituem importante momento do desenvolvimento da história do homem contemporâneo. Acentuam-se características da sociedade moderna originárias da Revolução Industrial. Intensificam-se o ritmo da produção e a exploração do trabalho. A quantidade e variedade de bens produzidos expandem os mercados e o consumo. Os Estados se fortalecem. As cidades crescem, tornando-se metrópoles: pequenos rituais cotidianos fundamentais para o equilíbrio emocional do homem são abandonados. Os meios de comunicação de mas-



Fachada da Escola Senai Armando de Arruda Pereira, em São Caetano do Sul, em Fevereiro de 1965

Revista Acrópole nº 314

sa são explorados ao máximo. A mídia impregna o dia-a-dia vendendo produtos e estabelecendo comportamentos, divulgando uma cultura produzida por especialistas. Esse quadro de transformações acaba por redefinir a imagem do homem dos anos 50.

No Brasil, a indústria nacional foi marcada pela substituição das importações, alterando a política econômica implantada em décadas anteriores. Fábricas brasileiras passaram a produzir para o mercado interno determinados bens de consumo que o país até então importava, como por exemplo os eletrodomésticos. Para conquistar desenvolvimento, o país substituiu a economia exportadora de produtos agrícolas e matérias-primas, instalando indústrias em território nacional. É evidente que essa política nacionalista de defesa da indústria nacional gerou alguns atritos com as multinacionais aqui estabelecidas, mas a economia brasileira precisava mudar.

Em troca das vantagens oferecidas pelo governo, as montadoras

de automóveis deveriam cumprir um programa pré-fixado e, progressivamente, ir-se utilizando de componentes nacionais. A meta era produzir um veículo 100% nacional até 1961. O Brasil se aproximou de seu objetivo somente em 1965. As multinacionais da indústria automobilística instalaram imensas fábricas nos municípios que formam o chamado ABC Paulista: Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul. A proximidade da Via Anchieta, que liga São Paulo ao Porto de Santos, facilitou a circulação de suas mercadorias e a entrada de componentes ainda não fabricados no país. Seguindo os passos das montadoras de automóveis, outras indústrias se instalaram no ABC, favorecendo o desenvolvimento dos municípios que o formavam. Para se ter uma idéia, o número de habitantes de São Bernardo do Campo passou de cerca de 25 mil em 1950 para aproximadamente 80 mil, dez anos mais tarde¹. O desenvolvimento da região também pôde ser

medido pela expansão dos loteamentos, do comércio e de outros setores econômicos. A opção de JK de priorizar o transporte rodoviário teve sucesso e mudou muito a fisionomia do país, dando-lhe uma aparência moderna.

SENAI – A criação do Senai – Serviço Nacional de Aprendizagem dos Industriários (22 de Janeiro de 1942 - Decreto-lei n.º 4048) representou um projeto de âmbito nacional, em cuja base assentava-se a premente necessidade de intensificar a produção brasileira, desde a Segunda Guerra Mundial. O principal objetivo era a formação de trabalhadores para a indústria nacional. O projeto da criação do Senai expressava um tipo de sociedade, de cidadão e de desenvolvimento próprio da época: crença inquestionável no progresso pelo desenvolvimento tecnológico. O Senai, enquanto agência voltada para a formação do trabalhador da indústria brasileira, teve seu desenvolvimento vinculado a uma economia de ideologia nacionalista e que pretendia assegurar para o Brasil um espaço no grupo das nações desenvolvidas. O aperfeiçoamento dos recursos humanos atuantes na indústria nacional era um imperativo e o carro-chefe do desenvolvimento e da autonomia nacionais.

Nesse cenário, o Senai desempenhou um papel particular e historicamente ligado às tecnologias. Seguiu o caminho de acompanhar a evolução tecnológica, preparando trabalhadores para os setores avançados da indústria, sem descuidar de fornecer também mão-de-obra apta a operar com a tecnologia convencional. O Senai surgiu com a missão de dar uma resposta rápida à questão da preparação do trabalhador industrial, num



Alunos na oficina de modelagem em gesso. Setembro de 1953

Senai-SP/Acervo Memória

Brasil em acelerado ritmo de produção naquele início dos anos 40. No contexto da procura de um projeto industrial nacional e da associação entre Estado e empresariado, a escola se desenvolveu.

O Senai acompanhou o processo de crescimento industrial, expandindo sua oferta de cursos de treinamento e de aprendizagem. Já em 1955 a escola possuía 29 unidades entre capital e interior de São Paulo, contando-se também as escolas de Anápolis (Goiás) e Campo Grande (Mato Grosso)². Hoje são mais de 100 unidades escolares e 47 Centros de Formação Profissional, ministrando cursos de mecânica geral, mecânica de automóveis, ferramentaria, têxtil, cerâmica, tornearia, elétrica, robótica, plástico, química, entre outros.

CERÂMICA - A arte da cerâmica manifesta-se na cultura dos povos desde a mais remota antiguidade. O estudo das técnicas de fabricação e decoração dos objetos cerâmicos pode fornecer base segura para a reconstrução de muitos aspectos da vida de civilizações antigas. Atualmente, a produção ceramista pode ser dividida em dois grandes grupos :

1) tradicional: além dos vidros,

dos aglutinantes hidráulicos e esmaltes sobre chapas metálicas, distinguem-se entre as cerâmicas tradicionais os produtos de louça, refratários, faiança fina³, porcelanas. A indústria brasileira de cerâmica tradicional está entre as mais avançadas do mundo e de maior produção. O Brasil é o 2º produtor e o 3º exportador mundial de azulejos e ladrilhos. A produção de cerâmica vermelha, de sanitários e porcelana de mesa está entre as cinco maiores do mundo. O país ainda é auto-suficiente na produção de refratários, situando-se entre os oito maiores exportadores do mundo⁴.

2) Avançado: também chamada de cerâmica de alta tecnologia ou de técnica fina. São materiais de alta pureza com funções elétricas (isolantes de circuitos impressos, dispositivos eletroeletrônicos de computadores), funções magnéticas (dispositivos de memória para computadores), funções mecânicas (utilizada para fabricação de ferramentas de corte, turbinas, rolamentos, vedação mecânica), funções ópticas (materiais com propriedades de transmitirem luz, sensores de luz), funções químicas (eletrodos, catalisadores), funções térmicas (isolamento térmico de fornos), funções biológicas (den-



Oficina de fabricação, vista parcial em Março de 1966

tes artificiais, materiais para implante de juntas), funções nucleares (materiais para blindagem e controle de irradiação).

Previendo o desenvolvimento da indústria de cerâmica, o Senai fundou, em 1952, uma unidade técnica em São Caetano do Sul. Existiam na cidade aproximadamente 80 pequenas indústrias de cerâmica. O objetivo era tornar a escola um centro de pesquisa no ramo (único na América Latina), além de proporcionar estágio aos técnicos e engenheiros em cerâmica. Em termos de formação de pessoal, o Senai Armando de Arruda Pereira só tinha como concorrentes a Universidade Federal de São Carlos e a Universidade Federal da Paraíba. Já a Universidade de São Paulo, o Instituto Militar de Engenharia, a Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho e a Universidade de Campinas permitiam que engenheiros, físicos e químicos desenvolvessem teses de mestrado ou doutoramento na área cerâmica. Atualmente, no aspecto pesquisa de ponta existem vários institutos espalhados pelo Brasil. Destacam-se o IPT (Instituto de Pesquisa Tecnológica do Estado de São Paulo) e o IPEN

(Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares).

No Senai Armando de Arruda Pereira, os alunos, com pás e picaretas nas mãos, eram ensinados nas primeiras aulas a localizar nos barrancos a melhor matéria-prima. Os calouros aprendiam nas minas de caolim de São Simão e Suzano a escolher o próprio material, que depois seria transportado para São Caetano do Sul. Na escola, a argila era moída, peneirada e preparada para ser utilizada nas aulas práticas.

As salas de aula com suas instalações formavam uma verdadeira e complexa fábrica de cerâmica, onde os alunos fabricavam as peças que passavam por todos os

estágios industriais: moagem, diluição, peneiramento, preparação de massa, calibramento, secagem, acabamento, preparação de esmalte e vernizes, decoração e a queima nos fornos. Divididos em dois setores, o de fabricação de porcelanas, faiança e grés⁵, e o setor de refratários⁶ e terracota⁷, os aprendizes misturavam a argila natural ou caolim ao feldspato e quartzo para obterem os melhores produtos. Assim, quimicamente conseguiam uma composição que era trabalhada nos moldes, estampas e matrizes.

Os alunos exercitavam a criatividade em trabalhos de pesquisa, análises das matérias-primas, dos combustíveis em função da queima, estudos do ponto de vista químico com gases combustíveis, calculavam a umidade, escalas de viscosidade das massas, fórmulas de esmaltes e o peso dos materiais. Os formados passavam a trabalhar nas fábricas de cerâmica, vidros, refratários, tijolos, materiais sanitários, materiais de construção, peças de fornos e cosméticos. Podiam atuar como técnicos, mestres de precisão e até fazer a vez de engenheiros. Os cursos se dividiam em Aprendiz de Ofício, Artesanato e Técnico em Cerâmica. Entre as diversas discipli-



Vista do forno de queima de cerâmica. Dezembro de 1961

Fundação Pro-Memória



Senai-SP/Acervo Memória

Aluno da escola Senai com instrutor na oficina de tornearia manual. Março de 1966

riores Em 81, o Brasil paga nove bilhões de dólares só de juros, a dívida sobe perigosamente para 19% do PIB, e o país se torna o maior devedor mundial. A solução foi administrar a dívida externa e dobrar o esforço para exportação.

Assim chega ao Brasil, em 1981, o Projeto JICA (Japan International Cooperation Agency), que consorciava 48 empresas japonesas e 44 brasileiras. A princípio visava implantar fazendas de grande porte no Planalto Central, cultivando milho e soja para atender à demanda japonesa. O ministro da Agricultura, Amaury Stabile, ex-funcionário da empresa japonesa Sharp, prioriza a iniciativa que tinha como *ponto-piloto* a cidade de Iraí, em Minas Gerais. A JICA implementou sofisticada tecnologia de lavoura em grande escala, corrigindo a acidez do solo, aproveitando o relevo plano e a abundância de sol e água⁹.

A escola Senai, acompanhando o momento de mudanças que enfrentava o país, criou um grupo de profissionais para implementar novas tecnologias em automação e eletrônica. Assim, foi feito um pedido ao governo japonês de colaboração técnica na área de automação. No final de 1987 e começo de 1988, chega ao Brasil a primeira missão japonesa para conhecer o Senai. Por ser formado em engenharia elétrica, com estágio em novas tecnologia na Inglaterra, foi designado para alinhar o projeto com os japoneses o sr. Marcos Cardozo Pereira, que é o atual diretor do Senai Armando de Arruda Pereira.

A busca de novas tecnologias passa obrigatoriamente pelos robôs industriais, que são manipuladores automáticos programados para substituírem o homem na execução de tarefas repetitivas,

nas, eram ministradas, por exemplo, Geologia, Química, Mineralogia, Tecnologia, Ensaio Cerâmicos e Prática Profissional.

Ao longo de suas atividades, a escola chegou a ganhar vários prêmios de competência e qualidade nos mais variados Congressos de Cerâmica, além de ter possuído o mais bem equipado laboratório petrográfico da América Latina⁸. O prestígio da escola era tamanho que o paraninfo da turma de 71 foi o senador José Ermírio de Moraes, que enviou como seu representante à festa de formatura o presidente do Grupo Votorantim, o dr. Antônio Ermírio de Moraes. A OEA (Organização dos Estados Americanos), junto com o Ministério da Educação, firmou convênio com a escola em virtude de sua eficiência na parte pedagógica. Revolucionário para a época, o sistema de avaliação semanal entre alunos e professores adotado pela escola permitiu que críticas fossem feitas objetivamente a fim de melhorar o relacionamento. O rigor do horário foi quebrado. O aluno não tinha horário para entrar na escola. Livre, conscientizava-se de que deveria estar na escola para estudar. O que importava era o resultado. Chegavam a ter cafézinho servido nos intervalos e era

proibido chamar o diretor de *senhor*. O tratamento era *você*.

ROBÓTICA - Mesmo debitando as manipulações, parcialidades e ufanismos, o Brasil começa a década de 80 com números respeitáveis. O PIB havia crescido 88% na década anterior, o que proporcionou a elevação da renda per capita para mais de 60%. A indústria de transformação mais que dobrou a produção e o processo de substituição das importações de bens de consumo se concluiu. A indústria automobilística era o carro-chefe desse milagre econômico. As montadoras, concentradas no ABC Paulista, empregavam mais de 80 mil trabalhadores e à sua volta gravitavam mais de duas mil indústrias de autopeças, empregando mais de 200 mil pessoas. O automóvel provocou uma febril produção de estradas, pontes, viadutos e a conseqüente urbanização.

O quadro começa a se inverter na virada dos anos 80. O principal fator de recessão na economia brasileira vem da elevação dos juros, feita pelos credores em face ao choque mundial do petróleo. O país, endividado, preso na armadilha da dívida, faz empréstimo para pagar os juros dos créditos ante-

penosas ou perigosas. Esses robôs industriais podem ser classificados segundo a complexidade de seus elementos de tratamento. Os mais simples multiplicam as peças sequencialmente de forma fixa. O segundo nível realiza movimentos complexos da mão humana, gravados em fita magnética. Por fim, os do terceiro nível são robôs inteligentes, capazes de tomar decisões em função de seu estado e do estado do ambiente. A união das tecnologias de informática e automática no mundo industrial e científico se materializa na robótica. Baseada em princípios da eletrônica e da mecânica, essa tecnologia busca no modo de funcionamento do corpo e do cérebro humanos os fundamentos para o projeto de andróides com possibilidades físicas e intelectuais semelhantes às do próprio homem.

A unidade de São Caetano do Sul foi escolhida por causa do esvaziamento do eixo cerâmica, em virtude da migração dessa atividade para o interior e até mesmo outros estados. Em contrapartida, a indústria automobilística exigia novas tecnologias para continuar crescendo. Conforme revela o diretor Marcos Cardozo, havia necessidade de uma reestruturação interna para enfrentar os novos desafios: - *Foi montado um polo de tecnologia no Senai Mário Amato, em São Bernardo do Campo, integrando química, cerâmica e plástico, que acabou servindo de suporte a nichos de cerâmica espalhados pelo Brasil inteiro, tornando-se um centro de referência nacional.*

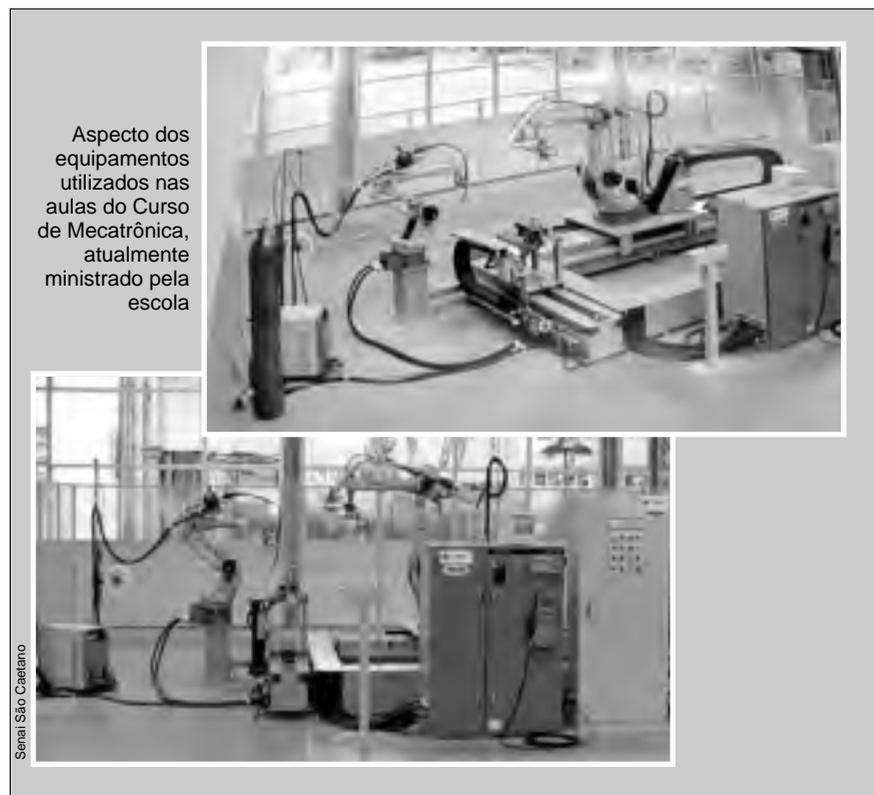
A competência do Senai em mecânica, elétrica e eletrônica era inquestionável, todavia, estava defasado em automação de manufatura. A sugestão apresentada pelos japoneses estava baseada em um modelo de escola de mecatrônica

que eles criaram em Cingapura. Professores universitários convocados pelo governo japonês prestariam toda assessoria ao Senai. O braço executor do projeto foi a JICA, órgão do Ministério do Trabalho do Japão. Assim, Marcos Cardozo teve papel destacado na implementação do projeto. Como ele mesmo diz: *Minha tarefa era receber as missões japonesas e ao mesmo tempo viajar ao Japão para acompanhar o andamento dos trabalhos. Eu era a ponte entre a direção do Senai e o governo japonês.*

Em 1990, foi assinado o acordo internacional entre os governos do Brasil e do Japão. Chegou ao país maquinário de última geração, na área de automação, para a criação do Curso de Mecatrônica. O convênio durou até 1995. Nesse período, estiveram permanentemente no Senai, em São Caetano do Sul, cinco engenheiros, um líder e um coordenador japoneses

para prestar total assessoria. Em contrapartida, foram enviados para o Japão 18 engenheiros do Senai para fazer estágio. Foi uma transferência de tecnologia e de cultura muito grande, onde todos saíram ganhando enormemente.

Quando terminou o convênio, em 1995, o Senai já fornecia alunos para estagiarem nas várias multinacionais japonesas instaladas no Brasil, além de ter criado competência para divulgar a nova tecnologia para toda a América Latina. Em 1997, como descreve Marcos Cardozo, *o Senai já estava autorizado pelo governo japonês a desenvolver um programa de especialização para engenheiros latino-americanos. Foram cinco edições de 320 horas cada para 12 engenheiros latino-americanos. O programa foi amplamente divulgado pelas embaixadas brasileiras em vários países latino-americanos conveniados com o Japão. Os currículos eram sele-*



cionados pelo Senai de São Caetano e os engenheiros recebiam do governo japonês passagens, estadias e visitas às empresas no Brasil. Ao Senai cabia as horas aulas de seus professores, energia elétrica e material de consumo. Na planilha de custo, a proporção era 70% Japão e 30% Senai. Na verdade, nós dávamos um “banho” de mecatrônica, além de divulgar – e bem – o Brasil, São Paulo e o ABC.

O Senai acabou se convencendo de que dispunha de muita tecnologia e valeria a pena, em virtude de sua enorme carga horária, viabilizar para seus alunos do Curso de Mecatrônica o diploma de engenheiro em vez do de técnico. Foi apresentado ao MEC (Ministério de Educação e Cultura) um projeto para viabilizar o Curso Superior em Tecnologia Mecatrônica. O projeto foi contemplado pelo MEC. No parecer de aprovação consta que não havia necessidade de uma carga de 3200 horas para a formação de tecnólogo em nível de terceiro grau. Bastavam 2700 horas. Na verdade, a carga horária dos alunos do Senai era suficiente para a formação de engenheiros. Em 1997, o MEC deu autorização ao funcionamento do curso no Diário Oficial. Em 1999, já estruturado, o curso recebeu a primeira turma, com 40 alunos que se formarão em Dezembro de 2002.

Hoje a escola possui oito turmas de 40 alunos, num total de 320 alunos no Curso Superior em Mecatrônica. No período da tarde funciona o Curso Técnico de 1500 horas. A LDB (Lei de Diretrizes de Base) recomenda 1200 horas, o Senai, contudo, oferece mais 300 de tecnologia para seus alunos, que concluem o curso em dois anos. Fora isso, os cursos de curta duração utilizam os 16 laborató-

rios da escola, oferecendo 30 ou 40 horas contemplando as áreas de mecânica, eletrônica, controle e computação.

O diretor Marcos Cardozo conclui dizendo que agora a meta da escola Senai Armando de Arruda Pereira de São Caetano do Sul é conseguir o reconhecimento do MEC e a maior nota possível para o Curso de Mecatrônica: *O Senai tem quatro cursos superiores em tecnologia: Artes Gráficas, que fica na Estação Bresser do metrô; Meio Ambiente, na Mário Amato, em São Bernardo do Campo; Vestuário, no Bom Retiro; e Mecatrônica, em São Caetano do Sul. Quem começou primeiro foi Artes Gráficas, seis meses antes de São Caetano. No fim do ano passado, eles receberam o reconhecimento do MEC, que ao visitar a escola concedeu a nota máxima A.*

O Senai, em termos de instituição, tem um caráter sui generis, marcado por uma força de consciência das pessoas que o constroem cotidianamente. Há uma noção clara de que a empreitada única é a busca da competência, com olhos voltados para futuras gerações. O convívio com professores, instrutores, técnicos e diretores revela uma ética acima de qualquer patamar. Assim, cabe muito bem sintetizar a mentalidade que move o Senai, nas palavras de Jurandyr de Carvalho: *(...) é tempo de criar. É hora de maximizar a importância da iniciativa, especialmente para a geração de produtos ajustados às novas realidades. (...) devemos enfrentar o desconhecido sem medos. É hora de transformar, de buscar o novo, de realizar*¹⁰.

Trata-se de uma escola que se inventa a si mesma cotidianamente há 50 anos.

Bibliografia

AZUGARAY, Domingo. Atlas Histórico - Brasil 500 anos, São Paulo, Editora

Três, 1998.

CARVALHO, Jurandyr de. Para um novo Senai-SP, que começa agora. In: Senai-SP. Plano de Trabalho, São Paulo, Senai, 1992.

MANGE, Roberto. De homens e máquinas, São Paulo, vols. 1 e 2, Senai, 1991.

MARANHÃO, Ricardo & ANTUNES, Maria Fernandes. Brasil anos 50, São Paulo, Ática, 1997.

MICELI, Paulo. Além da Fábrica - O projeto industrial em São Paulo: 1928-1948, São Paulo, FIESP, 1992.

TREMEL, Vera Helena Farinas (org.). O giz e a graxa - meio século de educação para o trabalho - São Paulo, Senai, 1992.

Notas

[1] Cf. MARANHÃO, Ricardo. Brasil : anos 50, São Paulo : Ática, 1997, p. 22.

[2] Cf. Relatório Senai-SP, 1955, p. 33.

[3] Louça de massa argilosa, macia, porosa, recoberta com verniz impermeável e opaco.

[4] Atlas do Mercado Brasileiro, Gazeta Mercantil, Ano 1, n.º I, dezembro/1998.

[5] Cerâmica de massa sílico-argilosa, opaca, dura, capaz de suportar alta temperatura de cozimento que vitrifica parcialmente e a torna impermeável aos líquidos.

[6] Designação genérica dos materiais manufaturados não metálicos que podem suportar altas temperaturas, sem apresentar deformação ou fundir-se.

[7] Argila moldada e cozida em baixa temperatura e sem verniz, de cor avermelhada e sem vidro.

[8] A petrografia é o ramo da geologia que tem por objetivo a classificação e a descrição das rochas. O Senai de São Caetano do Sul, chegou a ter em seu laboratório a maior concentração de microscópios bi-oculares petrográficos da América Latina, dezesseis ao todo.

[9] AZUGARAY, Domingo. Atlas Histórico - Brasil 500 anos, Editora Três, São Paulo, 1998, p. 213.

[10] CARVALHO, Jurandyr de. Para um novo Senai-SP, que começa agora. In: Senai-SP. Plano anual de trabalho, São Paulo, 1992.

(*) José Odair da Silva, mestre em História pela PUC-SP, professor de História Antiga na UniABC, membro do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Acompanhando a História

Ao longo de 52 anos de história, o Colégio Sylvio Romero, sempre se modernizando, continua a oferecer qualidade no ensino

No dia sete de Setembro de 1950, foi inaugurado o Grupo Escolar Sylvio Romero, no Bairro Oswaldo Cruz. O terreno em que foi erguida a escola havia sido adquirido pela Prefeitura junto a Stefan Gutman, Gisela Heinsfurter e Francisco Canger. O prefeito Ângelo Raphael Pellegrino fez o discurso que deu início às atividades do novo colégio.

Em 1950, São Caetano era ainda um município muito novo, já que se emancipara de Santo André em 1948. Carecia de obras básicas de infra-estrutura, inclusive de prédios para abrigar os alunos da região. Em virtude disso, os primeiros administradores empenharam-se em criar escolas e condições de estudo na cidade. Durante os quatro primeiros anos de autonomia (1949-1952), foram realizadas as seguintes obras no setor educacional: construção de três prédios para grupos escolares - Grupo Escolar Sylvio Romero, Grupo Escolar 28 de Julho e Grupo Escolar D. Benedito P.A de Souza - e desapropriação de um terreno, na Rua Maranhão, destinado a abrigar as instalações do Jardim de Infância. Além disso, um dos pri-

Professores do Grupo Escolar Sylvio Romero, em nove de Setembro de 1951, na entrada da escola. Na primeira fila, no alto, da esquerda para a direita: Olga, Nicola Tortorelli (diretor), (?), (?), (?) e os professores João (?), Francisco Tortorelli e José Ramos de Brito.



Fundação Pro-Memória

meiros projetos apresentados à Câmara Municipal tinha o objetivo de proporcionar bolsas de estudo às crianças pobres.

Por mais de duas décadas, as instalações do colégio atenderam às exigências da população local. No fim dos anos 70, contudo, o prédio, bastante desgastado, comprometia o bom funcionamento das atividades escolares. Ciente do problema, o prefeito Raimundo da Cunha Leite reformou o local, reinaugurando-o no dia 28 de Julho de 1981.

As obras duraram cerca de um ano e meio, resultando em nova edi-

ficação, com capacidade para 980 alunos. Beatriz Sylvia Romero Porchat, neta de Sylvio Romero, esteve presente à cerimônia de abertura da instituição de ensino.

Na ocasião, todavia, houve um desencontro de informações. Raimundo da Cunha Leite afirmou que as obras haviam sido custeadas pela Prefeitura, ao passo que Luiz Ferreira Martins, secretário de Educação do Estado de São Paulo, garantiu que a reforma fora bancada pelo governo. Alguns dias depois, admitindo o engano, Ferreira Martins desculpou-se publicamente. O episódio foi registrado pelo *Jornal Diário do Grande ABC*, na edição de 31 de Julho de 1981.

Também anteriormente ao reconhecimento de Ferreira Martins, o prefeito Raimundo da Cunha Leite, procurando não deixar dúvidas sobre a responsabilidade pelas obras, exibiu ontem uma série de documentos e fotos provando que a reforma da escola foi realmente feita pela municipalidade, que nela investiu 40 milhões de cruzeiros.

Em 1999, Luiz Olinto Tortorello,



Em 1953, da esquerda para a direita, as professoras: Belize Saraiva, Ana e Áurea. No quadro negro, uma reivindicação, "Neste local, um dia erguer-se-á um majestoso prédio. Que diga o Sr. Prefeito". O novo prédio surgiu 27 anos depois, em 1980, na administração do prefeito Raimundo da Cunha Leite.

Fundação Pro-Memória

Fachada do Grupo Escolar Sylvio Romero, em sete de Setembro de 1950.



Fundação Pró-Memória



Fundação Pró-Memória

Dia das Mães, 1951. Festa no pátio do Grupo Escolar Sylvio Romero. Da esquerda para a direita as professoras: Elen, Esther e Belize Saraiva.

Professora Belize Saraiva e seus alunos do GE Sylvio Romero. Ano de 1953.



Fundação Pró-Memória



Fundação Pró-Memória

Festa do Dia dos Professores no GE Sylvio Romero, em 1953. À esquerda, a professora Esther, acompanhada da colega Belize Saraiva.

mente no Rio de Janeiro, onde viveu do magistério e de seus escritos.

Em 1880, com a tese *Interpretação Filosófica dos Fatos Históricos*, obteve a cátedra de Filosofia do Colégio Pedro II. Já publicara até então quatro volumes: *Poesia Contemporânea*, *A Filosofia no Brasil*, *A Literatura Brasileira e a Crítica Moderna* (estudos), *Contos de Fim do Século* (poesia).

Continuou, porém, a fazer jornalismo, crítica e ensaios literários, atuando principalmente como polemista e defensor das correntes de vanguarda, na época inspiradas nos ideais positivistas e evolucionistas.

Como professor, lecionou também na Faculdade de Direito e na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, ambas no Rio de Janeiro.

Foi membro-fundador da Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira 17, sendo que também pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico do Brasil.

No período de 1895-1902 foi deputado estadual por Sergipe.

Sylvio Romero deu notável contribuição ao grupo da historiografia literária, que, a partir dele, passou a utilizar-se de novos métodos de análise crítica com base sobretudo no levantamento sociológico. Sua obra literária é vasta e variada. Destacam-se entre outras: *Introdução à História da Literatura Brasileira* (ensaio); *Contos Populares do Brasil*; *Etnografia Brasileira* (ensaio político); *Doutrina contra Doutrina - o Evolucionismo e o Positivismo no Brasil* (ensaio filosófico); *Ensaios de Filosofia do Direito*; *Machado de Assis* (estudo monográfico); *Ensaios de Sociologia e Literatura*; *Evolução do Lirismo Brasileiro*; *A América Latina* (etnografia); *Minhas Contradições* (Pesquisa e texto realizados pelo Serviço de Difusão Cultural da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul).

movido pelas novas exigências da cidade no setor educacional, reformou e ampliou o Grupo Escolar Sylvio Romero.

BIOGRAFIA – De acordo com Carolina Rennó Ribeiro de Oliveira, no livro *Biografias de Personalidades Célebres*, Sylvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero nasceu na Vila do Lagarto, em Sergipe, no dia 21 de Março de 1851 e faleceu no Rio de Janeiro

em 18 de Julho de 1914. Passou os cinco primeiros anos da vida no engenho dos avós maternos, de onde regressou à vila natal para fazer os estudos primários. Completou os preparativos no Rio e depois foi para Recife, onde se diplomou pela Faculdade de Direito em 1873. Militou desde cedo na imprensa de Pernambuco e logo depois de formado foi nomeado promotor na cidade de Estância, em Sergipe.

Em 1879 fixou-se definitiva-

EE Senador Fláquer: Um velhinho simpático de 82 anos

Glenir SANTARNECCHI (*)

Uma semente, plantada no início do século XX, iria se tornar a mais antiga e tradicional escola por onde passaram as altas personalidades de São Caetano do Sul. Hoje ela é um marco do pioneirismo da educação na cidade, que vem se perpetuando até os nossos dias. E saber que esta preciosidade foi ameaçada e quase extinta

Não estamos falando do antigo Senador da República, José Luiz Fláquer, mas sim, do segundo mais antigo estabelecimento de ensino da região do Grande ABC e o mais antigo em atividade da região e de São Caetano do Sul. Podemos defini-lo como um verdadeiro santuário do ensino e da formação educacional, por cujos bancos escolares passaram a quase totalidade dos sancaetanenses de antes da autonomia da cidade.

Somente na década de 50 é que surgiram outras escolas primárias públicas, já que antes da emancipação político-administrativa, Santo André relegava nossa cidade, então 2º subdistrito, a um plano secundário ou, quem sabe, terciário.

O papel do *Senador Fláquer* na formação das maiores inteligências dos nossos líderes propiciou o surgimento de uma geração extraordinária, que passou a se interessar pelo bem comum do nosso povo e conseqüentemente veio a escrever uma das mais belas páginas da nossa História. Eles transformaram sua luta e ideais na saga de um povo, cuja fibra herdou dos imigrantes italianos que aqui apor-

Boletim escolar de Hercílio Poffi aluno do 2º ano C do Grupo Escolar Senador Fláquer, em 1930, devidamente assinado por seus pais, sr. José Poffi, pelo diretor da escola professor Perrenoud e pela professora Maria José Morato



Fundação Pro-Memória

taram em 1877, adotando esse solo como sua terra natal e berço de seus filhos.

Hoje, esse velhinho simpático, um pouco esquecido e pouco homenageado, completa 82 anos, com raízes fincadas no tradicional Bairro da Fundação, considerado o marco zero da nossa História. Nessa data muito importante, cabe-nos o dever, como ex-aluno, de recordar, reverenciar e relembrar a sua história, para que as novas gerações conheçam sua trajetória e trasmitam-na às gerações futuras.

INÍCIO - Quando a Região do Grande ABC ainda se resumia a um só município, a cidade de São Caetano fazia parte de São Bernardo. Com a denominação de

Segundo Grupo Escolar de São Bernardo, foi instalado, em oito de Maio de 1920, através do Decreto de 20 de Abril daquele ano e publicado no Diário Oficial em cinco de Maio.

A escola iniciou suas atividades naquele ano com apenas 12 salas de aula, tendo como diretor o professor Anísio Novaes, que por deficiência de matrículas conseguiu colocar em funcionamento apenas dez classes, ficando com dois professores adidos. Em 1923 reduziu para sete classes e em 1924 chegou a ter apenas seis classes. No ano seguinte já voltou a funcionar com 12 classes até 1928. Porém seu crescimento somente ocorreu na década de 50, chegando a ter 43 classes do pri-



Domingo Glenir Santamecchi

Grupo Escolar Senador Fláquer, 1º ano A primário, Maio de 1952. Professor Paulo: Tonini, diretor: Édson França Guimarães

saíram desse Grupo Escolar. A importância cultural irradiada que representou a escola na cidade é sem precedentes.

O Senador Fláquer foi a primeira escola da cidade a ter um hino em sua homenagem, composto em 1965 pelo cirurgião-dentista, Dr. Arnaldo Vianna, que por mais de 30 anos dedicou seu trabalho à escola, onde fundou e ministrou aulas do Curso de Esperanto, o idioma universal que era ministrado no período da noite, sendo pioneiro na região.

Senador Fláquer vai fechar?

Com este título escrevíamos, em 18 de Novembro de 1995, um caloroso artigo na imprensa local e dirigido às autoridades constituídas, ante as notícias de que a Delegacia de Ensino iria fechar o Senador Fláquer e mais outras cinco escolas.

Nosso protesto era veemente e questionávamos: *Mas será possível que a mais antiga escola em funcionamento na Região do Grande ABC, com 75 anos (na época) de atuação educacional, por cujos bancos passaram as mais expressivas figuras da cidade irá fechar?*

Ainda argumentávamos: *Em Maio último, o Bairro da Funda-*

mário e cinco classes da pré-escola, utilizando-se inclusive as salas de aulas do porão do prédio.

Desde a sua criação o prédio era ornamentado por belíssimos jardins em sua volta e uma viçosa cerca viva. Era um prédio imponente de arquitetura arrojada para a sua época, com amplas salas de aula, boa iluminação, ventilação e funcionalidade.

O terreno onde foi construído o prédio foi doado por Mariano Paim Pamplona e Armando Leal Pamplona, donos da Fábrica de Sabão e Graxa Pamplona, que deu origem às Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo. Para a sua construção contribuíram com doações a Câmara Municipal de São Bernardo, o Governo do Estado, as indústrias locais e a população da cidade.

Somente em 1955 o prédio foi ampliado em terreno comprado pela Associação de Pais e Mestres, instalando o Jardim da Infância e a Biblioteca, que receberam o nome do ex-diretor, professor José Bonifácio Fernandes.

Em 1991 foi solicitado o tombamento do prédio ao Condephat - Conselho do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo, cujo processo até hoje não foi concluído.

Sendo o Senador Fláquer a pri-

meira escola da cidade, praticamente todas as famílias tradicionais tiveram seus membros frequentando suas classes. Graças a um movimento popular ela agrupou pequenas escolas de primeiras letras então existentes, tornando-se a primeira escola pública com prédio próprio na cidade e a segunda da Região do Grande ABC. Seus arquivos eram os mais valiosos e completos, até que em Maio de 1978 foi totalmente destruído por um incêndio.

Por seus bancos escolares passaram inúmeras personalidades da cidade, como os ex-prefeitos Anacleto Campanella, Oswaldo Samuel Massei e Hermógenes Walter Braido, além de vereadores, deputados, escritores, entre outros. Pelo menos dez sacerdotes



Grupo Escolar Senador Fláquer, 2º ano A primário de 1953. Diretor Edson França Guimarães e a professora Maria Leontina

Domingo Glenir Santamecchi

ção, a cidade e a região, comemorou festivamente 75 anos de existência, com exposições de fotografias, trabalhos escolares, materiais antigos etc., dentro dos festejos da cidade e foi exaltada por uma solenidade das mais bonitas e com reportagens pela imprensa regional que marcou a tradição deste modelar estabelecimento de ensino, que foi alvo de amplo trabalho da Fundação Pró-Memória e do Museu Municipal, perpetuada nas páginas da Revista Raízes, para tudo isso ser jogado no lixo no fim do ano.

Finalizávamos, dizendo: *Todos sabem que a escola acaba de passar por uma grande reforma, gastando vultosa soma de dinheiro do Governo do Estado, que se preocupou em manter a sua antiga arquitetura, que é o orgulho de todo sancaetanense, para agora ser simplesmente fechada?*

Felizmente, prevaleceu o bom senso das autoridades, mantendo em atividade esse templo dedicado ao ensino de nossas crianças desde 1920, e de toda a sociedade local, que mostrou a mobilização da população em prol dos interesses da comunidade.

DIRETORES - O primeiro diretor do Senador Fláquer (1920) foi o professor Anísio Novaes. Em Fevereiro de 1922 assumia a direção o professor Jorge Adalberto Perrenoud. Em 1951 assumiu o professor José Bonifácio Fernandes; em 1952 assumiu o professor Joaquim Bernardes; em 1953 assumiu o professor Edson França Guimarães; em 1956 assumiu o professor Argemiro Tondella; em 1957, a Prof^a Rivadávia Bicudo; em 1960, o professor Manoel de Arruda Rego; em 1962, o professor Fausto de Marco; em 1968, a professora Hésper de Mattos Guimarães; em 1976, a professora

Patrono

Muitas pessoas não sabem quem foi o Senador Fláquer. Somente sete anos após a sua criação, em Julho de 1927, é que a escola recebeu a denominação de Grupo Escolar Senador Fláquer, fruto de um movimento do Centro Cívico com-



Senador José Luiz Fláquer

Fundação Pró-Memória

posto por cidadãos do então Distrito de São Caetano, através de uma subscrição pública, que visava homenagear a maior figura pública da região, José Luiz Fláquer, professor e médico, nascido em Itu no dia primeiro de Maio de 1854 e falecido em cinco de Dezembro de 1924.

O patrono formou-se professor primário pela primeira turma da Escola Normal da Praça, hoje *Caetano de Campos*, que era localizada na Praça da República, hoje sede da Secretaria da Educação do Estado. Fláquer naquela época ajudou muito os colonos italianos que fundaram o Núcleo Colonial de São Caetano.

Mais tarde, formou-se médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, transferindo-se depois para São Bernardo, a fim de trabalhar como médico na Estrada de Ferro São Paulo Railway, onde prestou assistência médica ao povo da região, motivo

pelo qual foi nomeado vice-presidente honorário da Sociedade Príncipe de Nápoles, em 1892.

Sua atuação como médico foi altamente elogiada por ocasião do combate à epidemia de varíola e depois no combate à febre amarela, que atacou de

forma virulenta a população da região fazendo milhares de vítimas.

Já a sua atuação como político foi das mais destacadas. Ainda como estudante participou, em 1873, da Convenção Republicana de Itu, ajudando na fundação do Partido Republicano Paulista, sendo Deputado na 1ª Constituinte do Estado. Foi deputado federal e depois Senador da República. Destacou-se como ardoroso defensor dos abolicionistas, revelando-se um batalhador dos interesses da Região do ABC.

Em 1916 foi eleito presidente da Câmara de São Bernardo e, em 1924, muito doente, falece em cinco de Dezembro. Seu enterro foi a consagração à vida pública. Seu corpo foi sepultado no Cemitério da Saudade.

Seu bisneto, Antônio Fláquer, foi prefeito de Santo André e deputado estadual. Foi casado com dona Elisa de Menezes Camargo, com quem teve dez filhos.

Jacy Conceição Ignácio; em 1982, o professor Osmyr Placiano; em 1988, a professora Maria Marlene Garcia. Em 1993 assumiu a professora Tomoe Takahashi. Em 1996 assumiu o cargo a professora Maria Gonçalves Lasso, que foi substituída em 16 de Agosto de 2000 pela professora Maria

Catarina Bizutti, Elaine Val Nogueira e José Coutinho Lopes, que dirige a escola atualmente.

(*)Domingo Glenir Santarnecchi é jornalista, advogado e pesquisador da memória da cidade. É apresentador do Programa ABC Brasil, do Canal 45 - TV São Caetano. Foi aluno do Senador Fláquer de 1952 a 1955

EE Padre Alexandre Grigolli comemora 50 anos

Mariza Lima GONÇALVES (*)

Por volta de 1940, próximo da Escola Estadual Padre Alexandre Grigolli, tudo era pasto e a vida das famílias, difícil: o fogão era a lenha, o que havia em abundância na redondeza, ou a carvão, que era vendido de porta em porta pelos carroceiros (e demorava cerca de meia hora até o carvão pegar fogo). Em geral, acordava-se às quatro horas da manhã para se fazer o café. Havia muito mato, nadava-se no rio, as árvores serviam para a brincadeira das crianças. Para o banho e para lavar louça todos usavam a bacia. É nesse cenário que, em um casarão, entre as ruas Boa Vista e Santos Dumont, que até então servia para encontros festivos dos moradores, a Prefeitura alugou o local para surgir o Grupo Escolar de Vila Gisela de 2º estágio, pelo Decreto nº 17698 de 26 de Novembro de 1947, com seis classes, mediante a anexação das 1ª e 3ª escolas mistas de Vila Gisela de 1º estágio, regidas pela professora Antônia Talora. A Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, como proprietária do terreno, cedeu o local para o funcionamento da nova escola, que seria terminada em 1957. Permanece no mesmo endereço: Rua Nelly Pelegrino, 954.

Até sua construção efetiva e sob a denominação de Grupo Escolar de Vila Gisela, a escola funcionava com aproximadamente 500 alunos. Era o ano de 1952 e, com o Decreto nº 17698/47, publicado em 17 de Fevereiro de 1952, criavam-se mais três classes. Há nesse período o registro dos nomes dos seguintes professores: Maria de Lourdes Araújo, Lílian Lencioni do Amaral, Maria Nilce Lencioni, Júnia Olivetti, Nair de Almeida, Sérgio Tagliavini,



2º ano Feminino D do Grupo Escolar Padre Alexandre Grigolli, em 13 de Novembro de 1958

EE Padre Alexandre Grigolli

Helen Cleci Perez, Mercedes Rinaldo, como sendo os responsáveis pelos exames finais do ano de 1952. Nota-se pelos registros que alguns alunos, por motivo não identificado, não faziam a prova final, mas apresentavam cadernos ou faziam somente as provas mensais e obtinham a aprovação. Quando o aluno não conseguia a média suficiente, que era 50, escrevia-se na frente de seu nome: *Conservado*.

Em 1955, aparece em Ata o 1º Registro de Exames Finais, já com o nome de Grupo Escolar Padre Alexandre Grigolli. Em 1954, pelo Decreto nº 23955 houve a alteração do nome para GESC Padre Alexandre Grigolli. O Padre Alexandre nasceu em Verona, Itália, em quatro de Agosto de 1881. Veio para o Brasil em Dezembro de 1910. Foi missionário em Rio Claro e no Paraná. Voltou para a Itália em 1923, retornando para o Brasil nesse mesmo ano, sendo nomeado coadjutor em São Caetano do Sul, cargo que exerceu até 1931. Foi nomeado Vigário da Paróquia; construiu a Matriz Nova, com início em 1931 e término em 1939. Foi professor de Grego, Latim, Teologia e Filosofia. Com 80 anos retornou à Itália e faleceu com 88 anos em 17 de Fevereiro de 1969.

Por seu trabalho e em sua homenagem a escola recebeu o seu nome.

Devem ser lembradas algumas particularidades sobre a escola: todos os documentos referentes aos alunos eram escritos a tinta e somente em 1978 aparecem os primeiros registros das Atas, datilografados. Até 1972 os alunos eram avaliados em Linguagem Escrita, Aritmética, Conhecimentos Gerais, Leitura. Logo após a construção da atual sede da escola um dentista ficava de plantão, tendo para ele uma sala específica. A merenda dos primeiros tempos, sempre leite com chocolate, era servida em canecas de alumínio e podia-se repetir quantas vezes quisesse.

Em 1961 a escola reportava-se à Delegacia de Ensino de Santo André da Borda do Campo (atual Santo André) e há registro de vocabulário precioso em Ata: *Sete de Dezembro de 1961 – No interregno de 17 de Novembro a sete de Dezembro de 1961, realizaram-se os exames finais do Grupo Escolar Padre Alexandre Grigolli em São Caetano do Sul, sob a presidência de seu Diretor efetivo, Professor Estélvio Simão Nutti...*

Nesse mesmo ano foram criadas as salas para o pré-primário, sendo instaladas em 19 de Junho de 1961.

Em 1963 o aluno fazia provas em Junho, Setembro e exame em Dezembro e nesse período aparece em registro os termos: Diplomado e Conservado.

O Decreto Lei nº 869 de 12 de Setembro de 1969, referente à Educação Moral e Cívica, tinha como base filosófica *a prática educativa da moral e do civismo nos estabelecimentos de ensino, através de atividades escolares, inclusive quanto ao desenvolvimento de hábitos democráticos, movimentos de juventude, estudos de problemas brasileiros, atos cívicos, promoções extraclasse e orientação aos pais*. Para tornar efetivo o Decreto criou-se na escola o Centro Cívico Marechal Cândido Rondon, promovedor de festas e eventos.

Em 1972 começa a funcionar a 5ª série. As notas deixam de ir de zero a cem e passam de zero a dez.

Em 1973 há a introdução da 2ª época e os termos Reprovado e Aprovado começam a aparecer. As matérias eram Português, História, Geografia, Matemática, Ciências, Educação Moral, Desenho e Francês.

Em 1976 a escola teve seu nome alterado para EEPG Padre Alexandre Grigolli e as menções passam a figurar através de letras: A, B, C, D, E

Em Agosto de 1984, para comemorar a Semana do Folclore, o Grupo de Capoeira Unidos de Vila Gerti apresentou-se espontaneamente na escola, contribuindo para a elevação do nível cultural dos alunos.

Agora no ano de 2002 a Escola Estadual Padre Alexandre Grigolli completou 50 anos e, para comemorar, alunos, professores, coordenador, funcionários e diretor se empenharam em organizar uma grande festa. O objetivo era envolver o maior número de pessoas que tivessem sua vida envolvida com a escola, tanto no presente como no passado. Do presente vieram os atuais alunos participantes de uma grande gincana, mobilizados na elaboração do Hino da Escola, do Logotipo,

A merenda dos primeiros tempos, sempre leite com chocolate, era servida em canecas de alumínio e podia-se repetir quantas vezes quisesse, em 1952. O diretor era Estélvio Simão Nutti



EE Padre Alexandre Grigolli



EE Padre Alexandre Grigolli

Caminhada Cívica de 7 de Setembro de 1958

Fachada do EE Padre Alexandre Grigolli, em 1958



EE Padre Alexandre Grigolli



EE Padre Alexandre Grigolli

Funcionários na comemoração dos 50 anos da EE Padre Alexandre Grigolli, em 2002

do Grito de Guerra e da busca de fotos antigas para promover uma grande mostra. Do passado vieram os grandes tesouros que a escola ocultava e que somente a busca pelo resgate da história permitiu sua descoberta. A coordenadora pedagógica, Adriana B. Perez Canha, conforme relato, surpreendeu-se com a descoberta do Brasão da Escola. Inicialmente, diz ela, percebeu tratar-se de um amontoado de papel dobrado, com pequenas partes soltas, e imaginou serem sem importância. Todavia, ao olhar mais detalhadamente, notou que tinha em mãos algo valioso para aquela história que se pretendia

resgatar: um brasão. Com muita paciência e persistência conseguiu montá-lo e hoje é possível vê-lo emoldurado em um belo quadro. Do passado também há o resgate de um caderno de capa dura, gasto pelo tempo, com uma etiqueta escrita a mão e a tinta: *Livro de Registro de Canções de Classe*. Historicamente é tão valioso hoje quanto o era em seu tempo, pois há um Termo de Abertura confirmando sua seriedade: *Contém este livro 50 folhas e destina-se ao fim supra indicado para...* (Assim mesmo, desse jeito, com acento circunflexo no pronome demonstrativo). E logo a seguir escrito a tinta: *Grupo Escolar de*

Vila Gisela. Abaixo, a data: três de Novembro de 1953 e a assinatura do diretor: Armando de Oliveira Souza. Na 1ª página aparece o cabeçalho: Mês de Novembro de 1953 - 1º ano masculino - Coreto Mineiro - Professora Antonia Talora:

*Como pode o peixe vivo
Viver fora d'água fria
Como pode o peixe vivo
Viver fora d'água fria*

*Como poderei viver
Como poderei viver
Sem a tua, sem a tua
Sem a tua companhia
Sem a tua, sem a tua
Sem a tua companhia*

Logo abaixo: 2º ano masculino A - Professora Júnia Olivetti - Minha Enxadinha

*Minha enxadinha
Trabalha bem
Corta os matinhos
Num vai e vem
Minha enxadinha*

*Vai descansar
Para amanhã
Recomeçar*

*Adeus rocinha
Adeus trabalho
A ti plantinha
Meu doce orvalho*

E assim prossegue o livro, cheio de canções de roda e do cancionero popular, Hinos (Nacional, à Bandeira, da Marinha, Canção do Soldado e do Marinheiro), paródias de músicas conhecidas daquele tempo como: Bat Masterson, A Praça, Eu te Amo Meu Brasil. São canções para se ensinar a importância e a existência dos estados: *É São Paulo/ É São Paulo/ São Paulo da garoa/ São Paulo de gente boa*. Ou para aqueles que a História e a Geografia extinguiram, como: *O estado da Guanabara/ É um estado bem novinho/ Prestemos uma homenagem/ Ao estado pequenininho*, ambas na página 18. Ou ainda utilizando a canção popular *Atirei um pau no gato* para ensinar aos alunos a Tabuada do Três, de autoria da professora Enói Renée Navarro

Swain, conforme consta na página 31: *3 x 9, 27 (te, te)/ 3 x 8 (to, to), 24 (tro, tro)/ 3 x 7 (te, te), 21 (um, um)/ 3 x 6, 3 x 6 são 18 - 3 x 5 são 15 (ze, ze)/ 3 x 4 (tro, tro) são 12 (ze, ze)/ 3 x 3 são 9 (ve, ve)/ 3 x 2, 3 x 2 são 6.*

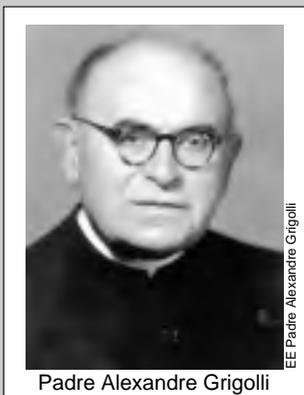
Muita poesia se encontra nesse caderno de tempo irrecuperável, mas de memória viva. Sabemos que hoje o tempo é outro, mas, de uma forma toda peculiar, os alunos, ao criarem o Grito de Guerra da Escola, também estão deixando para gerações futuras o retrato de seu tempo: *Grito de Guerra - Unidos do ACB - Sabe quem nós somos?/ Somos os Grigolli, o melhor de todos/ Grigolli é luta/ Grigolli é ação/ E já são cinquenta anos de pura emoção/ Grigolli é força/ Grigolli é união/ Agora meu povão, bate palma e ergue a mão/ Grigolli, Grigolli/ Grigolli, Grigolli.*

É só soltar a imaginação e juntar dois tempos - passado e presente, 1952 e 2002 - deixar que vozes ecoem suas alegrias, tristezas, conquistas. Deixar que cada um acrescente um conto a essa história de meio século de vida. É só não esquecer nomes como os dos diretores Antônia Talora, Armando de Oliveira Souza, Estélvio Simão Nutti, Nilza Esteves, Geraldo Nutti, Cleide M. Mandelli Nery, Nestor Ferreira Nery, Vera Lúcia Cão Ilegari, Irani Silva Magossi, Maria Helena de Souza, que estiveram à frente do desdobrar da história escolar, e Sílvia Cristina Pereira Santos, que a conduz atualmente. E todos aqueles que seguraram vasouras, recolheram o lixo, serviram merenda, escreveram, datilografaram, digitaram. Olharam alunos, viram pessoas. Tomaram conta e se envolveram, ensinaram e aprenderam. É só juntar a imaginação e ir ouvindo as vozes do passado e do presente: *Obrigada minha escola! Obrigada Grigolli!*

(*) Mariza Lima Gonçalves, professora, poetisa e membro da Academia de Letras da Grande São Paulo

Padre Alexandre Grigolli, o Patrono

Alexandre Grigolli, filho de Jerônimo e Luiza Grella Grigolli, nasceu em Zevio, Verona, Itália, em quatro de Agosto de 1881. Ordenou-se padre em Trento, no dia 21 de Agosto de 1904, e morreu em Verona, em 17 de Fevereiro de 1969.



Padre Alexandre Grigolli

Nove anos depois voltou à Itália, todavia, retornou ao Brasil em 1924, dirigindo-se à recém criada Paróquia São Caetano. Em 1930, foi nomeado vigário, retornou a Matriz Velha (Paróquia São Caetano), iniciou e concluiu a construção da Igreja Sagrada Família.

Em 25 de Abril de 1946 foi a Roma para o Capítulo Geral, permanecendo na Província do Sagrado Coração.

Professor e padre espiritual, missionário em Verona, lá repousa seu corpo. (Narciso Ferrari)

Hannah Brandt

Neusa Schilaro SCALÉA (*)

Seguindo a proposta da Pinacoteca Municipal em não oferecer ao público visitante, e em especial aos jovens, apenas paredes onde estão penduradas obras de arte, foi criado o Projeto *Diálogos*, visando ao aprofundamento da apreciação, do fruir, e se possível, da compreensão e penetração no mundo incrível e rico dos artistas.

Convidamos Hannah Brandt para expor, em uma sala especial, trabalhos posteriores e anteriores aos premiados no VI Salão de Arte Contemporânea de São Caetano do Sul. A artista abriu seu ateliê para nossa visita, iniciando o diálogo com a curadoria e viabilizando a exposição.

No percurso entre a residência propriamente dita, ou seja, a área social de sua casa, e o ateliê, há obras suas e de outros artistas, o que já prenuncia o conhecimento e o gosto refinado da dona da casa. Fayga Ostrower, Lívio Abramo, Emílio Goeldi, Volpi, Hans Sullivan Grudzinski, Renina Katz, entre outros, estão presentes naquele cotidiano de bom gosto.

Naturalizada brasileira, nasceu em Essen, na Alemanha, e viveu em Utrecht, na Holanda. De suas viagens aos Estados Unidos, a Israel e especialmente à África, nasceram muitos esboços depois transformados em obras.

Hannah lembra-se muito bem do momento em que recebeu o prêmio aquisição da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, e isso dá a medida da importância que a artista atribui à sua participação nos salões, mesmo sendo uma gravurista premiada na XII Bienal de São Paulo.

Nos muito bem organizados arquivos da artista, onde há anotações



...as árvores da vida, primeiro as completas, raízes, forte e profundas, as copas leves e esperançosas do futuro, outra firme como um ditado bíblico...

e fotografias de todos os trabalhos e onde os mesmo se encontram, tivemos o privilégio de conhecer os 32 prêmios recebidos, os elogiosos comentários de críticos de renome – como Jacob Klintovitz* e Lizeta Levi* – e as aquisições efetuadas por seletos colecionadores e galerias, nacionais e internacionais.

A gravura por si só é uma linguagem que requer apuro, paciência e dedicação. Nas obras de Hannah percebemos o silêncio da

criação mesmo quando repletos de sentimentos intensos, alguns reforçados pelas cores. E esse é outro fator notável: cores. Hannah não as economiza, mas depura-as e, como alquimista perfeita, que conhece os corantes e suas origens, domina as transparências e os brilhos, chegando ao tom certo, à luminosidade, à vibração adequada em conformidade com o assunto tratado. Vazados não são vazios, nuances de tons que revelam planos e texturas, cores chapadas mas que aprofundam o campo de visão. Pedras, água, vegetação, seres humanos, letras e símbolos gráficos nunca representados de maneira comum.

Hannah produziu pinturas por aproximadamente dez anos, participando, com outros alunos de Durval Pereira, de visitas à periferia da cidade, às favelas, trabalhando, assim, fora de seu ateliê. Pudemos vê-las, apreciá-las, e não sentimos nenhum desagrado, mesmo percebendo que a artista as considera uma fase passada, uma transição entre o desenho e a xilogravura.

A artista sempre foi inquieta e perscrutadora. Fez curso de desenho com modelo vivo na Associação Paulista de Belas Artes, ilustração na



Abertura da exposição de Hannah Brandt

Fundação Pro-Memória

Famous Artists School de Westport (USA), trato das cores e linguagem da arte sensorial com Hedva Megged. Interessou-se também pelo mosaico e trabalhou por algum tempo com Ted Derichs Hilgers.

Em 1961 foi aluna de gravura de Lívio Abramo e Maria Bonomi e, em 1962, participou como sócia e fundadora do Núcleo dos Gravadores de São Paulo, Nugrasp, que teve Izar do Amaral Berlinck como iniciadora.

Hannah mesma afirma que é na xilogravura que se sente em casa. Na xilo encontrou sua forma de expressão e maturidade artística.

A madeira é um elemento primordial em sua obra. Ter escolhido essa base por certo não foi sem motivo: a textura, o veio, o talhe, são particulares, próprios, seus e inexplicáveis.

Em cada série – não há trabalhos desvinculados – o tema é explorado em profundidade, esgotando as soluções, e o resultado são quatro, cinco ou seis obras complementares mas ao mesmo tempo únicas.

Como na maioria dos casos que temos observado - no prazeroso trabalho de visitas aos ateliês e no privar do ambiente de trabalho dos artistas -, a gravurista e sua obra estão em uníssono; sua voz é firme mas suave, os gestos elegantes e soltos



têm a espontaneidade dos traços, que na gravura unem exatamente a força necessária ao talho e à delicadeza do desenho. Seus olhos claros nos observam frontalmente, emoldurando o semblante tranqüilo e, marotos, parecem sempre sorrir complementando as frases inteligentes e de fino humor.

Artista preocupada mais com as pesquisas, as buscas e os estudos, e obedecendo à sua índole discreta e tranqüila, pouco se expôs aos holofotes da mídia para tornar-se famosa, ou seja, conhecida fora do círculo dos conhecedores e apreciadores de arte. Isso, porém, não impediu que seu nome fosse inscrito entre os dos grandes artistas brasileiros no âmbito internacional.

* *Qual o limite do sonho? É bom quando encontramos artistas como*

Hannah Brandt. O seu sonho é igual aos dos artistas e seu tema é a paz, as crianças alimentadas, as famílias reunidas, as culturas harmonizadas. Ainda que, para sonhar a paz, ela, muitas vezes, mostre as imagens da violência. Ou do prato vazio de amizade e de humanismo.

Jacob Klintowitz, in Hannah Brandt, xilogravuras, São Paulo MASP 1977

*** Apesar de sua incrível fantasia, Hannah permanece fiel aos textos nos quais se inspira, O fato de que a artista representa sempre uma série de xilogravuras que desenvolvem a mesma temática lhe dá possibilidade de aprofundar-se, de criar ritmos e pausas, vozes e silêncios. Poderíamos chamar esses trabalhos de variações musicais.*

Lizeta Levi, Hannah Brandt, xilogravuras, São Paulo MASP 1984

Atualmente Hannah voltou ao desenho, e em especial aos retratos, tema que sempre mereceu elogiosas apreciações.

As limitações físicas para o uso dos formões não a impedem de continuar seu fazer artístico com lápis coloridos ou pastel, mantendo os mesmos requintes minuciosos e precisos, a mesma limpeza e ordem, para transmitir e incitar emoções.



() Neusa Schilaro Scaléa é museóloga especializada em Museus de Arte. Formada pelo MAC da Universidade de São Paulo*

Preservando Culturas: Documentando o Patrimônio Imaterial

O Encontro do Comitê Internacional de Documentação – CIDOC 2002

Monica IAFRATE (*)

“**P**atrimônio é tudo o que criamos, valorizamos e queremos preservar: são os monumentos e obras de arte, e também as festas, músicas e danças, os folguedos e as comidas, os saberes, fazeres e falares.

Tudo enfim que produzimos com as mãos, as idéias e a fantasia.”
(Cecília Londres)

Em Setembro de 2002, realizou-se pela primeira vez no Brasil, o encontro anual do Comitê Internacional de Documentação (Cidoc), um dos braços do Conselho Internacional de Museus (Icom).

Organização não governamental criada em 1946, o Icom se dedica ao desenvolvimento dos museus e seus profissionais, operando globalmente pela preservação da herança cultural.

Como órgão ligado à Unesco, o Icom é composto de 25 Comitês Internacionais, que se organizam em torno de diversas áreas de interesse do universo museal como: Arqueologia e História (Icmah), Arquitetura e Técnicas Museográficas (Icamt), Conservação (Icomcc), Educação e Ação Cultural (Ceca), Formação de Pessoal (Ictop), Museologia (Icofom) e Documentação (Cidoc).

Esta estrutura se completa com os 108 Comitês Nacionais que se apresentam como os principais canais de comunicação entre o Icom e seus membros, contribuindo para o desenvolvimento de seus programas.

Composta atualmente por 12.000 membros, representando

144 países, essa rede ativa de cooperação promove atividades regionais e internacionais como: workshops, treinamentos, publicações, formação e promoção de museus.

Como um dos mais atuantes comitês, o Cidoc entrou em atividade em 1963, quando ainda poucos profissionais de museus discutiam o desenvolvimento de padrões de documentação nacionais e internacionais bem como dos inventários patrimoniais nacionais. Mas já se reconhecia aí um grande potencial no trabalho conjunto dos museus para o desenvolvimento de acessos comuns na documentação, que poderiam ajudar a aprimorar os museus e proteger suas coleções.

Hoje, o Cidoc conta com mais de 950 membros, representando 90 países e fornece aos curadores, museólogos e especialistas em informação a oportunidade de colaboração mútua.

Através da realização de conferências anuais e do esforço de diversos grupos de trabalho, muitos padrões de documentação museológica foram desenvolvidos: guias práticos para o registro de objetos, padrões de documentação individuais para assuntos específicos, como o Cidoc Core Data Standard for Archaeological Sites and Monuments (Relação de Dados Padrão para Sítios Arqueológicos e Monumentos), e modelos de referência, como o *Manuel de Normes pour la Documentation des Collections Africaines* (Manual de Normas para Documentação de Coleções Africanas).

Neste momento, o desafio colocado aos profissionais da área é o

registro do patrimônio imaterial (ou intangível, como muitos preferem), pois é através de processos como este que seremos capazes de preservar uma cultura de seu senso mais amplo.

Esse desafio vem sendo colocado reiteradamente, nos últimos anos, com a ampliação dos conceitos de patrimônio e herança cultural¹.

O encontro deste ano, realizado em Porto Alegre, abriu a oportunidade para uma compreensão maior da complexidade envolvida na preservação da herança imaterial. Em quatro dias foram apresentadas conferências e comunicações debatendo aspectos conceituais, tecnológicos e gerenciais para a preservação de dinâmicas culturais das sociedades ao longo de sua evolução, assim como estratégias para devolução deste patrimônio a suas comunidades originais.

Abordando desde questões teóricas sobre a conceituação do patrimônio imaterial², como problemas técnicos específicos, a riqueza das experiências trazidas foi muito grande. Tentaremos aqui apresentar algumas contribuições que podem nos ajudar a desenvolver essas discussões em nosso cotidiano.

Um dos principais assuntos abordados foi a padronização de procedimentos de documentação, destacando-se a oficina *O Modelo de Referência Conceitual do Cidoc como ferramenta de integração da informação cultural*, proferida por Stephen Stead (vice-presidente do Cidoc). Nesta oficina, foi apresentado um modelo para integração de informação que, através do mapea-

mento de múltiplas estruturas de dados, pode transformar os conteúdos dos dados em formatos compatíveis ao CRM (Conceptual Reference Model), o que possibilita a formação de uma rede de dados sobre o patrimônio que pode ser integrada, migrada ou acessada pela Internet. Esse modelo, que já foi aceito pela ISO TC46, poderá ser utilizado na padronização de práticas dos museus, como um guia intelectual para criação de esquemas e formatos de documentação.

Outro ponto de destaque foram os relatos de experiências do uso das tecnologias de informação para a preservação e divulgação do patrimônio em seu sentido mais amplo (material e imaterial). Podemos citar o trabalho desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Catarina, onde foi criado o CD-ROM *Fortalezas Multimídia* que contém um banco de dados sobre as fortificações de Santa Catarina, do Brasil e do Mundo, com informações sobre o patrimônio material e imaterial a elas associados. A inovação deste sistema é que o conteúdo deste CD-ROM poderá ser constantemente atualizado on-line pela Internet, tornando-se, assim, uma obra aberta.

Outro exemplo é o Projeto Resgate *Barão do Rio Branco* coordenado pelo Ministério da Cultura, que está promovendo uma verdadeira revolução na historiografia brasileira ao promover uma microfilmagem sistêmica e divulgação através de CD-ROMs de toda a documentação existente sobre o Brasil no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa e que está se expandindo para outros acervos que contêm esta documentação.

Uma interessante apresentação de exemplos de sites na Internet dedicados à divulgação da herança cultural material e imaterial de um povo foi trazida pelo representando

do *The State Puskin Museum of Fine Arts* de Moscou: discutindo a necessidade de uma revisão mais acurada nas formas de apresentação da herança cultural e levando-se em consideração as possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias.

Outra importante questão abordada neste encontro foi a introdução da problemática do patrimônio imaterial às políticas culturais de preservação. Nesse sentido, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), através de vários representantes, apresentou o inovador instrumento para a preservação de nosso patrimônio cultural: o Decreto nº 3551, de quatro de Agosto de 2000, que instituiu o Registro dos Bens Culturais de Natureza Imaterial e criou o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial.

O registro das manifestações culturais, coordenado pelo Iphan, está sendo feito em quatro livros: Livro dos Saberes, Livros das Celebrações, Livro das Formas de Expressão e Livro dos Lugares.

Esta nova política está sendo implantada de forma descentralizada, sendo disponibilizados orientação técnica, recursos financeiros e metodologia específica através do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC).

Alguns exemplos foram apresentados, destacando-se o trabalho desenvolvido na área do *Museu Aberto do Descobrimento* onde foi desenvolvida e testada uma metodologia para a implementação do Inventário de Referências Culturais, além da produção de um CD-ROM interativo para devolução do conhecimento adquirido para as comunidades envolvidas, através das Salas de Referências criadas em todas as cidades que abrangem o *Museu Aberto*.

Outro ponto presente em várias comunicações é o papel da História Oral como método auxiliar na docu-

mentação do patrimônio imaterial. Neste sentido, interessantes experiências foram relatadas por representantes do Museu de Londres e do Museu de História Recente de Celje (Eslovênia).

O próximo encontro do Cidoc com o tema Museus Eletrônicos na Sociedade Moderna: Desafios e Contradições acontecerá em Setembro de 2003, em São Petersburgo (Rússia), em parceria com a ADIT (Automatization Directions in Museums and Information Technologies), uma associação russa reunindo especialistas de museus voltados para a criação de recursos eletrônicos e apresentação de informação de museus na Internet.

Este foi apenas um breve relato das comunicações e conferências deste importante Encontro do Cidoc. Muitas outras valiosas experiências foram apresentadas, mas é impossível abordar todas neste artigo. Só nos resta aguardar a publicação dos seus Anais, que com certeza irão enriquecer a prática profissional de todos os envolvidos na preservação de nosso patrimônio cultural. Esperamos que isso aconteça em breve. Maiores informações poderão ser obtidas nos sites:

www.icom.org.br

www.iphan.gov.br

Notas

Ver artigo da mesma autora: Os laços de continuidade com o passado são mantidos através do resguardo do patrimônio. *Raízes*. São Caetano do Sul: 22: 59-61, 2000.

Comunicação: *A Documentação do Patrimônio Imaterial*: novos conceitos... novos métodos? proferida pela museóloga Marilúcia Bottallo (MAE/ USP).

(*) *Monica lafrate é historiadora, com especialização em Museologia, formada pela USP. Há dez anos atua na área de pesquisa e organização de acervos históricos. Atualmente trabalha na Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul coordenando o Centro de Documentação Histórica e a Pinacoteca Municipal*

Orgulho de morar em São Caetano



Antes da Primeira Guerra Mundial, as pessoas nascidas na região da Áustria-Hungria tinham duas cidadanias.

Os avós e pais de

Carlos Wachtler imigraram da Áustria para a Hungria, onde fundaram uma cidade à qual deram o nome de sua cidade na Áustria: São Pedro

José Wachtler, pai de Carlos, nasceu na Áustria, em sete de Abril de 1877. Era alfaiate em couro. Foi também militar, mas não chegou a combater na guerra, por causa da idade. A mãe de Carlos, Joana Seidl, nascida em 20 de Setembro de 1880, também na Áustria, era confeitadeira. O casal teve quatro filhos: três nascidos antes da guerra (com duas cidadanias, portanto) e o mais novo, Carlos, nascido após a guerra, em 23 de Abril de 1921, segundo ele, apenas húngaro.

Após a guerra, o trabalho tornou-se muito difícil para os pais de Carlos. José Wachtler vendeu algumas terras que possuía na Hungria e comprou passagens para a família. Por isso, vieram para o Brasil, em 1927, não como imigrantes. Chegando a Santos, a família se dirigiu para a Mooca, onde morou durante dois anos, na Rua Madre de Deus.

Nessa época, Carlos tinha apenas seis anos de idade.

Em 1929, com a chegada da General Motors, a família mudou-se para São Caetano, com maior esperança de trabalho para os três filhos mais velhos. A princípio, o senhor José Wachtler alugou uma pequena casa na Rua General Osório.

Dois filhos trabalhavam numa serralheria alemã, onde atualmente se localiza o Externato Santo Antônio. O terceiro filho era bar-



Carlos Wachtler

Carlos, com cinco anos, no quintal de sua casa, na Hungria

beiro. Segundo Carlos, seus três irmãos aprenderam o ofício no país de origem.

Pouco depois, o senhor José comprou um terreno na Rua Itamaracá, 219 (atual Alameda São Caetano), onde fez apenas um quarto, no qual acomodou toda a família. Além disso, no local já havia um barracão, que servia de cozinha. O terreno pertencia à Companhia



Carlos Wachtler

Casamento de Josep e Joana, pais de Carlos Wachtler. Ano de 1905

Votorantim e a pessoa que o comprara vendeu-o ao senhor José por não poder pagar as prestações. O pai de Carlos, senhor José, não chegou a trabalhar no Brasil, porque não conseguiu aprender o idioma.

Apenas Carlos conseguiu estudar. Fez primário e ginásio na escola alemã do Teuto, onde se ensinavam dois idiomas: português e alemão. Como os avós e pais de Carlos nasceram na Áustria, ele fala somente alemão, idioma da Áustria. Não conseguiu aprender o idioma de seu país: Hungria.

NOVA VIDA – O senhor Pedro Romero, amigo da família Wachtler, tinha uma fazenda em Araraquara, mas desejava iniciar negócio em São Paulo. Por isso, pediu aos irmãos de Carlos, serralheiros, que providenciassem um local. Assim, os irmãos de Carlos instalaram uma pequena empresa, na Rua Borges Figueiredo, na Mooca, da qual foram os primeiros empregados. Ali produziam máquinas agrícolas. Com 14 anos de idade, Carlos foi trabalhar nessa empresa, com os dois irmãos já casados.

Dona Joana, mãe de Carlos, adoeceu gravemente e o senhor José precisou hipotecar a casa para pagar o tratamento da esposa, que foi internada no Hospital Osvaldo Cruz (hospital fundado por alemães). Apesar de todos os esforços, a senhora Joana faleceu em 1942.

Com 18 anos de idade, o jovem Carlos passou a trabalhar numa oficina mecânica. Trabalhava das sete às 22 horas, inclusive aos sábados e domingos. Assim, ele ajudou o pai a pagar a hipoteca e o inventário após a morte da mãe. Segundo a tradição da Europa, a casa da família era herdada pelo filho mais velho. Carlos concordou.

Carlos continuou a trabalhar no mesmo ritmo e conseguiu comprar um terreno em 1943. Esse terreno também era da Companhia Votorantin e o espanhol que o comprara não estava conseguindo pagar. Carlos deu a ele um conto e 500 que havia economizado. Prosseguiu pagando as prestações restantes. Era também responsável pelo sustento do pai. Um ano depois, Carlos construiu um quarto e cozinha no terreno adquirido. Segundo ele, não havia nada no local, além de muito mato e um riozinho. Não havia água, esgoto, ou energia elétrica.

MARTA RACIUNAS - Filha de Guilherme e Amália Raciunas, nasceu na Lituânia, no dia 29 de Dezembro de 1922. O casal Raciunas teve seis filhos, sendo Marta a mais nova. Em 1926, os Raciunas emigraram para o Brasil, como agricultores. Aqui chegando, foram enviados para uma fazenda, em Campinas. Em 1932, o senhor Guilherme Raciunas mudou-se com a família para São Caetano, onde alugou, inicialmente, uma casa na Rua São Paulo. Marta estudou apenas até o quinto ano na escola alemã do Teuto, onde Carlos Wachtler foi seu colega. Deixando a escola, Marta aprendeu o ofício de manicure, trabalhando em vários institutos de beleza até casar-se.



Fundação Pró-Memória

Carlos e Marta no dia da homenagem

Em 1945, Carlos, que conhecera Marta no tempo de escola, reencontrou-a num baile no Teuto e começaram a namorar. Casaram-se no dia 15 de Fevereiro de 1947 e foram morar na pequena casa de Carlos.

Carlos e Marta tiveram quatro filhos: Ricardo, Carlos, Ervin e

Rodolfo. Após o casamento, Carlos passou a trabalhar na Getoflex, em Guarulhos, como encarregado da ferramentaria. Aposentou-se em 1970. Já aposentado, trabalhou durante algum tempo na Alemanha, deixando aqui a família. De volta, segundo ele, começou tudo de novo.

Alugou um pequeno salão na Rua Solimões, comprou máquinas a prazo e instalou sozinho uma oficina, que foi crescendo. Hoje, Carlos Wachtler tem uma indústria, JetMolde, no Bairro Califórnia, São Paulo, dirigida por seus três filhos, com dez empregados, trabalhando em três turnos.

Atualmente, residindo na mesma casa (Rua Flórida, 863 – Barcelona), há 54 anos, o Sr. Carlos Wachtler e sua esposa se declaram pessoas felizes e bem-sucedidas. Ele (católico) e ela (luterana) agradecem a Deus a boa família que puderam constituir: quatro filhos, 11 netos e um bisneto. Todos brasileiros e sancaetanenses, diz o sr. Carlos, com orgulho.

Naturalizados, Carlos Wachtler e Marta são também muito gratos ao país que os acolheu de braços abertos: *O Brasil é nossa segunda pátria. São Caetano do Sul, nossa cidade muito querida. E conclui: No Brasil, dá pra se arrumar (a vida). Basta ter vontade firme e trabalhar.*



Carlos Wachtler

Da esquerda para a direita: José (irmão), Joana (mãe), Carlos (entrevistado), João (irmão), Josep (pai) e Matias (irmão)



Carlos Wachtler

Carlos, Marta e os filhos. Da esquerda para a direita: Carlos Júnior, Ervin e Ricardo

Trajétória dos Morettos

Fernando Moretto nasceu em São Caetano no dia quatro de Março de 1927. Os pais, Antônio Moretto (italiano) e Amélia Cantadori (filha de italianos), tiveram oito filhos, dos quais Fernando era o mais novo. Em 1918, a família Moretto mudou-se do interior de São Paulo para São Caetano. Todos, pais e filhos, passaram a trabalhar na Cerâmica São Caetano.

Fernando, o filho mais novo, fez o curso primário no Segundo Grupo Escolar da Rua Monte Alegre e completou seus estudos na Escola 30 de Outubro (curso propedêutico e contabilidade). Com 13 anos de idade, Fernando, que estudava à noite, começou a trabalhar num açougue. Aos 14, ingressou na Cerâmica São Caetano, seguindo para Brasmotor (SBC), Companhia Brasileira de Cartuchos e, em 1950, General Motors do Brasil. Aposentou-se em 1986, com 36 anos de serviço, sempre na área de finanças. Depois de aposentado, trabalhou, durante oito anos, como corretor de imóveis.

O sr. Fernando Moretto casou-se com Theresina Stanguini no dia 26 de Julho de 1952. A sra. Theresina, filha de sitiantes, nasceu em Lençóis Paulista - SP, no dia 26 de Julho de 1927. Fez o curso primário em sua cidade e veio para São Caetano, com a família, aos 15 anos de idade. Trabalhou na Artefatos de Couro (Avenida Goiás em São Caetano), Fábrica de Linhas (Brás - SP) e Cerâmica Americana (São Caetano). O casal Moretto teve três filhos: Vagner, Marcos e Rita, que lhes deram cinco netos: Edmilson, Marina, Tatiane, André e Lucas.



Da direita para a esquerda, Edilson, Tatiane, Terezinha (avó), Lucas, Fernando (avô), André e Marina, no terraço da casa, Rua Engenheiro Rebouças, 162, Bairro Cerâmica

Fernando Moretto

Atualmente, o sr. Fernando Moretto e esposa continuam residindo na Rua Engenheiro Rebouças, 162, Bairro Cerâmica. Como passatempo, o Sr. Fernando gosta de fazer reparos necessários à conservação da casa e dar assistência aos filhos. Dona Theresina gosta de ouvir música e ler revistas. Ambos adoram jogar baralho, passear e dançar. Fazem parte do Grupo Renascença e do Grupo de 3ª idade dos Funcionários Trintenários da General Motors do Brasil.



Fernando e Theresina Moretto no dia da homenagem

Fundação Pró-Memória

Saudade das festas da Cerâmica São Caetano

Olindo Toscano nasceu no dia Oito de Abril de 1920, em Lençóis Paulista - SP, onde fez o curso primário e estudou música. Seus pais, Antônio Toscano e Maria Felícia Toscano, eram imigrantes italianos. O sr. Antônio Toscano era negociante. Tinha um sítio e fabricava aguardente em Lençóis Paulista.

Como era jogador de futebol,

o jovem Olindo Toscano, com 17 anos de idade, deixou sua cidade para fazer parte dos times de Garça, Marília e Portuguesa. Como goleiro do Esporte Clube da Cerâmica São Caetano, Olindo veio para São Caetano, residindo, inicialmente, na casa de um irmão e, depois, com a família, que também se mudou para São Caetano. Amante do futebol e da música,

Olindo passou a trabalhar na Cerâmica São Caetano.

Em 1940, a Cerâmica São Caetano decidiu formar uma banda com os funcionários, cabendo a Olindo essa tarefa, uma vez que sabia tocar vários instrumentos. Como a idéia da banda não vingou, Olindo formou, com os funcionários músicos, uma *jazz band* que tocava no clube da própria Cerâmica. Com o tempo, esse grupo musical foi crescendo e o sr. Olindo Toscano conseguiu formar sua orquestra, que durou 52 anos.

Como funcionário da Cerâmica São Caetano, o sr. Toscano trabalhou no escritório, foi encarregado e almoxarife, completando 20 anos de serviço nessas funções. De 1968 a 1974, ainda por conta da Cerâmica, foi administrador do Centro Social Roberto Simonsen, onde pôde realizar um belo trabalho: grandes festas de fim de ano, carnavais, festas juninas, apresentação de filmes, shows com grandes artistas da época, campeonatos, tudo de melhor em lazer e cultura para os funcionários da Cerâmica São Caetano. A partir de 1974, quando se aposentou, Olindo Toscano passou a se dedicar apenas à sua orquestra que, por motivos de saúde, desfez em 1992, após um excelente trabalho.

Olindo Toscano casou-se com Amélia Savoya de Oliveira no dia dez de Setembro de 1942. Amélia Savoya de Oliveira, segunda filha de Benedito Savoya de Oliveira (Itatiba – SP) e Irma Agostinetti (São Caetano), nasceu em São Caetano no dia primeiro de Setembro de 1924 *dentro da Cerâmica*, segundo ela. Dona Amélia também nos disse que passou a infância dentro da Cerâmica, onde estudou e aprendeu catecismo.



Olindo Toscano
e Amélia
Savoya Toscano
no dia da
homenagem

Fundação Pró-Memória

O casal Toscano teve três filhos: Maria Aparecida, Ademir e Antônio José (todos casados) e quatro netos – Fausto, Ricardo, Luciene e Ademir Antônio. Ao

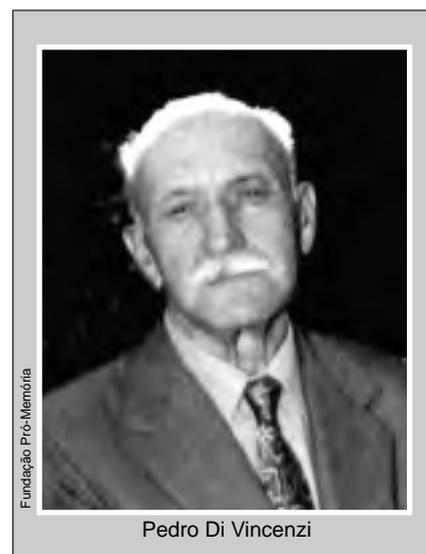
final da entrevista, o sr. Olindo Toscano e sua esposa falaram da grande saudade que sentem das festas que realizavam em outros tempos.

Tudo a caneta

Filho de Mariano Di Vincenzo e Domenica D’Attilio, imigrantes italianos, Pedro Di Vincenzo nasceu em Piracicaba, no dia 25 de Fevereiro de 1919. Seus pais eram lavradores e tiveram seis filhos, tendo a sra. Domenica falecido no parto do sexto filho.

Aos cinco anos de idade, Pedro contraiu uma doença, amarelão, e veio para São Caetano para se tratar, hospedando-se na casa de uma tia. Com o falecimento da mãe, em 1924, ficou definitivamente em São Caetano, com a tia, Maria Grazia D’Attilio, que o criou como um verdadeiro filho, segundo ele.

Pedro não teve possibilidade de estudar. Fez apenas um curso de contabilidade, com duração de um ano. Aos 14 anos de idade, começou a trabalhar na Cerâmica São Caetano, mais precisamente, no dia primeiro de Março de 1933. A essa empresa dedicou, com empenho e muita satisfação, a maior parte de sua vida.



Pedro Di Vincenzi

Começou como ajudante na fabricação de telhas brilhantes. Sua função era colocar um paliquinho no estampo da telha, para que esta tivesse um furo depois de seca. Tempos depois, Pedro passou a transportar ladrilhos quentes do forno para as escolheiras, onde eram selecionados conforme as tonalidades e

medidas. Em seguida, o jovem Pedro foi transferido para o almoxarifado.

Em 1945, passou a trabalhar no escritório da Cerâmica São Caetano, onde, de setor em setor (expedição, faturamento), conseguiu chegar à contabilidade, tornando-se responsável por toda a escrituração da firma. *Tudo a caneta*, conta ele.

No dia primeiro de Agosto de 1970, o sr. Pedro Di Vincenzo aposentou-se, levando consigo grandes e belas lembranças da Cerâmica São Caetano. Por mais alguns meses, prestou serviços à Indústria Marinotti, que produzia pastilhas.

Em 1941, o jovem Pedro de Vincenzo conheceu, na Matriz Sagrada Família, que freqüentava como congregado mariano, a jovem Tereza Carbonari, que era filha de Maria. Tereza Carbonari, filha de Alfredo Carbonari e Francisca Zanini, imigrantes italianos, nasceu no Bairro da Lapa no dia 11 de Julho de 1923, vindo morar, com a família, em São Caetano, quando adolescente. Pedro e Tereza se enamoraram, casando-se no dia 11 de Julho de 1942. O casal teve três filhos: Durval (químico, casado), Roberto (ferramenteiro, casado) e Cecília (casada).

Entre as boas lembranças do sr. Pedro Di Vincenzo está a honrosa visita de Getúlio Vargas, Presidente da República, a São Caetano, por ocasião da inauguração da fábrica de sílica, que deveria fornecer material à siderúrgica de Volta Redonda.

Atualmente, o sr. Pedro Di Vincenzo reside com a esposa na Rua Engenheiro Rebouças, Bairro Cerâmica. Considera São Caetano como sua terra e sente muita saudade de seu trabalho na Cerâmica São Caetano.

Funcionários do escritório da Cerâmica São Caetano. Da esquerda para a direita: Antônio Barbosa da Silva, Mário (?), Nicolau Ribeiro, Bernardo Lovato, Pedro Di Vincenzo, Luiz Riera, Odorico Coelho, Francisco Bertolacini



Pedro Di Vincenzo



Pedro Di Vincenzo

Inauguração do campo de futebol em frente ao Chico Mendes. Ao microfone, Armando de Arruda Pereira. Atrás, à direita, usando óculos, terno e gravata, Marcos Alfredo de Arruda Pereira. Ao lado, Pedro Di Vincenzo



Pedro Di Vincenzo

Em pé, da esquerda para a direita, turma da Contabilidade da Cerâmica São Caetano: Pedro Di Vincenzo, José Antunes de Azevedo, Valdemar Siqueira, Benedito Fernandes. Sentados: Maria Nair Urbaneja, Francisco Bertolacini e José Pereira Guimarães



Pedro Di Vincenzo

Funcionários e operários que receberam medalha pelos 20 anos de serviço (1933/1953). De pé, em cima, da esquerda para a direita, primeira fila: José Ferreira, Pedro Di Vincenzo, Augusto Tozeto, Waldemar Barg, João Batista Reis, Aldo Milani, Maximiliano Grossi, João de Andrade, Augusto Icotá, Pedro Leme. Segunda fila: (?), (?), (?). Sentados: Nestor Nascimento (trajando farda), Elizeu Migliatti, Manoel Pinheiro, Márcio Jajer, Pedrinho dos Santos Oliveira e sua filha



Família de Pedro Di Vincenzi. Em pé, da esquerda para a direita: Durval (filho), Pedro, Tereza (esposa), Darline (neta), Durval (neto), Hélia (nora), Milton (genro), Iara (nora), Roberto (filho), Cristiane (neta). Agachados: Thiago (neto), Leandro (neto), Flávio (neto), Tereza Cristina (neta), Fabiana (neta), Cecília (filha) e Alfredo, namorado da neta

A vida de trabalho de Rosária Gutierrez Calmona

Rosária Gutierrez Calmona nasceu em Rio Claro – São Paulo, no dia 17 de Dezembro de 1923. Veio para São Caetano, com a família, aos oito anos de idade. Seus pais, Ramon Gutierrez e Maria Maldonado Martins, eram imigrantes espanhóis. Chegando a São Caetano, o sr. Ramon comprou uma casa na Rua Espírito Santo. Trabalhou na Fábrica de Louças Vergílio até aposentar-se. Depois de aposentado, trabalhou como coveiro no Cemitério da Cerâmica.

Rosária estudou até o 3º ano primário no Grupo Escolar Bartolomeu Bueno da Silva. Como a família Gutierrez era muito pobre, Rosária começou a trabalhar cedo. Trabalhou no Aliberti (cinco anos) e na Cerâmica São Caetano (dez anos). No dia seis de Março de 1943, Rosária Gutierrez casou-se com Pedro Calmona, nascido em São Caetano (Rua Amazonas), no dia 29 de Junho de 1921, também filho de imigrantes espanhóis.



Rosária Gutierrez Calmona e Pedro Calmona

O sr. Pedro Calmona trabalhou como mecânico no Aliberti, torneiro mecânico na fábrica de pastilhas e na Confab, até aposentar-se. Com a ajuda da esposa, D. Rosária, o sr. Pedro teve dois bares: um na Rua Guaicurus e outro na Rua Tenente Antônio João. Trabalhei no bar durante 40 anos, diz D. Rosária.

O casal Calmona teve três filhos: Adílson (falecido), Édson e Edna. Tiveram quatro netos: Ingrid, Élisson, Karen e Adílson.

Atualmente, D. Rosária Gutierrez Calmona, já viúva, continua residindo, com a filha Edna, na casa da família, situada na Rua Tenente Antônio João, 316, Bairro Cerâmica.

José Senteres

Nasci em 30 de Janeiro de 1916, tendo hoje 85 anos. Vim da cidade de Guaxupé, Minas Gerais, com 12 anos, para morar em São Caetano do Sul, na Rua Oswaldo Cruz, defronte do Mercado Joanin, morando lá oito anos.

Casei-me com 20 anos com Elvira Ferraz e fui morar na Rua Guaicurus, Bairro Cerâmica. Essa rua é paralela com a Tenente Antônio João. Morei nessa rua 20 anos. Depois fui morar na Rua Tenente Antônio João, 225, onde moro até hoje, no Bairro Cerâmica. Moro aqui nesta casa há 46 anos.

Em resumo, moro no Bairro Cerâmica há 73 anos. Trabalhei nas Louças Cláudia, Matarazzo. Depois passei para as Louças Adelinas. Fui contratado pela Fábrica de Louças Majólica Paulista como modelador e chefe geral da fábrica. Permaneci nessa fábrica seis anos.

Depois abri um bar, bem defronte da Cerâmica São Caetano. Lá trabalhei muito, mas fiz muitos amigos. Batizamos muitas crianças do bairro, eu e minha esposa Elvira.

Lá fiquei 30 anos. Tivemos cinco filhos, dois faleceram logo que nasceram: eram gêmeas. Criamos três filhas: Ester, Olaide e Arlete, que amo muito.

Esta é a história da minha vida e também a minha vinda a São Caetano do Sul e a permanência nesta cidade que eu amo muito.

Que Deus abençoe a minha família e a todas as outras que moram aqui. (Yolanda Ascencio)



Rosária Gutierrez Calmona

Encontrando paz no município

Michel Nóbrega CURY (*)

Quando vim morar em São Caetano do Sul só existiam calçadas construídas com paralelepípedos, o resto era tudo de terra (...) Depois, aos poucos, a cidade começou a engatinhar (...) Tinha um pouco de dificuldade, o ano era 1949.

Antônio Bettanin nasceu em Pedreira, São Paulo, no dia 22 de Outubro de 1924. Criado no interior, não possuía as informações contidas na cidade grande. Nasceu após a Primeira Guerra Mundial e, como toda a sua geração, trabalhou muito para ajudar o país a retomar o crescimento.

Antônio é filho de italianos. Eugênio Bettanin e Madalena Carolo nasceram em Vicenza, no entanto, vieram para o Brasil no ano de 1914. Primeiramente pararam em São Paulo, mas se dirigiram para o Município de Pedreira, onde mais tarde nasceu Antônio. É o caçula de seis irmãos, dois ainda vivos. Ao todo, eram dois homens e quatro mulheres. *Vieram meu pai, minha mãe e os irmãos. Toda a turma (...) Eu sou o mais novo. Acima de mim tinha quatro irmãs e um irmão (...) As duas ainda vivas moram no Paraná, na cidade de Cornélio Procópio.*

Em meio às brincadeiras de infância, a família se mudou para o Município de Jaguariúna, próximo à região. Na cidade, Antônio estudou e morou até por volta dos 20 anos de idade. *Mudamos para Jaguariúna, morei ali em volta (...) Fiz o primário, vivi até 1946 (...) Eu trabalhava às vezes. Como eu era o mais novo, meus pais e irmãos iam para a roça e eu para a escola (...) Quando sobrava um tempo, sempre tinha alguma tarefa para fazer na horta (...) Quando cheguei, por vol-*



ta dos 11 anos, me juntei a eles e comecei a ajudar na roça também.

MUDANÇA - Disposto a mudar, Antônio deixou a cidade e veio para São Paulo, estabelecendo-se na Vila Bela, em Maio de 1946. Logo depois, dirigiu-se a São Caetano. *Em 1948, votei pela primeira vez na minha vida (...) Era para votar sim ou não (...) Um marco importante para nossa História (...) Era a autonomia de São Caetano do Sul (...) Todos preferiam assim (...) Santo André não ligava muito para a gente (...) Aí foi quando o Ângelo Rafael Pellegrino assumiu o comando da cidade.*

Antônio recebia boas notícias da região e isso fez com que desejasse vir para São Caetano. *Estava com vontade de mudar (...) Minha irmã já morava por aqui e eu já estava bem informado, sabia o que iria encontrar. Antes de mudar, minha mãe já tinha falecido, estávamos quase*

sós (...) Meu pai bancava o cozinheiro e fazia comida pra gente (...) Lá no interior não era como aqui, que em cada esquina você tem um lugar para comer (...) Não tinha facilidade nenhuma. Achei melhor permanecer aqui.

No ano de 1949 casou com Francisca Jordão e foi para uma casa na Rua Espírito Santo, número 66. Passados três meses, mudou novamente, mas continuou na mesma rua, desta vez no número 16. *Minha esposa é de Espírito Santo do Pinhal, perto da minha cidade (...) Nos conhecemos no interior, pois morávamos na mesma fazenda (...) Lá foi onde funcionou o imã, brinca Antônio. Casamos aqui em São Caetano, na Igreja Matriz de São Caetano (Paróquia Sagrada Família) (...) Foi o Padre Êzio quem celebrou a união. Era dez de Setembro de 1949 (...) Eu vim um ano antes, e o resto veio para cá em 1947.*

Em 1950, estavam fazendo loteamento dos bairros. *Comprei madeira e fiz a sala, o quarto e a cozinha. Tudo era de madeira (...) Por parte de minha esposa Francisca eram em dez irmãos (...) Então, quando um tinha que fazer alguma coisa, juntava a turma toda aos sábados e aos domingos (...) Era um tipo de mutirão. Tirei uma planta e fizemos a casa dessa maneira.*

Do casamento, nasceram dois filhos: Elizabete Bettanin, que hoje é casada com Ariovaldo Marião, e o mais novo, chamado Antônio Roberto, casado com Cláudia Cristina Poker. *Tenho três netos (...) Meu filho morou aqui uns tempos. Trabalhou na Mercedes-Benz (...) Se formou lá em desenho, projeto mecânico (...) Já minha filha é formada arquiteta.*

Uma curiosidade da época era que, na maioria dos nascimentos, as

parteias eram responsáveis pelos partos. Os filhos nasciam nas próprias casas.

TALHERES - Para firmar-se na cidade e começar a vida, Antônio trabalhou em diversas firmas. *Quando cheguei do interior, comecei a trabalhar na Mooca (...)* Arrumava outros serviços em alguns lugares. *Me dava bem na maioria deles (...)* Naquele tempo era fácil (...) Ajudei também na construção da fábrica da General Motors (...) Depois ainda trabalhei na Fábrica de Botões Aliberti. Preocupando-se com o futuro, mudou de ares e foi trabalhar no Ipiranga, na Fábrica de Talheres Rádio. *Ali trabalhei durante 30 anos da minha vida (...)* Eu estampava colheres (...) Passados 15 anos, tornei-me subencarregado e fui crescendo (...) Por fim, quando ocorreu o golpe militar, eles fecharam as importações, fazendo com que se comprasse todo o aço inoxidável de fora do país (...) Ficou muito ruim pra gente (...) Compravam-se retalhos de outras firmas para se trabalhar (...) Eu era encarregado da seção, que tinha cerca de 50 pessoas. (...) No fim, parecia que a gente vivia praticamente no inferno (...) O patrão vinha até a gente e dizia: *“Quero esse material para quinta-feira, assim sairá dinheiro para vocês” (...)* A gente pedia 200 cruzeiros de vale (...) Ao entardecer, quando o pessoal ia pegar o dinheiro, recebíamos só 50 cruzeiros (...) Nossa vida era entre a cruz e a espada.

O Brasil não se encontrava em boas condições. Muitas firmas fecharam as portas devido às desestabilizações corriqueiras na época. Essas mudanças, às vezes, traziam dúvidas a Antônio, entretanto, mesmo com dificuldades, nunca deixou a cidade que escolhera para formar a vida. *Passava apertado financeiramente, porém, nunca faltou comida, porque sempre fui empregado*

(...) Não podia comprar um par de sapatos, uma calça, roupas novas (...) Mas comida era o principal (...) Não tinha, mas vivia.

Procurando melhorar de vida, Antônio fez alguns cursos de eletrônica e mecânica. Isso fez com que obtivesse uma proposta de emprego, mais lucrativa. Como já prestava serviços há muito tempo, Antônio resolveu apurar melhor a situação. *Eles sempre diziam que iam aumentar o pagamento, mas nunca se concretizava (...)* Fui até meu chefe e disse:

- “A situação está difícil, estou precisando de um aumento.”

- “E se eu não te der o aumento, o que você faz?”

- “Saio daqui e vou trabalhar em outro lugar.”

- Você acha que ainda é jovem para conseguir outro emprego?

Foi quando Antônio pegou um papel, em que propunham 50% a mais de salário. *Mostrei a ele (...)* Pensou, pensou e disse que o máximo que podia me oferecer era um aumento de 40% (...) Como era de casa, não podia me arriscar em outra firma, onde não conhecia nada e nem ninguém. *Acabei, por fim, permanecendo na Fábrica de Talheres Rádio. O mês passou e, co-*



Elizabeth Bettanin, Antônio Bettanin e Antônio Roberto Bettanin

mo já tinham feito anteriormente, descontaram um valor (...) Quando vi, tinham descontado 40% e dado apenas 1% de aumento (...) Me cansei, fiquei irritado. *Sempre faziam algo desse tipo (...)* Fui procurar um advogado e ele deixou bem claro que era causa ganha (...) Aí larguei e não fui mais trabalhar na firma (...) Tentei mais algumas outras coisas (...) Sem muito sucesso, me aposentei por volta do ano de 1980. Com o dinheiro que recebia na aposentadoria, Antônio vivia sem problemas, no entanto, a situação do país não favorecia a estabilidade financeira.

São Caetano do Sul foi crescendo. Construíram-se parques, escolas, clubes, diversas coisas. Naquele tempo era comum todos se conhecerem e serem amigos. Os moradores se reuniam sempre. *Nessa época, estavam fazendo obras atrás da minha casa (...)* Desconfiava que passava uma corredeira de água sob meu quintal (...) Comprei uma broca e resolvi furar a terra (...) Encontrei e fizemos um poço (...) O único problema foi que a água era um pouco salgada.

Em 1960, estavam construindo o Estádio Anacleto Campanella. *Tinha um time de futebol do São Caetano que estava na segunda divisão (...)* Fizeram fusão com um time da primeira divisão (...) Estavam angariando sócios e eu, juntamente com minha esposa Francisca, tornei-me sócio (...) Na maioria dos sábados e domingos nós íamos passar o dia no clube (...) Assistir aos jogos.

Nesse tempo, São Caetano do Sul caminhava rumo à estabilidade, ao desenvolvimento e ao crescimento. *Nunca pensei em deixar a cidade, entretanto, ainda sinto bastante saudade do interior (...)* Lá a gente só sentia necessidade do dinheiro, nunca de alimento, farinha, açúcar, sal (...) Tinha vezes em que ocorria

Entre os pobres, a alegria de Zilda Silva Villas Boas

a seca, então colhia-se menos (...) Quando criança, éramos sempre alegres (...) A gente brigava de vez em quando, mas era coisa passageira (...) Jogava bola, andava de carrinho de rolimã, e tinha também o estilingue (...) Sinto saudade do interior, também, porque lá tudo parece que tinha mais graça (...) Aqui é muita correria, hora marcada pra tudo, chegar, sair, começar (...) Sempre pensei em comprar um terreninho, porém, não deu certo.

Antônio afirma que São Caetano do Sul é uma das melhores cidades da grande São Paulo. Teve dificuldades com um acidente grave, contudo, ressalta que a estrutura oferecida pelo município foi de ponta. *Me acidentei quando derrubava uma casa (...) Fiquei muito tempo internado entre idas e voltas (...) Recuperei a minha saúde (...) Quebrei a coluna em três lugares. O médico dizia que eu não voltaria a andar.*

- "Doutor, vou andar sim senhor. Já andei mais de 50 anos e não vai ser agora que eu vou desistir!"

Fiquei 17 dias internado (...) Depois, ainda não podia dirigir. Então peguei um ônibus e, de repente, ele brecou (...) Segurei para não cair, nisso, os ferros que sustentavam minha coluna se soltaram, resultando em mais uma cirurgia e outros 45 dias de hospital (...) Sempre superei tudo com muita saúde. Sempre com um ótimo tratamento.

Com uma vida ativa, Antônio Bettanin viaja, quando pode, para visitar duas irmãs, que residem no Município de Cornélio Procópio, Paraná. Também faz excursões com a esposa. Fazem parte da Paróquia São Francisco de Assis. *Fomos para Franca e Mococa com a igreja (...) O Rio de Janeiro eu ainda gostaria de conhecer. É otimista quanto ao futuro, mas alerta: Quando a gente é jovem, tudo é fácil (...) Quando a gente tem uma certa idade, já fica mais difícil conseguir as coisas.*

Zilda Silva Villas Boas, "Villas com dois eles e Boas separado"(...) *Tem até um homem da Prefeitura que, quando vai falar de mim, diz: Villas com dois "eles" e Boas separado (...) Eles falam que eu detesto quando escrevem meu nome errado (...) Eu respondo: "É claro, não esqueçam do Silva. Aí não pode!"*

Nasceu em nove de Junho de 1920, na cidade de Bebedouro, Estado de São Paulo. *Meu pai, Joaquim Ferreira da Silva, era de Ouro Fino. Minha mãe era de Jaboticabal e se chamava Rosa Pellegrino da Silva (...) Meus avós vieram da Itália (...) Meu avô era daqueles italianos bem bravos.*

Como grande parte das famílias do começo do século XX, Zilda ainda contava com mais dez irmãs: Zélia, Pedro Benedito, Francisco Jorge, Terezinha de Jesus, Maria Júlia, Anita, João Batista, Maria Clara, Maria Zélia e Aparecido Carlos. *Todos nascidos em Bebedouro, porém, agora cada um está em um caminho diferente (...) Todos são vivos. A única que já faleceu foi a Zélia.*

Zilda nasceu após a Primeira Guerra Mundial e, assim como muitos, buscava o crescimento do país. *Minha infância foi ótima, frequentava o grupo escolar lá em Bebedouro (...) Depois, fiz o Ginásio do Estado, seguindo com o Magistério (...) Meu pai tinha uma selaria, fazia muitas coisas (...) Minha mãe era dona de casa (...) Já o irmão dela, o Pedrinho, foi meu diretor. Era maestro, professor de música e diretor do ginásio (...) Na infância e na adolescência eu possuía muitos amigos.*

Aos 19 anos de idade, uniu-se com João Baptista Villas Boas.



Zilda Villas Boas

Tiveram cinco filhos homens: quatro nascidos em Bebedouro e um em Campinas. *Foram o Ruy, José Roberto, João Batista sem "p" - o do meu esposo tem "p", mas o dele não -, o Márcio Sérgio e o Paulo Celso (...) Meu marido já tinha morado aqui com 17 anos. Era tipógrafo e trabalhou na Matarazzo (...) Ele contava que via o conde naquele Ford (...) Casei-me em Bebedouro, em 1939. Fiquei 54 anos casada com o João. Já faz oito anos que ele faleceu, foi uma pena (...) Meu único filho nascido em Campinas, o Roberto, foi na época em que meu marido trabalhou por lá (...) Ele foi jogador de futebol na Ponte Preta. Era goleiro (...) O Ademar Oliva Xavier, nosso grande amigo desde o tempo de Bebedouro, é o único que o chamava de Zico, apelido de família, conta Zilda.*

MELHORA - Naquele tempo era comum as pessoas trocarem de cidade, pois buscavam trabalho e melhoria na condição de vida. *Vimos para São Caetano porque o Ruy, meu filho, iria fazer 18 anos (...) Bebedouro era muito*

bom, mas eles precisavam aprender a trabalhar e comprar as coisas, né (...) Como eram cinco homens e já estavam se tornando todos moços, não poderiam mais ficar nas custas do pai. Então decidimos (...) Como o João tinha morado aqui e também tínhamos amigos morando na cidade, pediu transferência do Banco do Brasil e fomos direto a São Caetano.

Chegando no município, a família foi morar em uma casa em frente ao Hospital Beneficência Portuguesa. Logo encontraram os amigos Ademar Oliva Xavier e Nair Gonzalez Xavier. Zilda foi trabalhar na Escola Estadual de Primeiro Grau Dom Benedito. Foram os bancários que arrumaram pra gente aquela casa (...) O João só foi desligado em Junho (...) O Ademar veio na frente (...) A primeira pessoa que conheci por aqui foi o senhor Jorge Laranjeira. A rua ainda não era asfaltada (...) Quando meu marido viu aqui, logo pensou:

- "Vou comprar duas ou três terras por aqui ... Esse lugar vai progredir muito".

- "Pronto! Já vai comprar mato".

Chamei a Nair e disse para o Ademar deixá-la trabalhar comigo. Éramos todos de Bebedouro (...) Ainda trabalhei em São Matheus, em Utinga (...) Depois vim para a Escola Arthur Rudge Ramos. Lá fiquei por muito tempo, sempre lecionando e atrás de entidades (...) Meu filho mais velho conta que eu não espero os pobres vir atrás de mim, eu que ando atrás dos pobres.

O tempo foi passando, o casal foi se enturmando e acostumando com a cidade. São Caetano estava em ascensão, recebia muitas famílias interessadas em começar vida nova. Sempre frequentei a sociedade, era assim desde Bebedouro (...) Eu saí até em



Zilda Villas Boas e o marido João Baptista no baile do Lions-Centro

carnaval (...) Nós somos em muitos irmãos (...) Na maioria são todos assim.

Zilda logo se aproximou dos clubes de serviços, sempre prestando socorro aos necessitados. Nós fomos durante dez anos patronos do Lions Club Centro (...) O João me acompanhava (...) Ele dizia para que eu tomasse parte de tudo, mas para não colocá-lo no meio, que ele iria só acompanhar.

Nessa época, os filhos já estavam encaminhados. Eles estudaram aqui na cidade (...) O Roberto fez faculdade no IMES. O Ruy montou um escritório em São Paulo. A gente ficava sabendo de cada coisa (...) Ele sempre foi muito sapeca e eu ficava me

perguntando a quem esse menino tinha puxado? Cheguei à conclusão de que era a mim mesma, declara Zilda com sorriso no rosto (...) Já o João Batista, sem "p", fez Engenharia. Construiu algumas obras na cidade, grupos escolares e praças. O Márcio formou-se em Educação Física e, por fim, o Paulo está com uma fábrica de móveis em Belém, lá no Pará (...) Tenho ao todo 11 netos e quatro bisnetos (...) O Roberto mora em Fortaleza e o Paulo em Belém. Já fui visitá-los, gostei bastante, no entanto, a viagem é muito longa (...) Eles progrediram muito, tudo isso com bastante esforço e trabalho.

Mostrando algumas fotos, Zilda recorda dos momentos em que ganhava prêmios. Eu fui durante cinco anos primeiro lugar das cafonas (esse troféu era dado às pessoas que se vestiam mal) (...) Tinha um saco de retratos, minha irmã vinha aqui e dizia: - "Zilda, vamos dar um pouco de risada: pegue seus álbuns de fotografia" (...) A gente não acredita que colocava umas roupas daquelas (...) Eu comprei um álbum e fiz só da família. Outro só da Apami (Associação de Proteção e Assistência à Maternidade e Infância), um dos cafonas, um da escola e um da família do João.

A despeito dos problemas, a família sempre se manteve com o trabalho. Nunca passamos muita dificuldade, era só o natural, foi uma vida normal (...) Morei durante cinco anos na frente da Beneficência, depois, mudei para a Rua Prudente de Moraes, permanecendo durante oito anos (...) Finalmente parei aqui, no Bairro Santa Maria, onde já estou há 30 anos. Nada caiu do céu.

Atualmente, com 81 anos, Zilda se mantém fazendo o que gosta. Faz parte de muitas entidades, ajudando as pessoas car-

entes e necessitadas. Quando vê alguma desigualdade, não se contenta. *Ontem mesmo escrevi pro Jornal Agora (...) Tinha uma reportagem dizendo sobre uma artista, que tinha comprado 53 pares de tênis (...) Ela argumentava que, como estava grávida, não poderia usar sapatos (...) Com tanta gente passando fome, ela não precisava menosprezar os outros (...) Podia ajudar as pessoas (...) Essa não foi a primeira vez que fiz isso. Se a coisa estiver ruim, eu tomo parte. Só estou esperando sair no jornal (...) A desigualdade está muito grande (...) Eu não sou fã da Rede Globo, acho ela muito egoísta (...) Não posso ver dificuldades (...) Tenho que ajudar (...) Repartir é fácil. Ajudar os pobres é tão bacana,* comenta Zilda.

Trabalha há quase 40 anos como secretária da Apami e dos Roupeiros Santa Rita (organização que arrecada roupas para necessitados). Também faz parte da Rede Feminina de Combate ao Câncer há 30 anos. *Na última quinta-feira do mês, nós nos reunimos (professoras aposentadas), escolhemos um local e fazemos uma filantropia (...) Esse mês, ainda não sei onde irá se realizar.*

Como professora, alfabetizou muitas pessoas ao longo da vida. Segundo ela, o professor é o começo de tudo. *Faz muito tempo que os professores não ganham aumento de salário. Está ocorrendo uma inversão de valores (...) Respeito todas as profissões, mas tem muito artista ganhando fortunas (...) Hoje você quase não acha um programa na televisão que não tenha mulheres peladas (...) No meu conceito, a mulherada perdeu o pudor (...) Se jogam sobre esses cantores, depois acontecem as brigas de separação, filhos e outras coisas.* Indagada sobre a possibilidade



Comemoração dos 80 anos. Da esquerda para a direita: Ruy, João Baptista, Paulo Celso, Zilda, José Roberto, Márcio, Sérgio

Família Villas Boas

de já ter pensado em sair do município, Zilda relembra uma conversa com o marido.

- *“Você só não deixa esta cidade por causa das suas amizades!”*

- *“Não gostaria de morar num sítio, à noite, tudo escuro, não tem nada”.*

- *“Você não tem sensibilidade (...) Não sabe ouvir um sapo, um passarinho cantar, não presta atenção no trabalho da aranha, só quer saber de luz, povo, gente”,* completou o marido.

Gosto da turma de São Caetano. Sou muito conhecida aqui (...) Até fui homenageada Mulher de Ação (...) Foram cinco mulheres (...) Eu, uma de Santo André, outra de São Bernardo, uma de Mauá e também uma médica.

Em meio às entidades, explica a todos o quanto é importante socorrer as pessoas. *Outro dia eu consegui, com a presidente dos Roupeiros, 12 toalhas, 12 lençóis, 12 fronhas (...) Quando bate pedindo comida, tem que dar (...) Dou pra quem não tem (...) Sou igual o Santo Antônio: eu peço pra dar (...) Uma vez veio um homem pedir comida. Dei a ele um prato de comida e também três bananas (...) Depois de comer, ele virou e disse: “A família aí não toma refrigerante não?” Eu achei o máximo.*

Zilda Silva Villas Boas ainda trabalhou com Carmem Prudente, responsável pelo Hospital do Câncer. Sempre promoveram festas beneficentes para angariar fundos e, assim, nunca deixar de ajudar os necessitados.

Com a vida repleta de histórias, sempre teve muitos conhecidos e amigos. *Uma vez, eu conversei com um professor de Latim já falecido (...) Nos encontramos na Estação da Luz. Perguntei:*

- *“Quantos anos o senhor tem?”*

- *“Cinquenta e oito anos bem sofridos e mal vividos.”*

Fiquei com aquilo na cabeça, contudo, falei: “Não posso falar o mesmo. Os meus foram bem vividos e mal sofridos”.

Entre viagens e serviços, Zilda visitou 18 estados brasileiros fazendo o Simpósio do Câncer. Passou também pela Itália, por Jerusalém, pelo Egito, pela França e por Portugal. Quando pode, passa um tempo em Bebedouro, sua cidade natal. *Um dia estava na varanda, lá em Bebedouro, e perguntei para minha irmã Anita:*

- *“Nossa, quem é aquele moço?”*

- *“É filho de fulana.”*

- *“Ué, mas ela já tem filho crescido?”*

- “Você tem filho velho e não quer que ela tenha filho moço?”

O tempo está passando muito rápido (...) Tenho um pouco de saudade da época de moça (...) Tomava parte nos bailinhos (...) Uma vez, quando saiu uma propaganda de um cemitério, disse ao João para ele comprar um túmulo aqui em São Caetano.

- “Por quê?”, estranhou o marido.

- “Ah não! Um defunto pesado vai até Bebedouro? Quem vai receber? Aquelas amigas de escola? Lembra da Zilda? O marido dela era jogador de futebol” (...) A saudade que tenho de lá é de encontrar a turma e reviver aqueles tempos (...) A última vez em que estive lá foi no ano passado.

PARABÉNS – No meu aniversário de 80 anos, meu filho Ruy aprontou uma comigo (...) Cheguei em casa e estavam o Roberto, de Fortaleza, o Paulo, de Belém, meu filho Márcio Sérgio e o João Batista aqui na sala (...) Eles me convidaram para almoçar fora (...) Fomos até uma churrascaria e, para minha surpresa, reencontrei meus parentes de Rio Claro, Bebedouro, Araraquara e de São Paulo (...) Estavam lá também 80 professores (...) Foi uma comemoração inesquecível (...) Quando pequena, eu aprontava muito (...) Depois que ele fez isso, já sei a quem ele puxou.

Zilda Silva Villas Boas guarda muitas lembranças de fotos. Também preserva algumas bonecas, artigos de viagens, presentes e muitas recordações. Passa o tempo como gosta, ajudando os outros e isso a torna contente. É assim a vida, cheia de altos e baixos, contudo, mais altos do que baixos.

(*) Michel Nóbrega Cury é estagiário da Fundação Pró-Memória

Imigrante romena que se estabeleceu na cidade

Tatiane Cristina CORREIA (*)

Helena Ivanoff Bordian nasceu na Romênia, em 19 de Maio de 1917, na cidade de Cretlunga. Filha de Parascovia Demian e de Aghei Nicolai Ivanoff, veio com toda a família para o Brasil, em 1926, devido aos conflitos que antecederam a Segunda Guerra Mundial e para o meu pai salvar os filhos da guerra. Depois, a Rússia tinha tomado conta da Romênia e aí todos que puderam fugir vieram para o Brasil (...) Atualmente, de toda a família, só sobraram eu e uma irmã que mora em Barretos. Antes de desembarcar no Rio de Janeiro, a família residiu na França por 20 dias.

Após o desembarque, seguiram para o interior de São Paulo, na região de Barretos e Bebedouro, onde moraram por muitos anos. Helena comenta que não soube o que é ter uma infância de verdade. Quando chegamos, fomos todos puxar enxada (...) Trabalhamos na roça como uns condenados (...) Quando minha mãe adoeceu, eu é que tomei conta dela e de mais cinco homens (...) Minha mãe sofreu 17 anos e eu cuidava de todos, lavava aqueles montes de roupas sujas (...) Pegava mais terra para trabalhar (...) Não tive infância nenhuma, sempre trabalhava (...) Trabalhei a vida inteira. Com o trabalho rural e os afazeres domésticos, ela acabou não tendo oportunidade de frequentar a escola. Não dava tempo.

Conheceu o marido, Ivan Bordian, no Brasil. Ele também era romeno. Nós viemos juntos da Europa, mas fomos para fazendas diferentes (...) Quando viemos de lá, você chegava e ia para uma fazenda com um



Aparecida Ivanoff e Helena Ivanoff

contrato de três anos. Enquanto não completasse tal tempo de serviço, você não podia sair de lá. Aí eu o conheci. O casamento se deu em 1939, na cidade de Colina, quando Helena tinha 22 anos. Eu casei e vim para São Paulo (...) Morei lá na Rua Paula Souza, travessa da Rua Cantareira (...) Morei acho que três anos lá (...) Depois voltamos para o interior, onde vivemos cinco anos na cidade de Barretos (...) Aí regressamos para São Paulo, onde moramos na Penha, até que nos estabelecemos em São Caetano, de onde não saímos mais.

Mas a mudança para a nova cidade ocorreu por razão muito mais específica – e dolorosa – para a família. Quando ainda residiam na Penha, Helena perdeu um filho devido a um acidente de trânsito. Meus meninos estavam sentados na calçada e um motorista trouxe uma vizinha nossa. Antes de seguir seu caminho, ele deu marcha ré e acabou atingindo meus dois filhos. Um morreu, com uma batida na cabeça, enquanto o outro permaneceu internado por uns seis meses. Depois da-

Em pé: Ivan Bordian e
Helena Ivanoff.
Sentados: Stefan e
Joana Bordian,
ano de 1939

Helena Ivanoff e Ivan
Bordian na Estação da
Luz, ano de 1939



Helena Ivanoff



Helena Ivanoff



Helena Ivanoff



Helena Ivanoff

Ivan Bordian, filhas Catarina e
Nádia, e Helena, na casa da Rua
Guaiamu. Década de 50

João Bordian, filho de
Helena, no quintal de sua
casa na Rua Guaiamu.
Década de 50

quilo, nunca mais tive o gosto de sair de casa. Aí, de desgosto e tudo, fui obrigada a mudar para cá (...) Fiquei cinco anos na Guaiamu (Rua Guaiamu, no Bairro Santa Maria) e 47 aqui, nesta mesma casa (localizada na Rua Tayí, no mesmo bairro).

Helena se recorda das primeiras impressões que teve da cidade. Quando meu marido nos trouxe para ver a casa e nos mudarmos, meus filhos eram pequenos. Atravessamos a estação e, quando foi para atravessarmos as pedras e cruzarmos o córrego, olho para o mato e encontro

um homem morto (...) Falei para o meu marido que não vinha para cá de jeito nenhum. Comecei a chorar que não venho, não venho (...) Foi quando permanecemos mais seis meses em São Paulo (...) E acabei perdendo um de meus filhos.

A romena comenta sobre as condições do bairro na época de sua chegada definitiva: Na hora em que cheguei em São Caetano, no (bairro) Barcelona era tudo mato (...) Dava até medo de passar aqui (...) Morei na Rua Guaiamu e, na época em que nos mudamos, só tinha três casas

(...) Aí, em um prazo de dois meses encheu tudo (...) Já colocaram eletricidade em todas as residências, arrumaram e até hoje tá bonito (...) Mas naquele tempo que eu mudei, pelo amor de Deus!

Helena recordou as dificuldades passadas pela família antes dos primeiros melhoramentos do bairro, que foram a luz, o precário sistema de transportes e a feira livre, implantada na Rua Paraguaçu entre 1949 e 1950: Nós já morávamos aqui nesta casa (Rua Tayí) quando colocaram a água da rua, que fizeram o esgoto e colocaram os postes (...) Quando não tinha água, a gente buscava na avenida (...) Tinha um poço aqui em casa e, depois que colocaram o encanamento, aterramos o poço (...) Mas sofremos bastante (...) Para carregar a água, atravessar a avenida com aqueles baldes cheios (...) Olha, a vida foi bem dura, mas, em compensação, era melhor do que nos dias de hoje (...) A gente ia buscar água tudo longe, cozinhava no forno de carvão, mas era melhor que hoje em dia, isso na parte financeira.

Ela também rememorou as condições de locomoção do bairro: as ruas não possuíam pavimentação no início da década de 50 (...) Quando mudamos para cá, era aquele ônibus, chamado jardineira, que dava até medo de andar (...) Ela era aberta dos lados, você entrava dentro e falava: "Deus me livre!" (...) Naquele tempo era aquilo, depois é que mudou para ônibus. A jardineira era uma espécie de ônibus aberto nas laterais e com bancos paralelos. O prefeito Anacleto Campanella (1953-1957) calçou as ruas que serviam como trajeto das duas linhas que serviam o bairro: Vila Barcelona e Santa Maria. Os veículos, pertencentes a David Bechara, eram dois pequenos ônibus Chevrolet, mais tarde substituídos por duas peruas da mesma marca (in Migração e Urbanização, Ademir Medici).

Para ajudar a família, continuou trabalhando, só que como costureira. *Eu costurei aqui e costurei para São Paulo por 20 anos (...)* Nas lojas que eles cortavam. A gente trazia a roupa cortada para casa e costurava, não na fábrica (...). Depois larguei porque a gente só perdia saúde com isso, porque para ganhar (...). A gente que tinha que comprar linha, uma vez era a vermelha, outra a preta (...). Pagavam uma miséria ... a gente só perdia saúde, viu!

Uma das filhas, Nádia Bordian, comenta todo o esforço feito por Helena para colaborar no sustento da casa: *A minha mãe sempre costurou para fora, calça rancheira, pois as oficinas eram todas na Rua 25 de Março (...)* Eu e a minha irmã Catarina (além de Nádia Bordian, os filhos de Helena Ivanoff Bordian são Catarina Bordian e João Bordian, que sobreviveu ao acidente de carro em São Paulo após seis meses de internação) *ajudávamos a pregar botões (...)* E ela nunca saiu daqui para nada (...). *Compras, sempre fomos nós que fizemos (...)* Ela era dia e noite na máquina (...). *Agora é que ela vai no supermercado, no banco, receber a aposentadoria. Mas ela nunca foi de sair.* Fato confirmado por Helena: *Eu nunca fui de sair, assim, para ir passear, andar, nunca, nunca (...)* Eu não era passeadeira, de andar para casa de um e de outro, não. Era sempre aqui dentro de casa.

Mãe e filha lembram as construções das igrejas do bairro: *Quando a gente morava aqui, eles construíram a (Paróquia) Nossa Senhora Aparecida e a (Paróquia) São Francisco de Assis (...)* Depois, até botaram fogo, queimaram a São Francisco (...). *Colocaram fogo, foi o que falaram na época (...)* A maldade do povo é demais, mas, graças a Deus, está tudo bem. A igreja católica no Bairro Santa Maria surgiu em 1959, com uma missa celebrada pelo padre Jorge, da Vila Barcelona.



Helena Ivanoff no dia da homenagem

A celebração ocorreu entre as aldeias João Galego e São Caetano, nos arredores do Grupo Escolar Dr. Arthur Rudge Ramos – atualmente sede da Guarda Municipal – e da capela particular de Bento Rodrigues Vieira. O padroeiro da igreja é São Francisco de Assis. A construção do templo teve início em 1960. Oito anos depois, um incêndio destruiu parcialmente as instalações. Os trabalhos de reconstrução foram iniciados logo em seguida.

Nádia ainda comentou um pouco a respeito da juventude vivida no Bairro Santa Maria: *Na nossa adolescência, o que tinha de diversão era o Cine Planalto – sala de exposições que se localizava na Rua Joana Angélica, em cujo prédio está instalado um supermercado atualmente – e as quermesses que tinha na São Francisco (Paróquia São Francisco de Assis) e na Nossa Senhora Aparecida – Paróquia Nossa Senhora Aparecida (...)* Também tinha um cinema na Avenida Goiás, onde era um sacolão até pouco tempo atrás. Essa sala de exibição era o Cine Copacabana, que foi dirigido por Bartholomeu Ferrero, em 1958, mas passou a ser controlado pela família Dal'Mas na década de 60, tendo o nome mudado para Cine Alvorada. O local abrigava, até recentemente, o Sacolão da Vila Barcelona, cujas instalações foram demolidas.

Já Ivan Bordian, falecido em 1978, era bem diferente. De acordo com Helena, *ia direto nos bailes, para dançar, e me falava assim: “Olha, se você quiser ligar, qualquer coisa, você vai (...)* Eu falava: *“Onde é que eu vou ligar, vou levantar daqui e ir até a estação para te ligar?” (...)* Vinha de manhã para casa (...). *Ele se divertiu para valer, era festeiro, mas nunca soube nada, assim, de errado dele. Carnaval? Eram os três dias dele (...)* Antigamente, os bailes de carnaval aconteciam perto da estrada de ferro, no Bairro da Fundação, onde eram localizados os clubes Lázio, São Caetano Esporte Clube e Grêmio Instrutivo e Recreativo Ideal, sendo que com o desenvolvimento industrial tais eventos passaram a ser realizados nos clubes de fábricas, como o General Motors Clube e do Cerâmica Futebol Clube. Já nas décadas de 30 e 40, a festa se passava nas ruas do município, que se transformavam em passarelas de foliões, detentores de criativas fantasias. Geralmente, os rapazes usavam calça branca, blusa amarela, verde ou branca com listras horizontais pretas, boné e tênis brancos, enquanto as mulheres se maquiavam como ciganas: olhos pintados de preto, batom vermelho e uma pinta preta no rosto. Além disso, os foliões utilizavam apitos, lança-perfume de vidro ou metálico e um saquinho de confetes para complementar a diversão. *O filho começou a pular carnaval e ele não saiu mais de casa (...)* Eu falava: *“Vai Ivan, porque você não vai?”* E ele respondia: *“Eu não. É bonito o pai e o filho estarem pulando?”* Ele nunca mais foi pular carnaval (...). *Só porque o filho começou a sair (...)* Se ele estivesse vivo (...). *Tinha muitas amigas (...)* Ele era muito conhecido e eu era conhecida de dentro de casa.

(*) Tatiane Cristina Correia é estagiária da Fundação Pró-Memória

Nelson Infanti contribui para o resgate das décadas entre 40 e 70



Memória

Nelson Infanti nasceu no Bairro do Belenzinho, no dia primeiro de Novembro de 1923. Um ano depois, os conflitos gerados pela Revolução de 1924 obrigaram a família a procurar outro local para viver. Vieram para São Caetano. As memórias de Nelson cobrem um período em que a cidade passava por uma transformação gradativa. De fato, na década de 30 começaram a chegar algumas indústrias (o caráter rural, no entanto, ainda era bem acentuado). Apenas no começo da década de 80 é que se mudou para Ribeirão Preto. Desse modo, permanecem - lhe muito nítidas as lembranças das décadas precedentes. As brincadeiras às margens do Rio dos Meninos, as polêmicas políticas da juventude, os bailes, o trabalho e, principalmente, os amigos trazem gratas recordações. Às vezes, vem para a cidade apenas

Nelson Infanti, quando garoto, fazia exposições de ginástica pelo Lázio Esporte Clube. Os atletas costumavam apresentar - se nos fundos do antigo campo de futebol do São Caetano Esporte Clube, localizado no Bairro da Fundação. Nelson, com aproximadamente nove anos de idade, é o primeiro à direita, logo na primeira fila



Nelson Infanti

para, caminhando pelas ruas, ver se encontra um velho conhecido.

Nasci no dia primeiro de Novembro de 1923, no Bairro do Belenzinho. Em 1924, época de conflitos, os soldados legalistas do Rio de Janeiro chegaram a São Paulo e intensificaram o clima de guerra. Devido a isso, as famílias saíam do Brás e da Mooca. Meu pai

veio para São Caetano. Eu possuía ainda três irmãos.

Instalados na cidade (moravam na antiga Rua Rui Barbosa, posteriormente absorvida pelas Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo), logo buscaram ocupação. O pai trabalhou como guarda - noturno na fábrica de máquinas de costura PAFF Keynston. Nelson e os irmãos foram estudar no Colégio Senador Fláquer. Aos nove anos de idade, obteve o primeiro emprego. Ajudava na bicicletaria dos Peruchis. Dois anos depois, foi para a alfaiataria de Antônio Tegão, onde aprendeu a costurar à máquina. Em seguida, obteve trabalho em uma chapelaria. Como chapeleiro, atuou, em Santo André, ao lado do irmão de Antônio Tegão.

O próximo emprego foi na Anderson Clayton, em São Caetano. Dessa época, guardou uma mágoa. Em realidade, a lamentação nada tem a ver com a empresa, e sim com o uso dos produtos da indústria durante a Segunda Guerra Mundial. *Na Anderson Clayton, trabalhávamos na safra de algodão, embarcando o pro-*



Nelson Infanti

Sede do Clube Comercial, localizada na Rua Santa Catarina, 97. Dezembro de 1951 Solenidade de posse da Guarda - Noturna de São Caetano do Sul (da qual Nelson Infanti foi diretor). Da esquerda para a direita: Anacleto Campanella; Júlio de Mello; Antônio Lojudice; (?); (?); o delegado de São Caetano, dr. Marcondes; Bruno Bisquolo; Santoro (caixa da prefeitura); Antônio Russo; Nelson Infanti; e o chefe da guarda, conhecido pelo apelido de "general"

duto para o mundo todo. O Brasil, lamentavelmente, forneceu linters (uma espécie de algodão – varredura) para o Japão. Digo lamentavelmente, pois os japoneses usaram o linter para fabricar pólvora. Ao sair da Anderson Clayton, tentou ser contador. Não gostou da profissão. Aos 37 anos, concentrou esforços na conclusão do curso de Direito. Diplomou-se pela Faculdade de Bauru, em 1961. Exerceu a advocacia durante 23 anos (trabalhava no edifício do Cine Vitória).

Ao lembrar das pessoas com quem teve contato durante esses anos, Nelson Infanti emocionou – se. Não podendo conter as lágrimas, descreveu o espírito de amizade que unia os habitantes da cidade:

Não consigo conter as lágrimas quando me lembro das pessoas com quem convivi em São Caetano. Gente distinta, educada, que trabalhou para fazer o progresso da cidade. Que lutou junto conosco pela autonomia. Pouco importa se houve divergências. O que vale é que éramos uma fraternidade. É difícil encontrar, em qualquer parte, gente assim tão unida. Duvido, pois viajei o Brasil todo. Morei em Manaus, Porto Alegre, Ribeirão Preto e nunca encontrei pessoas tão fortemente ligadas por laços de amizade como as que moravam em São Caetano. Era bonito. São Caetano, apesar de abrigar indivíduos oriundos dos mais diversos lugares - espanhóis, da Vila Monte Alegre; lituanos e húngaros da Vila Barcelona; entre outros povos -, era uma família.

Também se envolveu com política. Trabalhou na Prefeitura durante nove anos, foi um dos fundadores do PSP (Partido Social Progressista) e chegou a candidatar – se ao cargo de vereador (não sendo eleito, jamais voltou a concorrer a qualquer posto da vida pública). Enquanto fez parte do funcionalismo público, esteve submetido a três administrações diferen-

Funcionários públicos de São Caetano, em frente à Igreja Matriz Sagrada, após missa de ação de graças promovida pela Prefeitura. Dia 24 de Junho de 1951



Nelson Infanti



Posse do prefeito Anacleto Campanella, em quatro de Abril de 1953. Em primeiro plano: (?), Nelson Infanti, Anacleto Campanella e Ângelo Raphael Pellegrino

tes: Pellegrino, Campanella e Massei. Pouco lhe importavam os conflitos ideológicos. Devia apenas explicações aos cidadãos. E isso bastava. Dos nove anos passados junto à administração municipal, guardou apenas boas recordações:

No tempo em que era funcionário municipal, jamais percebi qualquer inimizade entre os que trabalhavam comigo (fosse em relação à minha pessoa ou a outrem). Na Prefeitura, nunca presenciei brigas, discussões ou intervenções violentas. Até hoje, mantenho amizade com os colegas de profissão. Quando os encontro, costumo dizer que são meus amigos – irmãos, frisou Nelson Infanti. A amizade com os companheiros de

serviço, contudo, limitava – se ao ambiente de trabalho. De fato, sendo casado e possuindo dois filhos, tinha obrigações para com a família.

Saí de São Caetano em 1980. Atualmente, moro no Bairro do Ipiranga. Sempre que posso, venho para cá e circulo a pé pelas ruas da cidade na esperança de encontrar antigos amigos. Para matar a saudade, visito o velho Cine Max, o Bar Americano e o Bar Trianon, onde eu ficava jogando sinuca até altas horas. Quando era solteiro, claro. São Caetano era muito bucólica, gostosa, pacata. A Guarda – Noturna era composta por apenas quatro policiais. O chefe, cujo nome não me lembro, era chamado de “general”. Vestia uma farda imponente.

A juventude passada na cidade foi marcada por discussões apaixonadas e diversão. Aos 18 anos, Nelson Infanti, junto com Dirceu Luiz Lorenzini, organizou um grande baile nos salões do São Caetano Esporte Clube. Era a época da ditadura de Vargas, e muitos militares foram convidados para a festa. Na ocasião, Infanti proferiu um discurso que condenava a força das armas. Lembro-me do discurso que fiz. Fui até corrigido, pelo Armando Barile, por causa de uma frase que deveria servir de recado aos militares presentes: O Brasil,

para sua defesa moral, social e política, não precisa de armas e braços fortes, e sim de cultura. Muita cultura. De fato, sempre foi hostil a ideologias extremistas. Tinha em péssimo conceito os integralistas (chegou mesmo a contestar Plínio Salgado, quando este participou de uma conferência em São Caetano).

Outro episódio em que veio à tona o lado polemista foi o relacionado à instalação de um curso de Direito no município. Quando os estudantes da Faculdade de Direito do Largo São Francisco vieram protestar contra a instalação da Faculdade de Direito, eu e o Antônio Russo brigamos com todos. Só nos dois levantamos a voz naquela ocasião. Posteriormente, eles se vingaram impedindo que os estudantes de São Caetano freqüentassem a Faculdade de Direito em São Paulo.

No que diz respeito à diversão, era preciso deslocar – se da cidade para encontrar mais opções. Com efeito, boa parte dos jovens dirigia – se aos cinemas de São Paulo. O problema era a volta. O último ônibus com destino a São Caetano saía do Parque D. Pedro às 11h45. Era necessário, então, comprar bilhetes para, no máximo, a sessão das 20h às 22h. Às vezes, não era possível tomar o ônibus. Quando isso acontecia, tínhamos que pegar o bonde, na Praça da Sé, e descer no fim da Avenida Delamare. Depois, ainda restava caminhar até São Caetano.

Os moços e moças eram assíduos freqüentadores dos salões de baile de São Paulo. Comercial, Centro Independência do Ipiranga, Clube Atlético Ipiranga, Clube Comercial (da Rua Libero Badaró), Centro Gaúcho, Matarazzo (no Edifício Martinelli), e o Centro Hispano, na Rua do Gasômetro, eram alguns dos preferidos de Nelson e dos amigos. Em Santo André, compareciam ao Primeiro de Maio e ao Rhodia. A praia, no entanto, era a diversão pre-



Caderneta de primeira classe utilizada por Nelson Infanti nos trens de subúrbio (São Caetano – São Paulo). Janeiro de 1947

ferida dos jovens. Os passeios – feitos de trem - para Santos, São Vicente e Praia Grande eram sempre ansiosamente aguardados. Em São Caetano, os passatempos prediletos eram os encontros nas chácaras dos Fiorottis, dos Cavassanis, Botteons, Perrellas, e também a brincadeira às margens do Rio dos Meninos.

Nelson Infanti tem muita saudade dos amigos e das atividades que fez no município (participou de teatro

amador – Grupo Teatral Acascs/Associação Cultural e Artística de São Caetano). Tanto sua vida como a da família estão muito vinculadas à cidade; de fato, o filho, que hoje mora em Santa Catarina, construiu a independência financeira por meio de um cursinho pré – vestibular aberto em São Caetano na década de 70. A partir da década de 70, São Caetano começou a mudar. Meu filho, formado em Geologia, chegou a criar um cursinho na cidade. Fez a vida aqui. Hoje ele está em Santa Catarina. Também tem muita saudade de São Caetano. Mesmo com muitas mudanças, certas coisas continuam iguais. Estive aqui na semana passada e comentei com os amigos: “São Caetano não muda nunca nas boas coisas. Só muda para melhor”. Embora seja quase uma cidade – dormitório, ainda me impressiona muito o movimento comercial.

Hoje em dia, o vínculo principal de Nelson Infanti com São Caetano do Sul dá – se por meio de depoimentos e documentos cedidos que resgatam o passado. Também continua dedicando - se ao teatro: atualmente, dirige um grupo amador na Faculdade do Bairro do Ipiranga. (Depoimento de Nelson Infanti à Fundação Pró – Memória em 19 de Novembro de 1994)



Em Março de 1953, no final da primeira administração, o prefeito Ângelo Raphael Pellegrino reuniu-se com os funcionários municipais em frente ao prédio da Prefeitura (localizado na esquina da Rua Baraldi com a Rua Rio Grande do Sul). Nelson Infanti é o quarto da esquerda para a direita

Doces lembranças de um tempo de guerra

Leonilda Pilatti C.P. VERTICCHIO (*)

Faz algum tempo que eu pretendia escrever minhas lembranças para colaborar com a Revista *Raízes*. Tenho certeza de que serão recordações de muitas meninas e meninos que na época tinham dez ou 12 anos de idade, nos anos de 1943/1944/45, como eu.

Quando dos ataques terroristas nos Estados Unidos, me deu vontade de contar como tinha sido para nós, as crianças, os reflexos da II Guerra Mundial.

Porém o que me fez tomar coragem para escrever foi um simples gesto! O simples gesto de desembrulhar um sabonete... e aspirar seu perfume... Onde estava guardado esse perfume que eu nunca mais senti? Em que gaveta do passado ficaram fechados esse perfume e as minhas lembranças?

O perfume que me fez retornar aos anos 1943/44/45 era o mesmo que sentíamos naquele tempo, ao passar, ao entrar em qualquer barbearia na cidade de São Caetano. Como era agradável sentir esse perfume, não sei se era de lavanda ou benjoim, só lembro que as barbearias eram limpas, asseadas e cheirosas!

A saudade despertada por esse perfume me fez voltar por momentos a viver naquele pedaço da Avenida Roberto Simonsen entre a Rua Margarido Pires e a Rua Conceição

Éramos um grupo de meninas e meninos, íamos na mesma escola, Grupo Escolar Bartolomeu Bueno da Silva, íamos juntos ao catecismo, nas missas, enfim, estávamos sempre juntos.

A rua não tinha asfalto, não passava ônibus, e nossas brincadeiras, à tarde, eram sempre na rua. Cada brincadeira tinha seu tempo certo.

Havia o tempo de jogar a *ordem*, em que jogando uma bolinha para cima, a gente cantava... *ordem*, sem lugar, sem rir, sem falar, um pé ao outro, uma mão etc., até que terminasse com as palavras *queda-gigante*. Se caísse a bolinha, a menina passava para outra jogar. Na verdade, a bolinha devia ser de borracha, mas para nós era mesmo limão verde.

Outras vezes era tempo de juntar e trocar figurinhas de jogadores de futebol. A calçada ficava cheia de meninos jogando *bafo*. Eles jogavam muita fubeca, as bolinhas de vidro. Ainda se jogavam *pedrinhas*, se empinava quadrado ou papagaio.

Mas nada era mais lindo do que as noites de Junho. Impossível contar os balões de dia, mas à noite o céu parecia uma enorme colcha estrelada em mil cores faiscantes. Para ver melhor, íamos para a esquina, em frente à Farmácia do Joãozinho, sr. João Cambaúva. Ali no terreno da dona Josefa leiteira (que tinha vacas e nos vendia leite), a vista era maravilhosa e inesquecível.

Por que será que quanto mais envelhecemos, as lembranças da infância se tornam mais fortes e vivas?



Leonilda no Salão de Festas Del Rey, na Rua Baraldi, com a cunhada Lídia e o irmão Alexandre, músico

E não deve ser porque nossa infância tenha sido muito feliz, muito fácil... Muitas famílias, como a minha, tinham vindo do interior do estado por causa do fracasso da exportação de café. Não havia mais serviço para todos no cultivo do café, nas fazendas. Famílias que tinham muitos filhos pagavam aluguel. Mães lavavam roupas *pra fora* (como a minha), os meninos eram engraxates ou entregavam marmitas nas pensões e as meninas trabalhavam como empregadinhas ou babás.

As roupas dos filhos maiores eram reformadas para os irmãos menores, as saias e as calças das crianças para a escola eram tingidas de azul-escuro.

São Caetano, mesmo sendo uma cidade pequena, tinha muitas fábricas. Merecem citação honrosa as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, que aceitavam todas as pessoas que quisessem trabalhar. Lá não havia restrições quanto à idade ou ao estudo. Muitas pessoas só conheciam o peso e o contorno de uma enxada.

Mais ou menos era assim a vida das famílias em 1937, 38, 39, vindas do interior do estado.

Enquanto a II Guerra Mundial assolava a Europa, seus reflexos chegavam a nossa mesa em São Caetano. Faltava-nos o pão, porque a farinha de trigo estava racionada. Ficávamos horas na fila da Padaria Seara, na Rua Manoel Coelho, até que dona Maria conseguisse o milagre de vender meio filão de pão a cada freguês.

O difícil era chegar em casa sem tirar um pedacinho ou uma casquinha do meio filão do pão. Quem se atrevesse a tirar a casquinha, por certo levaria uns tabefes ou um puxão de orelha. E, naquele tempo, os pães eram gostosos e de formatos

variados. Tinha o pão de óleo, com dois corninhos tostadinhos, a almo-fadinha, um pouco maiorzinha, o pão de água, de cerveja, o suíço...

Também faltava o açúcar. Era impossível tomar o café amargo: usávamos até a paçoquinha de amendoim ou balas para adoçar.

Devido à falta do pão, era difícil achar batata-doce e mandioca para o café da manhã, para os pais e filhos maiores que trabalhavam. Até o macarrão de pacote era difícil encontrar. Muitas mães, quando encontravam o macarrão de pacote, o deixavam de molho em água, numa vasilha, a noite toda. No outro dia ficava uma massa escura que era amassada para se fazer bolinhos fritos ou assados na chapa do fogão.

As meninas e os meninos ajudavam as mães procurando o açúcar nas vendas distantes e ficando nas filas do pão e da carne. Era só alguém dizer que lá longe, na Rua São Paulo, na Cerâmica ou na Rua Alagoas, estavam vendendo açúcar, que se formava um grupinho e íamos em busca dele. Quase sempre já tinha terminado (e era o açúcar preto ou o cristal escuro e só algumas gramas). Voltávamos tristes e muitas vezes era mentira, boato.

Com a carne era a mesma preocupação. Ali na esquina da Rua Roberto Simonsen com a Travessa São Francisco havia o açougue do Carlos. O Carlos Barontini era jovem, alegre e muito simpático com os fregueses. É bom saber que a família Barontini continua no mesmo ramo comercial em São Caetano.

Enquanto durou o racionamento, aos sábados, nós nos juntávamos para segurar lugar na fila da carne, na frente do açougue. Ficávamos brincando de passa-anel, barra manteiga, pegador, até bem tarde. Não tinha nenhum perigo, pois morávamos perto, em frente. Brincávamos ali até nossas mães virem nos substituir, porque o açougue só abria às qua-



Alunos do 2º ano do Grupo Escolar Bartolomeu Bueno da Silva, em Junho de 1946. Foram identificados a professora Orzila Antunes Correia e 27 alunos: Lúcia Spagnolo, Maria Prado, Luíza Casoreggio, Diva Bravo, Nanci Tognoli, Mafalda, Elena Monteiro, Lurdes Ayala, Carmem Sanches, Diva Ferraz, Amália Navarrete, Ana, Eugênia Bella, Jacira, Ercília Zucoli, Idalina, Matilde Fernandes, Amélia Gallo, Inácia, Dirce Martins, Leonilda, Odete Ferraz, Zilda Spada, Melsiedes Dal'Mas, Belmira Luengo, Helena e Maura Dellavale

Leonilda P. C.F. Verticchio

tro da madrugada. E isso para conseguir somente meio quilo de carne.

Nesse tempo, o que mais me apavorava era a sirene que avisava para apagar todas as luzes das casas e das ruas. Era o blecaute que acontecia quase todas as noites (não me lembro bem se eram todas as noites). As pessoas de mais idade diziam que poderia ser um ataque aéreo, mas eu chorava de medo mesmo, medo do escuro.

Poucas famílias tinham rádio. As notícias da guerra eram poucas. Os jornais, sim, traziam notícias diariamente, e as pessoas passavam o que sabiam para as outras.

Lembro de um jornalista que subia a Rua Roberto Simonsen vendendo jornais, falando alto as manchetes dos mesmos, todas sobre a guerra: *Lutas nas montanhas da Itália! Hitler cercado no seu QG!*

Infelizmente vários rapazes de São Caetano tinham ido para a guerra. Outras famílias temiam que os seus filhos fossem convocados para seguir para a guerra. Nós temíamos porque meu irmão Ângelo servira o Exército em 1941. Era reservista de

primeira categoria.

A guerra distante criara no Brasil um preconceito sobre os italianos e alemães. Preconceito que atingiu clubes e sociedades das duas nações.

Em São Caetano, o Clube Esportivo Lazio, que tinha o time de futebol, realizava bailes familiares. Precisou mudar o nome, porque tinha o mesmo nome do Lazio de Roma, um time italiano. Depois virou o Rio Branco. Essa mudança foi muito comentada em casa porque além de meu pai ser italiano, meu irmão, o Verticchio, tinha sido goleiro do Lazio poucos anos antes.

Outro clube que precisou mudar o nome foi o Teuto, clube do Bairro Santa Paula, que era dirigido por alemães e seus descendentes. Os bailes eram bem frequentados por jovens de toda cidade. Havia também os bailes alegres à moda alemã. Não lembro o nome que tiveram que adotar. Esse assunto era comentado também em minha casa, porque outro irmão, o Alexandre, era músico e fazia parte das orquestras de bailes.

Mas São Caetano continuava

sua vida normal. Nós, as crianças, não tínhamos muita liberdade. Nos divertíamos de acordo com a nossa idade.

Aos domingos íamos à missa das nove horas, na Igreja Sagrada Família. À tarde, às duas horas, voltávamos a Igreja para estudar o catecismo. Éramos muitos meninos e meninas.

No mês de Maio, quase todas as noites íamos à reza, levando buquezinhos de flores em louvor à Virgem Maria.

Tenho certeza de que muitas crianças assistiram, pela primeira vez, a um filme de cinema no Salão Paroquial da Igreja Sagrada Família. Foi lá que assisti a meu primeiro filme do Carlitos e a um outro que me fez chorar muito, porque Santa Joana D'Arc morria queimada.

Uma lembrança interessante é quando terminava o catecismo. Na calçada da Igreja Sagrada Família com a Rua Manoel Coelho, na esquina, havia uma sorveteria que era parada obrigatória para as crianças que tivessem no mínimo um tostão.

Custavam um tostão os sorvetes de groselha, coco, abacaxi, que eram muito gostosos.

Quando a mãe não tinha esse tostão para o sorvete, era uma semana de choro, lamentações, com pressa que chegasse o próximo domingo. Nessa sorveteria faziam um sorvete especial, que devia ser muito gostoso e que eu nunca comprei. Era o sorvete de arroz-doce. Era bonito e devia ser gostoso, mas custava mais caro do que os outros.

Onde está o Edifício Vitória hoje, era o ponto central das diversões. Os circos e os parquinhos se revezavam naquele espaço. Às vezes íamos aos domingos no parquinho. No circo era mais difícil, porque precisava pagar a entrada.

Para orgulho dos sancaetanenses, alguns jogadores de futebol da cidade chegaram a jogar com sucesso



Leonilda aos 18 anos de idade

nos clubes de São Paulo. Lembro de um bom jogador que passava quase todos os domingos na nossa rua, a pé e tomava o trem para ir jogar. Seu nome: Reinaldo Zamai.

Motivo de muito orgulho era o talento e a voz lindíssima da graciosa Josefina Spagnuolo. Muito jovem, ela já colocava São Caetano em destaque atuando na Rádio Gazeta, em teatros, sendo muito premiada e reconhecida no canto lírico.

Talvez quem ler estas lembranças, mesmo tendo-as vivido, vai duvidar de que aconteceram. Mas as minhas lembranças continuam vivas, porque eu as cultivo com muito carinho. Jamais quis esquecê-las, mesmo as tristes.

Quantas pessoas passaram por nossas vidas e nos deixaram provas de amizade, num gesto amigo, numa palavra de incentivo.

Uma lembrança agradecida ao padre Alexandre, ao padre Artur, padre Luciano e padre Ézio, missionários de Deus.

Uma lembrança inesquecível: minha primeira comunhão com Jesus Cristo, com a ajuda das catequistas, minha prima Aurora Verticchio e Aparecida Canossa.

Uma lembrança muito doce: o sonho de todas as meninas era trabalhar na Chocolates Pan, para co-

mer todos os chocolates que não dava pra gente comprar... A Pan tinha uma estratégia inteligente: deixava os novos empregados comerem os doces à vontade. Foi uma tristeza eu não ter trabalhado lá. A Pan foi a precursora da era espacial. Seu proprietário devia gostar muito do seriado *Flash Gordon!* Era uma belezinha aquele foguetinho sobre o furgão prateado!

Uma lembrança vitoriosa: completar o primário e receber meu diploma no Grupo Escolar Bartolomeu Bueno da Silva. E a saudade das professoras e muito especialmente do porteiro, sr. Benedito, e das serventes, dna. Nenê, Benta e Inês, que além de me salvarem dos atropelos na saída, me incentivaram o gosto pela leitura.

Uma saudade sem esperança... reencontrar a alegria de Vera da quitanda...

a simpatia da dna. Maria da Leiteria...

a barbearia do sr. Luiz para cortar meu cabelo...

as paçoquinhas do bar do seu Antônio...

a bondade da dna. Maria, esposa do sr. Zelindo, que "parlava" sem olhar as cinco agulhas de tricô, que faziam lindas meias de lã...

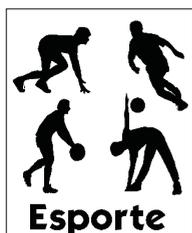
os vizinhos, amigos de verdade, como a família Marchi, que nos emprestava o gibi semanal...

o gibi que a nossa turminha esperava ansiosa para ler as aventuras do Mandrake, Rebeca, Mary, Marvel, Capitão Marvel, Espírito...

Um desejo: retornar a morar em São Caetano, agora do Sul, mesmo que as barbearias não tenham mais o perfume de lavanda ou benjoim...

(*) Leonilda Pilatti C.P. VERTICCHIO, memorialista de São Caetano do Sul

Reinaldo Zamai: o imponente, o magistral, o grã senhor do CA Ypiranga



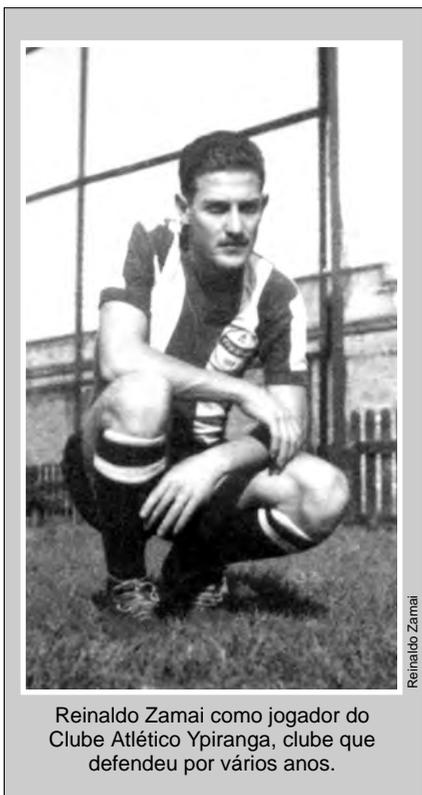
Esses são apenas alguns adjetivos utilizados pela imprensa dos anos 40 e 50 ao se referir ao grande atleta. Para

defender seu amigo Belmiro, Reinaldo levou um soco de Leônidas da Silva. Uma partida levou-o ao Ypiranga e dois treinos fizeram-no titular. Aos 77 anos, é comerciante em São Caetano do Sul. E vende saúde.

João BRESCIANI (*)

No início do outono de 1943, o CA Ypiranga realizou uma pequena excursão ao Estado do Paraná atuando em Curitiba, Londrina, Araçongas e Maringá. A primeira partida realizou-se na capital, contra o Ferroviário AC. A novidade no elenco ypiranguista era a presença de um menino, de 17 anos, relacionado para a viagem pelo treinador Jim Lopes, fruto de destacadas atuações nas equipes de base do clube. Seu nome, Reinaldo Zamai.

Nos vestiários, durante a preparação, o garoto mantinha-se trêmulo num canto, assustado, em primeiro lugar por estar ao lado de grandes craques da época, como o goleiro Barbosa, o mesmo da fatídica partida contra o Uruguai no Maracanã na Copa do Mundo de 1950. Também estavam presentes o ponteiro esquerdo Rodrigues, que se consagrou formando ala esquerda com Jair Rosa Pinto no Pal-



Reinaldo Zamai como jogador do Clube Atlético Ypiranga, clube que defendeu por vários anos.

meiras, Sapólio, Garro, Plácido, Duzentos, Canhoto...

O jovem Reinaldo foi relacionado para o banco de reservas. O time iniciou a partida com Barbosa, Lulu e Sapólio; Garro, Oliveira e Alcebíades; Duzentos, Canhoto, Plácido, Magri e Rodrigues. Na metade de segundo tempo, o marcador era de 2x2, quando Jim Lopes chamou o pequeno Reinaldo, fazendo-o entrar na meia-esquerda no lugar de Magri. Assustado, mas cheio de confiança, ele foi aos poucos se impondo, com passes certos, chutes violentos e muita garra. Até que por volta dos 40 minutos, o ponteiro Duzentos desceu pela direita cruzou alto e o me-

nino Reinaldo pegou de sempulo e marcou o gol da vitória para o Ypiranga.

Alí começava uma carreira vitoriosa. O jovem Reinaldo Zamai, residente em São Caetano do Sul, iniciava sua vida como atleta profissional ameaçando vitórias, títulos, homenagens, marcando muitos gols que resultaram em bons contratos não somente no CA Ypiranga, mas também na Portuguesa de Desportos e em seleções paulistas.

HISTÓRIA - Mas começemos de onde se deve – do começo. Reinaldo Zamai nasceu no dia 1º de Março de 1925, no Bairro do Canindé. Com dois meses de idade veio para São Caetano com seus pais Olímpio Zamai e Giovanna Pontello Zamai, egressos da Itália a bordo do navio Garibaldi, e que foram trabalhar na Fazenda Martinho Prado na região de Ribeirão Preto. Na medida em que ia crescendo, Reinaldo ia demonstrando suas tendências esportivas e, mais especificamente, com o futebol.

Ingressou no juvenil do Cruzada Esportes de São Caetano, na época dirigido pelo saudoso Padre Ézio Gislimberti, onde cresceu jogando ao lado de Dionísio Sturaro, Eurico Rossi, Geraldo Braido, Sebastião Rosa (Tião), Néelson Perrella, Gino (Cuador), Jorge Tonini, (Nino), Hermínio Marinotti, Orlando Zamai (seu irmão) e Daniel Perrella. O time era muito bom, conta Reinaldo, as vitó-



Reinaldo Zamai e João Bresciani em visita à
Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

Domingos Da Guia, depois chutou forte, a bola chocou-se contra a trave e foi para fora. Sua atuação foi brilhante. O Corinthians venceu por 3x1, mas Reinaldo foi destaque, sendo cumprimentado por Jango e Dino. Os times foram estes: Corinthians: Rato, Domingos e Begliomini; Jango Brandão e Dino; Lopes, Servílio, César, Joane e Carlinhos. O Ypiranga perdeu com Barbosa, Lulu e Sapóleo; Garro, Oliveira e Alcebiades: Duzentos, Canhoto, Plácido, Reinaldo e Rodrigues.

No início da semana seguinte assinou contrato profissional, recebendo 80 contos de réis, com o que comprou uma casa na Rua Senador Roberto Simonsen. Permaneceu no CA Ypiranga até 1955, quando se transferiu para a Portuguesa de Desportos levado pelo lateral esquerdo Noronha, jogando até 1957. Foi bicampeão do Torneio Início e campeão do Torneio Rio-São Paulo em 1955. O time base da Lusa era: Lindolfo ou Cabeção; Nena e Reinaldo (recuado para a lateral pelo técnico Délio Neves); Djalma Santos, Brandãozinho e Ceci; Lierte, Edmur, Airton, Ipojuca e Simão.

PASSAGENS - Reinaldo Zamai lembra um episódio ocorrido numa partida do Ypiranga contra o São Paulo. O médio Belmiro cuspiu na cara do centroavante Leônidas. Este partiu para o revide, porém, foi obstado por Reinaldo, que se colocou entre os dois jogadores. Leônidas desferiu um violento soco que atingiu Reinaldo Zamai. Seguiu-se tumulto generalizado com agressão entre vários atletas. Todos bateram e todos apa-

rias chegavam sempre de goleadas. Era até difícil conseguir adversários. Até que surgiu a oportunidade de um jogo contra os juvenis do Ypiranga, na Rua Sorocabanos. O Cruzada venceu por 4x3 com dois gols de Reinaldo, um do Orlando e outro do Daniel Perrella.

Após a partida o então treinador do Ipiranga, Carlos Paeta, convidou-o para ingressar no Clube da Colina Histórica. O convite oficial foi feito no dia seguinte na casa do jogador, na Rua Santo Antônio, com a presença do pai. No dia seguinte Reinaldo assinou contrato de *não amador* e iniciou seus treinamentos. Na época havia o Campeonato Amador envolvendo Corinthians, Palmeiras, São Paulo, Juventus, Portuguesa, Ypiranga, Nacional, Santos, Jabaquara, Portuguesa Santista etc.

ESTRÉIA - A estréia aconteceu contra o São Paulo no Parque Antártica. Era a decisão do citado Campeonato Amador. O Ypiranga venceu por 1x0, gol

de Reinaldo no finalzinho do jogo. Após a partida o jovem Reinaldo foi convocado pelo treinador dos profissionais, Jim Lopes, para treinar no elenco principal. O próximo adversário do Ypiranga, pelo Campeonato Paulista, seria o SC Corinthians Paulista, no Pacaembu. Ao contrário do que esperava, não recebeu a camisa de titular. Nem a de reserva. A frustração foi grande. Reinaldo ficou desolado assistindo à partida preliminar.

No início do segundo tempo chegaram aos vestiários os jogadores da equipe principal, vindos da concentração em Eldorado, São Bernardo. Jim Lopes chamou-o pedindo que acompanhasse a preleção. Trêmulo, Reinaldo ficou atento às instruções. Depois foi informado de que entraria no lugar de Magri para formar ala com Rodrigues. Emocionado, Reinaldo chorou, sendo acalmado pelos jogadores. Reinaldo conta com largo sorriso que em determinado momento jogou a bola por entre as pernas de

nharam. Belmiro, já falecido, era um dos melhores amigos de Reinaldo, impingindo-lhe o apelido de Leão. Estiveram juntos na famosa intermediária: Belmiro, Reinaldo e Dema. Representavam para o Ypiranga o que Rui, Bauer e Noronha representavam para o São Paulo, ou Djalma Santos, Brandãozinho e Ceci para a Portuguesa, ou Palmer, Hélio e Aleixo para o Corinthians.

Num sábado, pelo Campeonato Paulista, o Ypiranga venceu o São Paulo por 3x2. A nota triste foi a fratura de perna sofrida pelo ponteiro esquerdo ypiranguista Paulo. O Ypiranga terminou a partida com 10 jogadores mas sustentou o resultado, que tirou a chance do tricolor sagrar-se campeão. O título ficou com a SE Palmeiras. Outra partida que marcou muito foi jogada no Pacaembu, em 1945, contra o Corinthians Paulista, e terminou com empate em 1x1.

Os jornais esportivos da época abriam manchetes enaltecendo a qualidade da partida. O Ypiranga entrou com marcação homem a homem, dificultando as coisas para o Corinthians. Saindo em rápidos contra-ataques, criava muitos problemas para os mosqueteiros. O jornal *O Esporte*, ao analisar a atuação dos jogadores, referiu-se a Reinaldo assim: *O grande, o maiúsculo, o imponente, o magistral, o grã-senhor, o sua excelência do Ypiranga foi Reinaldo*. Nessa partida os times jogaram assim: Corinthians: Cabeção, Norival e Belacosa; Nílton, Hélio e Belfare; Cláudio, Luizinho, Baltazar, Nenê e Noronha. O Ypiranga com: Osvaldo, Giancoli e Homero; Belmiro, Reinaldo e Dema;



Dia 23 de Agosto de 1942. Juvenil Cruzada X Juvenil Juventus. Da esquerda para a direita, em pé: Tião Vicente, Tito, Rico, Cavana e Geraldo. Agachados: Nino, Nélson, Orlando, Reinaldo Zamai e Daniel. O mascote é Pedro Rosas.

Fundação Pro-Memória

Liminha, Rubens, Osvaldo II, Bibe e Mário.

O FIM E O COMEÇO - Com 32 anos de idade, Reinaldo deixou a Portuguesa de Desportos, que acabara de contratar Mário Ferreira e Juts. Recebeu significativa homenagem da diretoria lusa e retornou ao CA Ypiranga como técnico e jogador, quando de uma parceria com o Corinthians de Santo André. Permaneceu apenas dois meses. Em 1958 assumiu a direção do São Caetano EC, convidado por Hermógenes Walter Braido, Samuel Massei e Francisco Marinoti, e um cargo na Comissão Municipal de Esportes de São Caetano do Sul. Dirigiu a seleção amadora de São Caetano na Copa João Ramalho, a convite do então presidente da Liga Sancaetanense de Futebol, Alberto Antunes.

Reinaldo Zamai também foi técnico do Saad EC, onde permaneceu cerca de 15 dias, renunciando na véspera de uma

partida contra o Radium de Mococa, por não concordar com a ingerência do presidente Felício José Saad na escalação da equipe. Dirigiu também o Cerâmica e o Volkswagen Clube, ambos da região do Grande ABC.

Atualmente, com 77 anos, nosso ex-craque dirige uma loja de artesanatos na Rua Osvaldo Cruz, 601. É casado com Glória Augusti Zamai. Tem dois filhos: Sueli G. Zamai Raciunas, casada com Eduardo Raciunas, e Édson Reinaldo Zamai, casado com Maria Cecília Zamai. Tem três netos: Fernando Zamai Raciunas, professor de piano, Luciana Zamai Raciunas, estudante de farmácia de manipulação, e Rinaldo José Francisco Marchesi Zamai, músico violonista da Orquestra Sinfônica Jovem de Campinas.

(*) João Bresciani é jornalista e radialista.

Teuto Brasileiro – um orgulho da colônia alemã

Narciso FERRARI (*)

Em 1924, logo depois de terminada a I Guerra Mundial, houve uma dispersão nos países envolvidos, que estavam sob o domínio do Império Austro-Húngaro.

Com a dissolução desse império, a região dos Bálcãs ficou dividida em quatro partes: Áustria, Hungria, Romênia e Iugoslávia. No início do ano de 1926, parte da população desses países imigrava e alguns dos imigrantes que optaram pelo Brasil fixaram residência em São Caetano do Sul, mais propriamente na Vila Paula, onde encontrariam empregos na Cerâmica São Caetano e General Motors do Brasil.

Seguindo o exemplo do que ocorrera anteriormente com a colônia italiana, que em 1914 havia fundado o São Caetano EC, ou com as colônias espanholas e italianas, que em 1917 criaram o Monte Alegre FC, alguns dos imigrantes alemães,

Campo da Tecelagem Nice, no jogo Teuto 1 x 0 Mecânica, em cinco de Setembro de 1943.

Da esquerda para a direita: Antônio Bussolani – presidente; Mathias Zeller; José Schumk; Antônio Zeller; João Kaiser; André Pats; Pedro Gerber e Konrado Enis – diretor de futebol.

Agachados: Walter Spinello; João Pats; Afonso Lucas (Sulinho); André Lang e João Isler.



mais especificamente os senhores Paulo Kraus, Konrad Enis, Felipe Heise, Konrad Schaffer, João Vogel e Stefan Bachert, reuniram-se para fundar a Sociedade Cultural Esportiva Teuto Brasileira, em 26 de Agosto de 1929, e formar a primeira diretoria dessa sociedade, aclamando o senhor Paulo Kraus como seu primeiro presidente.

O Teuto era conhecido na ci-

dade como clube dos alemães (o termo significa antigo povo da Germânia, que habitava as margens do Báltico, ou filho de alemão casado com brasileira).

Opositores alemães do presidente Paulo Kraus fundaram, em 13 de Fevereiro de 1930, uma Associação Cultural e Recreativa – Escola Alemã -, sob a presidência do sr. George Girenz, que contava ainda com os senhores Michael Kaiser na vice-presidência, Viktor Kaspar como secretário, além dos senhores Johann Feist, Nikolau Schunk (pai), Stefan Kromer, Gerhard Wagner e Franz Patz ocupando os outros cargos da diretoria. A finalidade dessa associação era fazer concorrência com o Teuto em bailes e teatros amadores. Possuía sede na Rua Marechal Deodoro, entre as ruas Prudente de Moraes e Afonso Pena. Essa associação, no decorrer de 1930, teve nova denominação: Associação Escolar Teuto Brasileiro de São



Ano de 1946. Da esquerda para a direita: Maneco; Belo; Hansi; Yerick e Bacuri. Agachados: Kaiser; Self; Parolin; Boxeador; André e Renato.

Caetano, cuja finalidade era a instalação de uma escola, sediada em uma casa na Rua Wenceslau Brás, 41.

O senhor Antônio Zerrener, acionista majoritário da Cia. Antarctica Paulista, concedeu empréstimo necessário para a compra desse imóvel, cujas notas promissórias foram avalizadas pelo Sr. Nikolau Schump (pai).

Esta associação-escola funcionou por pouco tempo, pois, com o início da II Guerra Mundial e os conflitos entre os brasileiros e alemães, a escola foi obrigada a encerrar as atividades.

A primeira sede social do Teuto localizava-se na Rua Piauí, esquina com Wenceslau Brás, em frente ao atual Restaurante *Franz*, imóvel pertencente a João Vamondes, que foi presidente do clube. Em 1936, passou para a Rua Afonso Pena, 116, imóvel pertencente ao sr. David Pinto. Com o decreto-lei de 18 de Abril de 1938, que regulamentava as atividades civis, sociais e esportivas, as sociedades nacionais podiam ter em seu quadro social brasileiros e estrangeiros.

Nessa sede social realiza-



O eterno presidente João Kaiser (à esquerda) e o ex-presidente Marcelino Fernandes, Ano de 1924

vam-se bailes semanais aos sábados e domingos, teatros amadores, festas comemorativas à primavera e bailes carnavalescos. Ressalta-se que em 1942 o baile carnavalesco foi suspenso pelo subdelegado José Ribeiro de Sales, pois a orquestra de Nicolau Rosani estava tocando música alemã.

Em virtude da II Guerra Mundial – 1939 a 1945 – e por

força de uma lei federal, os clubes, associações e entidades de classe que tinham nomes estrangeiros foram obrigados a mudarem de nome. Assim aconteceu com o Palestra Itália (Palmeiras), o Espanha (Jabaquara), o SPR (Nacional), o Germânia (Pinheiros), o Lazio (Rio Branco) de São Caetano do Sul. O Teuto passou a se chamar Sociedade Esportiva São Caetano, fato ocorrido em 1939.

Posteriormente, a sede foi transferida para a Rua Wenceslau Bras, n.º 45, e hoje funciona na mesma rua, esquina com a Rua Piauí, n.º 961, onde, a partir de 28 de Outubro de 1951, passou a denominar-se União Cultural de São Caetano do Sul.

A festa principal é a *Festa do Chopp*, que se realiza no início da primavera.

Vários eventos sociais foram realizados com a presença de vários artistas, entre eles Manoel da Nóbrega, Nara e Leonor Navarro, Sílvio Santos, Francisco Petrônio e outros. Duas orquestras tocaram no clube por muito tempo: Waldemar Famula e Nicolay Beringer. Na parte esportiva, mantinha um time de futebol e chegou a disputar o campeonato promovido pela Liga Santoandreense de Futebol. O clube mandava seus jogos no campo onde se localizava o Lanifício São Paulo, hoje General Motors – posteriormente passou a usar o antigo campo do Espanha, atrás da Chocolates Pan.

As revelações no futebol foram, sem dúvida, o Yerrick (Georg Schwald), que interessou ao SC Corinthians (ver carta anexa), o Sulinho (Afonso Lucas), que foi profissional do São Caetano EC, além de Schank –



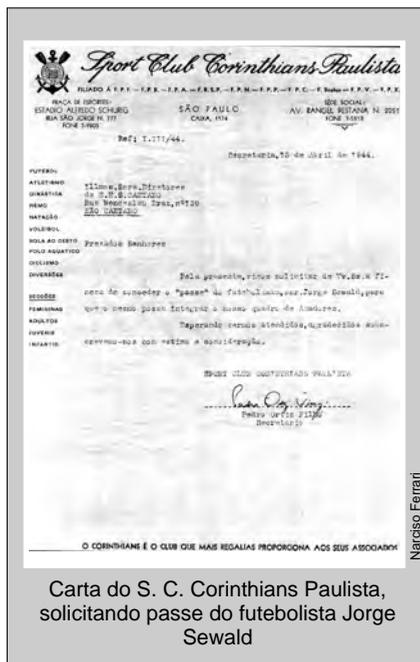
O eterno presidente João Kaiser e a esposa Maria Kaiser, ano de 1996

Henrique, Gerber, Patz e os irmãos Zellers.

A melhor classificação do clube no campeonato foi um terceiro lugar conquistado com uma vitória por 1 x 0 sobre o até então imbatível Mecânica, com gol de Sulinho.

O clube tinha um torcedor símbolo que acompanhava o time em todos os jogos, carregando o saco de camisas e torcendo com entusiasmo. Seu nome era Antônio Sanches Garcia, mais conhecido como Palpite. Este apelido originou-se porque ele dava palpite antes dos jogos do seu time. Logicamente, sempre favoráveis.

Em 28 de Outubro de 1951, foi realizada uma assembléia geral entre os sócios do clube, ex-alunos e pais da antiga escola, onde se fundiram e resolveram mudar a sociedade para



União Cultural de São Caetano do Sul.

A principal prática esportiva é o bolão (esporte parecido com

o boliche, mas com outras regras), com equipes masculinas e femininas. A equipe masculina foi campeã paulista em 1959 e 1970. A equipe mista e principal foi campeã nos anos de 1979, 1983 e 1993.

Há de se destacar os serviços prestados pelo Sr. João Kaiser, falecido em cinco de Agosto de 1997, que além de atleta de futebol e bolão foi presidente eterno do clube por 34 anos e teve como colaboradores os ex-presidentes Antônio Laefort Filho, João Isler – 1937/8, João Laefort, Luiz Astolfi, Antônio Bussolani, Marcos Gomes Barroso e o atual presidente Milton Pereira.

Devem ser ressaltados também os ex-presidentes da década de 40 que, embora não fossem de origem alemã, muito fizeram pelo clube.

O senhor Arthur Garbelotto, que era representante dos produtos da Cia. Antartica, conseguiu junto a esta empresa, durante sua gestão de presidente, geladeiras, mesas, cadeiras e balcões – tudo de graça – assim como o clube recebeu da municipalidade subvenção para o início da sua sede social.

Hoje os sonhos de diretoria e associados do clube são: na área social, a construção de um ginásio esportivo no local do atual estacionamento; na área esportiva, conquistar a Taça Brasil Interclubes no bolão, para adquirir o direito de participar do Torneio Mundial Interclubes, realizado todo ano na Europa.

A Diretoria do Biênio 2002/2004	
Presidente	Milton Pereira
1.º Vice-Presidente	Hércules Fornasari Filho
2.º Vice-Presidente	Marcos Gomes Barroso
Secretário-Geral	Nélson Roberto Boldo
1.º Secretário	Rosemeire De Juli
Tesoureiro-Geral	Alexandre Hala
1.º Tesoureiro	Feliciano Ignácio Ribeiro
Diretor-Social	Renato De Sá
Diretor de Esportes	Ângelo Sarvanini
Diretor de Patrimônio	Iorema M. Pereira
Diretor de Sede	João Mayer
Presidente do Conselho	Miguel Zvonimir
Vice do Conselho	João Losch
Secretaria do Conselho	Waltraud Losch
Conselho Fiscal	Julieta Augusto
	Guilherme Rodolfo Ertner
Comissão de Sindicância	Maurício Previato
	Silene Fornasari
	Eduardo Prada
	José Lucks

(*) Narciso Ferrari, ex-presidente do São Caetano Esporte Clube

Projeto de memória envolve criança



A Fundação Pró-Memória de São Caetano lançou no dia 25 de Maio, durante a primeira edição do ano do Governo Itinerante, que aconteceu na EMI *Antonia Capovilla Tortorello*, no Bairro Olímpico, o projeto *Primeiras Memórias*, que consiste na realização de um concurso de desenhos, frases ou versos e fotografias, entre crianças de cinco a 15 anos, estudantes das escolas do bairro.

Durante cada edição do Governo Itinerante, as escolas do bairro escolhido integram o projeto. As frases ou versos e os desenhos participantes têm como tema os locais da cidade que a criança mais conhece, gosta ou frequenta.

Na categoria foto, é escolhida a mais antiga, com imagens de pessoas ou da cidade.

Segundo a presidente da Fundação, Sônia Xavier, o objetivo é promover a reflexão sobre a construção da Memória, começando no universo mais conhecido da criança, a família, escola, vizinhos, amigos e o bairro.

Durante este ano, o projeto ainda passou pelos bairros Santa Paula, Centro e Santo Antônio, no Governo realizado no dia 22



de Julho, na Escola Estadual *Dom Benedito Paulo Alves de Souza*, e pelos bairros São José, Cerâmica e Oswaldo Cruz, no dia 17 de Agosto, na Escola Estadual *Profª Joana Motta*.

Projeto "Memória e Cidadania" prosseguiu no Governo Itinerante

A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul continuou com sua participação em todos os Governos Itinerantes realizados pela



Prefeitura Municipal. Na edição do dia 22 de Junho, que beneficiou os bairros Santa Paula, Centro e Santo Antônio, o projeto *Memória e Cidadania*, iniciado no ano passado, teve continuidade, com a homenagem aos moradores mais antigos da cidade. Neste Governo, 15 pessoas foram agraciadas com uma placa com os seguintes dizeres: *Homenagem àqueles que ajudaram a construir a cidade*. No dia 17 de Agosto, 24 pessoas foram homenageadas no Governo Itinerante que beneficiou os bairros Cerâmica, São José e Oswaldo Cruz.

Projeto Arte ao Cair da Tarde, uma parceria que deu certo

No dia 27 de Junho, foi lançado, no Complexo Educacional do Ensino Fundamental, o projeto *Arte ao Cair da Tarde*, uma parceria entre Fundação



Pró-Memória, Pinacoteca Municipal, Fundação das Artes, Biblioteca Municipal e Departamento de Educação e Cultura. Com o objetivo de proporcionar um agradável fim de tarde para a comunidade, o

evento acontece sempre às últimas quintas-feiras de cada mês.

Para a estréia, a Fundação Pró-Memória trouxe a jornalista Rosely For-



ganes, correspondente internacional da Rádio Eldorado, que proferiu uma palestra sobre seu livro *Queimado, Queimado, Mas Agora Nosso. Timor: das Cinzas à Liberdade*, um relato do período em que passou no Timor Leste, um país com um dos povos mais sofridos do mundo. A jornalista também produziu uma mostra com 50 fotos sobre o Timor, que acompanhou a palestra.



No segundo evento, ocorrido no dia 25 de Julho, a Fundação promoveu o lançamento do livro *Sinos de Barro*, uma coletânea de contos da autora Claudia Rocha de Souza. Em Agosto, no dia 29, a Pinacoteca Municipal preparou uma exposição especial sobre o folclore e promoveu uma apresentação do grupo *Os Mandi Chorão*, que mostrou um repertório de músicas regionais e folclóricas. Neste mesmo evento, a Pró-Memória promoveu o lançamento do livro *Um Olhar Poético sobre São Caetano* (mais informações em matéria especial).

No dia 26 de Setembro, a Pinacoteca Municipal promoveu a palestra *Literatura e Arte-educação*, com a escritora Nereide Schilaro Santa Rosa, que abordou com clareza e objetividade temas que facilitam o olhar e o apreciar, o contextualizar e, conseqüentemente, o fazer nas artes plásticas.

Lembranças dos nordestinos de São Caetano

Depois dos italianos, espanhóis, portugueses, alemães e tantos outros imigrantes, foi a vez dos migrantes nordestinos serem tema de uma exposição no Museu Histórico Municipal de São Caetano do Sul. *O Nordeste de São Caetano do Sul* destacou um pouco da cultura e do folclore dos nordestinos que escolheram São Caetano para viver. A abertura aconteceu no dia 17 de Julho.



Através de objetos e registros fotográficos que ilustram locais e a forma de vida dos vilarejos nordestinos, a exposição retratou desde os baianos, pernambucanos e alagoanos, que chegaram nos anos de

1930, até os que vieram do Piauí, Maranhão e da Paraíba, nos anos seguintes. Os visitantes apreciaram ainda a literatura de cordel. A exposição ficou em cartaz até o dia primeiro de Setembro.

O olhar adolescente de José de Souza Martins

Imagens de São Caetano do Sul entre os anos de 1952 e 1961 fizeram parte da exposição fotográfica *Olhar Adolescente. São Caetano dos anos cinquenta nas fotografias de um adolescente*, que a Fundação Pró-Memória abriu no dia 22 de Julho.



A exposição reuniu 26 fotografias de José de Souza Martins. Sociólogo, com mais de 20 livros editados, Martins é professor da Universidade de São Paulo, assessor especial do Presidente da República para o problema dos trabalhos escravo e infantil, membro do Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana e Conselheiro Honorário da Fundação Pró-Memória.

Algumas fotos foram feitas com uma máquina de plástico rudimentar, mas a exposição serviu para mostrar que a fotografia não está somente na imagem, mas também na memória e na imaginação de cada um. *Olhar Adolescente* resgatou pessoas da família de Martins, amigos de infância, na rua ou no campinho de futebol. Ele registrou ainda momentos de seus colegas de turma do curso noturno, desfiles cívicos e locais da cidade. A exposição ficou em cartaz até o dia 30 de Agosto.



Raízes 25: mais um sucesso

Cerca de 200 pessoas estiveram presentes na Fundação Pró-Memória de São Caetano no dia 22 de Julho. Juntamente com a abertura da exposição *Olhar Adolescente. São Caetano dos anos cinquenta nas fotografias de um adolescente*, aconteceu o lançamento da revista *Raízes*, número 25.

O público fez fila para retirar seu exemplar da re-

vista que trouxe artigos regionais, histórias de vida, artigos sobre as memórias do esporte na cidade, além de depoimentos e um artigo especial sobre os 43 anos do Museu Municipal. A seção Dossiê conta a história do Grupo Matarazzo. A capa da revista é ilustrada com o logotipo deste império industrial.



Pró-Memória na Festa Italiana

Do dia três de Agosto a primeiro de Setembro, a Fundação Pró-Memória participou da 10ª Festa Italiana, realizada no Espaço Matarazzo. Já tradicional na cidade, a festa reúne culinária e música italiana. O estande da Pró-Memória contou com a exposição *Caminhos da Memória*, dez banners com fotografias e textos sobre os pontos históricos da cidade.



Pró-Memória participou do Dia do Padroeiro

As comemorações em homenagem ao padroeiro do município, São Caetano, no dia sete de Agosto, incluíram os seguintes eventos: inauguração de placa e missa na Igreja Matriz Sagrada Família, além de carreata para conduzir a estátua do santo ao Museu Histórico Municipal.

A colocação da placa na igreja da Praça Cardeal Arcoverde fez parte de projeto que visa identificar todos os pontos históricos do município. Após a missa, a imagem do santo, há mais de 50 anos longe da cidade, foi levada ao Museu e lá pode ser vista por todos os interessados. Na década de 40, a escultura, patrimônio do templo do Bairro da Fundação, foi entregue aos cuidados das Irmãs da Divina Providência. As religiosas doaram-na ao Hospital Leão XIII, em São Paulo. A instituição médica, em 2002, restituiu a imagem à cidade.



Projeto Diálogos inicia com exposição de Sinval Correia Soares

Estabelecer um paralelo entre as obras antigas e atuais dos artistas presentes na exposição *Retrospectiva. Onze anos de Salões de Arte em São Caetano do Sul*, que reúne 55 obras premiadas de artistas que participaram dos 11 Salões de Arte Contemporânea realizados na cidade entre 1967 e 1981. Esta é a idéia do projeto *Diálogos*, que a Pinacoteca Municipal lançou no dia 22 de Agosto. O primeiro artista participante do projeto foi Sinval Correia Soares. Foram expostas 20 obras da série *Ritosformais da Bahia*. A exposição de Sinval ficou na Pinacoteca até o dia 30 de Setembro.



Livro lança olhar poético sobre São Caetano

Vinte e seis pessoas, entre escritores, memorialistas e poetas, em sua maioria membros da Academia de Letras da Grande São Paulo, participaram deste projeto da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. No dia 29 de Agosto, aconteceu o lançamento do livro *Um Olhar Poético sobre São Caetano*, editado pela própria Fundação.

As crônicas, poesias ou relatos presentes no livro, que tem 104 páginas, refletem olhares experientes e apaixonados sobre vários pontos ou aspectos da cidade. Com grande sensibilidade os escritores revelaram um passado que está presente nos cantos de São Caetano.

Os temas propostos aos autores foram a formação, o desenvolvimento e as transformações da cidade. *O livro é um convite para sentir a cidade sob novos ângulos, de surpresa em surpresa. Os autores, com arte e graça, humanizaram recantos, esquinas e logradouros do município*, afirma a presidente da Fundação, Sônia Xavier.



Exposição retrata imigração japonesa

No dia 28 de Abril de 1908, 781 japoneses embarcaram no navio Kasato Maru e saíram de Yokohama, no Japão, com destino ao Porto de Santos, no Brasil. Em



1926, a família Toyoda chega em São Caetano, formada pelo pai Senjiro, a mãe Shizue e o único filho Keigo. Para lembrar esta história e homenagear os imigrantes japoneses, o Museu Histórico Municipal preparou a exposição *O Povo do Sol Nascente nas terras do Tijucuçu*. A abertura aconteceu no dia quatro de Setembro.

Um pequeno boneco Samurai, de 1954, uma boneca gueixa, de 1940, minicopos de saquê, de 1942, são alguns dos objetos que integraram a mostra. Além disso, 17 painéis com textos e fotos, pertencentes ao Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil, contaram a saga deste povo no país. A história das primeiras famílias a chegarem em São Caetano também foi relatada na exposição. A exposição ficou em cartaz até o dia 13 de Outubro.

Pró-Memória participou de Caminhada Cívica

Os funcionários da Fundação Pró-Memória participaram da Caminhada Cívica, realizada na Avenida Presidente Kennedy, no dia sete de Setembro.



O sucesso do desfile da Fundação ficou por conta da participação de dois veículos antigos, que lembraram as caminhadas e carreatas realizadas antigamente.

Percorreram a avenida, um Ford "Bigode", de 1929, pertencente a Carlos Alberto Squilar, que desfilou a caráter junto com sua família, e um Chevrolet Impala, de 1963, emprestado pela fábrica de São Caetano da General Motors do Brasil.

A arte da gravura mexicana em exposição

De dez a 30 de Setembro, a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul promoveu a exposição *A Arte da Gravura Mexicana*, uma parceria com o Consulado Geral do México e o Conselho Municipal de Desenvolvimento Econômico.

A mostra reuniu 31 gravuras de 14 artistas da nova geração da arte mexicana, como Alberto Gironella, Emilio Payán, Juan Soriano, Raul Herrera, Saul Villa e outros. Esta coleção foi criada pelo ateliê de gravuras Tiempo Extra Editores, já com 11 anos de atividade no México.



O trabalho de Waldemiro Chomem, fotógrafo

No dia dois de Outubro, a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul abriu a exposição *Waldemiro Chomem, fotógrafo*. As 30 imagens expostas, com paisagens urbanas da cidade nas décadas de 1950 e 1960, representaram um painel histórico e social dos primeiros anos de uma cidade recém-emancipada.



Apesar de não ter sido um fotógrafo profissional, as fotografias de Waldemiro Chomem possuem apuro técnico e precisão, marcas de quem dominou a câmera.

A exposição transportou o passado para o presente, produzindo uma história visual que enfocou o espaço social em suas transformações urbanas constantes. Encontramos na coleção fotos do momento em que o trem chega à Estação e das chaminés das fábricas exalando fumaça, numa imagem panorâmica da cidade. A exposição ficou em cartaz até o dia 18 de Novembro.

Exposição de Hannah Brandt dá continuidade ao projeto Diálogos

Dando continuidade ao projeto *Diálogos*, a Pinacoteca Municipal abriu a exposição de gravuras da artista plástica Hannah Brandt, no dia oito de Outubro.

Alemã naturalizada brasileira, Hannah acumula 32 prêmios, entre eles os da XII Bienal Internacional de São Paulo. A exposição individual contou com 34 obras, trabalhos atuais e alguns do início de sua carreira. Uma das marcas registradas de Hannah é a utilização das cores. A exposição ficou em cartaz até o dia 14 de Novembro.

Religiosidade presente em exposição Devotos de Nossa Senhora

No dia 19 de Outubro, o Museu Histórico Municipal abriu a exposição *Devotos de Nossa Senhora*, com direito a missa campal e apresentação de um coral com 45 vozes. A exposição retrata a religiosidade do povo de São Caetano do Sul e principalmente a devoção da população em relação a Nossa Senhora, que possui 188 denominações diferentes.

Reunindo imagens e objetos, *Devotos de Nossa Senhora* traz fotos de procissões que aconteceram na cidade e de famílias sul-sancaetanenses em Aparecida do Norte. Entre os objetos, cerca de 30 imagens de diferentes Nossas Senhoras, souvenirs, lembrancinhas e santinhos com imagens das santas.

A exposição conta ainda com depoimentos de pessoas que tiveram seus pedidos atendidos por Nossa Senhora. *Devotos de Nossa Senhora* fica até o final do ano no Museu Municipal.

Suzuki no Diálogos

No dia 26 de Novembro, a Pinacoteca Municipal abriu a exposição do artista plástico João Suzuki, reunindo pinturas, gravuras e desenhos produzidos durante toda sua carreira. O artista já participou e foi premiado em



diversas exposições como Bienais de São Paulo, Salões de Arte Moderna e outros. Suas obras estão espalhadas por museus de todo o Brasil e também na Inglaterra e nos Estados Unidos. Integrando o projeto *Diálogos*, a exposição fica em cartaz até Janeiro de 2003.

Pontos históricos de São Caetano estão sendo sinalizados

Boa parte da História de São Caetano do Sul pode ser contada através de suas casas e edifícios, mas muitos destes locais não são conhecidos pela população. Com o objetivo de informar e fazer os cidadãos desenvolverem o hábito de valorizar o patrimônio da cidade, a Fundação Pró-Memória iniciou o projeto *Caminhos da Memória*.



Tudo começou com a Primeira Caminhada da Memória, realizada no dia sete de Abril, que percorreu os bairros Centro e Fundação, passando pelos pontos históricos ali localizados. Fotografias antigas e atuais destes pontos viraram uma exposição.

O último passo do projeto está sendo a instalação de placas de identificação nas fachadas dos imóveis que podem ser considerados de fundamental importância na história da cidade. Esta fase já começou. Já foram instaladas placas nos seguintes locais: Museu Histórico Municipal, Igreja São Caetano (Matriz Velha), Espaço Matarazzo, Igreja Matriz Sagrada Família, Cinema Central, Escola Estadual Senador Fláquer e Viaduto dos Autonomistas.

As placas são confeccionadas em azulejo branco e azul, lembrando as antigas cerâmicas aqui produzidas, contam com um pequeno histórico do local e têm os seguintes dizeres:

Bem Cultural de Interesse Histórico.

A intenção é identificar os pontos de importância cultural e histórica em toda a cidade.



Paula Fiorotti é jornalista



Memória Fotográfica

1 – Em 1957, o SESI (Serviço Social da Indústria) de São Caetano do Sul estava localizado na Rua Santa Catarina, 33, terceiro andar. Era denominado CT 4, Clube do Trabalhador n.º 4, e desenvolvia diversas atividades sociais e esportivas. A equipe juvenil de futebol disputava o Campeonato Matutino da Liga de Esportes. Em pé, da esquerda para a direita: Gê, Bertinho, Athaide, Vicente, Nelson Pavani, Manolo e o técnico Armando Banito. Agachados: Botina, Tatu, Zezinho Despachante, Tico e Vande



Fundação Pró-Memória



Cléria Manarim Benit

2 – Ano de 1951, no local onde hoje está localizado o Bairro Jardim São Caetano. Esse lugar era conhecido como o "terreno do banco" por pertencer ao "Bank of London e South America Ltda." desde 1930. Em pé, à esquerda, Ondina Rezende. Ao lado lida Manarim. Sentadas: Cléria Manarim (à esquerda) e Madalena Cunha. Ao fundo, observa-se o futuro Parque Municipal da Vila São José



Fundação Pró-Memória

3 – Na década de 30, funcionou em São Caetano uma fábrica de rádios pertencente à família Macchia. Ali era fabricado um rádio de marca Tropical. A fábrica localizava-se na Rua Amazonas, 246. A duplicata refere-se à venda de um rádio a Antônio Garcia e foi paga em 12 de Setembro de 1938



Fundação Pró-Memória

4 – Rádio Machia, ano 1937, da coleção de José Zorzi



Fundação Pró-Memória

5 – José Zorzi, ex-ferramenteiro da Indústria Z-F, de São Caetano, é o maior colecionador de rádios a válvula da cidade. Possui grande acervo em sua casa, na Rua Quintino Bocaiúva, n.º 108, Bairro Santa Paula.

6 – Pascoalino Assunção foi telegrafista da Estação Ferroviária de São Caetano na década de 30, no tempo da São Paulo Railway. Em três de Agosto de 1936, de terno claro, reuniu-se com os colegas de trabalho. Primeira fila, no alto: Guido, João Montesanto, (?). Fila do meio: Paulo, Pascoalino Assunção e Munhoz. Sentado: Alfredo Malateaux



Pascoalino Assunção

Ferragens, Lousas, Tintas e Materiais para Construções São José de JOSÉ CAPELLASSO
Rua São Paulo, 1740 - Telefone: 425612
SÃO CAETANO DO SUL - Estado de São Paulo



1969 **Eternit**

Janeiro	Fevereiro	Março
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31

Crediário Colméia
Carnes, Laticínios, Vegetal, Arroz e Adoçantes - Serviço de Crediário para as famílias que trabalham.
Temos a você um plano de pagamento de 3 a 12 meses.
Aprovação em 15 minutos.
Rua Condição Anita Paul, 201 - Fone: 41-2020 - S. Caetano do Sul



JANEIRO 1969

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

FEBREIRO 1969

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					

MARÇO 1969

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

ABRIL 1969

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					

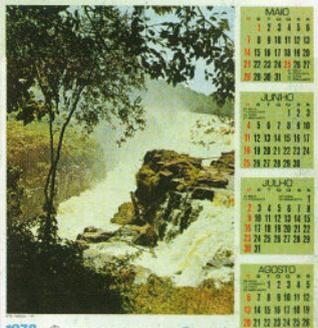
CASAS BAHIA
DEMOGRÁFICO BAHIA VOCE



COLORADO

Maio	Junho 1977	Julho	Agosto
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31

CASAS CLEISE
Cursos Gratuitos: Tricô, Crochê e Bordados
GRANDE DEPOSITO DE Lãs - LINHAS - ARMAZENHO E CONFECÇÕES
LOJA 1 - RUA JOÃO PESSOA, 91 - TEL: 442-5479
LOJA 2 - AV. CONDE F. MATRIZZO, 345 - TEL: 442-8770
SÃO PAULO



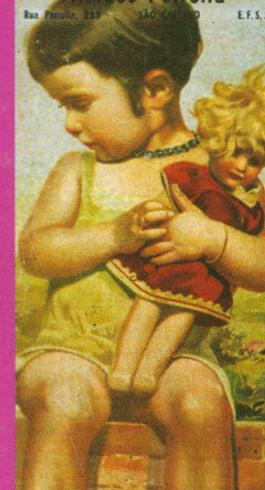
1978

MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31

Bar, Merceria e Sorveteria N. S. Aparecida
Bruno Gianello
SANTAS RUAIS E SORVETERIA, CACULAS E MERCEARIAS DE CEBOLAS
Rua Giuseppe, 20 - São Paulo - São Caetano do Sul



1967 - 1968 em Aniversário e Progresso 1968
ARMAZEM DE SECOS E MOLHADOS
CARVÃO - BEBIDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS
PREMIUM - DOMICILIO
Irmãos Perrella
Rua Paraíba, 213 - São Caetano do Sul - E.F.S.L.



Panificadora Brasília
de Maya, Maronez & Valentin Ltda.
Rua Augusta, 100 - Ribeirão Preto - SP
RUA COND. DE SÃO CAETANO - SÃO CAETANO DO SUL - SP



1964

JANEIRO	FEBREIRO	MARÇO	ABRIL
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31

1968 - 1969 em Aniversário e Progresso 1969
CASA DEL REY **BRUNO DEBENHARDT**
Santiago del Rey
Rua Giuseppe, 20 - São Paulo - São Caetano do Sul



CASA DE CARNES GRAZIELA LTDA.
Carnes e Avós Frescos Quotidianos - Fica em Casa!
(ACEITAMOS ENCOMENDAS DE CARNES PARA FÉRIAS E GRUPOS)
Agradecemos a Preferência
Telefone: 441-2391
Rua Ribeirão Preto, 191 - São Caetano do Sul - Est. de São Paulo



1967 - 1968 em Aniversário e Progresso 1968
Bar e Merceria Nossa Senhora Aparecida
BRUNO GIANELLO
SANTAS RUAIS E SORVETERIA, CACULAS E MERCEARIAS DE CEBOLAS
Rua Giuseppe, 20 - São Paulo - São Caetano do Sul



JULHO 1968

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

AGOSTO

1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					

SUPERMERCADOS Joanin
RUA SOC. BARRAGEM VALE, 140 - SP



1976

JANEIRO	FEBREIRO	MARÇO	ABRIL
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31

ELETRÔ-TÉCNICA CARRILLO
Conversores de Rádio, Televisão e Aparelhos Eletrônicos
Vendas de Material Eletrônico em Geral
Valentin Porcino Carrillo
TÉCNICO
Avenida Vital Brasil, 459 - Fone: 44-1631 reatado
Vila Pankas - São Caetano do Sul

